BEVERLY JENKINS



TEMPESTADE SELVAGEM

Mulheres Pioneiras • 2

ARQUEIRO



A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

TEMPESTADE SELVAGEM



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura

extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


BEVERLY JENKINS
TEMPESTADE SELVAGEM
Mulheres Pioneiras · 2
ARQUEIRO

Título original: *Wild Rain*

Copyright Copyright © 2021 por Beverly Jenkins
Copyright da tradução © 2022 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado mediante acordo com a Avon, um selo da HarperCollins Publishers.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Dandara Morena

preparo de originais: Melissa Lopes

revisão: Camila Figueiredo e Suelen Lopes

diagramação: Abreu's System

capa: Renata Vidal

imagem de capa: © Magdalena Russocka / Trevillion Images; Tuzemka / Shutterstock

foto da autora: © Sandra Vander Schaaf

e-book: Pedro Wainstok

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J51t

Jenkins, Beverly
Tempestade selvagem [recurso eletrônico] / Beverly Jenkins; tradução de Dandara Morena. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2022.
recurso digital (Mulheres pioneiras; 2)

Tradução de: Wild rain
Sequência de: Ventos de mudança
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-65-5565-251-2 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Morena, Dandara. II. Título. III. Série.

21-74558

CDD: 813
CDU: 82-31(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

SUMÁRIO

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17

Nota da autora

Sobre a autora

Para as mulheres que amam cavalos
e para aquelas que se recusam a mudar de opinião.

CAPÍTULO 1

Spring Lee segurava firme as rédeas da carroça e amaldiçoava a nevasca ofuscante pela qual passava. Com o chapéu puxado para baixo, o cachecol enrolado até os olhos e um casaco grande e grosso de couro de búfalo que ganhara de seu rabugento avô Ben, ela estava vestida para o clima brutal.

Era início da tarde e, depois de passar as últimas quinze horas ajudando um amigo com o parto difícil de uma égua, ela estava exausta e só queria chegar em casa, tomar um banho quente e dormir. Em vez disso, Spring e sua égua Lady estavam tão cobertas de neve quanto seu entorno e mal conseguiam enxergar a estrada.

O inverno já deveria estar mais brando em meados de abril, porém as estações no Território de Wyoming seguiam um calendário próprio. Fustigada pelo vento uivante, ela entoava mentalmente: *Só mais um quilômetro. Só mais um quilômetro.*

Mais adiante na estrada deserta, um cavalo apareceu em meio à tempestade de neve. Ela achou que estivesse imaginando coisas, mas, por uma brecha nas rajadas, conseguiu ver o animal andando devagar, com a cabeça abaixada, a crina e o corpo incrustados de gelo. Quando se aproximou dele e parou, ela notou as bolsas presas à sela e o grosso saco de dormir na garupa. *Onde está o cavaleiro?* Examinou os arredores. Sem avistar ninguém, Spring desceu e caminhou na neve, que estava na altura das panturrilhas. Exortando o cavalo para a frente, ela amarrou as rédeas dele à parte de trás da carroça, subiu de volta para o assento e seguiu viagem.

Ela conhecia as montarias da vizinhança, mas nunca tinha visto aquele cavalo. Será que o cavaleiro tinha caído e estava machucado em algum lugar

adiante? A fadiga e o frio congelante poderiam levar alguém a deixar o mistério para outra pessoa resolver, mas Spring não tinha sido criada assim, então manteve-se o mais atenta possível para localizar o cavaleiro.

Não demorou muito.

Ela fez uma curva e viu um homem sem chapéu, coberto de neve e mancando lentamente pela estrada. Ele olhou para trás, revelando um rosto de pele marrom incrustado de gelo. Assim que a avistou, o homem acenou desesperadamente.

Quando o alcançou, Spring abaixou o cachecol e gritou por cima do vento:

– Suba!

Ele não hesitou, mas a contusão fez com que sua subida fosse lenta.

– Obrigado – disse ele, depois de se acomodar.

– Tem uns cobertores debaixo da lona atrás do senhor. Cubra-se com eles!

Enquanto ele obedecia, Spring os colocou em marcha. Com uma espiada por cima do ombro, ela notou que ele tinha colocado um cobertor sobre a cabeça e enrolara o outro por cima do casaco marrom de lã. Não tinha ideia de quem era, mas a história dele teria que esperar. Chegar em casa era mais importante.

Pouco tempo depois, a visão de sua cabana encheu Spring de uma alegria cansada. Ela alertou seu passageiro:

– Chegamos! Entre e acenda o fogo. Vou cuidar dos cavalos.

Envolto nos cobertores, ele desceu e andou com dificuldade até a porta, enquanto ela conduzia a carroça na direção do estábulo.

Depois de cuidar de Lady e do cavalo do homem e de acender o fogo a fim de manter também seus outros três cavalos aquecidos, Spring estava cansada o suficiente para dormir ali mesmo. Odiando ter que enfrentar o frio de novo, ela recolocou o cachecol e as luvas e saiu para o vento congelante.

Dentro da cabana não havia fogo algum. O estranho, ainda enrolado nos cobertores, estava esticado no novo sofá chique dela, com a cabeça encostada e roncando alto. Ela pôs o saco de dormir e as bolsas do homem no chão. A Spring Lee mais jovem e rebelde teria dado um chute no pé dele

para acordá-lo, mas sua versão mais madura se contentou em resmungar conforme colocava lenha na lareira. Enquanto as chamas subiam, Spring o observou. Ele era bem-apessoado, concluiu ela, mas um rosto bonito frequentemente mascarava uma feiura interior, então ela não se impressionou com o maxilar definido nem com as belas feições.

– Ei! Acorde! – chamou ela, irritada.

Os cobertores molhados iriam danificar o sofá que sua cunhada, Regan, a convencera a comprar havia pouco tempo, e Spring era a única pessoa com permissão para estragá-lo.

Enquanto o homem roncava, ela sacudiu o ombro dele.

– Senhor, acorde.

Os olhos dele se abriram.

– Tenho um quarto de hóspedes. O senhor pode dormir lá.

Ele pareceu confuso.

– Se estragar meu sofá, vai virar comida de urso.

Ele se assustou.

– Consegue se levantar?

Os olhos dele examinaram o rosto de Spring. A confusão deu lugar à cautela. Por fim, o homem sussurrou:

– Sim. Peço desculpas por ter pegado no sono.

Ela notou que ele tremia, mas estava cansada demais para acender a caldeira e esquentar água para o banho quente de que os dois precisavam.

– Por aqui.

Ele ficou de pé, deu um passo e se contraiu de dor.

– É a sua perna, senhor? – perguntou ela.

– Meu joelho. Me machuquei quando o cavalo me jogou no chão.

Ela arqueou uma sobrancelha, ao que ele respondeu:

– O cavalo se assustou quando um gato selvagem atravessou a estrada correndo atrás de um cervo.

– Eles costumam fazer isso. Apoie-se em mim – orientou ela.

– Sou muito pesado para a senhorita.

– Sou mais forte do que pareço, então vamos tentar. Senão, o senhor terá que dormir aqui no chão.

– Eu ficaria bem na frente do fogo. Tenho um saco de dormir.

Ela cerrou os dentes.

– Venha logo, por favor. O senhor pode bancar o cavalheiro depois que eu tiver dormido um pouco.

Ele pareceu se divertir com isso.

– Sim, senhorita.

Apoiando-se nela, ele conseguiu ir devagar até o quarto de hóspedes. Lá dentro, caiu na cama e lhe agradeceu.

Spring abriu um baú ali perto e retirou cobertores e mantas. Ainda usando o casaco de couro de búfalo, acendeu a lareira.

– Deve esquentar daqui a algum tempo. Tem um lavabo atrás daquela porta. E uma banheira também, mas eu fiquei fora alguns dias, então não tem água quente no momento. Como o senhor se chama?

– Garrett McCray.

– Eu sou Spring Lee.

– Parente do Dr. Colton Lee? – perguntou ele.

– Por quê?

– Sou jornalista. Vim escrever um artigo sobre ele para o jornal do meu pai.

O irmão dela havia mencionado que um jornalista estava a caminho.

– Colt é casado com a minha cunhada – explicou ela.

Parecendo confuso com a resposta, ele a analisou por um momento antes de perguntar:

– A senhorita é irmã do Dr. Lee?

– Esperto e cavalheiro. Raro como um búfalo branco. Vou pegar suas bolsas e o saco de dormir. É melhor o senhor tirar essas roupas molhadas.

E ela saiu.

Garrett observou o espaço vazio. Será que ela vivia ali sozinha? O irmão e a cunhada moravam por perto? A mulher havia respondido de maneira

confusa de propósito? As inúmeras perguntas que tinha sobre ela teriam que esperar.

O conselho sobre as roupas molhadas era sábio. A última coisa de que ele precisava era ser abatido por uma doença, então, fazendo de tudo para não colocar peso sobre o joelho machucado, Garrett tirou os cobertores e o casaco. Sem achar um lugar onde pendurá-los, ele os colocou na frente da lareira e então mancou até a única cadeira do quarto para tirar as botas. Sentia dor ao erguer a perna. Foram necessárias algumas tentativas para perceber que, com a dor e o ajuste apertado da bota, removê-la seria impossível. Os calçados eram novos e tão justos e desconfortáveis que, durante a viagem para Paradise, ele quis arrancá-los e jogá-los no rio mais próximo. Agora provavelmente seus pés estavam tão cheios de bolhas e inchados que seria preciso um cirurgião para descalçá-los.

Ela voltou. Depois de colocar os pertences dele ao lado da cadeira, perguntou:

– Como está o joelho?

– Já esteve melhor. Não consigo tirar as botas.

Ele detestou ter que admitir isso.

– Consegue levantar a perna?

Ele fez que sim com a cabeça.

Spring tirou o casaco grande que vestia e o largou no chão. Em sua terra natal, mulheres não usavam camisas masculinas, calças ou coldres, então ele se esforçou para não ficar reparando.

– Me mostre – disse ela.

Garrett não entendeu o motivo do pedido, mas ela não parecia estar aberta a discussões, então ele levantou a perna como solicitado.

– Segure-se na cadeira.

Ele agarrou os braços do móvel, e ela se virou de costas para ele e pegou seu pé calçado. Garrett se esforçou de novo para não ficar reparando – desta vez, no traseiro dela.

– Grite, se for necessário.

E antes que ele pudesse perguntar o que ela queria dizer com isso, Spring

deu um puxão com força surpreendente e a bota saiu. A dor lhe tirou o fôlego, mas ele não gritou. Não faria isso na frente dela.

– Agora, a outra.

Ela repetiu o processo com a mesma eficiência e, depois que terminou, ele se sentiu aliviado.

– Obrigado.

– Botas novas? – perguntou ela.

– Sim. Comprei há alguns dias. O dono da loja avisou que ficariam justas.

– De onde o senhor é?

– Washington.

– Do Território?

– Não. Do Distrito de Colúmbia.

Spring não comentou nada sobre isso.

– Estou fervendo água para preparar um chá de casca – informou ela. – Deve ajudar com a dor. Assim que parar de nevar e Odell limpar a estrada, iremos até a casa do meu irmão ver se ele voltou.

– Ele não está aqui?

– Não tenho certeza. Ele viajou há alguns dias para ajudar em um surto de sarampo em Rock Springs.

– Quando a estrada será limpa?

Ele se perguntou quem seria Odell e desejou que o médico já tivesse voltado.

Spring deu de ombros.

– Depende de quanto tempo a nevasca durar. Já volto com o chá.

Ela pegou o próprio casaco e também o casaco molhado dele. Os olhos de Garrett seguiram seus passos firmes até ela fechar a porta e desaparecer.

Spring ficou fora por tempo suficiente para ele colocar uma ceroula de corpo inteiro seca. Ansiava por um banho para aquecer o corpo, mas teria que esperar. Com a porta fechada, o fogo finalmente estava aquecendo o quarto, porém ainda fazia frio suficiente para fazê-lo tremer. O vento continuava a uivar do lado de fora. Sabendo que cavalheiros não se deixavam ser vistos em roupas íntimas por uma dama, ele se deitou na

cama. Tinha acabado de se acomodar debaixo das mantas e dos cobertores quando uma batida soou na porta fechada.

– Pode entrar.

Ela entrou segurando uma xícara grande.

– Está quente – alertou ela, entregando-a a ele.

Estava mesmo, e o gosto era horrível.

– Isso é chá de quê?

– De casca.

– De árvore?

– Não, de cachorro. Sim, de árvore, de um salgueiro. É um remédio indígena. Testado e comprovado.

Ele manteve o ceticismo para si, mas não sabia se queria mais.

– Se não quiser, não beba – disse ela, como se tivesse lido a mente dele. – A dor é sua. O joelho também.

Será que ela era sempre tão direta? Outra dúvida para adicionar à sua lista. Ainda cético, ele bebeu o resto e devolveu a xícara.

– Também vai ajudar o senhor a dormir.

Ela foi até a lareira e colocou mais lenha.

– Precisa de mais alguma coisa?

– Não. Obrigado por tudo.

– Não tem de quê.

Spring saiu. Ele se aninhou sob a pequena montanha de cobertores e mantas. Os pensamentos sobre sua anfitriã misteriosa e os sons da tempestade barulhenta se esvaíram conforme ele caía no sono.

Spring acordou em sua cama, contente pelo fato de o quarto estar finalmente quente e por estar em casa. A égua que ela ajudara tinha parido um potro natimorto, o que a deixara triste, mas sabia que a natureza nem sempre era bondosa.

Ela se perguntou como estaria o homem no final do corredor. Embora McCray estivesse sendo aguardado, ela não se envolvera nos preparativos

para a chegada dele e certamente não esperava topar com o homem no meio de uma nevasca. Não era segredo que ela não gostava de hóspedes. Morava sozinha havia uma década e preferia a própria companhia. Se as visitas precisavam de um lugar para ficar, a pensão Paradise, que pertencia à sua cunhada, Regan, oferecia quartos para alugar. Mas o jornalista não pedira para ser vitimado pelo mau tempo, então Spring achou que era melhor ser agradável e aguentá-lo até Colt livrá-la desse fardo.

Ela se levantou da cama e foi até a janela. Não ouvia o vento, mas isso não significava que a tempestade tinha passado. Olhou para fora. A neve cobria a maior parte da vidraça, tornando possível perceber apenas que estava escuro. O pequeno relógio na mesa de cabeceira mostrava que passava um pouco das cinco, então ela dormira por quase quatro horas. Poderia dormir bem mais, porém sua barriga estava roncando e ela precisava dar uma olhada nos animais. O homem provavelmente estava com fome também, então Spring se vestiu.

No momento em que abriu a porta, o cheiro do que parecia ser um ensopado a fez parar. Curiosa, percorreu o curto caminho até a cozinha e encontrou seu hóspede mexendo em uma panela no fogão.

– O que está fazendo? – perguntou ela, desconfiada.

– Encontrei ensopado na sua caixa de gelo. Não queria acordar a senhorita, mas estou tão faminto quanto o urso com o qual me ameaçou.

Ele esboçou um sorriso para o rosto confuso que o observava antes de voltar à tarefa.

Spring era irritadiça por natureza, e parte dela queria brigar com ele por ter bisbilhotado sua casa enquanto ela dormia, mas a fome falou mais alto. Sem dizer nada, abriu o armário, pegou duas tigelas e as colocou na bancada.

– Obrigado – disse ele.

Ela não respondeu. Em vez disso, buscou dois garfos e os colocou ao lado das tigelas. Garrett encheu os dois recipientes com uma mistura fumegante de legumes e carne. Ao notar que ele estava com dificuldade de manter o equilíbrio por causa da perna machucada, ela apanhou as duas tigelas e as

levou para a mesinha de jantar ao lado. Ele a seguiu, mancando, e se sentou devagar em uma das cadeiras.

Para mostrar-lhe que tinha educação, Spring disse:

– Obrigada por esquentar o ensopado.

– De nada.

Eles comeram em silêncio durante um tempo, até que ele comentou:

– Está muito bom.

– Minha cunhada, Regan, fez para mim.

– É mais condimentado do que estou acostumado.

– Ela é do Território do Arizona. As comidas dela são quase todas da culinária espanhola. Sempre usa pimentas e pimentões.

Ele assentiu.

– Há quanto tempo ela e seu irmão são casados?

Spring refletiu se responderia. Afinal de contas, ele era um estranho, mas ela relembrou a si mesma que Colt, sem dúvida, esperaria que ela fosse gentil.

– Pouco mais de um ano.

– Têm filhos?

– Dois.

– E a senhorita?

Ela o encarou.

– Eu o quê?

– A senhorita tem um marido?

Ela balançou a cabeça.

– Um noivo?

– O senhor é sempre bisbilhoteiro assim?

Ele riu baixinho.

– Fazer perguntas é parte do trabalho.

– Não tenho marido e não pretendo ter.

– Por que não?

– Por que teria? Possuo terras e cavalos. Estou satisfeita.

Ele a olhou como se tivesse mais perguntas, mas as guardou para si.

– Entendi.

Ela perguntou:

– O senhor é casado?

Ele balançou a cabeça.

– Não.

– Tem uma noiva?

– Meu pai diz que sim. Eu digo que não.

Agora foi ela quem riu.

– O quê? – perguntou ele.

– Que espécie de resposta é essa?

– Como assim?

– Ou o senhor tem uma noiva ou não tem. Por que alguns homens têm dificuldade em responder uma pergunta tão simples?

Ele abriu a boca como se fosse responder, mas a fechou em seguida.

Sorrindo mentalmente, ela voltou a comer.

Mas ele não tinha terminado.

– A senhorita é uma daquelas mulheres que pensam que nenhum homem presta?

– Não. Conheço alguns que são bons como ouro e outros em quem não confiaria de jeito nenhum. Não pretendo me casar com nenhum dos dois tipos.

– A sociedade acha que uma mulher deve se casar.

– Que bom que não vivo com base no que a sociedade acha. Senão, teria me casado com a serpente velha e asquerosa à qual meu avô tentou me acorrentar quando eu tinha 18 anos. Se bem que a esta altura eu provavelmente já teria me livrado da prisão.

Ele a encarou. Ela voltou a comer. Embora ele tivesse mantido outras dúvidas para si mesmo, as perguntas não feitas estavam estampadas em seu rosto de pele marrom.

Eles terminaram o ensopado ao mesmo tempo.

– Quer mais? – ofereceu ela.

Ele assentiu e começou a se levantar. Ela o interrompeu:

– O senhor ainda está mancando. Eu pego.

Ela trouxe a segunda rodada para a mesa, assentiu em resposta ao

agradecimento dele e perguntou:

– O chá ajudou?

– Ajudou.

– Tem mais, se quiser.

– Eu quero. Talvez depois que terminar de comer.

– O gosto vai ser horrível de qualquer jeito.

– Certo. Esse é um dos remédios que seu irmão usa?

– Ele e todo mundo por aqui. Meu irmão estudou na Faculdade de Medicina Howard. Não vá escrever nada equivocado e ofensivo sobre ele usar as chamadas "poções dos selvagens".

– E me arriscar a virar comida de urso? Não se preocupe.

Spring sabia que ele estava brincando, mas o rosto dele estava tão sério que ela ficou sem reação por um instante.

– O que o senhor faz em Washington, além de perguntar um monte de coisas?

– Me formei em direito, mas, como o jornal é noturno, ganho a vida como carpinteiro.

– O que é um jornal noturno?

– O editor trabalha à noite, depois do emprego diurno. Meu pai é dono do jornal e eu ajudo quando posso. Ele não conseguiu folga para entrevistar seu irmão, então me ofereci para fazer a viagem no lugar dele.

– Então o senhor trabalha como carpinteiro e não como advogado?

– Isso. Prefiro trabalhar com as mãos.

Ela as olhou. Pareciam fortes e habilidosas, como as dos homens que conhecia, exceto talvez as do banqueiro Arnold Cale. As dele eram rosadas e bem tratadas, como as mãos de uma dama de companhia da rainha Vitória.

Aparentemente ele tinha observado as mãos dela também.

– O que aconteceu com seu dedo?

A ponta do dedo indicador dela ainda tinha o feio hematoma de um acidente com o martelo.

– Bati o martelo nele no lugar do prego.

– Ai.

– É. Xinguei bastante, mas está cicatrizando.

Ela flexionou o dedo golpeado.

– Não foi a primeira vez. E provavelmente não será a última.

Mulheres fazendeiras não tinham as mãos rosadas e bem tratadas.

– Nunca conheci uma fazendeira.

– Nunca conheci um jornalista carpinteiro. Estamos quites.

Spring não se importava em seguir com a conversa, mas não queria que ele confundisse o jeito amigável dela com um convite para algo mais. Afinal, ele era um desconhecido, e ela, uma mulher sozinha.

– O senhor tem irmãs?

– Tenho uma. O nome dela é Melody.

– O que o senhor lhe diria se ela hospedasse um estranho e eles tivessem que ficar sozinhos por alguns dias?

McCray ficou imóvel e observou o rosto dela. Spring esperou.

– Eu... Eu lhe diria para ficar alerta, tomar cuidado e se preparar para se proteger, caso necessário.

Spring assentiu.

– Bom conselho.

O silêncio se instalou por um momento antes de ele dizer baixinho:

– É uma mulher singular, Srta. Lee.

– E também durmo com um revólver.

– Informação registrada.

Ela se levantou e juntou as tigelas vazias.

– Vou ferver água para o chá e depois darei uma olhada nos cavalos.

Enquanto a água esquentava, Spring foi ao quarto se vestir para se aventurar do lado de fora. Com as janelas cobertas de neve, não havia como saber o que enfrentaria. Mas o vento tinha parado, o que era um bom sinal.

Ele ainda estava sentado à mesa quando ela voltou. Os olhos curiosos observaram o casaco de couro de búfalo dela enquanto Spring o colocava numa cadeira, mas ele não fez nenhuma pergunta. A água ferveu. Depois de colocar a casca em infusão, ela levou uma xícara para ele. Sob o olhar do jornalista, ela vestiu o casaco, enrolou o cachecol e pôs o desgastado chapéu cinza de abas largas.

Ele perguntou:

– Todas as mulheres daqui se vestem como a senhorita?

– Todas com bom senso. Volto logo. Isso se conseguir sair. Como as janelas estão cobertas de neve, as portas também devem estar.

A esperança dela era que a temperatura não estivesse tão baixa a ponto de endurecer a neve.

Spring o deixou com o chá e precisou dar alguns empurrões na porta para conseguir abri-la. Segurando a lamparina acesa, saiu em direção à neve alta que cobria a varanda dos fundos. Estava frio, a lua começava a surgir e a nevasca se transformara em ventania. Suas terras estavam cobertas por um lindo mar branco brilhante que se estendia até onde a vista alcançava. De acordo com o avô dela, Ben, as comunidades indígenas tinham palavras diferentes para vários tipos de neve, desde a pesada e molhada até a clara e fofa, passando por todas as variações. Porém, ele nunca as ensinou a ela.

Quando Spring pegou um pouco de neve com a mão enluvada e jogou para cima, a neve flutuou leve como pena de ganso. Uma bênção, pelo menos naquele momento. Se estivesse pesada e úmida, chegar ao estábulo seria uma luta longa e cansativa. Considerando a profundidade da neve, ela ainda demoraria um bom tempo, porém sua maciez tornaria a caminhada mais fácil.

Sem conseguir enxergar os degraus da varanda, ela desceu com cuidado. Não queria cair e quebrar algum osso. Quando seu pé tocou o que ela presumiu ser o chão, a neve batia no meio das coxas. Spring caminhou devagar, segurando a lamparina bem no alto. O estábulo ficava a uma boa distância da casa. Com alguma sorte, chegaria lá antes do verão.

CAPÍTULO 2

Garrett tomou um gole do chá horroroso e refletiu sobre sua jornada até ali. Após sair de Washington, ele viajara de trem até Chicago, mudara de trem em Denver e pegara outro para Cheyenne. Chegando lá, tinha ficado surpreso ao saber que era a última parada e precisaria ir até seu destino, Paradise, de diligência ou a cavalo. Depois de fazer algumas perguntas ao condutor, descobriu que a diligência só operava duas vezes por semana e a próxima só passaria dali a três dias. Garrett escolheu o cavalo, já que não queria esperar.

O condutor o mandou para a estrebaria onde, depois de negociar o preço de uma montaria e uma sela, o dono aconselhou Garrett a substituir os sapatos de sola fina por um par de botas, a fim de proteger os tornozelos de picadas de cobras. Sem saber se o homem falava a verdade ou não, Garrett contou as moedas e passou a noite em uma pensão local. Saiu ao alvorecer e passou os dois dias seguintes em cima de uma sela dura e desconfortável, usando as apertadas e mal ajustadas botas novas. E então ele foi atingido por uma nevasca, jogado do cavalo e forçado a andar. Somando o joelho machucado com a dor no traseiro por causa da sela, um homem com menos determinação já estaria pronto para voltar para casa assim que amanhecesse. Em vez disso, ele estava sentado com a barriga cheia do melhor ensopado que tinha comido na vida, na cabana da mulher mais incomum que conhecera.

Spring Lee parecia tão indomável quanto as montanhas de Wyoming e, para falar a verdade, igualmente impressionante. Diferente das mulheres que ele conhecia, ela não era cheia de artifícios nem pretensiosa. Era honesta e franca. A pergunta que ela tinha feito sobre a irmã dele fora inesperada, mas

passou a mensagem desejada: se Garrett saísse da linha, ela daria um tiro nele. Ele planejava mostrar bons modos e se comportar da melhor maneira possível.

Era sua primeira viagem a oeste de Chicago. Ao saber do Dr. Colton Lee por meio de um amigo da família, Garrett e o pai acharam que os assinantes do jornal ficariam intrigados com um médico preto exercendo a profissão em um lugar que não costumava ser associado a indivíduos dessa cor.

Spring mencionara um avô. Garrett se perguntou há quanto tempo a família vivia no Território e por que tinha se estabelecido ali. A história deles seria um grande feito para o jornal em dificuldades de seu pai, *O Arauto*. Até onde ele sabia, o *A Vespa de Washington*, o maior jornal de não brancos do Distrito, nunca tinha publicado uma história igual àquela que *O Arauto* planejava lançar. E isso com certeza irritaria o dono, Emmanuel Beal, que se orgulhava de possuir o jornal mais influente e com mais assinantes da área e se divertia zombando dos periódicos que tinham poucos recursos e leitores. Se *O Arauto* superasse Beal só dessa vez, o sofrimento de Garrett com a sela rígida e a dor causada pelas botas novas valeriam a pena.

Ele tinha trocado alguns telegramas com o Dr. Lee para combinar a entrevista e esperava que o homem ainda estivesse disposto a responder suas perguntas. Não lhe agradava a ideia de ter ido tão longe e voltar para casa de mãos vazias. Se isso acontecesse, pelo menos teria as lembranças da beleza das montanhas de Wyoming e do encontro com a admirável Spring Lee.

Depois de beber o resto do chá, ele pôs a xícara de lado e se perguntou como a anfitriã estaria se saindo lá fora. Ouvindo um som de raspagem, ele olhou em volta para identificar a origem. Quando o ouviu pela segunda vez, virou-se para a janela coberta de neve atrás de si e viu um pedaço de madeira quadrado raspar a neve da vidraça. Sua anfitriã estava limpando as janelas. Sob a luz do luar e embrulhada sob o chapéu, o cachecol e o grande casaco marrom, ela lembrava uma aparição. O cavalheiro se sentiu culpado ao vê-la trabalhando sozinha, mas então raciocinou que ela teria que realizar a tarefa mesmo se ele não estivesse ali. Isso, porém, não o fez se sentir melhor. Homens trabalhavam; mulheres descansavam. Pelo menos era assim

onde ele morava. Depois de mais alguns instantes, a janela ficou limpa e ela seguiu para a outra.

Mesmo que o cochilo o tivesse revigorado um pouco depois do dia angustiante que teve, Garrett precisava dormir mais. Muito mais. O cansaço se somou aos efeitos do chá de casca e à barriga cheia e quase o fez cochilar, então ele a ouviu voltar.

– Acendi a caldeira – disse ela, enquanto tirava os agasalhos. – A água deve estar quente o suficiente para um banho em algumas horas, se quiser esperar, ou poderá tomar um pela manhã.

O fato de a cabana dela ter água encanada também o intrigou, mas ele guardou a curiosidade para outra hora.

– Há quanto tempo sua família está em Wyoming?

– Desde a década de 1820. Meu avô Ben era caçador. Ele e o amigo, Odell, abriram um entreposto comercial que, depois, tornou-se a cidade de Paradise.

A resposta dela suscitou mais perguntas. Ele a observou enquanto ela tirava as botas e as colocava perto da lareira.

– Onde seu avô nasceu?

– No Canadá.

– Ele foi escravizado?

Ela meneou a cabeça.

– Os pais dele foram servos por contrato de um comerciante de pele francês em Quebec. Depois que pagaram a dívida, abriram um pequeno comércio. Meu avô se tornou caçador e guia para os franceses e ingleses que queriam peles.

– E sua avó?

– O que tem ela?

O tom firme da voz de Spring combinava com os olhos escuros e francos. Ele quase pediu a ela que ignorasse a pergunta, mas a curiosidade o fez continuar.

– Quem ela era?

– Uma mulher da comunidade shoshone que foi embora assim que meu pai nasceu, porque Ben sempre foi uma pessoa terrível. Mais alguma coisa?

A aspereza dela o deteve. Tendo entrevistado muitas pessoas, Garrett aprendera a explorar abaixo da superfície das respostas para obter o verdadeiro significado, e o que ele viu e ouviu sob a fachada firme e pragmática dela foram amargura e dor.

– Não. Mais nada.

– Ótimo. Estou cansada e vou dormir. Se o senhor for ficar acordado por mais tempo, não se esqueça de apagar a lamparina e colocar mais lenha na lareira. Fica muito frio aqui de noite.

– Não vou esquecer. E obrigado de novo pelo resgate.

Ela respondeu com um aceno de cabeça e o deixou sozinho.

Enquanto ele estava sentado ali, o som crepitante do fogo ecoava suavemente no silêncio. Havia tantas coisas que ele queria saber sobre Spring Lee... Que tipo de vida ela levara? Como isso a moldou? Ela tinha mencionado o avô duas vezes, dando a Garrett a impressão de que eles tinham conflitos. Será que a animosidade dela se devia a algo além da recusa em se casar com o homem que ela descrevera como uma serpente velha? Ele não tinha respostas, mas estava intrigado. Sim, ela era linda com sua pele escura, os olhos pretos e uma trança grossa caindo pelas costas. O que mais o atraía, porém, era sua força. Decidido a ir dormir, ele se lembrou do pedido de Spring e colocou mais lenha na lareira antes de apagar a lamparina.

Na manhã seguinte, depois de um longo banho de banheira com água quente, o joelho de Garrett estava menos rígido, seus ossos não estavam mais congelados e ele quase se sentia humano de novo.

Spring estivera certa sobre o fato de fazer frio na cabana. Durante a noite, o fogo na lareira havia queimado até restarem apenas cinzas, e ele ficou surpreso por não ter acordado com pingentes de gelo no nariz. Ele se vestiu rápido e pôs mais lenha para queimar. Pegou os sapatos na mala e os calçou. Apoiando-se no joelho menos dolorido, Garrett foi atrás do café da manhã.

A cabana estava silenciosa. Ele não viu Spring nem a ouviu andando,

então deduziu que ou ela deveria estar do lado de fora cuidando dos animais ou ainda dormia. Como o casaco grande não estava pendurado no gancho da porta, presumiu que fosse a primeira opção. Pela janela era possível ver um céu azul com o sol brilhando em um mundo coberto de branco. Redemoinhos finos de flocos de neve dançavam na brisa e à distância, nas montanhas.

Na pequena cozinha, Garrett achou ovos, pão e bacon. Como não era casado, estava acostumado a cuidar das suas necessidades. Se não cozinhasse, não comia. Esperando não ser alvejado por comer os ovos dela, ele quebrou alguns em uma tigela e acendeu o fogão. Misturava um pouco de nata aos ovos quando ouviu uma batida na porta da frente. Sem ter certeza se deveria abrir, esperou um pouco para ver se Spring apareceria. Como isso não aconteceu e houve outra batida, mais alta desta vez, ele deixou a tigela e foi até lá.

Ao abrir a porta, encontrou um senhor de idade com uma grande barba branca e um casaco parecido com o de Spring. Cabelos da cor da neve escapavam sob o chapéu feito de couro.

– Quem diabos é você? – perguntou o visitante, sem rodeios.

– Garrett McCray.

– Cadê a Spring?

– Acho que ela está lá fora cuidando dos animais.

A confusão no rosto dele teria sido engraçada se os olhos azuis não o encarassem com tanta hostilidade.

– E o senhor é? – perguntou Garrett.

– Odell Waters.

Garrett reconheceu o nome da conversa da noite anterior e ficou tentado a deixá-lo entrar, mas, de novo, não queria ser alvejado pela dona da casa por ter sido presunçoso. Também queria deixar o homem entrar porque estava muito frio para conversar de porta aberta.

– Deixe-o entrar, McCray.

Ele se virou e viu Spring tirando o casaco e o chapéu. O tom cansado dela combinava com o rosto exausto. Era evidente que ela precisava dormir mais. Garrett abriu caminho para que o idoso entrasse.

Ainda exalando desconfiança, Odell levou um tempo para descalçar as raquetes de neve antes de entrar. Garrett fechou a porta.

Enquanto tirava o casaco e o chapéu, Odell perguntou a Spring:

– O que ele faz aqui? Quem é ele?

– O nome dele é McCray. Um jornalista do Leste que veio entrevistar o bom doutor. Encontrei-o vagando na nevasca ontem. Foi jogado no chão pelo cavalo.

Ele avaliou Garrett de novo.

– Está lhe dando algum problema?

Odell pendurou o casaco e o chapéu em um dos ganchos da porta.

– Não.

Garrett queria declarar que podia falar por si próprio, mas o homem parecia decidido a ignorá-lo. Resmungando mentalmente, Garrett disse a Spring:

– Espero que não se importe que eu coma seus ovos. Estou preparando o café da manhã. Quer um prato?

Ela parou e o avaliou antes de responder:

– Quero. Dois ovos.

– Bacon? Torradas?

– Sim para os dois.

Odell finalmente se dirigiu a ele:

– Se tiver mais ovos, vou querer dois. Bacon e torradas para mim também. Tem café? Está frio lá fora.

Garrett se perguntou como seu desejo de retribuir a hospitalidade de Spring oferecendo-lhe café da manhã o havia transformado no cozinheiro da pensão.

– Onde fica o café, Srta. Lee?

– Venha. Vou mostrar. Odell, sente-se.

Odell indagou:

– Tem certeza de que está segura com ele aqui?

– Se eu não estivesse, ele estaria lá fora na neve esperando para ser entregue ao Beck.

Confuso, Garrett perguntou:

– Quem é Beck?

– O agente funerário da cidade.

– Ah.

Garrett não tinha mais perguntas.

Enquanto comiam, a anfitriã e o visitante conversavam e ele escutava. Odell tinha passado a manhã verificando os vizinhos isolados pela neve. Garrett não fazia ideia de quão grande era a área, mas a ideia de um homem da idade dele se aventurando por aí em tal missão o deixou impressionado.

– Estão todos bem? – perguntou ela.

Pegando uma garfada de ovos mexidos, Odell assentiu.

– Parece que sim.

– Como está a estrada?

– Ainda intransitável, mas a temperatura está subindo. Mais um ou dois dias e a neve deve derreter o suficiente para as pessoas saírem.

Ele olhou na direção de Garrett.

– Quanto tempo o senhor vai ficar?

– Apenas tempo suficiente para conseguir do Dr. Lee o que preciso para minha matéria.

Odell o encarou.

– Ótimo.

Garrett tentava não se sentir ofendido, mas era difícil.

– Pare de implicar com ele, Odell.

– Só não quero que ele tenha ideias erradas. – Ele deu a Garrett outra encarada. – Sou homem. Sei o que eles pensam. Uma mulher sozinha...

Ela balançou a cabeça em resposta, mas não disse mais nada.

Tentando manter a calma, Garrett perguntou:

– Sr. Waters, se importaria de dar uma entrevista para minha matéria?

– Achei que estivesse aqui para falar com Colt.

– Estou, mas a Srta. Lee disse que o senhor e o avô dela fundaram Paradise. Meus leitores ficariam interessados em ouvir um pouco sobre isso também.

Odell resmungou por um tempo antes de responder:

– Não vou dizer que sim nem que não. Vamos ver como o senhor se sai

com o pessoal antes.

Garrett olhou para Spring. Os olhos dela não revelavam nada.

– Certo, senhor. Vou perguntar de novo outra hora.

Odell se virou para Spring.

– Como foi o parto no Ed?

– Nada bem – disse ela, em voz baixa. – O potro nasceu morto.

Os olhos azuis de Odell mostravam empatia.

– Como está a égua?

– Ele pode perdê-la também.

– Notícias tristes. Colt estava lá para ajudar?

– Não. Ele estava em Rock Springs. Não sei se já voltou.

Os planos de Garrett tinham se resumido a conduzir a entrevista e logo retornar para casa. Ele não havia considerado emergências médicas, nevascas nem estradas obstruídas. Também não tinha imaginado encontrar uma mulher que queria conhecer mais e um velho rabugento que desejava ver pelas costas.

Odell perguntou a Garrett:

– Onde o senhor mora?

Garrett lhe disse.

– Nunca esteve no Oeste? – prosseguiu Odell.

– Não.

– Imaginei. Por ter caído do cavalo e tal.

Garrett o fuzilou com o olhar.

– Odell – alertou Spring.

– Que bom que ele não vai ficar – continuou o destemido Odell. – Um homem que não consegue lidar com seu cavalo deveria permanecer naqueles bondes chiques do Leste.

– Tenho uma pergunta: o senhor é sempre rude assim? – disse Garrett, encarando-o.

– Depende. – Odell estava sorrindo. – Só queria ver até quando me deixaria implicar com o senhor, rapaz do jornal. Bom ver que não demorou muito.

Garrett não sabia como responder, mas estava satisfeito por passar no

teste.

Odell afastou a cadeira e se levantou.

– Obrigado pelo café da manhã.

Garrett assentiu. Quando olhou de relance na direção de Spring, viu um pequeno sorriso atrás da xícara de café.

Spring levou Odell até a porta. Depois de voltar e ver o desprezo que Garrett não se preocupou em esconder, ela disse:

– Não ligue para Odell. Ele é meu padrinho e gosta de provocar. No dia em que minha cunhada chegou do Arizona, ela atirou no meu irmão. Odell zombou dela sem piedade.

Chocado, Garrett disse:

– Ela atirou no seu irmão?

– Sim. Ela o confundiu com um bandido.

– Acha que ela me deixaria colocar isso na matéria?

– Só Regan pode falar pela Regan.

Ele agora estava ansioso para conhecer o médico e a esposa.

– É uma história e tanto.

– Meu irmão nunca vai superar isso.

– O ferimento foi grave?

Ela fez que não com a cabeça.

– O tiro pegou no ombro. Ele ficou bem.

Garrett queria ouvir mais, porém sabia que não deveria encher a anfitriã com as dezenas de perguntas que a história tinha levantado. Descobriria tudo em algum momento. Era o que esperava.

Ela começou a limpar a mesa.

– Obrigada pelo café da manhã. Como está o joelho?

– Está melhor.

De onde ele vinha, era considerado falta de educação falar sobre banho na frente de mulheres, então simplesmente disse:

– Obrigado por acender a caldeira.

– Não tem de quê.

– Posso ajudar a limpar a cozinha. Meu joelho aguenta, contanto que eu não fique em pé por muito tempo.

Ela o encarou, desconfiada.

– Sei lavar e secar a louça – continuou ele. – Moro sozinho e, já que não posso pagar ninguém para fazer para mim, eu mesmo faço a comida e as tarefas domésticas.

– Vou ter que aguentar um monte de perguntas enxeridas?

Ele sorriu com ironia.

– Sim, se não se importar.

Ela não pareceu contente.

– Vamos lá, então.



A cozinha de Spring era perfeita para uma pessoa. Para duas, era apertada. Ainda mais com um homem tão alto e largo como McCray. Ela lavava a louça e ele secava. Seus ombros se tocavam quando ele colocava as louças secas no armário ao lado dela. As mãos se tocavam quando ela lhe entregava as louças para secar.

Como havia prometido, Garrett fez uma tonelada de perguntas, e ela preferia lidar com o interrogatório em vez de com a razão pela qual os toques acidentais entre eles provocavam pequenas faíscas irritantes no seu braço. Ele começou querendo saber o nome da cadeia de montanhas, depois indagou há quanto tempo ela vivia na cabana.

– Há uns doze anos. A cabana era do Odell. Ele e a família moravam aqui quando Colt e eu éramos crianças.

Ela viu Garrett inspecionar as paredes e o teto, e se perguntou se ele as analisava com seu olhar de carpinteiro.

– Ele mesmo construiu?

– Sim, com a ajuda de amigos como o meu avô. Todos os velhos caçadores construíram suas próprias casas.

– Seu avô ainda está vivo?

– Sim. – E se a ruindade determinasse a duração da vida de uma pessoa, Ben viveria até as montanhas virarem cascalho. Ela lhe entregou um prato úmido para secar. – E seus avós?

– Não sei. Já devem ter morrido a esta altura. Nunca os conheci. Nós éramos escravizados – respondeu ele.

Isso a fez parar. Ela analisou o rosto dele.

– É mesmo?

– Sim. Na Virgínia. Algumas pessoas sentem vergonha da época antes da guerra. Eu não. Fugi quando tinha 14 anos e entrei para a Marinha da União.

– Com 14 anos? Muito jovem, não?

Garrett sorriu para ela.

– Sim, mas havia meninos ainda mais novos.

Quando Spring trabalhara para os Ketchums, depois de Ben tê-la expulsado, ela tinha se sentido escravizada também, mas sabia que sua experiência e a dele eram bastante diferentes.

– O senhor fugiu com seus pais?

– Não. Meu tio Quincy fugiu quando eu era bebê. Ele voltou em 1863, querendo ajudar o irmão a escapar, mas Hiram, meu pai, não iria embora sem a minha mãe, Fannie, então ele me mandou em seu lugar com o Quincy.

Ela se perguntou por que a mãe dele não pôde ir embora. Mas então lembrou que a estadia dele em Paradise tinha data para acabar e, depois que ele fosse embora, ela nunca veria Garrett de novo. Logo, fazer um monte de perguntas enxeridas não iria servir para nada.

– A guerra afetou vocês aqui? – perguntou ele.

– Um pouco. Os criadores de gado ficaram ricos enviando carne para as tropas da União. O exército mandou a maioria dos soldados para o Leste para lutar e deixou as milícias locais para defender o Território. Elas começaram sua própria guerra.

– Como assim?

– Alguns membros das milícias massacraram os cheyennes em Sand Creek, no Colorado, e os cheyennes, com todo o direito, quiseram se vingar. Houve ataques e batalhas. Por fim, as comunidades indígenas acabaram perdendo e tiveram que viver nas reservas.

– A senhorita parece ter simpatia pelos indígenas.

– O senhor não?

– No Leste, eles são descritos como assassinos sanguinários.

– Assassinos sanguinários foram os homens que alvejaram crianças e mulheres cheyennes, depois voltaram para mutilar os corpos e atear fogo na vila. O chefe Black Kettle e seu povo já tinham assinado um acordo de paz.

– Os jornais de onde moro nunca contam esse lado da história.

– Talvez devessem.

– Não quis chatear a senhorita.

Spring lhe entregou a frigideira que ele usara para fritar o bacon.

– Foi uma época perturbadora. De muitas maneiras, nada mudou. – Ela deixou a água da louça escorrer pelo ralo. – Acabamos. Obrigada pela ajuda.

– Não tem de quê. Posso fazer uma última pergunta?

Ela apenas fez que sim com a cabeça.

– Todas as pessoas aqui sentem o mesmo que a senhorita em relação aos indígenas?

– Algumas sentem, mas os grandes pecuaristas não. Eles são os donos da terra agora e ela os enriqueceu. Não ligam se as aldeias estão cercadas, famintas ou desamparadas, desde que consigam transportar suas carnes. Mais alguma coisa?

– Não.

– Vou sair e escavar um caminho até o estábulo.

– Gostaria de ajudar.

Spring olhou para o joelho dele.

– Posso enfaixá-lo – disse ele. – Tem muita neve lá fora.

– Verdade, mas, enfaixado ou não, sou eu quem terá que aturar meu irmão falando no meu ouvido se o senhor se machucar mais. Obrigada por oferecer sua ajuda cavalheiresca, mas não será a primeira nem a última vez que vou fazer isso sozinha.

Ela o viu abrir a boca para protestar.

– O senhor deveria ir escrever uma matéria ou algo assim. Melhor ainda: uma lista de mais uma centena de perguntas que queira fazer.

Garrett abaixou a cabeça, pois seus olhos revelavam que ele achara graça.

– Certo. Se a senhorita insiste.

– Insisto.

Por um momento, Spring percebeu como era fácil estar perto dele e de seu rosto bonito. Horrorizada, enxotou esse pensamento e deu uma olhada na cozinha para garantir que não tinha deixado passar nenhum prato perdido ou colher. Satisfeita, saiu do cômodo, agasalhou-se de novo e deixou Garrett dentro de casa.

Enquanto abria caminho com a pá, Spring tentava raciocinar sobre a reação física incomum que ela tinha ao jornalista. Não havia nenhuma boa razão para ela ter sentido faíscas e formigamentos ou para ficar reparando na aparência dele. Como ela observara na noite anterior quando o encontrou dormindo em seu sofá novo, um rosto bonito poderia esconder todo tipo de feiura, como bem sabia.

As faíscas teriam sido um lembrete de quanto tempo fazia que ela não tinha um homem em sua cama? Não que alguma das experiências anteriores a tivesse deixado em chamas. Não do jeito que seu irmão e sua cunhada, Regan, agiam um com o outro. O casamento arranjado de Colton e Regan evoluiu para uma união de amor, e eles estavam sempre se beijando quando achavam que ninguém estava olhando.

Spring não sabia nada sobre esse tipo de conexão e não tinha certeza se queria saber. Porém, como ela lembrara a si mesma, McCray não ficaria ali muito tempo, então não fazia sentido pensar nisso. Quando ele fosse embora, ela voltaria para o que apreciava e fazia melhor: ser uma mulher solitária.

CAPÍTULO 3

Garrett seguiu o conselho de Spring e pegou seu diário para fazer pequenas anotações do que tinha vivenciado até então. Nem tudo seria colocado na matéria sobre o Dr. Lee, mas ele tinha certeza de que seus leitores achariam as outras histórias interessantes, como o flagelo dos indígenas. Sendo membro de outra minoria, era solidário em relação ao sofrimento deles. Suas crenças e seu modo de vida, atropelados pela expansão da nação para o oeste, foram desvalorizados, e o mesmo foi feito com os africanos forçados à escravidão.

Infelizmente, tudo que Garrett sabia sobre os indígenas vinha das histórias extravagantes e, muitas vezes, sensacionalistas da imprensa, tanto a preta quanto a branca, retratando-os como pessoas sem alma e demônios assassinos. Ele não tinha visto nada nos jornais sobre a chacina realizada pela milícia no Colorado nem sobre a mutilação de mulheres e crianças cheyennes. Spring mencionou que o ataque acontecera durante a guerra. Mesmo que os olhos da nação estivessem focados no conflito, não era desculpa para o incidente não ter sido amplamente divulgado. As descrições do evento relatadas por ela fizeram com que ele se sentisse ignorante e envergonhado. Garrett se perguntou quantas pessoas no Leste estavam a par do que tinha ocorrido. Teriam ficado chocadas com os assassinatos? Spring deveria ser bem mais nova na época, mas, aparentemente, a história virou uma lembrança amarga para ela.

Garrett possuía sua própria cota de lembranças amargas. Quando tinha 8 anos, ele e a família foram leiloados para pagar as dívidas do homem que os escravizava. Garrett e o pai, Hiram, foram comprados por um carpinteiro em Richmond, enquanto a mãe, Fannie, foi vendida para uma rica

fazendeira escravocrata. Então, pela primeira vez na vida, ele aprendera o que ser escravizado significava de verdade. Ver as lágrimas aflitas da mãe enquanto era levada embora, sabendo que talvez nunca mais a encontrasse, foi um dos momentos mais horríveis e dilacerantes de sua vida.

Como seu pai tinha explicado mais tarde naquela noite: "Os homens que nos compraram são considerados nossos donos. Para eles, não passamos de porcos ou mulas. Se quiserem, podem nos vender, e não temos como recorrer."

Quando Garrett estava com 12 anos, sua mãe já tinha sido vendida mais duas vezes, em cada ocasião para mais longe. Ele nunca soube como o pai conseguia seguir o paradeiro dela, mas, quando Richmond foi derrotado e a guerra acabou, seu pai sabia exatamente onde a encontrar junto com a filha pequena. Algumas semanas depois, quando Garrett deixou a Marinha e voltou para a Virgínia, eles se tornaram uma família de novo e ele tinha ficado encantado com a nova irmãzinha. Porém, para a maioria das pessoas escravizadas, não houve um reencontro como esse. Até aquele momento, vinte anos depois, os jornais de pessoas pretas da nação ainda publicavam apelos dos que procuravam por parentes vendidos.

De acordo com o relato de Spring, o avô dela era livre. Garrett presumiu que o pai também, mas e a mãe? Ela não tinha compartilhado muito sobre os pais. Ainda estariam vivos? Ele não entendia por que saber tudo que podia sobre sua anfitriã parecia tão importante. Por conta da curta estadia em Paradise, a maioria das perguntas ficaria sem resposta, e era provável que eles nunca se encontrassem de novo. Por que esse fato o deixava inquieto? Ele não sabia, mas deixava.

O que a fazia sorrir? O que deixava os olhos dela brilhando de alegria? Algum homem já a amara pelo que ela era? Embora só a conhecesse há dois dias, Garrett não a via mascarando a própria natureza para assegurar a afeição de um homem, como a sociedade muitas vezes forçava as mulheres a fazer. Lembrando de novo a si mesmo da brevidade da estadia dele e das perguntas que deixaria para trás, ele suspirou com melancolia e retornou ao diário.

Quando Spring entrou em casa um pouco depois, Garrett tinha uma lista

de perguntas escrita para o médico. Outras mais surgiriam durante a entrevista, mas ele estava satisfeito por ora.

– As perguntas do senhor estão prontas? – perguntou ela, depois de tirar o casaco e as botas.

– Sim. Esse casaco é mesmo de couro de búfalo?

– É. E mais quente que os de lã.

– Posso experimentar?

– Claro. Mas é bem pesado.

Ele enfiou os braços pelas mangas e seus joelhos cederam sob o peso. Era como ter uma bigorna nos ombros.

– Como eu disse... pesado – reforçou ela.

Ele analisou a vestimenta peluda. Embora o peso e o tamanho do casaco não o diminuíssem como acontecia com Spring, Garrett não conseguia imaginar ter que usar aquilo por um período longo.

– A senhorita usa isso o inverno todo?

Ela balançou a cabeça.

– Só quando o clima fica do jeito que tem estado nos últimos dias.

Ele tirou o casaco e, contente por se livrar do peso, devolveu-o.

– Obrigado por satisfazer minha curiosidade.

– Estou presa com o senhor e sua curiosidade. Então não tenho muita escolha – brincou ela.

Embora as palavras fossem diretas, os olhos de Spring demostravam um pouco de divertimento, o que contribuía para o interesse crescente de Garrett por ela.

– Tem um lugar na cidade onde eu possa alugar um quarto?

– Sim. Regan é dona de uma pensão administrada pela costureira da cidade, Dovie Denby. Paradise não recebe muitos visitantes, então o lugar nunca está cheio.

– Bom saber.

Ele esperara que ela o deixasse depois disso, mas Spring se sentou, e isso o agradou.

– Já morou em algum outro lugar?

– Não. Morei aqui a vida toda. O mais longe que fui de Paradise foi para

Laramie e Cheyenne.

– Nunca esteve no Leste?

Ela balançou a cabeça.

– Tem curiosidade em saber como é?

– Não muita. Quando Colt voltou do curso de medicina, disse que era cheio de pessoas, bondes e barulho.

Garrett refletiu sobre isso.

– Creio que ele esteja certo, e pode ser sufocante.

– Não preciso de nada sufocante. Gosto da quietude e da tranquilidade de acordar todo dia com o sol nascendo nas montanhas.

Garrett ainda não tinha testemunhado isso, mas, ao recordar a beleza do alvorecer no mar durante sua temporada na Marinha, de certa forma compreendia. Também viu muitos pores do sol deslumbrantes.

Ela continuou:

– Além disso, pelo que meu irmão disse, nenhuma das mulheres usa calça jeans ou coldres nem pode frequentar bares.

Apesar de uma parte dele ter receio de lhe pedir que explicasse a última parte, sua curiosidade se recusou a ceder.

– Por que a senhorita iria querer ir a um bar?

– Para beber.

Ele a encarou.

– Presumo que as mulheres com quem o senhor anda não bebam uísque.

– Nem um gole.

Spring o pegara tão desprevenido que ele não sabia o que perguntar a seguir.

– Sua cunhada bebe também?

– Bebe uma dose de tequila de vez em quando, mas não agora. Ela está amamentando.

– E o marido aprova?

– Por que ela precisaria da aprovação dele? Ah, esqueci. O senhor é do Leste. Os homens lá têm que aprovar essas coisas.

– Aqui não?

– Alguns homens sim, ou tentam, pelo menos. Meu irmão era assim até se

casar com Regan. Agora ele cuida da própria vida.

– Entendi.

Garrett não entendia, na verdade, mas fingiu que sim.

– Então a senhorita entra decidida no bar e pede uma dose de uísque?

– Talvez não decidida, mas entro, McCray.

– Tem um salão separado para as mulheres?

– Nunca vi um.

Ela o encarou com um indício de sorriso.

– Por que o senhor me olha como se eu tivesse duas cabeças?

– Só estou surpreso. – Ainda perdido, ele perguntou: – E ninguém se importa que a senhorita esteja no bar?

– Os fofoqueiros se importam, é óbvio.

– Ah.

Havia um desafio nos olhos de Spring, como se ela estivesse esperando por algo. Um julgamento da parte dele, talvez. Isso o fez se perguntar se ela ainda era objeto de fofocas. Caso fosse, não conseguia imaginá-la recuando. *Meu Deus, que mulher interessante.*

Ela perguntou:

– Mais alguma coisa?

– Talvez. Só não sei o quê.

– Enquanto o senhor descobre, vou descongelar algo para o jantar. Bife ou truta?

Garrett refletiu um pouco.

– Bife.

– Boa escolha.

Mais tarde, Spring tirou o pão de milho do forno e saiu da cozinha para chamar seu hóspede. Ele estava no quarto, então ela bateu na porta fechada.

– Jantar, McCray.

– Estou indo.

Ela não sabia como ele havia ocupado seu tempo durante a tarde, mas

Garrett não a tinha incomodado enquanto ela procurava sementes para o jardim, então, o que quer que fosse, estava bom para ela.

Spring tinha acabado de tirar os pratos do armário quando ele apareceu na cozinha.

– Há algo que eu possa fazer para ajudar? – perguntou ele.

– Apanhe aquele pegador de panela e ponha o pão de milho na mesa.

Ela o seguiu com os pratos e talheres, então voltou para pegar a tábua com os bifes e a tigela de legumes.

– A carne está com um cheiro muito bom – disse ele, em pé atrás da cadeira.

Ela garfou um bife na tábua e o pôs no prato. Percebendo que ele ainda estava em pé, falou:

– O senhor vai comer em pé?

– Estou esperando a senhorita se sentar.

– Por quê?

– Estou sendo um cavalheiro de novo.

Ela fez um gesto com a mão, dispensando-o.

– Não é necessário.

– Para mim, é.

O tom suave dele mexeu com algo dentro dela.

– Sente-se, McCray.

– Vou me sentar, depois da senhorita.

Spring rosnou, baixinho.

– É uma demonstração de respeito, Spring.

Ela suspirou.

– Meu Deus. Tudo bem.

Ela se sentou e Garrett fez o mesmo.

– Satisfeito? – perguntou ela.

Ele apenas sorriu.

– Eu bebo uísque, esqueceu? Não sou uma dama.

– Isso não a torna menos merecedora do meu respeito. A senhorita me abrigou, me deu comida e cuidou de mim.

Desconfortável com a conversa, Spring grunhiu.

– Coma antes que a comida esfrie.

Ela arriscou uma olhada na direção de Garrett para saber se ele estava brincando com ela, mas o par de olhos a encarando mexeu com Spring de um jeito que a fez interromper o contato em favor de algo menos desconcertante, como colocar os legumes no prato.

Eles comeram em silêncio por um tempo.

– Desculpe-me se fiz a senhorita se sentir desconfortável. É o modo como fui criado – disse ele.

– Meu irmão faz isso com Regan. Ele tenta fazer comigo, mas eu o ignoro. Não preciso desse tipo de respeito.

– De que tipo precisa?

Ela parou. Ele tinha o costume de fazer perguntas para as quais ela não tinha resposta pronta.

– Nenhum, na verdade. Não ser respeitada não me faz perder o sono.

– Mas o respeito é um modo de demonstrar o valor que uma pessoa tem, ou a importância que ela tem para alguém.

Ela deu de ombros.

– Creio que sim, mas eu sei do meu valor. Não preciso que outra pessoa me valorize só por ser a coisa cavalheiresca a se fazer.

– E se for genuíno, e não porque a sociedade exige?

Spring tinha passado os últimos quinze anos focada no que ela não precisava: um homem, respeito, ser paparicada. Não sabia como reagir às tentativas de Garrett de a fazer considerar o que mais poderia precisar além do apoio e da amizade de Ed Prescott, de Odell, do irmão e de Regan.

– Como está a carne?

– Está ótima.

O fato de ele não a ter pressionado para responder fez Spring o respeitar um pouco mais.

– Então o senhor fica em pé diante da mesa e espera até que a mulher, que pode ser ou não sua noiva, se sente?

Ele a olhou.

– Isso.

– Ela tem nome?

– Tem. Emily. Emily Stanton.

– Não tem o hábito de frequentar bares?

– Não.

– Ela se aborrece com todas as suas perguntas?

– Não. Só com o fato de que prefiro carpintaria a advocacia. Meu pai também não está muito satisfeito com isso.

– Então por que o senhor está considerando a ideia de se casar com ela?

– Meu pai e o dela estão convencidos de que formaríamos um bom par.

– E o que o senhor acha?

– Ela e eu temos certeza de que estão errados.

– Problema resolvido, então.

– Quem dera nossos pais concordassem.

Spring estava confusa. Se ele e essa Emily pensavam igual, por que um casamento ainda estava em discussão? Parecia bem simples para ela. E, então, lembrou a si mesma que a resposta não importava, porque ele voltaria para casa em algum momento e o desfecho não afetaria em nada sua vida. Mas ela admitia que estava curiosa.

– Emily é uma ativista. Ela não acredita que o casamento beneficie as mulheres – explicou ele.

Spring ergueu seu copo numa homenagem silenciosa. Garrett sorriu.

– Percebo que a senhorita concorda com ela.

– Então o senhor não quer se casar com ela porque a moça não quer se casar com o senhor?

– Em parte, mas o outro motivo é que, se eu realmente me casar, quero que seja com alguém que preencha meu coração do mesmo modo que minha mãe preenche o do meu pai. Ele a adora.

Por um momento, Spring se sentiu fascinada, impossibilitada de fazer qualquer coisa que não fosse encarar os olhos dele e o deixar fazer o mesmo. Ela quebrou a ligação invisível e se concentrou em cortar a carne. Percebendo que sua mão tremia, praguejou mentalmente e inspirou fundo para se acalmar.

– Então o senhor acredita no amor.

Era uma afirmação, não uma pergunta.

– Não sei se o termo é esse, mas, para facilitar a conversa, acredito. Minha mãe é a luz do mundo do meu pai. Pode-se ver no rosto dele toda vez que ela entra no ambiente. Gostaria de me sentir dessa maneira com a pessoa para a qual entregaria minha vida.

– E isso não acontece com a Emily – constatou Spring, com delicadeza.

Garrett balançou a cabeça.

– Mas ela é muito inteligente, engraçada e uma boa amiga.

Spring o achou bem mais complexo do que ela pensara inicialmente. A descrição dele do pai e da mãe combinava com o que Colt e Regan sentiam um pelo outro.

Ele continuou:

– Talvez eu nunca encontre essa pessoa, mas gostaria de esperar e ver o que acontece.

Mais uma vez, ela foi capturada pelo encanto do olhar dele. Desviando os olhos, disse:

– Boa sorte.

O que ela não disse em voz alta foi: *O que diabo tem de errado comigo*?

– Obrigado.

Garrett ergueu o copo em um brinde.

– A senhorita já se apaixonou?

Ela o encarou.

– Desculpe. Até eu sei que foi muita intromissão perguntar.

– Coma sua comida.

Depois do jantar, os dois cuidaram da louça. Desta vez, ele lavou e ela secou. Trabalharam em silêncio, o que estava bom para Spring. Por causa do mau humor, ela queria ignorá-lo, mas descobriu ser difícil. Como antes, houve toques acidentais. Embora tentasse se segurar, ela se pegava analisando as mãos fortes, a linha do maxilar e a curva dos ombros sob a camisa azul que Garrett usava.

O fato de seus olhos ficarem buscando os dele era frustrante. Atipicamente, ela se perguntou se os olhares dela o ofendiam, mas não havia nada no semblante ou na conduta dele que indicasse isso. De modo curioso, quando eles se olhavam, Garrett parecia se divertir, como se tivesse a

resposta de uma charada. Spring queria questionar o que aquilo significava, pois isso aumentava seus resmungos internos. Em vez disso, ela pegava as louças molhadas que ele lhe entregava, secava e guardava.

Quando terminaram a tarefa, Garrett indagou:

– Há algo mais em que possa ajudar? Gostaria de achar que estou, pelo menos, compensando minha hospedagem.

– Não, mas obrigada por oferecer.

– Então vou colocar algumas leituras em dia. Tenha um bom descanso e obrigado pelo jantar. Vejo a senhorita amanhã.

Em seguida, ele saiu e a deixou sozinha na cozinha. Spring disse a si mesma que era um alívio, pois já tinha tido a companhia e as perguntas enxeridas dele o suficiente por uma noite, embora uma voz dentro dela dissesse que era mentira.



Na manhã seguinte, depois de alimentar os cavalos, Spring deu uma olhada na paisagem ao redor da casa e decidiu que a neve tinha derretido o suficiente para fazer a viagem até a casa do irmão.

McCray tinha começado a preparar o café da manhã quando ela entrou na cabana.

– Bom dia – cumprimentou ela.

O ar cheirava a bacon.

– Bom dia.

Garrett parou de mexer os ovos para observá-la enquanto ela fazia o mesmo e, por um momento, isso pareceu ser tudo que eles eram capazes de fazer. Fosse lá o que estivesse acontecendo, parecia estar aumentando, mas Spring estava determinada a não deixar que se tornasse mais forte. Desviando o olhar, ela disse:

– A neve derreteu o bastante para irmos até meu irmão hoje. Estará lamacento, mas não acho que será muito ruim para os cavalos. O joelho do senhor está bom para cavalgar?

Garrett assentiu.

– Se meu irmão tiver voltado, ele poderá levá-lo até a cidade para que possa alugar um quarto.

– E se não tiver voltado?

– Então acho que terei que levá-lo eu mesma.

– Não quero dar mais trabalho do que já dei para a senhorita.

– Se eu não levar o senhor, quem vai? Posso pedir a Odell, se preferir.

– Não. Prefiro sua companhia à dele a qualquer momento.

– Ele não é tão ruim depois que o conhecemos melhor.

– Se a senhorita diz. Assim que guardar minhas coisas, estarei pronto para partir. A casa do seu irmão fica a quanto tempo daqui?

– Cavalgando, a vinte minutos. É provável que demoremos mais hoje por causa da lama.

– Ele também mora em um rancho?

– Não, mas tem um bom pedaço de terra.

Depois do café da manhã, eles selaram os cavalos.

– É um garanhão bem bonito – disse Garrett, conforme eles cavalgavam devagar até a estrada.

– Este é o Cheyenne. Estou com ele há oito anos. Era um potro doente quando o encontrei. Não sei se perdeu a mãe ou foi separado da manada, mas estava quase morrendo, então eu o trouxe para casa.

– Nunca vi um animal tão magnífico.

– Há um monte de cavalos selvagens aqui. Os domadores os trazem para cá, domam os animais e nos vendem. De onde vêm os cavalos do Leste?

– Geralmente, dos donos de fazendas de cavalos, mas não tenho ideia da origem deles. Acho que muitos nascem ali mesmo.

– É importante saber de onde seus cavalos vêm. Alguns vendedores nem sempre são honestos. Se você não sabe o que avaliar, eles podem tirar vantagem disso e lhe dar um animal doente ou deformado.

– Vou me lembrar disso.

Enquanto mantinham o ritmo lento pela estrada, Spring não quis admitir que gostara de ter a companhia de McCray; queria pensar que ele tinha sido um hóspede de que ela não pudera se livrar logo. Talvez isso significasse que ela estivera solitária durante os meses invernais. Ter seu café da manhã

preparado por outra pessoa foi uma novidade, e conversar com alguém além dos seus cavalos, também. Normalmente, quando queria papear ou ter uma companhia, ela ia até a casa de Regan ou de Odell. Era raro ter diálogos à mesa dela.

Spring olhou na direção de Garrett e se perguntou o que ele achava dela. Não que importasse. Ela não se desculpava por ser quem era, mas sabia que não devia ser como as mulheres que ele conhecia. Será que ele voltaria para casa e faria piadas para os amigos sobre o casaco de búfalo, a calça de couro e os modos pouco convencionais dela? Também não importava. Pelo menos, foi o que disse a si mesma. Ser uma flor delicada que precisava ser cuidada e regada por um homem não era algo que ela desejava. Como muitas mulheres solteiras no Oeste, ela selava o próprio cavalo, cortava a própria lenha e limpava a própria neve. Independentemente do que a sociedade ditasse, ela não queria filhos, nunca quisera, o que com certeza chocaria qualquer homem louco o bastante para querer se casar com ela. Não que tenha tido algum ou fosse vir a ter. E isso significava que Spring não precisaria se preocupar em ser confrontada a mudar de ideia.

– Como é aqui no verão? – perguntou Garrett.

– Lindo. Verde. Com muitas flores silvestres. Um grande céu azul.

Ele observou a paisagem ainda coberta de neve e as montanhas distantes.

– Aposto que é incrível.

– É, sim. Mas não tem bondes.

Ele sorriu para ela.

– O povo escala as montanhas?

– Às vezes, mas nunca soube de alguém que tivesse ido até o topo. Odell disse que os povos indígenas as idolatravam. Eles acreditavam que seus deuses viviam nos cumes.

– Então eles têm histórias?

– Sim, acho que como a maioria dos povos.

– Meu pai disse que, quando era mais novo, os escravizados idosos contavam histórias dos deuses africanos. Infelizmente, a maioria dos contos morreu com eles.

Spring imaginou como seriam esses contos. Será que tinham seres

mágicos e trapaceiros? Alguns deles eram maus e outros bons? Sua mãe, Isabelle, fora escravizada e libertada na adolescência. Mas ela nunca falou sobre a experiência. McCray disse que não sentia vergonha do passado dele. Será que a mãe dela pensava diferente? Seria essa a razão de ela nunca ter falado sobre aqueles anos? Ou ela só quisera esquecer, pois foram muito dolorosos? Spring imaginou o que a mãe pensaria do que a filha tinha sido forçada a fazer para sobreviver depois da morte prematura dela. Não querendo abrir feridas antigas, ela enxotou os pensamentos sobre aquela época sofrida e se concentrou no ar morno e no céu azul brilhando acima.

Assim como a estrada, o caminho de cascalho que levava até a casa do irmão estava denso com a lama da neve derretida.

– Chegamos.

Eles desmontaram e Garrett observou os arredores. Ao ver a estrutura inacabada atrás da casa, perguntou:

– Estão acrescentando mais um cômodo?

– Não. Será o primeiro hospital da cidade. Colt tem um consultório lá, mas gostaria de tratar as pessoas que moram em regiões afastadas também. Além disso, vai construir um cômodo onde os pacientes poderão passar a noite se for preciso.

Spring conduziu McCray pelos degraus da varanda e bateu na porta da frente. Anna, sua sobrinha de 7 anos, abriu.

– Tia Spring! – gritou a menina, alegre.

E então jogou seu corpo pequeno nos braços da tia.

Sorrindo, Spring a pegou no colo e a abraçou forte.

– Oi, Anna. Tudo bem? Como vai seu cavalo Shadow?

– Estou bem. Shadow também. Tenho que esperar a neve derreter mais para ir cavalgar. É muito bom ver a senhora. Colton Fontaine golfou minha mãe toda. Ela está no quarto se limpando.

Spring viu Anna observar seu companheiro, então os apresentou.

– Anna Lee, este é o Sr. McCray. Ele é um jornalista e vai fazer uma matéria sobre seu pai. Sr. McCray, esta é minha sobrinha, Anna.

– Olá, Srta. Anna. É um prazer conhecê-la.

– Olá – respondeu ela, tímida. – Prazer.

Spring colocou Anna no chão novamente e eles entraram na casa. Ela fechava a porta quando Regan apareceu com o filho nos braços. Logo notou as olheiras da cunhada.

– Oi, Spring – disse Regan. – Este é o jornalista que Odell mencionou quando passou aqui ontem?

– Sim. O nome dele é Garrett McCray. – Spring se virou para ele. – McCray, esta é minha cunhada, Regan Carmichael Lee.

– É um prazer conhecê-la, Sra. Lee.

– Igualmente. Meu marido aguardava sua chegada. Desculpe-me por ele não estar aqui. Este pacotinho, que nos dá alegria às vezes, é nosso filho, Colton Fontaine Lee.

McCray se aproximou e olhou para o bebê enrolado no cobertor.

– Olá, amiguinho. Tudo bem?

E então perguntou a Regan:

– Qual é a idade dele?

– Faz seis meses amanhã.

– Parabéns.

– Obrigada.

– Ele chora tão alto às vezes... – reclamou Anna.

– É o que bebês fazem – afirmou McCray. – Mas eles crescem.

– Libby tem uma irmãzinha. Ela também chorava muito quando nasceu. Agora engatinha no chão – contou Anna.

– Libby é a melhor amiga da Anna – explicou Regan.

– Ah.

– Meu marido estava ansioso para recebê-lo, mas, infelizmente, há uma epidemia de sarampo em Rock Springs. Tomara que, agora que o clima amenizou, ele volte para casa logo. Odell disse que Spring resgatou o senhor na nevasca. Que bom que ela o encontrou! – disse Regan.

– Enquanto tivermos Odell, não precisaremos de jornal – comentou Spring.

O velho caçador tinha laços com quase todo mundo no Território, e, se havia notícias para serem contadas, podiam confiar nele para espalhá-las.

– Vou levá-lo a Paradise para que ele alugue um quarto com Dovie.

– Certo – respondeu Regan. – Bem-vindo a Paradise, Sr. McCray. Assim que meu marido voltar, avisarei que o senhor chegou.

– Agradeço por isso. Vou deixar a senhora em paz. Foi bom conhecê-la.

– Igualmente.

Spring deu um beijo na bochecha de Regan, Anna e Colton Fontaine, e levou McCray de volta para o sol.

– Desculpe por ocupar mais do seu tempo, Srta. Spring.

– Tudo bem. Vamos logo.

Ela não se lembrava de ter conhecido um homem que se desculpasse tanto e se perguntava quem ele era realmente sob a fachada cavalheiresca. Seria de fato a pessoa que tinha mostrado até agora? Um homem bom e com boa educação?

Eles voltaram a cavalgar e, em algum momento, Garrett perguntou:

– Como é a política em Paradise? Talvez eu precise saber para contextualizar a matéria.

– As coisas estão mais progressistas agora que há um novo prefeito. O nome dele é Randolph Nelson. Foi ele quem me vendeu a carne que comemos no jantar ontem.

– Ah. Ele é republicano?

– Sim. Chefe do partido local. O antigo prefeito, Arnold Cale, era republicano também, mas ele e seus companheiros perderam a eleição sobretudo por se recusarem a pagar por uma professora.

– Por que alguém se recusaria a isso?

– Por mesquinharia e por serem, eles próprios, ignorantes.

– Seu irmão é ativo no campo da política?

– Não. Colt é mais focado na prática médica.

– Entendi. É verdade que as mulheres votam aqui?

– Sim. Desde 1869.

– Algumas pessoas no Leste são contra as mulheres votarem.

– Só os homens, certo?

Havia uma expressão de divertimento no rosto dele.

– A maioria, sim.

– O Território esperava atrair as mulheres do Leste ao nos dar o direito ao

voto e, com isso, ajudar a aumentar a população.

– Funcionou?

– Um pouco, mas as mulheres não estão chegando aos montes como esperado.

– A senhorita vota?

– Claro.

– Pessoas pretas não são segregadas?

– Ainda não, mas acho que serão. Ano passado, Regan esteve numa diligência que sofreu uma tentativa de assalto, mas não permitiram que ela testemunhasse contra os bandidos no julgamento por causa da sua cor. Como é no Leste?

– Pelo que parece, está ficando pior a cada dia.

– Outra razão para continuar no Oeste.

– Pode não ser uma má ideia. Só de ver todas essas árvores e imaginar como elas são nas estações mais quentes e o que eu poderia construir com a madeira me faz querer ficar e descobrir. E também conheci algumas pessoas interessantes aqui.

– Sim. Odell é interessante.

Ele riu.

– Estava me referindo a uma mulher que usa calça de couro e casaco de búfalo. Ela é um pouco irritadiça, mas parece ser parte do seu charme.

Spring se virou para ele.

– Achei que estivesse falando de mim até chegar na parte do charme.

– Eu acho a senhorita muito charmosa.

Ela parou o cavalo e olhou para o céu.

– O que está fazendo? – indagou ele.

– Procurando pelo raio que está vindo fritar sua cabeça por mentir.

– A senhorita não se acha charmosa?

– *Charmosa* é uma palavra usada para descrever mulheres delicadas que usam vestidos bonitos e bebem chá em pequeninas xícaras de porcelana.

– Não para mim – disse ele, em voz baixa. – Charme pode significar força, inteligência... até mesmo uma maneira incomum de enxergar a vida.

Spring se viu encantada de novo, mas lutando para se libertar do encanto,

porque não podia se sentir atraída por um jornalista enxerido.

– Vamos logo para que o senhor possa se estabelecer na cidade e eu possa voltar para casa.

– Vá na frente.

CAPÍTULO 4

O primeiro pensamento que Garrett teve ao chegar a Paradise foi como era pequena! Enquanto passava pela rua principal ao lado de Spring, observou os escritórios e as lojas: a mercearia do Miller, o consultório médico do Dr. Lee, o escritório do xerife e a funerária de Beck. Alguns homens na calçada em frente à mercearia cumprimentaram Spring e perguntaram:

– Esse é o jornalista?

– É.

– Soube que ele estava correndo de um urso quando a senhorita o encontrou.

Garrett ficou boquiaberto. *Um urso?*

Spring sorriu.

– Não tinha nenhum urso.

Alguém gritou:

– Ele vai colocar outras pessoas na matéria do jornal?

– Não sei. Terão que perguntar a ele.

Garrett estava surpreso com o fato de os habitantes já saberem sobre ele. Presumiu que pessoas de cidades pequenas não tinham nada melhor para fazer do que fofocar, sendo verdade ou não.

– Existe um posto telegráfico? – perguntou ele a Spring. – Quero avisar a minha família que cheguei bem.

– Sim. É do Odell. Fica em frente à pensão.

Garrett ainda não sabia como se sentia por ter sido testado pelo velho, mas concluiu que não deveria guardar mágoa.

Spring parou no final da rua, em frente a uma casa simples cuja pintura

verde parecia nova.

– Aqui fica a pensão. Regan é a dona, mas é Dovie Denby quem administra. Ela também tem um ateliê de costura lá dentro.

Eles subiram os degraus até a varanda e, antes que ela pudesse pegar na fechadura para abrir a porta, Garrett se adiantou.

– O que o senhor está fazendo? – perguntou ela.

– Abrindo a porta.

– Sendo cavalheiro de novo?

– Sim.

– Posso abrir a porta sozinha, McCray.

– Eu sei disso.

– Então saia da frente.

– Lembra da conversa que tivemos sobre respeito?

Uma voz feminina os interrompeu:

– Pelo amor de Deus, Spring. Deixe o homem abrir a porta. Não tem ninguém por aqui com colhões o suficiente para tentar tratá-la como uma dama.

Garrett se virou para ver a mulher ruiva trajando um vestido verde elegante. Ela estava na base dos degraus junto a um pequeno grupo de curiosos, incluindo Odell. Spring resmungou:

– Vá embora, Glenda, e leve Odell e seus parceiros de xadrez com você.

Garrett não tinha ideia de quem era a mulher, mas isso logo foi corrigido. Ignorando Spring, ela se aproximou e estendeu uma mão com luva verde, combinando com o vestido.

– Sou a Sra. Glenda Cole. Meu marido, Arnold, é dono do banco e ex-prefeito.

– Garrett McCray.

– Se o senhor está pensando em cortejar nossa Spring, saiba que ela vai lhe dar uma canseira, mas esta senhorita vale cada briga que vierem a ter. Bem-vindo a Paradise.

– Glenda – rosnou Spring, como aviso. E então se virou para os homens: – Odell, não tem outro lugar para ir?

Garrett estava fascinado e confuso. De onde teria vindo a teoria de que ele

estava cortejando Spring? Ele olhou para Odell, que sorriu e deu um aceno de cabeça.

Glenda, então, perguntou de onde ele era e o nome do jornal. Depois das respostas, ela disse:

– Foi um prazer conhecê-lo, Sr. McCray. Peça a Regan e ao Dr. Lee que o levem para jantar na minha casa enquanto estiver na cidade.

– Sim, senhora.

– E, Spring, seja gentil. Um homem disposto a lutar com a senhorita por uma porta não é de se jogar fora.

Dito isso, Glenda foi embora.

Um tanto pasmo, Garrett se virou para Spring, que esbravejou:

– Abra a maldita porta, McCray.

Ele abriu, e Odell e os amigos aplaudiram.

Do lado de dentro, a pensão era silenciosa, limpa e bem mobiliada. Uma mulher loura, alta e grande surgiu de um cômodo na saleta.

– Oi, Spring.

– Dovie.

– Parece irritada. O que foi?

– Nada.

Dovie não parecia convencida, e Garrett não planejava aumentar a ira de Spring dando explicações. Ele ainda estava tentando assimilar o que acabara de acontecer.

– Este é o jornalista que você resgatou?

– Sim. Garrett McCray. Dovie Denby.

– É um prazer conhecê-la. Srta. ou Sra. Denby?

– Legalmente, é senhora, mas o senhor foi embora viver com outra mulher e me deixou desamparada.

A franqueza dela o pegou desprevenido. A Sra. Denby explicou:

– O senhor provavelmente vai ouvir a história por outra pessoa. Só quis me antecipar.

Garrett não sabia como responder.

– Ah. Agradeço. Obrigado.

– O senhor precisa de um quarto, então?

– Sim.

– Não tenho muitos hóspedes no momento, e, já que o senhor está fazendo uma matéria sobre o doutor, vou colocá-lo no quarto Rhine. E o senhor pode pagar o preço dos quartos menores.

Ele não sabia como era o quarto Rhine, mas a Sra. Denby deu a impressão de que era mais luxuoso que os outros.

– A senhora tem certeza?

– Tenho. Venha comigo.

Ele pegou a mala e a valise.

Spring disse:

– Eu levo o saco de dormir. Ou devo deixar que um cavalheiro faça isso?

Sem se importar em esconder o sorriso, Garrett adicionou o saco de dormir aos outros itens que carregava, e ele e Spring seguiram Dovie pela escada.

O quarto Rhine era espaçoso e bem decorado. Dovie explicou que tinha sido nomeado em homenagem ao tio de Regan Lee, Rhine Fontaine. Havia uma cama de dossel grande sobre um enorme tapete asiático caro, um lavabo com banheira e uma mesinha com uma cadeira. Um guarda-roupa grande, feito de um carvalho bonito, ocupava uma parede.

– Este vai servir para o senhor? – perguntou Dovie.

– Vai, sim. Posso saber quanto custa?

Ela lhe passou um preço bem razoável.

Enquanto Garrett colocava o saco de dormir no grande tapete aos pés da cama, Spring disse:

– Estou indo para casa.

Mesmo que ele soubesse que iriam se separar, Garrett estava chateado. Queria conversar sobre a suposta corte para garantir a Spring que essa não era sua intenção, mas a pressa no rosto dela mostrou que aquele não era o momento.

– Obrigado por tudo.

– O posto telegráfico fica do outro lado da rua. A estrebaria vai cuidar do seu cavalo. Peça que Dovie ou Odell lhe mostre onde fica. Se tiver a chance, vá se apresentar ao xerife, Whit Lambert. Ele e meu irmão são bons amigos.

– Certo. Espero ver a senhorita de novo antes de eu voltar para Washington.

Spring não respondeu, apenas se virou e saiu, e ele achou que estava tudo bem. Se ela não desejasse vê-lo novamente, não teria tido problema em dizer.

– Ela gosta do senhor – afirmou Dovie.

Achando graça, ele respondeu:

– Não tenho muita certeza disso.

– Eu tenho. Se não gostasse, teria mandado o senhor embora com Odell depois da tempestade. Nesses dez anos em que conheço Spring, não me recordo de ela ter hospedado um único homem, com ou sem nevasca. Isso o torna especial.

Garrett não sabia o que dizer, então deixou para refletir sobre isso depois.

Dovie andou até a porta.

– Vou deixar o senhor se acomodar. Venha me procurar se precisar de alguma coisa.

– Obrigado. Eu irei.

Enquanto desfazia a mala, Garrett refletiu sobre as palavras de Dovie e o encontro fascinante com Glenda Cale. Por que ela pensou que ele estava cortejando Spring? Odell teria iniciado esse boato?

Ele admitia que achava Spring intrigante, mas daí a cortejá-la? Não conseguia imaginar quão difícil seria tal tarefa. Tudo bem, cortejá-la não seria entediante, mas ele sobreviveria? Ela era impaciente e impiedosa. Ele teria mais chance de ensinar um porco a falar. Mas havia uma atração entre eles. Garrett tinha certeza de que Spring também sentia isso, mesmo sendo provável que ela morresse negando.

Ela o impressionava por ter um autocontrole tão firme e se orgulhar disso, mas ele se perguntou como ela reagiria se esse controle se afrouxasse. Como ela seria como amante? Será que se entregava à paixão do mesmo modo que se entregava à vida? Durante o jantar na noite anterior, quando ele perguntou se Spring já tinha se apaixonado, se o olhar que ela lhe deu pudesse matar, ele já estaria morto. Mais tarde, na cozinha, ela parecia decidida a ignorá-lo, mas não conseguia parar de olhar nos olhos dele.

Garrett tinha achado aqueles momentos divertidos, porque Spring se mostrava irritada com a incapacidade de controlar os próprios olhos.

Dovie dissera que ele era especial. Ele não sabia se havia verdade nisso, no entanto, quanto mais tempo passava com a irmã implacável do Dr. Colton Lee, mais ele a achava cativante e interessante.

O posto telegráfico ficava em um pequeno prédio de madeira. Havia uma placa desgastada acima da porta, quase ilegível, que dizia "Entreposto Comercial de Paradise". Garrett entrou e encontrou Odell e alguns dos homens que tinham estado com o velho caçador mais cedo, agora reunidos em volta de um tabuleiro de xadrez que parecia ser mais velho do que a placa. Havia serragem sobre o piso de terra batida. Nas paredes, estavam as cabeças de um cervo, de um urso e de um gato selvagem com um olho só. Os três homens ergueram o olhar quando ele entrou, e Odell disse:

– Posso ajudar, Sr. McCray?

– Gostaria de enviar um telegrama para o Leste, se possível.

– Certo.

Odell se levantou e disse ao homem preto idoso do outro lado do tabuleiro:

– Tire suas mãos dos meus homens, seu velho trapaceiro.

Com a perna direta engessada sobre uma cadeira com palhinha, o oponente de Odell respondeu:

– Consigo ganhar de você até com os olhos fechados. Não preciso trapacear. – E então disse a Garrett: – Sou Porter James. Bem-vindo a Paradise.

– Garrett McCray. Prazer em conhecer o senhor.

O cabelo de James era branco como a neve, mas seu rosto, bem escuro, não tinha rugas. Garrett sem dúvida não esperara conhecer outro homem preto. Ele teria que se lembrar de perguntar ao Dr. Lee quantas pessoas pretas viviam na área.

O outro homem sentado em volta do tabuleiro de xadrez se apresentou como Moss Denby. Era baixo, gordo e tinha costeletas grisalhas.

– Eu conduzo a diligência. Dovie é minha nora e mãe do meu neto, Wallace.

– Ela é muito prestativa.

Garrett se perguntou o que Moss achava de o filho ter ido morar com outra mulher, deixando Dovie desamparada, como ela tinha afirmado.

Odell entregou papel e lápis a Garrett.

– Escreva o que o senhor quer dizer e para onde quer enviar. A tempestade foi para o leste agora, então sua mensagem pode demorar alguns dias para chegar.

– Tudo bem.

Quando Garrett terminou de escrever, devolveu o papel a Odell.

– Vou enviar agora mesmo.

– Obrigado.

Moss perguntou:

– Escrever para o jornal é a única coisa que o senhor faz?

– Não. Trabalho como carpinteiro.

Porter James se virou e o analisou de cima a baixo.

– Há quanto tempo?

– A maior parte da minha vida.

– O senhor é bom?

– Acho que sim. Por que a pergunta?

– Sou carpinteiro também. O único num raio de quilômetros. Também sou dono da serraria. Se precisar de trabalho enquanto estiver aqui, eu e essa perna quebrada iríamos gostar da ajuda.

– Não pretendo ficar depois de conversar com o Dr. Lee, mas agradeço pela oferta de trabalho.

Garrett passou mais alguns minutos sendo interrogado sobre de onde era e para quais outros lugares o jornalismo o tinha levado.

Odell indagou:

– Então o senhor e Spring estão se dando bem?

Garrett parou e se perguntou aonde isso iria levar.

– Sou muito grato por ela ter me hospedado. Estou preocupado com o povo achando que a estou cortejando. É a última coisa que eu iria querer.

– Por quê? – indagou Porter.

Garrett o observou.

– Duvido que a Srta. Lee esteja interessada em ser cortejada por um homem que irá embora em breve.

– Se o senhor não fosse embora, estaria interessado? – quis saber Moss.

Mais acostumado em ser ele próprio o interrogador enxerido, Garrett manteve a voz calma.

– Acho que isso seria discutido entre mim e a Srta. Lee, certo?

Moss riu. James também. Odell disse:

– Viram? Ele vai se sair bem, não vai?

Garrett estava com medo, mas perguntou assim mesmo:

– Me sair bem em quê?

– Como o homem certo para cortejar Spring – respondeu Odell, como se fosse óbvio.

Exasperado, Garrett replicou:

– Mas o senhor não sabe nada sobre mim. E se eu já for casado ou noivo?

– O senhor é?

– Não.

– Então pronto – disse Odell.

Garrett se perguntou se os habitantes de Paradise tinham propensão à insanidade. Enquanto pensava nisso, um homem alto com cabelo castanho-avermelhado entrou. Havia uma estrela de bronze presa ao casaco marrom de lã dele.

– Sou Whitman Lambert – disse ele, estendendo a mão. – Sou o xerife. Pode me chamar de Whit.

Grato por ter sido salvo, Garrett apertou a mão do homem.

– Garrett McCray. Prazer em conhecê-lo.

– Dovie me pediu que mostrasse a região ao senhor – explicou Whit.

– Seria ótimo.

Qualquer coisa para fugir de Odell e seus amigos casamenteiros.

Garrett se virou para eles:

– Foi um prazer conhecê-los, senhores.

– Whit, entregue isto a Heath – pediu Odell. – Chegou no correio da manhã. – Ele entregou ao xerife um pequeno pacote embrulhado com papel pardo. – E cuide muito bem do nosso hóspede.

O xerife pareceu confuso com o segundo pedido, mas respondeu:

– Certamente, Odell.

Do lado de fora, Lambert perguntou:

– O que foi aquilo?

– O senhor não quer saber – disse Garrett. – Aonde iremos primeiro?

– Vamos levar isto para Heath Leary lá no bar.

Antes de voltar para casa, Spring foi até o Irish Rose, o bar da cidade. Ela tinha encomendado ao dono, o irlandês Heath Leary, uma garrafa de uísque de um importador de Denver e queria ver se já tinha chegado. Diferente da Spring rebelde de antigamente, a atual raramente ia a um bar. Se quisesse beber, preferia fazer isso à noite, em casa, sozinha.

Assim que entrou no estabelecimento, Spring analisou o interior quase vazio, notando alguns homens sentados aqui e ali. Um pequeno grupo ocupava um canto mais distante. Baxter, o pianista idoso, vestido com o usual terno preto puído, estava caído em cima do piano, dormindo. Ela andou até o balcão onde Leary estava empilhando copos. Com o cabelo e os olhos escuros, ele era, sem dúvida, um dos homens mais bonitos do Território. E também era perdidamente apaixonado por Dovie Denby, que se recusava a lhe dar atenção.

– Como vai, Spring?

– Estou bem. Meu uísque chegou?

– Ainda não. Mas deve chegar a qualquer momento.

Um homem gritou do outro lado do bar:

– Veja se não é a boca mais rodada do Território. Como vai, Spring?

Ela congelou. Não ouvia a voz presunçosa de Matt Ketchum há anos, mas o ódio a dominou como se tivesse sido há apenas um dia.

Os olhos de Leary foram até o homem e depois voltaram para o rosto tenso de Spring. Ela percebeu a preocupação dele. Ignorando Ketchum, disse ao dono do bar:

–Volto daqui a alguns dias.

– Não tente me ignorar, sua vadiazinha – gritou Ketchum.

Ele tinha conseguido atrair a atenção de todo mundo. O som da cadeira arrastando enquanto ele se levantava se sobressaiu no silêncio.

Spring se virou para olhá-lo porque não tinha medo. Não mais.

– Ninguém consegue ignorar seu fedor, Matt. É provável que dê para sentir em Laramie.

O homem sentado com ele se virou para dar uma boa olhada nela.

Pela visão periférica, Spring viu Whit Lambert entrando no bar com McCray. *Que maravilha*.

– Rapazes, ela não reclamou do meu cheiro quando estava ajoelhada me chupando – vangloriou-se Matt em voz alta.

– Reclamei, sim – rebateu ela, friamente. – E já chupei palhas mais grossas que isso que você tem entre as pernas.

Algumas gargalhadas soaram no bar.

Com o rosto vermelho, Matt avançou. A visão do revólver Colt empunhado e mirando o rosto dele o fez congelar no meio do caminho. Ela ouviu Whit dizer em advertência:

– Spring.

Ela não tirou os olhos do furioso Ketchum.

– Preciso resolver isso, Whit.

– Se você atirar em mim na frente de todas essas pessoas, será enforcada com certeza – zombou Ketchum.

– E irei contente porque você não estará mais neste mundo. A garota que você gostava de espancar quer você morto há muito tempo.

Spring esperou.

O ódio ardia nos olhos dele. A arma empunhada equilibrava as coisas. Até um homem conhecido por ser um intimidador covarde era esperto o suficiente para saber disso. Ele não avançou. Ela venceu.

– Isso não acabou – prometeu ele.

– Então peça ao Beck para tirar as medidas do seu caixão.

Não querendo mais perder tempo com ele, Spring guardou o revólver e disse a Heath:

– Me avise sobre o uísque.

A caminho da porta, ela olhou rapidamente para o rosto preocupado de McCray. Ele devia estar atônito, mas Spring continuou andando. Do lado de fora, montou em Cheyenne e os dois correram para a casa, antes que os fantasmas do passado a alcançassem.

Ela colocou Cheyenne na baia e estava andando para a cabana quando seu avô apareceu. Spring se perguntou se o dia poderia ficar pior.

– Como posso ajudar, Ben?

Ela entrou, ele a seguiu.

– Odell disse que você hospedou um homem aqui por uns dias.

– Sim. E ele deve ter dito também que o homem está aqui para fazer uma matéria sobre Colt, mas ficou preso por causa da tempestade.

Ela sabia o que ele realmente tinha vindo descobrir.

– E se está se perguntando o que fizemos para nos entreter, nós sassaricamos feito coelhos o tempo todo.

O maxilar dele ficou rígido sob a barba acinzentada.

– Mostre mais respeito.

Ela perguntou em tom de desafio:

– A quem? Você? Era isso que queria saber, não era?

– Odell disse que ele é um bom rapaz.

– Ele é, mas tenho certeza de que você vai achar um jeito de ser rude. Assim como é com Regan.

O irmão de Spring havia proibido Ben de ter qualquer contato com sua família até que o avô conseguisse ser civilizado com a esposa dele.

– Seu irmão nunca deveria ter se casado com ela.

Ela sentiu uma dor de cabeça chegando.

– Vá para casa, Ben. Não estou no clima para discutir com você hoje.

– Só vim para ter certeza de que você está bem.

Era uma mentira, e os dois sabiam.

Ele lhe deu um breve aceno de cabeça e foi embora.

Spring foi preparar um bule de café e, enquanto ele passava, sentou-se no sofá para tentar esquecer aquele dia. A lembrança do encontro com Matt Ketchum ainda a irritava. Depois que Ben a expulsara da casa da família porque Spring se recusara a se casar com o velho escolhido por ele, ela foi ao

pai de Matt, Mitch, pedir trabalho. Ele criava e vendia cavalos e, já que ela amava cavalos e tinha feito serviços ocasionais para ele quando era mais nova, estava disposta a aceitar qualquer trabalho que ele oferecesse para poder comprar comida e ter um lugar para dormir. O preço dele? A inocência dela.

Spring tinha 18 anos e estava desabrigada e desesperada. Seus pais tinham falecido e Colt estava no Leste estudando medicina. Não vendo outra escolha, ela o seguiu até o quarto, e começou a trabalhar no dia seguinte. Os trabalhadores do rancho também se deitaram com ela e Mitch a requisitava sempre que sentia vontade. Ele também permitia que Matt a possuísse e não se importava que o filho usasse os punhos nela como punição para os erros reais ou os imaginários que ele inventava toda vez que bebia muito, o que era frequente.

Spring esfregou as mãos no rosto e foi para a cozinha. O café estava pronto, então serviu um pouco e tomou um gole. O forte amargor da bebida se assemelhava com o que sentia por dentro. Os anos com os Ketchums tinham sido um inferno, e ela mascarara o horror e, sim, a vergonha, brigando, apostando e desfilando bêbada pelas ruas como se fosse a dona do lugar. Quando Colt terminou os estudos e retornou à cidade, o comportamento rebelde dela deu uma canseira nele, além de ter alimentado as fofocas que duravam até hoje.

No entanto, ela tinha guardado dinheiro, e quando juntou o suficiente para comprar a terra que possuía agora, parou de trabalhar para os Ketchums e nunca mais falou com eles. Depois de um mês ou mais, Matt deixou a cidade. O rumor era que ele tinha batido na filha de um deputado estadual e fugira do Território para escapar da ira do homem e da cadeia. Mas Spring não sabia até que ponto isso era verdade. O pai dele, Mitch, morreu em um deslizamento de pedras alguns anos depois. Ela não lamentara.

E agora Matt Ketchum havia retornado. Spring esperava que ele estivesse só de passagem, mas seu instinto dizia que não. Ele iria querer vingança por ter tido sua masculinidade ridicularizada, então ela precisaria ficar atenta. Matt era um covarde e não hesitaria em emboscá-la e atirar nas suas costas.

Com a xícara de café na mão, Spring parou diante da janela na pequena sala de jantar e olhou para fora. O dia ainda estava ensolarado. Geralmente, quando ela precisava espairecer, separava alguns equipamentos, selava-Cheyenne, preparava um cavalo de carga e acampava no sopé das montanhas por uns dias, pois a mudança de cenário parecia ser o bálsamo de que a mente desgastada dela precisava. Mas ainda havia muita neve.

Ela se perguntou o que McCray tinha pensado do confronto. Presumiu que o show que ela dera não era comum onde ele morava. Uma parte dela desejava que ele não tivesse testemunhado aquilo, mas a outra não se importava. Agora ele conhecia mais da verdadeira Spring e do seu passado. O que faria com isso era problema dele. Mas ela sentiria falta do jornalista preparando seu café da manhã no dia seguinte.

Spring perambulou pela cabana durante uma hora e percebeu que estava ficando cada vez mais nervosa, então preparou uma muda de roupas, selou Cheyenne de novo e cavalgou até a casa do irmão. Talvez, se ficasse lá até Colt voltar, Regan poderia dormir quando o bebê dormisse e, com isso, ter um descanso merecido. No momento, isso era quase impossível, porque Anna precisava de cuidados também. Spring se recusava a admitir quanto sua casa parecia vazia e o porquê disso. Sua cunhada precisava de ajuda, então foi nisso que ela se concentrou.

– O Sr. McCray se acomodou na pensão da Dovie? – perguntou Regan enquanto levava Spring para a sala de estar.

Colt Fontaine estava dormindo.

– Sim.

– Você está indo para casa?

– Não. Vim ficar aqui.

Regan pareceu confusa.

– Vi como você parece cansada, então pensei em vir fazer companhia a Anna, ajudar em algumas tarefas de casa e talvez preparar algumas refeições para que você possa descansar.

Regan a encarou e começou a chorar.

– Obrigada.

Spring foi até o sofá, pôs um braço em volta dos ombros da cunhada e a

confortou.

– Se eu soubesse que você iria começar a chorar, teria ficado em casa.

Regan enxugou os olhos e riu, antes de dizer, séria:

– Não sabia que essa coisa de bebê ia ser tão difícil. Sinto como se não dormisse há cem anos, e a coitadinha da Anna tem sido um amor, mas passo o tempo todo com o irmão e acabo deixando-a de lado. Eu... Meu Deus, isso é difícil, Spring.

– É por isso que estou aqui. Depois de descansar, pode voltar a comandar o mundo. Então o que precisa que eu faça primeiro?

– Não consegui assar pão a semana toda. Geralmente, a Anna me ajuda. Você pode fazer isso e deixá-la te ajudar?

– Com certeza. Assim a gente passa um tempo juntas.

– Ótimo. E depois que eu estiver recuperada, você poderá me dizer por que realmente veio.

Spring a encarou.

– Não duvido que tenha vindo para me ajudar, mas também tem outra coisa na sua cabeça.

Spring sorriu.

– Você me conhece bem.

– Conheço. Então, seja lá o que estiver te incomodando, espero que desembuche.

– Sim, senhora. Agora, vá dormir enquanto seu filho faz o mesmo e deixe o resto para mim e Anna.

Regan a beijou no rosto e saiu. Vendo-a se retirar, Spring percebeu como adorava ter Regan Carmichael Lee como irmã. Ela era uma bênção maior do que Spring e o ilustre irmão médico mereciam.

Quando ela e Anna começaram a preparar o pão, uma batida soou na porta da frente. Spring se virou para a sobrinha e disse:

– Deixe-me ver quem é. Já volto.

Ao abrir, deparou com um homem alto cujos olhos azuis pareceram se assustar com a aparência dela. Ele usava um chapéu-coco e um casaco caro que pareciam dizer "sou do Leste". O rosto pálido de meia-idade era enrugado. O cabelo e a barba tinham um tom castanho-claro.

– Posso ajudá-lo? – perguntou ela.

Spring ponderou se a surpresa do homem era por causa da cor dela. Não existiam muitas pessoas pretas no Território.

Ele se recompôs.

– Eu... espero que sim. Meus companheiros e eu nos perdemos.

Na estrada, havia uma carruagem grande e luxuosa. A capota abaixada mostrava um homem, vestido igual àquele na porta, segurando as rédeas. Atrás dele, estava sentada uma jovem com um chapéu azul-marinho extravagante. O casaco, da mesma cor, era forrado com pele preta.

– Para onde estão indo?

– Paradise.

– Estão no caminho certo. O senhor verá uma bifurcação a mais ou menos um quilômetro. Pegue a estrada da esquerda, que vai levá-lo direto para a cidade.

– Obrigado.

Ele a olhou de cima a baixo. O brilho especulativo nos olhos dele deu a impressão de que ele gostava do que via.

– Posso fazer uma pergunta? – disse ele.

– Sim.

– Há muitos do seu tipo aqui?

– Meu tipo? Quer dizer mulheres?

Ele riu.

– Não. Eu... eu quis dizer pessoas pretas.

– A resposta vai alterar o motivo pelo qual estão indo para Paradise?

O tom sério dela pareceu detê-lo.

– Bem, não. Eu só... a senhorita é uma mulher muito impressionante, e estava me perguntando se a senhorita recebe...

– Não esqueça de pegar a estrada da esquerda.

Os lábios dele se estreitaram e o brilho em seus olhos foi substituído por algo que poderia ser raiva ou constrangimento.

– Obrigado, senhorita.

Ele saiu da varanda. Spring fechou a porta e voltou para a cozinha.

CAPÍTULO 5

Andar por toda Paradise com o xerife não levou muito tempo, mas se provou útil para conhecer alguns dos outros habitantes. Depois do bar, a primeira parada tinha sido na mercearia do Miller. Garrett ficara surpreso com o interior do estabelecimento, como era espaçoso e bem abastecido. Ele tinha avistado desde implementos agrícolas e roupas para crianças até jornais do Leste e algumas máquinas de costura Singer. Foi apresentado aos Millers, um casal de meia-idade. A esposa grisalha, Lacy, tinha um brilho nos olhos azuis. O marido, Chauncey, com óculos de armação preta, era reservado e o fitou com suspeita.

Depois, Garrett e o xerife andaram até o único banco da cidade, pertencente ao marido de Glenda Cale, Arnold, que parecia muitos anos mais velho do que a esposa. Cale tinha se gabado dos grandes depósitos do banco e dissera a Garrett:

– Que pena que o senhor não vai ficar. Eu teria alguns investimentos certeiros para sua apreciação.

A parada final foi na funerária, onde ele apertara a mão fria do dono, Lyman Beck. E, esse tempo todo, os pensamentos dele continuavam dominados pelo que testemunhara no bar.

– Quem era o homem com quem Spring estava discutindo? – perguntou ao xerife assim que eles terminaram de almoçar na pequena sala de jantar de Dovie.

– Aquele é Matt Ketchum. Spring trabalhou para o pai dele, Mitch, quando era mais nova.

– Como cozinheira ou empregada na casa?

– Não, como ajudante da fazenda e única mulher no lugar.

Garrett parou de tomar o café e o analisou.

– Sério?

– Sim. Ela era bem rebelde na época. Eu a prendia frequentemente por distúrbio da paz, embriaguez pública e furto. Colt e eu tínhamos medo de achá-la morta por aí.

Os lábios de Garrett ficaram tensos em reação à descrição de Lambert e ao tom preocupado.

– Mas assim que ela conseguiu a própria casa, sossegou – continuou o xerife. – Tão sossegada quanto Spring poderia ficar.

– Você acha que Ketchum vai fazer mal a ela?

– Ele pode tentar, mas terá muita dificuldade e sabe disso. Não tem mais o pai para amenizar as coisas. O homem é um covarde. Sempre foi.

Isso, de algum jeito, fez Garrett se sentir melhor. Ele ainda estava tentando conciliar a Spring que conhecera há alguns dias com aquela que Whit tinha detido de maneira regular. Verdade seja dita, ela havia admitido ser frequentadora de bares. Nunca lhe ocorreu que também tivesse tido problemas com a lei.

– Algumas pessoas ainda a julgam pelo passado, outras não. Mas todo mundo culpa Ben Lee por ter feito a vida dela sair dos trilhos. Ben e Mitch Ketchum: ambos mereciam ser chicoteados pelos papéis que desempenharam.

Garrett queria conhecer a história completa, mas não se via questionando Spring sobre o que deve ter sido uma época difícil da vida dela. Ele não podia alegar que a respeitava em um minuto e, no outro, virar-se e perguntar de modo casual: "Ah, falando nisso, soube que chamavam a senhorita de vadia e que foi presa por embriaguez. Pode compartilhar os detalhes comigo?" Se ela atirasse nele, seria merecido.

Whit bebeu o resto do café e se levantou.

– Tenho que voltar para o escritório. Se precisar de alguma coisa, sabe onde me encontrar.

O policial alto foi embora, e os pensamentos de Garrett voltaram para Spring. Ter entrado no bar a tempo de ouvir Ketchum se gabando de ter Spring de joelhos havia sido chocante. A réplica fulminante dela

mencionando algo que ele nunca tinha escutado outra mulher dizer ainda o deixava perplexo. Em vez de julgá-la, como alguns fariam, Garrett considerou a vida que ela teve. Deve ter sido desafiador ser a única mulher do lugar. Sem dúvida, teve que renunciar ao que a sociedade via como um comportamento feminino adequado para que pudesse se impor. Ela deve ter precisado ser fisicamente forte, desenvolvido uma casca grossa e uma sagacidade ágil para se virar sozinha.

Spring tinha contado que o avô a expulsara quando ela tinha 18 anos. Será que trabalhar para Ketchum fora a única opção? Ela deve ter pensado assim, e Garrett podia imaginar quanto foi difícil tomar essa decisão. Quando Matt Ketchum avançou na direção dela, o primeiro instinto de Garrett tinha sido pular na frente deles para protegê-la. Ele sentiu que o xerife pensou o mesmo, mas nenhum dos dois teve chance de intervir. Spring não precisava de proteção.

Assisti-la enfrentar Ketchum de maneira tão destemida o fez querer aplaudir. Nunca tinha visto uma mulher irradiar uma intenção com tanta frieza e duvidava que fosse ver de novo. O fato de Ketchum já ter batido nela o deixava furioso. Será que ela havia sido forçada a servi-lo? E por isso o queria morto? Era uma pergunta perturbadora. Uma que ele não sabia responder e, com a partida dele em vista, era provável que nunca viesse a descobrir.

Mais tarde naquela noite, depois que Anna foi para a cama e Regan colocou o bebê para dormir, Spring se sentou com a cunhada na sala de estar. A temperatura tinha caído lá fora, então elas produziram um fogo de tamanho adequado na lareira.

– Obrigada de novo por ter vindo me ajudar hoje – disse Regan, com a voz baixa e ainda cansada.

– De nada.

– Então, além de ser uma boa irmã, que outra razão a trouxe aqui?

Spring se recordou do confronto no bar.

– Tive uma briga com Ketchum mais cedo.

Confusa, Regan se endireitou.

– O Ketchum sobre quem você me contou ano passado? O que era seu patrão? Achei que ele tivesse morrido em um deslizamento.

– Mitch Ketchum morreu. Estou falando do filho dele, Matt.

– O que aconteceu?

Spring relatou o incidente.

– Ele disse isso a você? – perguntou Regan, com raiva. – E você não atirou no traseiro do desgraçado?

Um breve sorriso surgiu no rosto de Spring. Ela amava sua cunhada impetuosa. Regan começou a falar em espanhol, como sempre fazia quando as emoções afloravam. Passado um ano que Regan havia entrado para a família, Spring tinha aprendido a distinguir alguns insultos, mas eram poucos.

– Ele ainda está vivo. Por enquanto.

Mais palavras espanholas raivosas foram ditas antes que Regan se acalmasse o suficiente para perguntar:

– Algum dos homens te ajudou?

Spring balançou a cabeça.

– Meu revólver ajudou. Mas...

– Mas o quê?

– Whit entrou bem na hora, com McCray.

– E?

Spring deu de ombros.

– Acho que eu não queria que McCray tivesse presenciado e ouvido tudo. Só isso.

Ela encarou Regan.

Regan analisou Spring por um momento longo e silencioso antes de perguntar em um tom de espanto:

– Você sente alguma coisa por esse homem, Spring Rain Lee?

– Não importa. Ele vai voltar para casa em breve.

– Você não respondeu.

– Eu não sei. Tudo isso é novo para mim, Regan. – E então admitiu: –

Talvez seja só luxúria.

– Não tem nada de errado com luxúria. Pergunte ao seu irmão.

Spring levantou a mão.

– Pare. Não quero pensar em nada que envolva meu irmão e a palavra luxúria.

– Nem ele, no começo.

Regan riu e, incapaz de se segurar, Spring a acompanhou.

– O pobre do Colt deve estar lá em Rock Springs se perguntando por que suas orelhas começaram a queimar.

– Provavelmente.

Depois das risadas, Spring disse, com sinceridade:

– A última coisa de que preciso na minha vida é um homem bagunçando as coisas.

– Como você disse, ele não ficará tempo suficiente para fazer isso.

– Mas tem algo nele que me faz querer conhecê-lo mais.

– Então use o tempo em que ele estiver aqui para fazer isso. E, se você acabar na cama com ele, isso é problema de vocês e de mais ninguém. Só garanta que não vai correr riscos. Sei que não quer filhos.

– Vou me proteger, com certeza.

Regan estendeu os braços e segurou as mãos de Spring.

– Sei que não está buscando minha aprovação, mas sou totalmente a favor de qualquer mulher agarrar a felicidade onde quer que a encontre. Ainda mais se essa mulher é minha irmã. E se for luxúria, qual é o problema?

– Por favor, não mencione meu irmão de novo.

Elas riram mais uma vez.

– Não vou prometer. McCray é bem bonito.

– Assim como Matt Ketchum, mas tem algo mais que me atrai no McCray além da aparência, e não consigo descobrir o que é. Ele pode ser irritante. Faz muitas perguntas e só se senta à mesa depois que eu já me sentei. Não preciso que um homem me trate assim.

– Se ele quer fazer isso, deixe-o fazer. Que diferença faz?

– Ele quer abrir portas para mim. Eu domo cavalos. Posso abrir uma porta sozinha.

– Não é uma questão de ter força, Spring.

– Foi o que ele disse.

– Ousando mencionar seu irmão de novo... Ele me trata como uma flor delicada às vezes, e isso me irrita bastante. Conversei com minha tia Eddy sobre isso quando ela veio nos visitar, e ela perguntou se Colt me fazia feliz. Eu disse que sim. Ela sugeriu, então, que eu o deixasse fazer as coisas que o faziam feliz. A não ser que ele agisse como se eu não fosse inteligente o bastante para atravessar a estrada sozinha.

– Então eu deveria deixá-lo abrir portas para mim?

– Sei muito bem que não devo tentar te dizer o que fazer, porque somos muito parecidas nesse sentido. Só estou querendo que leve algumas coisas em consideração.

– Tudo bem. Isso é justo, acho.

No entanto, Spring continuou contrária às demonstrações dele de cavalheirismo porque, no final das contas, não importava quem abria a maldita porta.

Naquela noite, deitada na cama do quarto de hóspedes de Colt e Regan, ela refletiu sobre ter admitido sua atração por McCray. Não gostava de ter sentimentos que não entendia. Evitá-lo até que fosse embora da cidade poderia ser um modo de resolver o problema, mas e se isso só a deixasse ansiosa?

Outro jeito de resolver seria convidá-lo para sua cama e deixar a natureza seguir o fluxo. Na mente dela, uma brincadeirinha rápida era tudo de que precisava. Se ele fosse parecido com os outros homens que tinham brincado em sua cama no passado, seria mesmo rápido. Nenhum tinha levado mais do que três, quatro estocadas antes de vestir a calça e ir embora. Ela nunca se importara com a rapidez quando precisava se satisfazer. Sexo era para aplacar a luxúria ou fazer filhos. Não era para levar o dia todo.

No entanto, McCray era um cavalheiro. Será que ficaria chocado com o convite dela? Spring ainda não tinha conhecido um homem que recusasse voluntariamente uma oferta como essa, ainda mais sem compromisso. Então era provável que ele não recusasse também, cavalheiro ou não. Decidida a

fazer o convite para se livrar da atração perturbadora de uma vez por todas, Spring se virou para o lado e caiu no sono.

Na manhã seguinte, Garrett tomava o café da manhã na sala de jantar quando Odell entrou e se aproximou com um sorriso.

– Bom dia, McCray.

– Bom dia, Odell. Alguma resposta ao meu telegrama?

– Ainda não. Queria perguntar uma coisa ao senhor.

– Certo. Sente-se.

– Obrigado. Está ocupado esta manhã?

Garrett se perguntou aonde aquela conversa o levaria, mas respondeu com sinceridade:

– Eu ia trabalhar nas minhas anotações e nada mais. Em que posso ajudá-lo?

– Porter talvez precise de uma mãozinha. Sabe alguma coisa sobre serrarias?

– Além de ir até uma para buscar a madeira que eu e meu tio encomendamos, não. De que tipo de ajuda ele precisa?

– Pôr o negócio para funcionar, porque ele não consegue fazer muita coisa com a perna engessada.

– E os funcionários dele?

– Sempre vão embora quando ele fecha para o inverno. Estão para retornar em uma ou duas semanas. Já reuni um pequeno grupo de voluntários, e achei que você, sendo carpinteiro, talvez soubesse alguma coisa sobre o funcionamento de uma serraria com moinho ou pudesse ajudar com alguns reparos.

Garrett refletiu sobre isso. Ele queria mesmo entrevistar o Sr. James, e esse poderia ser um jeito de conseguir.

– Não sei se eu seria uma ajuda ou um estorvo, mas estou disposto a tentar.

Com o Dr. Lee ainda fora e Spring afastada, o tempo dele estava livre.

– Quando ele quer que eu comece? Ele está no posto telegráfico?

– Está. Então venha quando o senhor acabar o café da manhã. Vou juntar o resto dos voluntários, e nos encontramos na serraria. Obrigado – disse ele, levantando-se.

Depois que acabou de comer, Garrett caminhou até o posto telegráfico. Ao entrar, Porter James o cumprimentou com a cabeça.

– Agradeço sua ajuda. Está pronto?

– Estou.

Apoiado em uma bengala, James se levantou e andou até o lado de fora, onde uma carroça aguardava. Garrett ia perguntar se ele precisava de ajuda, mas esperou e observou enquanto o velho se movia lentamente, mas sem problemas, até o assento e pegava as rédeas. Impressionado, o jornalista subiu a bordo e eles partiram.

Dirigiram-se para o norte e logo estavam acompanhando um rio. Garrett não tinha visto aquela área antes, mas, assim como no resto da região, a terra estava tomada de pinheiros altos, canto de pássaros e flores silvestres brilhantes e coloridas. À distância, as montanhas cobertas de neve surgiam majestosamente. O campo parecia ficar mais bonito a cada dia.

– Há quanto tempo mora aqui, Sr. James? – perguntou Garrett.

– Há muito tempo – respondeu ele. – Era jovem quando cheguei. Talvez 15, 16 anos. Eu era escravizado por um pastor metodista da Geórgia. Ele e a esposa vieram para o Oeste para "salvar as almas dos selvagens".

Garrett ouviu o sarcasmo na voz dele.

– Mas, no final do primeiro inverno, o pastor morreu de uma febre. A esposa o enterrou, libertou-me e pegou o trem para a casa da família.

– E você mora aqui desde então?

– Sim. Trabalhei com armadilhas por um tempo, aprendi a construir cabanas com um amigo de Odell e Ben Lee, e então entrei no ramo de madeira porque tinha demanda.

– Tem família?

A pergunta fez o velho sorrir com ternura.

– Publiquei um anúncio à procura de uma noiva. Uma mulher linda e doce, de pele marrom, chamada Molly respondeu. Eu a amei como o brilho

do sol de verão. Fomos casados durante cinco anos antes de ela morrer no parto dos nossos gêmeos, uma menina e um menino.

– Meus pêsames.

– Obrigado. Publiquei um anúncio para outra noiva. Ela era bonita, como minha Molly, mas por dentro era tão feia quanto um demônio. Voltei para a casa da serraria uma noite e encontrei um machucado do tamanho do meu punho no rosto do meu filho. Ela disse que o tinha punido por não comer o jantar.

Garrett estava pasmo.

– Quantos anos ele tinha?

– Três. Ela não gostava dos gêmeos. Queria que eu os mandasse embora para que pudéssemos criar filhos que fossem dela. No dia seguinte, eu a levei até a estação de trem, comprei um bilhete e a deixei lá. Não sei para onde foi. Não me importo.

– Lamento muito por isso.

– Não lamentei por ela ter ido embora, nem meus gêmeos.

Na margem do outro lado, Garrett avistou um veado bebendo água do rio, mas o animal aparentava ser mais forte e robusto do que aqueles que viviam onde ele morava.

– São cervos-canadenses – explicou o Sr. James. – No outono, os chifres deles crescem de 90 a 120 centímetros. Eles os usam para brigar pelas fêmeas. Dá para ouvi-los se batendo a quilômetros de distância.

Garrett achou isso fascinante.

– Este lugar é realmente bonito.

– Concordo. É um dos motivos de eu ter ficado. Os invernos não são tão divertidos, mas quando chega a primavera você esquece o frio que passou.

– Como é morar aqui sendo um homem preto?

– Nunca tive muitos problemas. Você se depara com preconceito de vez em quando, como em qualquer outro lugar, mas o povo daqui geralmente está muito ocupado sobrevivendo para se importar com a sua cor.

– Sua família mora por perto?

– Minha filha está em Denver. É casada e tem três meninos. Perdemos o

irmão dela há dez anos. Ele estava colocando os trilhos para a ferrovia e foi esmagado por uma carga de aço que caiu.

– Sinto muito.

Eles chegaram à serraria com moinho pouco tempo depois. O prédio, parecido com um celeiro, feito de madeira acinzentada pelo clima e pelos anos, ficava na margem do rio. Era movido por água, como muitos moinhos antigos. Havia alguns homens em carroças e cavalos esperando ali perto.

Eles começaram a trabalhar limpando as correias transportadoras, verificando rupturas na pesada corrente de aço e consertando as muitas vigas e plataformas internas. Garrett passou o tempo pregando novos suportes de madeira para algumas das serras e adicionando novas tábuas ao cais por onde as árvores cortadas entravam. Dez homens tinham sido recrutados, todos desconhecidos para ele exceto por Odell, Moss Denby e o dono do bar, Heath Leary. Os homens que ele não conhecia foram pouco amistosos no começo, mas, até o momento em que eles pararam para comer os sanduíches enviados para a serraria por Denby, Garrett já estava incluído nas risadas, nas piadas e nas assistências que davam uns aos outros.

Depois do almoço, chegou um homem grande usando um casaco de búfalo. Enquanto ele descia da carroça e se aproximava, Garrett sentiu a atmosfera mudar de relaxada e tranquila para uma cautela reservada.

Moss Denby, que trabalhava ao lado de Garrett no cais, olhou na direção do homem e disse:

– Aquele é Ben Lee.

Surpreso, Garrett analisou o avô de Spring: o porte, o cabelo e a barba grisalhos e desgrenhados e a presença imponente. O que Garrett sabia sobre o homem cabia na cabeça de um alfinete e ele queria saber mais, não só para o artigo do jornal, mas também por causa das razões por trás da desavença com a neta. A vontade de se aproximar e se apresentar era grande. Mas ele se conteve. Achou melhor esperar e observar.

Odell resolveu o dilema trazendo Ben Lee para conhecer Garrett. Depois que as apresentações foram feitas, o jornalista disse:

– Prazer em conhecê-lo, senhor.

Com olhos afiados de reprovação, o dominante Lee o analisou em

silêncio.

Garrett continuou:

– Gostaria de entrevistar o senhor para minha matéria, se possível.

– Não tenho nada a dizer.

E saiu andando.

Odell observou o homem se afastar, balançando a cabeça.

– Desculpe.

– Você não tem por que se desculpar.

– Ele pode ser rude como um urso que acabou de sair da hibernação.

Odell suspirou e deixou Garrett trabalhar.

No final do dia, exausto, Garrett voltou para a cidade com Odell. Ele estava satisfeito por ter contribuído para a tarefa e contente por ter conhecido mais algumas pessoas. Mas Ben Lee ainda pairava em seus pensamentos.

– O Sr. Lee é sempre tão animado?

Odell riu.

– Do jeito que ele age, parece que foi criado por carcajus. Me desculpe de novo pela grosseria.

– É por causa dessa grosseria que Spring fala tão mal dele?

– Também. Ela contou o que aconteceu entre eles?

– Só que ela se recusou a se casar com o homem escolhido por ele.

– Não posso culpá-la. Ben queria despachá-la porque estava cansado de cuidar dela.

– Como assim?

– O pai de Spring, Lewis, morreu durante a guerra. A esposa, Isabelle, juntou-se a ele alguns anos depois da Rendição. Ben era a única família que tinha restado para as crianças. Depois que Colt foi embora para Howard, Ben estava farto de cuidar deles e decidiu casar Spring para que ele pudesse voltar para a montanha, mas ela não quis seguir esse plano.

– Você conhecia o homem?

– Sim. Cyrus Russel. Era tão velho quanto Ben e, na época, francamente, só estava procurando uma jovem para aquecer sua cama.

Garrett pensou na irmã, Melody. Ainda que eles fossem filhos de pais

diferentes, o pai do jornalista, Hiram, a amava e, mesmo que tentasse arranjar um casamento para ela há anos, nunca a empurraria para um homem ruim.

– Ben não entendia o lado de Spring?

– Não. Ele estava com a decisão tomada. Recusou-se a deixá-la viver sozinha na casa. Disse que não era adequado. Ela pediu para ir para o Leste para ficar com Colt. Ele disse que não tinha dinheiro, o que era mentira, óbvio. No final, ele ordenou que ela se casasse com Russel ou fosse embora, então ela foi.

Garrett não podia imaginar quanto ela deve ter ficado magoada.

Odell continuou:

– Ela ficou comigo por um período. Ofereci um lar pelo tempo que quisesse, mas a garota era muito orgulhosa. Só soube que ela tinha aceitado trabalhar com Ketchum no dia seguinte ao acordo. Fiquei furioso com Ben. Eu e ele permanecemos brigados por meses. E ele teve a coragem de ficar com raiva quando ela se rebelou.

– E Spring ainda está com raiva.

– E magoada. Ela saiu da casa em que tinha nascido só com as roupas do corpo. Eu amava Ben como um irmão. Ainda amo. Mas nunca vou perdoá-lo pelo que fez com a minha afilhada. Nunca.

Garrett agora tinha mais peças do quebra-cabeça de Spring e achou que a entedia um pouco melhor. Admitia que não gostava de Ben Lee. O velho era a razão de ela ser chamada publicamente de vadia por um traste como Matt Ketchum.

Quando chegaram à cidade, Odell parou a carroça na frente da pensão.

– Obrigado pela ajuda – disse Odell.

– De nada. – Ele já tinha concordado em se juntar ao grupo de novo no dia seguinte. – Vejo você amanhã de manhã.

– Se tiver chegado um telegrama da sua família, trarei para você.

Garrett acenou com a cabeça e entrou.

Ben Lee não apareceu na serraria no dia seguinte, e o jornalista não se importou. Com o relato feito por Odell, Garrett não ligava se os caminhos deles nunca mais se cruzassem. Ao final do dia de trabalho, o Sr. James

agradeceu todo mundo e anunciou que tinha planos de viajar até Denver para o batizado do neto. O trabalho continuaria quando ele voltasse.

Naquela noite, Garrett recebeu um telegrama do pai dizendo que a família estava contente por ele ter chegado em segurança e que estava tudo bem em casa. Sorrindo, foi para a cama e dormiu tranquilo.

CAPÍTULO 6

Depois do almoço no dia seguinte, Dovie foi até o quarto de Garrett para avisá-lo que o Dr. Lee o esperava na saleta. Eufórico, Garrett pegou o diário e a caneta e correu para encontrar o homem pelo qual tinha atravessado o país. Vestido com um terno preto surrado, Colton Lee era muito mais alto que a irmã, mas os dois tinham o mesmo tom de pele, a mesma magreza e os mesmos traços.

– Sou Garrett McCray – disse ele, estendendo a mão.

– Colton Lee. Desculpe por não estar aqui quando o senhor chegou.

– Não foi nada. Cuidar dos seus pacientes era mais importante. Podemos nos sentar aqui ou o senhor ficaria mais confortável no seu consultório?

– Prefiro no consultório, só para o caso de eu ser solicitado.

Garrett compreendia.

– Deixe-me pegar o casaco.

Graças ao aumento da temperatura nas últimas 48 horas, a maior parte da neve acumulada com a tempestade era só uma lembrança. O sol brilhava e o ar estava morno. Garrett não era nenhum especialista no clima do Território, mas parecia que a primavera tinha chegado.

Enquanto entravam no consultório, Garrett olhou em volta, observando a mesa, a cadeira e a porta, que ele presumiu levar a uma sala de exames.

– Sente-se – convidou Lee. – Soube que o senhor foi resgatado da tempestade pela minha irmã.

– Sim, ela me abrigou.

– Ela disse que o senhor machucou o joelho. Precisa que eu dê uma olhada?

– Não, ainda está um pouco dolorido, mas só isso. Ela me encorajou a não

forçá-lo, e segui seu conselho.

– Ela sabe como fazer alguém obedecê-la.

Garrett assentiu.

– Sim, ela sabe.

Garrett não a via desde o incidente no bar e se perguntou como ela estava. Duvidava que Spring sentisse falta dele, mas gostava de pensar que sim.

Ele e o médico passaram a hora seguinte conversando sobre tudo: desde a infância de Colton no Território até os estudos na Faculdade de Medicina Howard com o Dr. Alexander T. Augusta, o famoso cirurgião preto da Guerra Civil.

Tirando os olhos das anotações, Garrett perguntou:

– Por que não praticar medicina no Leste?

– Provavelmente seria mais lucrativo, mas aqui tem poucos médicos e as pessoas precisam de mim. Além disso, eu sentiria saudade das montanhas.

– Elas são bem inspiradoras.

A atração pelas montanhas e pelas florestas parecia crescer nele a cada alvorecer.

– E estar aqui me trouxe Regan depois da morte da minha primeira esposa. A vida da minha filha Anna e a minha seriam infinitamente menos felizes sem ela.

– Parabéns pelo seu filho.

– Obrigado.

Garrett queria perguntar se ele fora informado das ameaças de Ketchum a Spring, mas achou que não cabia a ele. Pelo que sabia, Lee e o xerife eram bons amigos. Lambert contaria sobre o confronto, se é que já não tinha contado.

A porta do consultório se abriu e o banqueiro Arnold Cale entrou. Baixo e gordo, ele parecia se achar o maior peixe do Paradise, mesmo que o lago não passasse de uma poça para os padrões do Leste.

– Boa tarde, Arnold – cumprimentou Lee. – O que posso fazer por você?

– Minha esposa vai dar um jantar e quer convidar o Sr. McCray, junto com você, Regan e Spring.

– Quando?

– Amanhã à noite, se possível. – Ele olhou para Garrett. – Está disponível, Sr. McCray?

– Sim. E agradeça a ela por mim, por favor.

Era um convite de última hora, mas ele não tinha nada planejado. E o fato de talvez ver Spring de novo também influenciou sua resposta imediata.

– E o Dr. Lee?

– Terei que ver o que Regan acha. Diga a Glenda que confirmarei assim que possível.

– Minha esposa disse que ela pode levar Anna e o bebê se precisar.

– Não acho que um jantar de adultos seja lugar para nossos filhos, mas a oferta é muito gentil, e vou repassá-la. Obrigado pelo convite.

Garrett esperava que Cale fosse embora depois disso, mas ele não foi.

Lee perguntou, curioso:

– Tem algo mais em que eu possa ajudar, Arnold?

Ele se empertigou, altivo.

– O conselho da cidade quer saber se o Sr. McCray pretende nos entrevistar também para a matéria do jornal. Miller e eu achamos que seus leitores podem querer saber mais sobre nossa cidade e algumas das outras pessoas que vivem aqui.

Garrett sentiu que Cale estava falando de si mesmo, na verdade.

– Tenho interesse em conversar com o conselho. O jornal tem um espaço limitado, então não posso prometer que tudo que falarmos estará no texto final. Mas me avise quando for um bom momento para todo mundo.

Ele sorriu.

– Podemos nos encontrar esta noite na Dovie? Por volta das sete horas?

– Claro. Não vejo por que não.

– Ótimo. Estaremos lá. Vou deixá-los sozinhos agora.

Depois que ele foi embora, Lee disse:

– Vamos torcer para que ele e Miller não acabem lutando para ver quem fala mais.

– Eles são competitivos?

– Sim, e passam muito tempo tentando superar um ao outro.

– Como assim?

– Ano passado, no Quatro de Julho, competiram um com o outro no tamanho da bandeira estadunidense que exibiram em seus respectivos estabelecimentos.

– Quem ganhou?

– Arnold. Os dois tinham bandeiras tão grandes quanto o Território, mas o banqueiro colocou duas. Miller ficou furioso por semanas.

Conforme a conversa prosseguia, Lee também tinha perguntas que desejava fazer a Garrett, como qual era o ganha-pão dele, como era a vida no Leste para pessoas pretas e os planos futuros para o jornal.

– Sou carpinteiro de profissão e, francamente, o jornal do meu pai não é muito bem-sucedido. Ele está determinado a mantê-lo, mas jornais noturnos podem ser difíceis de sustentar.

Garrett viu a confusão no rosto de Lee e explicou, como tinha feito com Spring.

– Jornais noturnos funcionam depois que o editor chega do trabalho diurno.

Lee assentiu, compreendendo.

– Qual é a profissão do seu pai?

– Ele é porteiro em um dos hotéis para brancos. Não conseguiu tirar folga para vir aqui, então me enviou em seu lugar.

– Essas posições são prestigiosas para homens como nós.

– Verdade. Ele foi cocheiro durante a escravidão, então sabe como se comportar, mesmo que os convidados às vezes esqueçam que somos livres agora.

O pai dele frequentemente se enfurecia com os incidentes mais preconceituosos, como quando alguém o insultava por não ter aberto a porta rápido o suficiente ou o acusava de cobiçar sua esposa. Mas, como Lee havia observado, era uma posição de prestígio, e o pagamento garantia uma vida confortável aos pais dele, se comparada com a vida daqueles forçados a viver precariamente catando sucatas ou limpando estrume de cavalo nas ruas.

Lee disse:

– Quando eu estava em Washington, os trabalhos mais cobiçados eram

posições de baixo nível oferecidas pelo governo em lugares como o correio.

– Isso ainda existe, mas a maioria das pessoas não tem as conexões políticas necessárias com o Partido Republicano para conseguir algo assim.

Eles conversaram por mais algum tempo, e, quando acabaram, Garrett estava satisfeito.

– Acho que tenho tudo de que preciso por ora – disse ele, fechando o diário. – Seria possível acompanhar o senhor em algumas de suas visitas aos pacientes? Eu respeitarei a privacidade deles e não vou atrapalhar.

– Não. Me desculpe. Mas posso deixar o senhor comparecer às visitas que faço aos pacientes animais.

– Pacientes animais?

– Sim. Não temos veterinário por aqui, então faço o que posso para ajudar com os animais de criação e os de estimação que ficam doentes.

Garrett achou isso fascinante.

– Os leitores do meu pai ficariam interessados nesse lado da sua atuação médica.

Ele com certeza estava.

– Então, se ainda estiver na cidade quando eu for chamado, será bem-vindo para me acompanhar.

O jornalista se levantou e apertou as mãos do médico.

– Obrigado, Dr. Lee.

– Obrigado ao senhor por ter vindo até aqui. Fez eu me sentir um homem importante.

No caminho de volta para a pensão de Dovie, Garrett pensou na entrevista com Colton Lee. O médico era impressionante não só por seus feitos, mas também por não se achar superior a ele, que tinha sido escravizado. Algumas pessoas que haviam nascido livres agiam assim. E, no Leste, essa situação influenciava o modo como você era visto no seu círculo social e também no momento de arrumar um emprego.

Como ex-escravizado e carpinteiro humilde, ele nunca fora convidado para as casas das pessoas que ocupavam os cargos do governo que ele e Lee haviam mencionado. Embora nem todos tivessem a arrogância dos nascidos livres, havia aqueles que tinham. Seu pai era um alpinista social, de certa

forma. Ter sido cocheiro havia lhe dado um status que aqueles que trabalhavam nos campos não possuíam. Na cabeça dele, ser um porteiro oferecia a mesma posição elevada, mas seu passado como homem escravizado às vezes o impedia de fazer parte dos círculos sociais mais altos de que tanto queria participar.

Essa era uma das razões que o fazia pressionar Garrett para se casar com Emily Stanton. O pai dela, Henry, um chef prestigiado no hotel em que trabalhava, era descendente de pessoas nascidas livres desde a Guerra da Independência, então era aceito em lugares exclusivos que seu pai não era. Os dois homens eram velhos amigos, e os Stantons às vezes convidavam os pais de Garrett para jantar. O Sr. Stanton via Garrett como alguém aceitável para se casar com sua filha se ela fosse convencida a isso – e se Garrett voltasse a praticar advocacia.

Garrett amava o pai, mas se recusava a ser um joguete para suas ambições sociais. Fabricar móveis e trabalhar com o tio Quincy construindo casas trazia toda a satisfação de que ele precisava na vida. O peso das ferramentas, o cheiro da madeira e a transformação das peças em algo funcional, e muitas vezes agradável aos olhos, era uma alegria difícil de expressar. Seu tio entendia isso; seu pai, não. Ele respeitava o desejo do pai de ter um filho que defendesse a lei. As pessoas pretas precisavam de mais advogados de sua própria cor, mas não era a vocação dele. Quando escravizado, a pessoa que ele queria ser tinha estado fora do seu alcance. Agora que era livre, era dono da própria vida, das próprias ambições e dos próprios sonhos. Ele não entregaria o controle disso para ninguém.

Conforme o combinado, Arnold Cale e Chauncey Miller chegaram pontualmente às sete horas e se juntaram a Garrett na mesa dos fundos da sala de jantar da pensão.

Enquanto se sentavam, Garrett perguntou:

– Os outros membros do conselho estão a caminho?

– Não – respondeu Cale. – O prefeito Nelson está em Laramie a negócios,

Heath Leary está fazendo um inventário no bar e Beck está cuidando de um funeral, então seremos só nós dois para sua matéria.

Garrett esperava conversar com o grupo todo.

– Não deveríamos adiar a entrevista até que eles estejam disponíveis?

Cale balançou a cabeça.

– Acho que Chauncey e eu podemos proporcionar ao senhor tudo que precisa saber.

O austero Miller olhou Garrett por trás da lente dos óculos e perguntou:

– Muitas pessoas leem seu jornal?

– Temos uma quantidade razoável de leitores. Há muitas opções de jornais em Washington, então várias pessoas assinam mais de um periódico.

Cale pareceu contente com isso.

– E o presidente Cleveland? Acha que ele vai ler sobre nós no seu jornal?

Garrett riu.

– Não posso garantir. Não sei se ele lê jornais de pessoas pretas.

Ambos os homens pareceram perplexos, e Miller indagou:

– O que quer dizer com jornais de pessoas pretas?

– Jornais editados para a população preta.

Eles recuaram como se Garrett fosse contagioso.

– Pessoas pretas têm jornais? – questionou Cale.

O espanto no rosto dele forçou Garrett a segurar a vontade de gargalhar.

– Sim. Há um bom número deles. Na verdade, o primeiro, o *Freedom's Journal*, foi publicado em 1827.

Os olhos de Miller estavam arregalados também.

– E sua matéria sobre nós vai estar em um jornal de pessoas pretas?

– Sim. – Garrett abriu o diário. – Então, me digam. Há quanto tempo estão no conselho?

Cale começou a gaguejar.

– Eu... Eu acabei de lembrar que Glenda precisa que eu faça algo para ela esta noite. Me desculpe. Ela sempre implica comigo por ser tão esquecido.

Ele se levantou tão rápido que derrubou a cadeira no chão.

Miller ficou de pé também.

– Tem uma carga chegando que eu preciso verificar. Não acho que vou ter

tempo livre para conversar com o senhor de novo antes que deixe a cidade.

– Entendo – respondeu Garrett. – Tenham uma boa noite, senhores.

Eles praticamente correram para a saída.

Garrett suspirou, irritado. Embora a reação deles fosse comum, ele ainda achava decepcionante.

Dovie se aproximou.

– Está pronto para comer? O que aconteceu com Arnold e Chauncey?

– Quando descobriram que eu escrevo para um jornal de pessoas pretas, de repente lembraram que tinham que estar em outro lugar.

Ela balançou a cabeça.

– Desculpe-me por terem sido tão rudes. Temos escarradeiras com mais educação.

– Não precisa se desculpar. E, sim, estou pronto para comer. Vou querer costela de porco e arroz, por favor.

– É pra já. Se decidir escrever sobre uma mulher loura e alta se virando sozinha enquanto cria um filho, estou disponível.

– Bom saber.

CAPÍTULO 7

Embora Spring se desse bem com Glenda Cale, a ideia de ter que comparecer a um jantar na casa dela não era algo com o qual concordaria espontaneamente. Então, enquanto Regan ajeitava seu cabelo, ela fervilhava por dentro.

– Pronto – disse Regan, colocando o ferro quente no braseiro pela última vez. – Acabei.

Spring se olhou no espelho e franziu o cenho. Regan ignorou o descontentamento no rosto da cunhada e falou:

– Vista-se. Não vai querer se atrasar.

Pouco depois, andando pela casa usando o elegante vestido bordô ombro a ombro e os sapatos de sola fina que não queria ter colocado, Spring apanhou o xale com raiva e foi procurar a cunhada.

– Você está linda – afirmou Regan. – Mas, por favor, não olhe para os convidados da Glenda desse jeito.

Spring fuzilou Regan com o olhar.

– Me diga de novo por que estou indo a esse jantar.

– Porque eu tenho que ficar em casa com as crianças e Colt está fora atendendo uma emergência. Assim, você, minha querida irmã raivosa, tem que representar a família. Afinal, o Sr. McCray é nosso convidado.

– Não meu.

– Seu também. Você não o resgatou da nevasca?

– Sim, resgatei. Também lhe dei comida, ajudei-o a tirar as botas e lhe dei chá de casca. Minhas obrigações acabaram.

Talvez ela estivesse curiosa para saber como ele estava, mas não era necessário se arrumar toda para descobrir.

– Você vai se divertir.

– Um raio vai cair na sua cabeça.

– Você não disse que queria saber mais sobre ele?

– Eu menti.

Regan riu baixinho.

– Colt preparou minha carroça para você antes de sair.

Spring suspirou.

– Eu a trago de volta pela manhã.

– Obrigada, Spring.

Acenando com desdém, ela saiu.



Ao chegar à varanda dos Cales, Spring se perguntou sarcástica se deveria esperar que um homem abrisse a porta. Lá dentro, a empregada chinesa a cumprimentou com um sorriso e pegou seu xale. Spring lhe agradeceu, respirou fundo para se acalmar e seguiu as vozes até a sala de visitas. Quando entrou, parou por um momento para observar as pessoas no cômodo bem mobiliado, com cortinas de um tom escuro de verde-esmeralda e um grande retrato de Glenda acima da lareira, no qual ela trajava um vestido ombro a ombro da mesma cor da cortina. Os Millers tinham comparecido, assim como a maioria dos fazendeiros importantes, acompanhados das esposas. Ao avistarem Spring, algumas das mulheres viraram as costas deliberadamente.

– Spring – disse Glenda, com carinho. – Bem-vinda. Você está linda.

– Obrigada. Regan e Colt não puderam vir, então estou aqui representando a família.

– Ainda está brava comigo?

– Não. Mas consegui abrir a porta sem uma assistência masculina.

Glenda sorriu.

– Você vai me fazer pagar por isso em breve, não vai?

– Provavelmente.

Spring sondou o pequeno grupo de novo. McCray, vestindo um terno

marrom, estava conversando com o prefeito Randolph Nelson e com Heath Leary. Quando ele levantou a cabeça, seus olhos se encontraram, e ela fez o que pôde para ignorar o coração disparado. Ele sorriu e a cumprimentou com um pequeno aceno de cabeça. Spring retribuiu o gesto e pensou no convite que desejava fazer. O terno dele não era chique como aqueles usados por Arnold e alguns dos homens presentes, mas caía bem no seu corpo esguio e nos ombros largos e lhe dava um ar de sofisticação que ela achou atraente.

– Fique à vontade para se servir no bufê – instruiu Glenda.

Antes que Spring pudesse fazer isso, sua atenção foi atraída para outra pessoa. Segurando a raiva, ela perguntou no tom mais casual que conseguiu:

– O que Matt Ketchum está fazendo aqui?

Pelo olhar vidrado, ele já estava bêbado.

Glenda suspirou.

– Arnold o convidou. Desculpe. Eu soube do incidente no Irish Rose. Arnold espera que Ketchum e seus visitantes de Nova York invistam no banco.

Parado ao lado de Ketchum, estava o homem que lhe pedira informações para chegar à Paradise.

– Ele é um dos visitantes?

Glenda se virou para ver de quem ela falava.

– Sim. A filha, Hazel, chegou com ele, mas preferiu ficar na pensão da Dovie. O jovem com ele é um parceiro de negócios. Esqueci o nome.

Spring pretendia evitar o grupo. Naquele momento, McCray pediu licença a Nelson e estava indo a seu encontro.

– Vou entreter meus convidados. Obrigada por ter vindo, Spring – disse Glenda.

Spring estava concentrada em McCray. Quando ele a alcançou, disse:

– Boa noite, Spring.

– McCray.

– Como vai?

– Bem. E você?

– Bem também. Está muito bonita.

– Obrigada.

O homem que tinha lhe pedido informações olhou na direção dela. Pareceu surpreso com a presença de Spring e a cumprimentou com a cabeça. Ela respondeu com o mesmo gesto e voltou sua atenção para McCray, que olhou para quem ela cumprimentava.

– A senhorita o conhece? – perguntou ele.

– Não. Eu estava na casa de Regan quando ele parou para pedir informações sobre como chegar à cidade. – Focando em McCray de novo, Spring indagou: – Conseguiu informações suficientes do meu irmão para a matéria?

– Consegui. Ele foi bem cooperativo. Achei que fosse estar aqui hoje.

– Ele pretendia vir, mas foi chamado à tarde. Um fazendeiro levou um coice de um dos cavalos na cabeça.

– E como isso foi acontecer?

– Teve algo a ver com uma ferradura e um cachorro mordendo o cavalo... – Ela deu de ombros. – Não sei exatamente os detalhes, mas o homem levou um coice. O filho dele foi chamar Colt.

– Seu irmão é ocupado.

– É, sim.

Uma voz masculina os interrompeu:

– Obrigado pela informação.

Spring suspirou e olhou para os frios olhos azuis do intruso.

– Fico contente em saber que chegou em segurança – disse ela.

– Sou Avery Jarvis.

– Spring Lee.

James olhou para McCray.

– E o senhor?

– Garrett McCray.

– Esta é sua dama, Sr. McCray?

– Não sou a dama de ninguém – respondeu ela, fria. E acrescentou: – Se os senhores me derem licença, vou experimentar o bufê.

À mesa do bufê, ela pegou um prato. Randolph Nelson estava se servindo.

– Está muito bonita, Spring – declarou ele.

– Obrigada – respondeu ela, olhando a variedade à disposição.

– Quero conversar com você sobre adquirir alguns cavalos selvagens.

– Certo. Passe lá em casa quando puder e nós conversaremos.

– Farei isso.

Leary se aproximou em seguida para avisá-la que o uísque ainda não tinha chegado e foi embora. Enquanto se perguntava quem mais precisava falar com ela, Lacy Miller se aproximou.

– Spring, minha gata teve outra ninhada. Pode ficar com alguns?

Spring pôs alguns pedaços de carne, batatas e cenoura no prato.

– Com certeza. Sempre preciso de caçadores de ratos.

– Obrigada. Vou levá-los em um ou dois dias.

Do outro lado da sala, a voz bêbada de Matt Ketchum se sobressaiu às conversas em voz baixa.

– Oi, Spring. Diga aqui para meu amigo Jarvis como você costumava abrir essas pernas que está escondendo debaixo desse vestido chique.

Ela congelou.

– Melhor ainda – continuou ele, mais alto. – Fale daquela vez...

Houve um estrondo, e quando Spring se virou, viu McCray furioso segurando Ketchum, que era bem menor do que ele, pelo pescoço. Ela ficou de queixo caído.

– Peça desculpa! – vociferou McCray.

Aparentemente bêbado demais para perceber o perigo em que se encontrava, Ketchum riu.

– Homem, se você não tirar as mãos de cima de mim, vão enforcar...

McCray chocou o corpo de Ketchum contra a parede e rosnou:

– Nunca mais fale assim com ela enquanto eu estiver por perto. Entendeu?

– Ela é uma vadia! Tire as mãos de mim, crioulo!

E então cuspiu no rosto de McCray.

O jornalista retaliou com um soco que extraiu um lamento agudo de Ketchum e um sorriso de satisfação de Spring.

Tomado pela fúria, McCray o empurrou no chão. Com o nariz sangrando,

Ketchum tentou se levantar, mas seu corpo bêbado não lhe obedecia. Pegando um lenço do bolso, Garrett limpou o rosto.

Nelson entregou seu prato para Heath Leary, que estava atônito, e gritou, tenso:

– Chauncey, que tal levarmos Matt para casa?

Quando Nelson passou por Spring, ele lhe disse, em voz baixa:

– Este aí é um homem distinto.

Spring concordou e imaginou se algum dos outros homens na sala a teria defendido caso McCray não estivesse ali. Ela sabia a resposta. Enquanto Nelson e Miller levantavam Ketchum e o tiravam do local, Jarvis a analisou por um longo momento antes de ele e o parceiro de negócios, acompanhados por Arnold Cale, apressarem-se para segui-los. Ela não sabia – nem queria saber – o que ele poderia estar pensando.

Ainda irradiando ira, McCray disse a Glenda:

– Peço perdão pelo tumulto. Vou entender se eu nunca mais for convidado para sua casa, especialmente por quebrar seja lá o que tiver caído. Avise-me quanto custarão as reposições, e enviarei o dinheiro quando chegar em casa.

Spring viu pedaços de vidro espalhados pelo chão.

Glenda o dispensou com um gesto.

– Quem eu nunca mais convidarei é aquele cretino do Ketchum. E quanto às estatuetas quebradas, pertenciam à mãe do Arnold. Eu mesma nunca liguei para elas, então não há necessidade de compensação.

– Isso é muito gentil da parte da senhora – respondeu McCray, humilde. – E obrigado pela hospitalidade, mas vou embora. Tive bastante emoção por uma noite e estou certo de que seus convidados também. Minhas desculpas a todos.

A caminho da saída, ele olhou para Spring brevemente, mas não parou.

Ignorando os murmúrios e os olhares condenatórios de algumas das mulheres, Spring pediu seu xale à empregada e foi atrás dele.

Do lado de fora, a lua estava no auge e a noite de abril era agradável. Ao ver McCray caminhando até a pensão, Spring vestiu o xale e apressou o passo.

– McCray. Espere.

Ele parou e se virou. Quando ela o alcançou, disse:

– O senhor é muito bom de briga para um jornalista.

Resquícios da fúria permaneciam na voz dele.

– Graças à Marinha da União. Quando se está na base da cadeia hierárquica, defender-se dos marinheiros mais velhos é uma das primeiras coisas que se aprende. Isso e se você sente enjoo ao navegar.

– E você fica enjoado?

– Não.

Spring observou os traços fortes dele sob a luz do luar.

– Só queria lhe agradecer. Ninguém nunca me defendeu daquele jeito.

– Imaginei que, se eu não calasse a boca dele, a senhorita iria calar, e eu não queria que estragasse seu belo vestido.

Comovida, ela riu e respondeu:

– Sempre um cavalheiro.

– Sempre.

Ele contraiu a mão.

– Está doendo?

– Está. Tem um tempo que não faço algo assim. Estará pior de manhã se eu não colocar gelo. Espero que Dovie tenha um pouco.

Garrett parou por um momento, como se estivesse refletindo sobre o que queria dizer enquanto a olhava com uma intensidade suave.

– Escute. Sei que a senhorita não precisa de proteção, mas não consegui me segurar. Se me meti onde não devia, peço desculpas.

– Você agiu bem – respondeu ela, com delicadeza. – E está certo, posso me cuidar, mas às vezes uma mulher se cansa de lutar sozinha.

O silêncio cresceu entre eles. Spring não sabia por que ele despertava nela aqueles sentimentos, porém quanto mais ela sustentava seu olhar, maior se tornava a atração.

Ele estendeu a mão e acariciou de leve o rosto dela com a ponta do dedo.

– Quando precisar de um parceiro, é só me avisar.

Suas reações a ele estavam passando do seu controlado limite, tão lendário. Ela pegou a mão dele e a beijou de leve nos nós dos dedos.

– Um beijo para melhorar.

Ele sorriu.

– Se eu retribuir o beijo, a senhorita vai me transformar em comida de urso?

– Se o beijo for ruim, talvez.

– Acho que terei que caprichar, então.

– Sim, terá.

– Estou fora de forma.

– Vai me beijar ou vai continuar tagarelando?

Ele se inclinou, roçou os lábios nos dela e murmurou:

– Adoro uma mulher que diz o que quer.

A potência do beijo que se seguiu despertou os sentidos de Spring e acendeu as chamas da sua luxúria. Ele não era iniciante nisso, e, antes que aquela magia sedutora dominasse sua mente, ela recuou.

– Venha para casa comigo. Tenho gelo e qualquer outra coisa que quiser.

– Tem certeza? Tenho uma lista longa de coisas que quero fazer com você.

Os joelhos dela enfraqueceram.

– Eu pareço não ter certeza do que desejo?

– Um cavalheiro sempre pergunta.

– Eu o quero na minha cama, McCray. Isso é evidente o bastante para você?

– Sim, senhorita.

Uma voz masculina os interrompeu:

– Deu um belo show lá dentro, McCray.

Eles se viraram e viram Avery Jarvis em pé ao lado deles. De onde ele tinha vindo ou quanto havia visto e ouvido, ela não sabia.

Ele continuou:

– Um homem como o senhor pode atrair muita atenção indesejada ao colocar as mãos em alguém como Ketchum. É melhor ter mais cuidado.

– Um homem como eu atrai atenção indesejada de gente como Ketchum só por acordar toda manhã, mas agradeço a preocupação. Boa noite.

Garrett ofereceu o braço a Spring. Ela o aceitou, e, juntos, partiram para a

estrebaria a fim de pegar a carroça para a viagem até a cabana. Nenhum dos dois olhou para trás.

Conduzidos pela luz da lua cheia, Spring guiou devagar a carroça. McCray não tinha dito nada desde que saíram da estrebaria. Não havia luz suficiente para ver o rosto dele com nitidez, mas ela sentiu a distância.

– Se mudou de ideia, McCray, está tudo bem.

– Não mudei. Jarvis me fez ficar furioso de novo com Ketchum.

Ela compreendia. Estava com raiva de Ketchum havia anos.

– Quer que eu o distraia?

Ele sorriu na escuridão.

– Sinceramente, seu convite é distração suficiente. Vou melhorar em breve.

– Ótimo, porque, quando chegarmos em casa, precisarei da sua completa atenção.

– E você a terá.

Garrett sabia que havia se colocado em perigo ao defendê-la. Ele tinha envergonhado e humilhado Ketchum. Muitos homens pretos apanharam e morreram por menos. Será que deveria ter sido cauteloso e aguardado que um dos outros presentes calasse a boca repulsiva de Ketchum? E se ninguém o calasse, o que aconteceria? Ele deveria ignorar e fingir que o insulto verbal era merecido? Spring admitira que era objeto de fofocas. Até o xerife dissera que ela não tinha sido fácil no passado. No entanto, isso não dava o direito a Ketchum de falar com ela de modo tão desrespeitoso. Garrett esperava que Ketchum buscasse vingança, mas, quando o momento chegasse, ele não cairia sem lutar.

Agora, porém, Spring o tinha convidado para sua casa. Desde o período que passaram juntos durante a nevasca, ele havia percebido a atração mútua. Mas não previra um convite tão ousado. Garrett a olhou sob a luz do luar e se perguntou se ela seria feroz na cama como era na vida. O breve beijo que trocaram lhe deu uma prévia da mulher ardente escondida sob o exterior forte, e ele estava ansioso para explorá-la por completo e sem interrupção.

Quando chegaram à propriedade dela, ele observou enquanto Spring

trocava os sapatos chiques por um par de botas prático que ela havia tirado do banco de trás da carroça.

– Tenho que desatrelar a égua da carroça e, com o chão tão úmido, não quero estragar meus sapatos. Pode entrar e acender a lareira. Vou me juntar a você assim que acabar.

– Que tal eu ser o parceiro do qual falamos e ajudar com a carroça? – rebateu ele.

– E sua mão?

– Está dolorida, mas não a ponto de eu não poder ajudá-la.

Ele sentiu que ela queria recusar, mas pareceu pensar melhor e se rendeu.

– Tudo bem.

Depois que a égua foi colocada para descansar e os outros cavalos foram cuidados, eles deixaram que a luz do luar os guiasse até a casa.

O lado de dentro estava tão frio quanto o de fora. Enquanto ele mexia na lareira, ela se enrolou mais no xale e acendeu algumas lamparinas.

– Vou pegar o gelo.

Spring voltou com um pequeno balde de metal. Sentado no sofá dela, Garrett enfiou a mão dentro do objeto e sibilou com o toque do gelo na pele. Depois de algum tempo, tirou a mão. Repetiu o gesto mais algumas vezes antes de flexionar a mão e estremecer um pouco.

– Como está? – perguntou ela.

– Está tão gelada que é difícil dizer, mas tenho certeza de que isso está ajudando. Vou poder avaliar melhor de manhã.

– Posso fazer chá de casca se quiser.

– Talvez depois.

Houve um silêncio constrangedor. Era como se nenhum dos dois soubesse como ou por onde começar sua noite juntos, então Garrett optou por jogar conversa fora, desejando que isso ajudasse.

– Você pega o gelo em um depósito?

– Não. Tenho um pouco enterrado dentro de um dos meus anexos.

Ela deve ter percebido a confusão dele, pois explicou:

– Quando o rio congela, nós recolhemos alguns pedaços grandes de gelo e trazemos para casa. Eles são enterrados em um buraco grande e cobertos

com palha. Em um inverno bom, conseguimos estocar o suficiente para durar até meados de junho, dependendo de quão rápido a temperatura subir na primavera.

– Isso é fascinante.

– É bastante comum por aqui.

Garrett tirou a mão do gelo pela última vez e a secou com a toalha que Spring tinha lhe dado. Ele flexionou os dedos de novo.

– Acho que é o bastante por ora.

Ela pegou o balde.

– Vou colocar isso lá fora. Se esfriar bastante, ainda pode ser útil de manhã, caso precise.

Quando ela retornou, a sala estava mais quente, graças à lareira. Ela o encarou e então desviou os olhos, dizendo:

– Tenho que acender o fogo no meu quarto. Quer se juntar a mim?

Ele a analisou em silêncio sob a luz oscilante das chamas.

– Ainda pode mudar de ideia, Spring.

– Eu sei – disse ela, suave. – Mas não vou.

– Tudo bem, então.

Ele se levantou e a seguiu.

Spring acendeu a pequena lamparina na mesa de cabeceira ao lado da cama e ajustou a luminosidade para o mínimo. Tremendo por causa do frio, acendeu a lareira e assistiu às chamas crescerem. Do outro lado do quarto, Garrett estava em silêncio, emoldurado pelo batente da porta e pelas sombras. Ela respirou fundo para acalmar seus tremores nada característicos.

– Você vem ou pretende ficar parado aí a noite toda? – perguntou ela, tentando dar um tom leve à fala.

Ele fechou a porta, cruzou a distância entre eles e parou atrás dela. Prendendo-a gentilmente com os braços, roçou a nuca de Spring com o nariz. Os olhos dela se fecharam quando a sensação a incendiou.

– Sente-se comigo enquanto o quarto aquece – convidou ele.

Garrett pôs uma das cadeiras estofadas perto do fogo ardente e se sentou. Spring podia contar em dois, talvez três, dedos o número de vezes que se sentou no colo de um homem.

Como ela hesitou, Garrett pegou a mão de Spring com delicadeza e perguntou:

– Não quer?

– Você me surpreendeu.

– O que quer dizer? – indagou ele, baixinho.

– Geralmente, a situação começa comigo de joelhos, e, depois de algumas estocadas, acaba e o homem vai embora.

Ela achou que ele tinha sorrido, mas não pôde ter certeza por causa das sombras.

– Vamos tentar algo diferente.

Embora ainda hesitante, Spring se sentou.

– Por que não tiro logo minhas roupas, você tira as suas, e a gente vai para a cama?

Ele traçou os lábios dela levemente com um dedo, e a beijou.

– Porque desse jeito é bem mais divertido...

E, realmente, conforme o beijo se aprofundava, ela concluiu que Garrett estava certo. As mãos dele percorrendo seu corpo lentamente, os lábios quentes e as promessas murmuradas dos inúmeros jeitos maliciosos que ele planejava possuí-la trouxeram as chamas do desejo de Spring de volta à vida. Inclinando-se, ela correspondeu ao beijo com a mesma intensidade lânguida, saboreando o gosto dele e o deslizar daquela língua na sua. O xale se soltou, expondo seu ombro a suaves beijos ardentes que depois se moveram para a base do pescoço. Ela gemeu de prazer.

Garrett passou a ponta do dedo na pele exposta acima dos seios e do corpete em forma de coração.

– Eu quero você desde o primeiro café da manhã que tomamos juntos.

Sustentando seu olhar, o dedo dele acariciou a pele macia abaixo do queixo orgulhoso antes de movê-lo para baixo e roçar levemente os mamilos já eriçados. Os olhos de Spring se fecharam. Ele a beijou e continuou a lenta

e doce provocação nos seios dela até eles implorarem silenciosamente. Como se escutasse o apelo, Garrett se inclinou, libertou um mamilo do corpete e o sugou de modo malicioso. O calor irradiou da boca dele para o âmago de Spring. A língua circulava lentamente o bico retesado. Uma delicada mordida a fez gemer prazerosamente, impotente, pedindo por mais.

Garrett levantou a cabeça e voltou a tomar os lábios dela.

– O outro também é tão doce assim?

Seus dedos mantinham duro e satisfeito o mamilo que ele tinha tocado.

– Me mostre para que eu possa provar.

Incitada pelo pedido feito em uma voz rouca, Spring despiu o seio com ousadia e foi recompensada de modo esplêndido. O quarto escuro girava de maneira prazerosa enquanto ele se banqueteava. Ela não estava acostumada a ter um homem tão habilidoso – ou minimamente habilidoso –, decidido a lhe dar prazer. A essa altura, os homens do passado já teriam acabado e estariam a caminho da porta.

Era assustador de certo modo. Seu corpo apreciava o passeio dos lábios quentes dele pelo seu colo e das mãos confiantes explorando lentamente as costas cobertas de seda. Sexo deveria ser frio e rápido, não essa descida prolongada e voluptuosa até um reino ardente que ela não conseguia controlar. Spring recuou, fechou os olhos e lutou consigo mesma para acalmar a luxúria selvagem que ele tinha desencadeado no corpo dela.

– Algo errado? – perguntou ele, suave, sem parar de dar uma atenção abrasadora aos seios nus. – Não gosta do jeito como estou te dando prazer?

Lutando para formular a frase, ela respondeu:

– Gosto do prazer, mas não gosto de como isso está demorando ou de não ser capaz de lembrar da porcaria do meu nome.

Ele se abaixou e abocanhou um mamilo. Quando ela ofegou, estremecendo em resposta, Garrett riu.

– Eu ainda posso transformar você em comida de urso, sabia?

Levantando a cabeça, ele sussurrou ardentemente no ouvido dela:

– Me desculpe por ser um homem que sabe como explorar o corpo de uma mulher e não um desajeitado rude que dá algumas estocadas e vai

embora te deixando insatisfeita. Amar uma mulher de modo adequado é uma arte, minha doce Spring.

– Não quero arte.

– Deveria. Você é ardente e linda. Não deveria ter medo do prazer.

– Não tenho.

O espaço entre suas coxas já estava molhado e pulsante mesmo antes de as carícias dele terem chegado lá. Ela tinha certeza de que incendiaria quando isso acontecesse.

– Se mudou de ideia e prefere que eu passe o resto da noite no quarto de hóspedes, vou entender.

– Não.

Spring não sabia como tinha perdido o controle da situação, mas era o que parecia ter acontecido. Pior ainda, ela agora tinha que provar que não estava com medo do prazer.

– Tem certeza?

Ela fez que sim com a cabeça.

– Devemos tirar esse vestido de você, então? – perguntou ele, roçando os lábios no pescoço dela e movendo um dedo ao redor do mamilo úmido e duro como pedra.

Esticando-se para beijá-lo, Spring respondeu:

– Sim.

Apesar da pequena demonstração de melindres, estava gostando de ser beijada e, na verdade, não conseguia se cansar da boca dele ou da dança sensual de suas línguas. Em todas as relações rápidas que tivera no passado, Spring basicamente tirava as calças do homem e mais nada. A blusa talvez fosse aberta para permitir um aperto rápido nos seios, mas eles estavam focados principalmente no que ela tinha entre as pernas. Não havia nenhuma arte.

– Vire-se de costas, por favor.

Ela obedeceu, e Garrett abriu com destreza os pequenos botões pretos que percorriam suas costas. Quando ele acabou, ela se levantou do colo dele e despiu o vestido lentamente. Usando um *chemise* de renda marfim, além de cinta-liga, meia-calça e calções, ela colocou o vestido de seda em uma

cadeira próxima. De queixo erguido e saboreando o desejo nos olhos de Garrett, ela parou diante da luz bruxuleante do fogo, ansiosa pelo que viria a seguir. Ele deslizou as mãos possessivamente pela extensão de suas coxas e pelo quadril, circulando sua pele devagar, com maestria, até que a cabeça dela caísse para trás e suas pernas tremessem.

Com uma voz tão obscura quanto as sombras, ele disse:

– Tire seus calções para mim, Spring.

Os olhos dela brilharam, fixos nos dele, enquanto ela obedecia.

A mão de Garrett se moveu entre suas coxas e ela as afastou em um convite sensual.

– Você está bem excitada e molhada...

Ele introduziu um dedo nela, que respondeu com um murmúrio nunca antes incitado por nenhum homem. Um segundo dedo se juntou ao primeiro e, enquanto ela cavalgava as estocadas maravilhosas, todo o senso de tempo e espaço sumiu, deixando apenas... luxúria.

Sem dizer nada, Garrett a incentivou a se aproximar e pegou um mamilo com sua incrível boca maliciosa enquanto a mão livre vagava pelas costas dela. Ele a mordiscou, pressionou os dedos mais fundo, e ela se desfez com um grito bruto e rouco. As ondas reverberaram por uma eternidade enquanto ele continuava as estocadas, chupadas e lambidas. Spring ainda estava em êxtase quando ele a ergueu e sussurrou:

– Agora nós vamos para a cama.

O resto da noite se passou com tanto ardor que nenhum dos dois se importou que o fogo tivesse se apagado. Ela lhe deu prazer de joelhos, saboreando devagar a espessura e o tamanho dele e os intensos silvos de luxúria em resposta. Quando ele conseguiu respirar de novo, a recompensa dela foi um tributo oral tão erótico que ela agarrou punhados do lençol, gritou e se desfez outra vez.

Agora ele se ajoelhava diante dela, que estava tão deslumbrada com Garrett McCray e tão dominada por ele a ponto de se perguntar se deveria mudar o próprio nome, pois estava com dificuldades de lembrar quem era. Estendendo a mão, Spring pegou o maxilar dele antes de se esticar para lhe dar um beijo ardente. E então recomeçaram. Beijos, toques, murmúrios,

suspiros. Ela o acariciou com uma mão firme. Ele provocou o centro úmido dela. Ofegante, Spring recuou, alcançou a mesa de cabeceira e pegou uma esponja contraceptiva.

– Posso? – perguntou Garrett.

Ela lhe entregou a esponja, e ele a colocou com tanta delicadeza que o quadril de Spring se ergueu ávido e convidativo. Pouco tempo depois, a noite deles entrou em um novo patamar. Ele estava duro de modo glorioso, e, se ela tivesse o poder para isso, faria com que ele permanecesse onde estava pelo resto da vida. Começaram devagar, mas, conforme o anseio aumentava e seus corpos eram impulsionados pelo chamado do desejo, o ritmo aumentou. Ele lhe dava e ela recebia, até que a cama tremeu, e seus gritos e gemidos se tornaram a sinfonia dos amantes apaixonados. Spring não conseguia acreditar que tal prazer fosse possível, mas um novo orgasmo se formou como nuvens de tempestade e, quando o raio e o trovão a dilaceraram, ela gritou o nome de Garrett.

Rugindo, ele se desfez também, o quadril se movendo como pistões até que não sobrasse nada nele. Deixando-se cair, ele a abraçou e a girou,- colocando-a em cima dele para que não a esmagasse. Eles se abraçaram até que suas respirações se acalmassem e o mundo parasse de girar.

Mais tarde, vendo Garrett dormir, Spring admitiu que, para uma mulher decidida a viver sozinha, tê-lo em sua cama poderia ter sido um erro. Ele fez com que ela se sentisse valorizada, desejada, algo que nunca havia vivenciado. E que despertou uma parte dela há muito tempo enterrada para novas possibilidades, e isso a apavorava.

CAPÍTULO 8

Spring se levantou da cama o mais silenciosamente possível. Ela precisava alimentar os cavalos e, visto que nunca tinha passado a noite com um homem, não sabia como agir na manhã seguinte. Com essa preocupação em mente, andou na ponta do pé pelo quarto frio, pegou a roupa e tudo de que precisaria para começar o dia e saiu, deixando Garrett dormindo.

Quando finalizou as tarefas, ela entrou na cozinha e se deparou com McCray no fogão preparando o café da manhã. Ainda sem saber como deveria proceder, ela disse:

– Bom dia, McCray.

Ela tirou o casaco e o chapéu e os pendurou no gancho.

– Bom dia, Spring. – Ele pareceu sentir o desconforto dela. – Algo errado?

Ela considerou mentir, mas decidiu falar a verdade.

– Ninguém nunca passou a noite comigo e...

– Isso é estranho para você?

– Sim.

– Você se arrepende de ontem à noite?

Ela balançou a cabeça.

– Se divertiu?

Ela lhe deu o primeiro sorriso do dia.

– Ótimo. Vamos deixar a manhã se desenrolar, então, em vez de nos preocupar com o que fazer. A não ser que queira que eu volte para a cidade.

– Não.

Aquela simples sugestão desfez a maior parte da inquietação, e Spring imaginou se isso também fazia parte da arte dele. Ela percebeu que Garrett mancava levemente quando se movia.

– Sua perna ainda dói?

– Está um pouco dolorida depois dos esforços de ontem à noite.

Ela corou, envergonhada.

– Devo pedir desculpas?

– Nunca. Eu também me diverti.

Lembranças da noite anterior surgiram, trazendo de volta a sensação das mãos dele e a intensidade dos beijos. Ela se recordou de como se sentiu quando ele a preencheu e dos vários modos como a boca dele a fez gemer. A alegação de Garrett de que sabia como explorar o corpo de uma mulher não era uma bravata.

– Se continuar me olhando desse jeito, vamos comer um ao outro no café da manhã em vez de bacon e ovos.

Pega no flagra, ela sorriu e desviou o olhar.

– Acho que café da manhã é melhor por ora.

– Que pena.

A capacidade dele de acender seu desejo só com uma frase ou um olhar também era novidade. Spring não tinha ideia de que existiam homens com tais habilidades mundo afora. Quantas outras mulheres estavam passando pela vida achando que sexo era algo para ser suportado e resolvido com rapidez por causa de broncos desajeitados?

O glorioso banquete de paixão e prazer da noite anterior havia sido preparado por um mago de pele marrom que a deixou hipnotizada e enfeitiçada. E, sim, ela iria gostar de passar mais uma noite com ele, mas isso só agravaria o erro. Embora ela quase estivesse desenvolvendo sentimentos por Garrett, o jornalista iria embora em breve, e Spring se recusava a fazer o papel da mulher chorosa na estação de trem, agarrando-se às pernas de um homem, implorando para que ficasse.

Eles tinham acabado de se sentar para comer quando uma batida na porta fez Spring suspirar e se levantar para ver quem era.

– Você sabe onde seu jornalista está? – perguntou Odell assim que ela abriu a porta. – Dovie disse que ele não voltou para o quarto dele ontem à noite depois da festa da Glenda, e ela está preocupada com o que pode ter acontecido com ele.

Spring suspirou de novo.

– Isso é cheiro de bacon?

Sem esperar por uma resposta, ele seguiu o faro. Ao ver McCray sentado à mesa, Odell parou, surpreso, e se virou para Spring, que estava com os braços cruzados, em silêncio. Odell olhou McCray de novo.

– Ah.

– É. "Ah" – retrucou ela.

– Bem, isso resolve o mistério.

– Que mistério? – quis saber McCray.

– De para onde você foi ontem à noite.

Foi a vez de McCray suspirar.

– Acho que vou comer bacon em outro lugar. Bom te ver, McCray.

– Você também, Odell.

– Tchau, Odell – disse Spring, sarcástica.

Sorrindo, ele foi embora.

Ela balançou a cabeça e voltou a se sentar.

– Me passe os ovos, por favor.

– Devo supor que até meio-dia metade do Território vai saber que passei a noite aqui?

Ela colocou um pouco dos ovos mexidos no prato.

– Talvez. Talvez não. Ele consegue ser discreto quando quer. Não importa, na verdade. Não tenho vergonha de você estar aqui. Você tem?

– Não.

– Ótimo.

Mesmo que Odell não contasse a fofoca para ninguém, era bem provável que Dovie tivesse perguntado a mais gente sobre o paradeiro de McCray. Quando Spring o levasse de volta para a cidade e a notícia se espalhasse, as pessoas juntariam as peças. Novamente, ela não se importava. Alguém tinha que dar assunto para os mexeriqueiros.

– Quando vai voltar para Washington?

– Meu bilhete é para daqui a quatro dias. Seu irmão permitiu que eu o acompanhasse em algumas visitas, então quero aproveitar essa oportunidade. Também gostaria de conversar com a Sra. Lee sobre o que ela

acha de viver aqui. Espero que ela compartilhe alguns detalhes de como ela e seu irmão se conheceram.

Spring se perguntou como ele reagiria se ela contasse que Regan era uma herdeira, mas cabia à Regan a decisão de contar ou não a história, então ela ficou quieta. O que se recusava a ficar quieto era o desejo dela de que ele ficasse por mais tempo. Tinha uma vontade atípica de lhe mostrar mais de sua vida: seus lugares favoritos para caça e pesca, sua cabana improvisada na montanha e a manada de cavalos selvagens que sempre a deixava fascinada. Nunca um homem a tinha inspirado dessa maneira, mas ele iria embora, então Spring descartou esses pensamentos.

– Tem mais alguém com quem gostaria de falar antes de ir para casa?

– Tem. O Sr. James. Soube um pouco da história dele quando o ajudei na serraria, mas gostaria de saber se há mais. Não esperava encontrar outro homem preto por aqui. Você sabe se existem mais de nós na área?

– Que eu saiba, só minha família e Porter James. Ben pode conhecer outros.

– Seu avô?

– Sim.

– Eu o conheci enquanto estava na serraria.

– E como foi?

– Digamos que ele não foi muito receptivo.

– Ele não é muito de conversa.

– Mora por perto?

– Tem uma casa não muito longe daqui. Se quiser tentar de novo, leve meu irmão com você. Se eu te levar, ele e eu discutiremos, vou sair furiosa, e você não vai conseguir nada para sua matéria.

Vendo a preocupação nos olhos dele, ela acrescentou:

– Só estou dizendo a verdade. Nós não nos damos bem há uma década, e não acho que vá melhorar tão cedo.

– Certo.

E era verdade. Ambos, ela e Ben, eram teimosos. Provavelmente levariam a rixa para o túmulo. Uma dor antiga queimava no fundo do seu coração.

Ela o tinha amado quando menina e, apesar do jeito contrariado, *ele* a amara.

Outra batida na porta a faz se levantar de novo. Ela a abriu e se deparou com seu irmão na varanda.

– Bom dia – disse Colt.

Ela recuou para que ele pudesse entrar.

– Bom dia.

– Vim buscar a carroça. Vou precisar dela hoje.

Ao ver McCray sentado à mesa, ele parou.

– Está lá trás – falou Spring, mas não respondeu à pergunta nos olhos do irmão.

Ele soltou um suspiro baixo e andou até a mesa.

– Bom dia, McCray.

– Dr. Lee.

Colt o analisou. McCray aguardou em silêncio. O médico, enfim, falou:

– O senhor quer me acompanhar nas rondas hoje?

McCray direcionou sua atenção para Spring. Ela respondeu com um pequeno dar de ombros. O que faria com seu tempo era problema dele. Ela não tinha direitos sobre as idas e vindas de Garrett.

– Sim, gostaria disso – respondeu ele.

– Preciso ir à cidade primeiro.

– Ótimo. Quero passar na pensão.

Spring presumiu que ele quisesse mudar de roupa. Ainda usava o terno da festa de Glenda.

– Tudo bem. Termine o café da manhã e me encontre lá.

No caminho para a porta, Colt dirigiu a Spring um olhar duro. Não era a primeira vez que ela recebia a reprovação dele e era provável que não fosse a última, então ela se recusou a deixar que isso a irritasse. Ela e McCray eram adultos. Não era da conta de Colt os dois estarem juntos.

Assim que ele saiu, McCray disse:

– Seu irmão não aprova que eu esteja aqui.

Spring voltou para a mesa.

– O bom doutor não aprova muitas coisas. Não deixe que isso te

incomode. Ele acha que está sendo protetor. Aprecio a preocupação, mas é desnecessária.

– Você realmente não se importa com o que as pessoas pensam de você, Spring?

A voz dele estava baixa e séria.

– Se eu me importasse, teria deixado a cidade anos atrás, mas fugir poderia significar que eles estavam certos, então fiquei.

– Estou contente que tenha ficado, caso contrário, não nos conheceríamos.

Ela se perguntou se não conhecê-lo teria feito alguma diferença em sua vida. Depois da noite anterior, a resposta era sim.

– Como está sua mão?

Ele a flexionou.

– Ainda um pouco dolorida, mas vou sobreviver.

Eles se olharam em silêncio, e ela se recordou de novo da última noite e de todas as coisas que fizeram e dos modos que ele a fez se sentir.

Garrett disse, enfim:

– Não devo deixar seu irmão esperando.

– Eu sei.

Mas ele parecia tão relutante em ir embora quanto ela estava em deixá-lo.

– Podemos jantar juntos esta noite? – perguntou ele.

– Eu gostaria disso. Vamos comer aqui?

– Se não se importar.

– Está combinado, então. Traga seu pijama.

Ele assentiu com a cabeça, levantou-se da mesa e andou até onde ela estava. Olhar nos olhos dele fez as chamas persistentes da noite anterior reacenderem. Garrett deslizou um dedo pela boca de Spring e lhe deu um beijo demorado que a deixou derretida e sem forças.

– Vejo você mais tarde – sussurrou ele, então partiu para se juntar a Colt.



O rosto do Dr. Lee não estava receptivo quando Garrett subiu na carroça.

Então, enquanto estavam a caminho, ele se contentou com a lembrança prazerosa do beijo de despedida e em apreciar as belas paisagens do interior. As árvores exibiam botões de flores e impressionavam Garrett com a variedade: pinheiros, bordos, bétulas. Seu lado carpinteiro percebeu como foi agradável trabalhar com o Sr. James e sentir a madeira e as ferramentas em suas mãos. Lee os conduziu por arbustos florescendo e cativantes flores silvestres coloridas. A distância, as montanhas cobertas de neve se elevavam contra o céu azul.

Quando a carroça se aproximou da bifurcação que levava à cidade, Lee ainda não tinha falado nada. Garrett estava tentando não se irritar com o comportamento frio do homem, mas era difícil. Ele deixou o irmão de Spring matutando por mais meio quilômetro e, então, disse:

– Dr. Lee, se acha que tem algo que precisamos conversar, pode falar.

Lee o encarou por um momento antes de responder:

– Não gosto que tirem vantagem da minha irmã.

– Você conhece Spring melhor do que eu. Ela parece influenciável para você?

Garrett o encarou.

Lee parou e então desviou o olhar.

– Não. Mas quando você estiver de volta ao Leste, provavelmente vai se esquecer dela.

– É aí que se engana. Se pudesse ficar, eu ficaria, porque gostaria de fazer parte da vida dela por um bom tempo.

Lee se mostrou surpreso.

– Estou sendo sincero. Ela pode não me querer, mas não seria porque eu não tentei. Spring é uma das mulheres mais fascinantes que já conheci, e vai demorar muito tempo para eu a esquecer. Isso *se* eu a esquecer...

Lee analisou o rosto de Garrett.

– Está falando sério?

– Muito sério. Ela não é um passatempo conveniente para mim. Soube da briga que tive com Matt Ketchum na casa dos Cales ontem à noite?

– Não. O que houve?

Garrett contou os detalhes, e o rosto de Lee ficou tenso.

– Desgraçado nojento.

Garrett concordou.

– Obrigado por defender Spring.

– Não há de quê. Como eu disse a Spring, não queria que ela estragasse o belo vestido.

Lee deu um pequeno sorriso.

– Se ela quisesse retaliar, o vestido seria a última coisa em que ela pensaria. Whit disse que ela apontou uma arma para Ketchum quando eu estava em Rock Springs.

– De fato.

Lee o encarou.

– Você estava lá?

– Estava. Meu primeiro pensamento foi ajudar, mas não foi preciso. A arma dela deteve Ketchum.

– E, mesmo assim, está encantado por ela?

– Soube que sua esposa atirou em você quando se conheceram. E mesmo assim você se casou com ela.

Lee riu.

– *Touché.*

O médico o analisou em silêncio por um momento, como se estivesse reavaliando a impressão que tivera de Garrett.

– Estou feliz por termos conversado.

– Eu também.

– Posso dizer por experiência que tentar dobrar minha irmã vai ser como lutar contra o vento.

– Imagino que sim.

– Então você vai voltar?

– É bem provável. Tenho que resolver algumas coisas em casa primeiro.

Ele respondeu sem pensar, mas pareceu o certo a se dizer.

– Se decidir que aqui não é lugar para você e quiser voltar para casa, ela nunca vai deixar o Território para viver no Leste.

– Eu não pediria isso a ela. Não quero prendê-la, só ficar com ela sob quaisquer condições que ela imponha.

E poderia ser por duas semanas, dois meses ou dois anos. Ela provavelmente o transformaria em comida de urso se ele confessasse isso. De início, quando eles se conheceram, Garrett queria saber tudo sobre ela, e isso não tinha mudado. Havia partes de Spring escondidas por aquela armadura e ele tinha certeza de que ela nunca as tinha compartilhado. Garrett queria merecer sua confiança para acessá-las.

– Desejo-lhe boa sorte, então.

– Muito obrigado. Provavelmente vou precisar.

E iria.

Colt deixou Garrett na pensão. Ele tinha tomado banho mais cedo na casa de Spring, então, depois de trocar o terno por uma camisa limpa e uma calça, colocou uma camisa extra e o kit de barbear na mala de mão e saiu do quarto. Viu Dovie no corredor.

– Ah, aí está você. Quando não voltou para cá depois da festa, fiquei com medo de ter acontecido algo com o senhor.

– Desculpe-me. Não quis causar preocupação.

– Já tomou café da manhã?

– Já. Não vou voltar esta noite.

Dovie o encarou.

– Certo. Obrigada por avisar.

Enquanto descia as escadas, ele passou por Jarvis. Eles se olharam. Garrett deu um aceno com a cabeça, mas o frio homem de negócios não respondeu.

Do lado de fora, Garrett iniciou a curta caminhada até o consultório do Dr. Lee. Ao contrário de Jarvis, as poucas pessoas no caminho o cumprimentaram quando ele passou. Garrett se perguntou quantas delas sabiam sobre ele e Spring, mas se recusou a remoer a questão. As opiniões delas não importavam.

Ao entrar no consultório, encontrou Lee colocando o equipamento e pequenas ampolas dentro de uma maleta de médico surrada.

– Está pronto? – perguntou ele a Garrett.

– Estou. Podemos passar na estrebaria? Quero pegar meu cavalo.

– Claro. Você pode ir cavalgando nele ou amarrá-lo à carroça.

– Vou cavalgando por enquanto.

Lee assentiu, e eles saíram para começar as rondas.

Enquanto cavalgava, Garrett refletiu sobre a conversa que teve com Lee a respeito de Spring. Não era a intenção dele confessar seus sentimentos em relação a ela. Geralmente era mais reservado com suas intenções, outro resquício de ter sido escravizado, mas as palavras pareciam ter brotado da boca dele. No entanto, tinha sido sincero. Queria mesmo fazer parte da vida de Spring e, embora não tivesse de fato considerado voltar para Paradise, a decisão fazia sentido.

Graças à oferta de Porter James, ele teria um emprego. O ritmo da cidade era lento e pacífico, diferente da correria frenética de Washington. Ele tinha guardado um pouco de dinheiro, esperando que um dia se mudasse do seu quarto alugado, mas e se ele, em vez disso, usasse-o para comprar um pequeno terreno e construir uma casa?

A possibilidade era empolgante e, embora não houvesse muitas pessoas pretas nos arredores, os Lees não tinham contado nenhuma história sobre hostilidade racista explícita nem de ataques por causa da cor da pele. No Território, Garrett seria razoavelmente livre para ser ele mesmo, em vez de ser relembrado com frequência que deveria ficar no seu lugar. As leis regionais de segregação racial estavam infestando o país como uma praga, e era mais que provável que uma hora mostrasse sua face sombria em lugares como o Território de Wyoming também, sobretudo através de homens como Ketchum. Atualmente, porém, não parecia ser tão virulento ou enraizado como era no Leste, e isso também era um ponto positivo.

Mas o ponto principal era Spring. Se, no final, ela não quisesse saber dele, Garrett aceitaria o veredito, porque ainda seria livre para trabalhar e viver a vida sob seus próprios termos. Tendo crescido escravizado, isso era mais do que ele sonhara ter.

A primeira parada das rondas do Dr. Lee foi na casa dos Taylors para examinar um cachorro da raça bull terrier chamado Lucky. A caminho da varanda, Lee explicou o motivo da visita:

– Lycky entrou em uma briga com um porco-espinho e perdeu. Tinha tantos espinhos no corpo dele que achei que não sobreviveria, mas ele é uma criaturinha resistente. Vim ter certeza de que removi todos os espinhos e que nenhuma das perfurações infeccionou.

Eles foram recebidos na porta pela Sra. Taylor, que era baixa, magra e ruiva. O vestido de chita surrado e o avental indicavam que era uma mulher pobre. Lee fez as apresentações.

– Prazer em conhecê-la, Sra. Taylor – disse Garrett.

– Igualmente. Entrem. Silas e Lucky estão na sala.

Carregando a maleta, Lee perguntou:

– Como está Lucky?

– Mancando um pouco, mas está se recuperando. Juro que aquele cachorro é na verdade um gato. Ele tem umas nove vidas.

Garrett presumiu que Silas, ruivo e com o rosto cheio de sardas, tinha mais ou menos 10 anos. Ao ver o Dr. Lee, o menino deu um sorriso largo.

– Oi, Dr. Lee.

– Como vai, Silas?

– Estou bem.

– Como está o Lucky?

O terrier preto e branco estava deitado em um cesto grande no topo de uma pilha de lençóis. Quando Lee se aproximou, ele se encolheu e choramingou. Silas acariciou as costas do cachorro.

– Está tudo bem, Lucky. O Dr. Lee só quer ter certeza de que você está sarando bem.

Lee se agachou perto do cesto.

– Tirar os espinhos causou muita dor a ele. Entendo por que está com medo de mim.

Enquanto Garrett e a Sra. Taylor observavam, Lee examinou as feridas do cachorro de modo gentil. O jornalista notou as manchas avermelhadas que cobriam Lucky do nariz até o rabo.

Lee disse:

– Parece que você tem cuidado muito bem dele, Silas.

– Estou passando a pomada nele como o senhor me mostrou. Ele ainda

tem problemas para comer por causa dos espinhos que ficaram presos na boca.

Garrett ficou surpreso com isso. A Sra. Taylor acrescentou:

– Só vendo, Sr. McCray. Não conseguíamos saber o que era espinho e o que era o Lucky. Estava horrível.

Colt falou:

– Mas, de novo, ele honrou o nome "Lucky". É realmente um cachorro de sorte.

Silas sorriu.

– Não achei que algo poderia ser pior do que ele brigar com o Caolho.

– Nem eu – concordou Colt.

Ele se levantou.

– Certo. Ele está sarando bem. Lucky, chega de pumas e, com certeza, chega de porcos-espinhos.

Lucky choramingou como se concordasse.

– Silas, continue passando a pomada nele e dê coisas moles para ele comer.

– Sim, senhor.

– Ele tem algum outro problema?

– Não, senhor.

Colt olhou para a Sra. Taylor para confirmar, e ela concordou com o filho.

– Nada que eu consiga ver.

– Ótimo. Volto para examiná-lo na semana que vem.

A Sra. Taylor os acompanhou até a porta.

– Obrigada, doutor. Prazer em conhecê-lo, Sr. McCray.

A caminho da carroça e do cavalo, Garrett perguntou:

– Lucky se atracou com um puma?

– Sim, no ano passado, e salvou a vida do Silas. As garras do Caolho abriram a caixa torácica do Lucky.

Garrett achou que a história seria um ótimo acréscimo à matéria sobre o médico. Ele montou no cavalo.

– Para onde agora?

– Ed Prescott. Um amigo de longa data e parceiro de negócios de Spring.

Ele também é engenheiro. Todos nós crescemos juntos. Uma égua dele perdeu um potro enquanto eu estava em Rock Springs. Ed faz um bom trabalho cuidando dos animais, mas ele me pediu que desse uma olhada na égua também, só por precaução.

Garrett estava ansioso para conhecer o homem. Ele presumiu que Spring o tivesse em alta conta, já que eram parceiros de negócios. É óbvio que, sendo homem, Garrett se perguntou brevemente se os dois já tinham sido amantes, mas tirou isso da mente, porque não era da sua conta. Não podia negar que invejava o fato de que Prescott com certeza sabia mais sobre Spring do que Garrett jamais saberia.

Enquanto Garrett cavalgava ao lado da carroça pelos portões do Rancho Sweet Heart, de Prescott, ele ficou impressionado com as dúzias de cavalos de todos os tamanhos e cores ocupando os vastos currais. Alguns galopavam, enquanto outros vagavam. O homem alto de pele marrom, que acenou e caminhou até eles quando chegaram, tinha um longo cabelo preto trançado.

Colt fez as apresentações:

– Ed Prescott, este é Garrett McCray. Ele é um jornalista do Leste. McCray, meu grande amigo, Ed Prescott.

Garrett apertou a mão dele.

– Prazer em conhecê-lo.

– Igualmente.

Foi o primeiro encontro de Garrett com o que os jornais do Leste chamavam de "índio", e nada no homem batia com o que ele tinha lido: nem a fala, nem os modos, nem a formação educacional. Considerando como a imprensa retratava com frequência as pessoas não brancas de forma difamadora e insultante, ele estava se sentindo novamente humilhado por ter considerado os relatos verdadeiros.

Quando ele seguiu os dois homens para o estábulo a fim de verem a égua, foi possível avistar a casa de Prescott e sua beleza magnífica o deixou perplexo. Construída com madeira, pedras e vidro em uma quantidade que Garrett nunca tinha visto em uma residência, ele quis interrogar Prescott de imediato sobre sua construção e projeto. Entretanto, sua curiosidade não era

o objetivo da visita e ele não conhecia o homem o bastante para enchê-lo de perguntas. Talvez no futuro fizesse isso.

– Ela ainda está sofrendo pela perda – contou Ed enquanto ele e Garrett observavam Lee examinar a égua de crina preta e pelo castanho-escuro, chamada Maribelle. Ed acrescentou: – Ela não me deixou tirar o corpo do potro até ontem à noite e não quer sair da baia.

Garrett nunca imaginou que cavalos ficassem de luto.

Lee indagou sobre as funções corporais de Maribelle e seu apetite desde o parto, e Prescott respondeu. Depois de mais algumas perguntas e um exame, Lee se afastou e guardou os instrumentos.

– Fisicamente, diria que ela está bem. Sabe que precisa mantê-la longe dos garanhões por enquanto. Veja se consegue levá-la para o ar fresco. Pode ajudar com o luto.

– Farei isso.

Prescott andou até a égua, deu-lhe um longo abraço e falou suavemente com ela. Os três saíram do estábulo.

Prescott perguntou a Garrett:

– Vai ficar quanto tempo conosco?

– Só mais alguns dias.

– Prazer em conhecê-lo.

– Igualmente.

Lee subiu na carroça e Garrett montou no seu cavalo.

– Para onde agora?

– Para a casa do criador de porcos Sol Boyer. Uma das porcas dele está com prisão de ventre.

Garrett ficou confuso.

– Como você trata isso?

– Geralmente, com lavagem intestinal.

Garrett arregalou os olhos. Ele nunca tinha ouvido tal coisa.

– Isso é algo que eu iria gostar de ver?

Lee riu.

– Provavelmente não – disse ele, e colocou a carroça em movimento.

O médico estava certo. A visão e o cheiro do procedimento causaram

tantos danos às entranhas de Garrett que ele logo procurou um esconderijo perto de uma árvore próxima e botou o café da manhã para fora.

Mais tarde, depois que a visita acabou, ele e Lee andaram até a carroça e o cavalo.

– Você está bem? – perguntou Lee.

Ainda zonzo, Garrett respondeu:

– Sinceramente? Não.

Lee sorriu e lhe deu um tapinha nas costas.

– Vai ficar bem. Bem-vindo ao mundo de um médico do interior.

– Qual é a próxima parada? – indagou Garrett.

– De volta para a cidade. Acabamos por hoje.

Aliviado, Garrett montou no cavalo.

CAPÍTULO 9

Spring passou a manhã limpando o estábulo. Seus cavalos estavam no pasto gramado aproveitando a luz do sol. O ar estava úmido, e ela se perguntou se iria chover. Sem se preocupar com isso, terminou o trabalho, guardou a forquilha e a pá e foi para fora. Paint, seu palomino marrom e branco de 2 anos, foi correndo para seu lado e roçou o nariz no bolso do casaco de Spring.

– Você acabou de comer, lembra? – disse ela, acariciando o pescoço do cavalo. – Nada de lanchinhos. E nada de cenouras até eu plantá-las.

Paint continuou encostando nela, o que logo se tornou uma brincadeira de empurrar. Spring ria enquanto tentava se equilibrar para não cair.

– Pare, seu bobo!

Entretido com a brincadeira, o cavalo continuou.

– Pare! – pediu ela, rindo. – Se você me derrubar, nunca mais vou te dar nenhuma cenoura.

As éguas Lady e Sunrise observavam em silêncio. O garanhão Cheyenne olhava a cena do outro lado do jardim com um desinteresse majestoso, e ela o chamou:

– Venha pegar seu irmãozinho.

O garanhão obviamente a ignorou e, em vez disso, abaixou a cabeça para beber água no cocho. Paint a empurrou mais algumas vezes, quase conseguindo derrubá-la, e então saiu correndo.

Balançando a cabeça com as travessuras dele, ela chamou Lady, que a ajudaria com o próximo item da lista de tarefas do dia. Cheyenne se recusava a ser amarrado a uma carroça. Era como se ele achasse que tal tarefa era inferior a seu status dominador. Por outro lado, Lady não parecia

se importar. Ela tinha uma pelagem avermelhada linda, com uma crina e um rabo preto brilhante, pernas pretas fortes e cascos da mesma cor. Quando Spring acabou de atrelá-la, disse para Cheyenne:

– Volto logo. Vou colocar Paint no estábulo para que ele não coma a cabana enquanto eu estiver fora.

Cheyenne olhou para Paint, que ignorou seu olhar. Paint tinha passado o primeiro ano de vida mordendo tudo que via pela frente: da madeira da cabana e das cercas a qualquer coisa no jardim de Spring. Quando voltou da cidade, certo dia, ela descobriu que ele tinha pulado a cerca de arame da horta e transformado os legumes que começavam a brotar no seu bufê pessoal. Ele tinha comido o topo de todas as cenouras e beterrabas e todos os pés de feijão e de tomate. O cavalo pagou por sua gula mais tarde naquela noite e passou mal do estômago durante os dois dias seguintes. Agora, um ano mais velho, Spring esperava que ele não tivesse mais essa fixação, mas não correria riscos. Ela o levou até o estábulo, colocou-o na baia e trancou o portão que ficava na altura do peito dele.

– Vou deixar você sair quando eu voltar. Não pode fazer minha casa de almoço. E se alguém aparecesse querendo roubar você, Cheyenne provavelmente ajudaria a pessoa. Não quero perder você.

Ele esfregou a cabeça nela e relinchou.

– Volto logo.

Ela lhe deu um abraço e saiu do estábulo.

Com Lady puxando a carroça, Spring iniciou um passeio lento ao redor de sua propriedade para procurar danos causados pelos meses de inverno. Também estava pensando em McCray. Ela se permitiu admitir que estava ansiosa para ter de novo sua companhia para o jantar e para o que poderia acontecer depois. A noite anterior não fora suficiente.

Algumas das árvores mais antigas tinham sido derrubadas pelas tempestades, então ela usou um machado para cortar os troncos em pedaços manejáveis e se esforçou para colocá-los na carroça. O processo levou um tempo. Depois que ela recuperou o fôlego e usou a bandana para secar o suor do rosto e da nuca, conduziu a carroça até a casa.

Descarregar a carroça também foi uma luta. Depois de enxugar a testa de

novo e beber alguns goles d'água do cantil, Spring deixou os braços descansarem por um momento antes de soltar Paint e desatrelar Lady. Assim que acabou, pegou o machado de novo. A madeira seria usada como lenha no decorrer do ano. No meio da tarefa, ela viu uma carruagem se aproximando. Os ocupantes eram Avery Jarvis, o parceiro de negócios dele e a jovem que ela tinha visto no outro dia. Torcendo para que só estivessem de passagem, ela voltou a preencher o ar com o barulho do machado em movimento. Quando a carruagem parou e Jarvis e os outros desceram e se aproximaram, Spring grunhiu baixo.

– Boa tarde, Srta. Lee – disse Jarvis.

Ele usava um terno marrom-escuro, com um colete da mesma cor sobre uma blusa branca e uma gravata marrom listrada.

Spring desceu o machado em cima de um tronco. Ele se partiu, e ela libertou o machado.

– Como posso ajudar, Jarvis?

– Queria apresentá-la à minha filha, Hazel.

Spring observou a mulher. Hazel, vestida de modo tão elegante quanto Glenda Cale, trajando um vestido cinza-claro e um pequeno chapéu da moda, deu um rápido aceno de cabeça para Spring.

– Olá – cumprimentou Spring.

Jarvis continuou:

– E meu secretário, Leland Swan.

– Srta. Lee – disse Swan, olhando-a com desagrado.

– Sr. Swan.

Ele era mais jovem do que Jarvis, e também mais alto e mais magro. Ela não sabia por que ele parecia tão irritado, mas não se importava. Querendo saber por que eles pararam, Spring perguntou:

– Se perderam de novo?

Ela viu seus cavalos os observando.

Jarvis sorriu.

– Não. Vim indagar à senhorita sobre a possibilidade de comprar a terra que possui perto do rio. Refiro-me à parte que antes pertencia a Matt

Ketchum. Pretendo abrir uma serraria no local. A de Porter James está velha e ultrapassada.

Ela voltou a cortar lenha.

– Não está à venda.

– E se eu fizesse uma oferta generosa?

Ela desceu de novo o machado na madeira com tanta força que levou Hazel a pular.

– E se o senhor ouvisse o que eu falei? Não está à venda.

– Dinheiro sempre é bom para uma mulher sozinha.

Spring quase lhe perguntou o que ele sabia sobre ser uma mulher sozinha. A recusa dele em não ouvi-la era prova de que o homem estava acostumado a ter o que queria, mas ela também estava e não viu motivo para argumentar ou se repetir. Spring se dirigiu aos companheiros dele:

– Hazel, Sr. Leland. Foi um prazer conhecê-los. Tenha uma boa tarde, Sr. Jarvis.

Ela se virou para ir para casa. Terminaria de cortar a lenha depois.

– Não se atreva a me dar as costas – repreendeu Jarvis.

Ela parou e perguntou sem levantar a voz:

– Ou o quê? Tenho um machado na mão e um coldre preso ao corpo. O que o senhor tem para me parar além da impaciência e da voz alta?

Ela viu uma sugestão de sorriso no rosto de Hazel antes que sumisse depressa.

Os lábios do pai da jovem ficaram contraídos.

– Estou oferecendo um bom dinheiro por uma terra que Ketchum disse que a senhorita roubou.

– Roubei? Quando Ketchum diz que está chovendo, o povo se levanta e vai ver com os próprios olhos. O senhor deveria fazer o mesmo.

Ele a observou como se estivesse avaliando a determinação dela.

– Isso não acabou – prometeu ele, por fim.

– Acabou, sim. Coloque os pés na minha propriedade de novo e atiro no senhor por invasão. Se achar que estou blefando, Hazel vai levar para casa o que sobrar do senhor em um caixão.

Ela se dirigiu para a cabana, deixando-os lá parados. Quando ouviu a

carruagem indo embora alguns segundos depois, continuou andando.

O trabalho a tinha deixado suada e fedendo, então ela acendeu a caldeira a fim de ter água quente para um banho. Sabendo que o processo levaria quase uma hora, Spring foi para a cozinha, lavou as mãos e fez um sanduíche. Colocando-o em um prato pequeno, levou o lanche e um copo de água para a varanda atrás da casa. As nuvens se moviam e o sol estava mais fraco. Sem dúvida a chuva estava a caminho.

Enquanto comia, ela pensou em Jarvis e se perguntou se Porter James sabia que o homem queria acabar com seu negócio. Com a ajuda de Odell, Ben e muitos outros em Paradise, o Sr. James tinha construído a serraria antes de ela e Colt terem nascido. Sim, a estrutura de pedra estava velha e ineficiente se comparada às novas serrarias construídas em cidades maiores, mas servia bem à comunidade deles, e o Sr. James tinha mais conhecimento sobre madeira do que qualquer outra pessoa na região.

Será que Jarvis possuía o mesmo conhecimento extensivo? Será que era dono de uma serraria onde morava? Ele tentaria construir em outro lugar na margem do rio agora que ela tinha recusado a oferta dele? Spring não tinha respostas, mas estava certa de que, se Matt Ketchum estava envolvido nos planos, Jarvis teria problemas. Além de ser um bêbado desbocado, Matt era egoísta, mimado e preguiçoso. Quando Spring trabalhou para o pai dele, Mitch, não havia um trabalho que o Matt de 16 anos não repassasse para outra pessoa. Se ele quisesse dormir, era permitido. Se aparecesse bêbado, faziam vista grossa. Muitos dos funcionários reclamavam da irresponsabilidade e dos modos egocêntricos dele, sobretudo quando eram forçados a assumir o trabalho que ele não queria fazer, como limpar estábulos ou cortar a madeira necessária para consertar as cercas, mas ninguém ousava abordar o pai de Matt para reclamar.

Ela não sabia por que o comportamento dele era tolerado. Como não cabia aos empregados questionar isso, eles faziam as tarefas e xingavam pai e filho entre si. Depois da morte de Mitch Ketchum, visto que o paradeiro de Matt era desconhecido, os 2 mil hectares de terra de Ketchum foram a leilão, ao contrário das mentiras que ele contou a Jarvis. No leilão do banco, Odell e Spring compraram algumas partes que deram a ela e aos cavalos acesso ao

rio Paradise. Seu avô, o dono original da terra, comprou de volta um trecho que tinha pinheiros, riachos e a base das montanhas famosas por boas caças. Randolph Nelson adquiriu o restante para dar a seu gado acesso à campina vasta e ao restante do rio.

Será que Jarvis também tinha acusado Nelson de roubar a terra, ou era uma afirmação direcionada só a ela? De qualquer modo, ela não via Nelson renunciando a nenhuma parte dos vastos hectares para acomodar uma serraria e fornecer o acesso ao rio de que o empreendimento precisaria. Com alguma sorte, Jarvis aceitaria a derrota, deixaria Paradise e voltaria para o lugar de onde veio; mas, com Matt Ketchum envolvido e botando lenha na fogueira, era provável que esse pensamento fosse uma doce ilusão.

Uma hora depois, Spring saiu da banheira e envolveu o corpo molhado em um tecido. Enrolando o cabelo em uma toalha, ela andou até a cozinha em um par de mocassins velhos para preparar um bule de café, que estaria pronto quando ela se secasse. Ficou paralisada quando viu McCray em pé ao lado do sofá.

Com os olhos arregalados, ele a fitou enrolada no pano fino e quase transparente e começou a tossir. Virando de costas, resmungou:

– Meu Deus, Spring. Está tentando me matar?

Um sorriso escapou dos lábios dela.

– Há quanto tempo está aqui?

– Há alguns segundos.

Olhando por cima do ombro para ela, seu olhar passou pela toalha na sua cabeça até os mocassins nos pés, antes de voltar para o rosto. Ele pigarreou.

– Eu bati e não tive resposta, então fui ao estábulo. Não te achei lá, então tentei a porta de trás. Estava aberta. Eu tinha acabado de entrar. Não sabia que você estava tomando banho.

Ele se virou para ela, e a intensidade refletida nos olhos de Garrett aqueceu o corpo de Spring tão profundamente que ela achou que sairia fumaça do tecido molhado. Ele acrescentou:

– Eu teria esperado lá fora na varanda, mas está chovendo.

Spring viu o aguaceiro pela janela e o casaco molhado dele pendurado no gancho da lareira.

– Tudo bem. Faça um pouco de café. Já volto.

Ele assentiu, e ela o deixou sozinho.

Na cozinha, Garrett esperava que preparar o café tirasse de sua mente o que tinha acabado de ver, porque estava duro feito uma tora de carvalho. Sim, ontem à noite eles tinham feito amor e ele vira a linda nudez dela. No entanto, vê-la aparecer de repente com o corpo sinuoso enrolado em um tecido fino no meio da tarde foi inesperado. Ele ainda estava tentando recuperar o fôlego.

Atraído pelos mamilos cobertos e pelas curvas nuas da nuca e dos ombros, ele quis se aproximar e desenrolar Spring com delicadeza, como se ela fosse seu presente. Até mesmo agora, suas mãos ansiavam por deslizar sob o pano devagar, ao longo das ondas do quadril e das coxas antes de explorar a umidade quente escondida entre elas. Percebendo que só estava se excitando mais, ele tentou focar na preparação do café, mas era inútil. Ele a queria tanto quanto quis na noite anterior.

Assim que o café ficou pronto, ele se serviu uma xícara e colocou o bule na mesa. Tinha acabado de se sentar e tomar um gole quando Spring voltou usando a camisa masculina de sempre e a calça macia de camurça. Ele estava aliviado e decepcionado ao mesmo tempo. Como se lesse a mente dele, ela disse:

– Posso colocar o tecido de novo, se quiser.

Ele engasgou. Pegando um guardanapo, limpou a boca e lançou um olhar de repreensão e divertimento para ela.

– Está mesmo tentando me mandar para o túmulo, não é?

O sorriso atrevido dela o fez querer puxá-la para seu colo e beijá-la até o amanhecer.

– Que sirva de aviso: na próxima vez em que estiver enrolada naquele tecido, ele não ficará em você por muito tempo.

Tendo se servido de uma xícara, ela deu um gole e respondeu:

– Vou cobrar.

Garrett gostava desse lado divertido de Spring e desejava desfrutar mais dele.

Ela perguntou:

– Então, como você e meu irmão se entenderam hoje?

– Bem.

Garrett lhe contou sobre o encontro com o cachorro Lucky e Ed Prescott, mas se recusou a mencionar a visita à fazenda do criador de porcos Boyer. Ele tinha tomado banho assim que chegou à pensão para livrar o nariz e a pele do fedor nojento que, ele jurava, ainda estava impregnado nele e em suas roupas.

Spring disse:

– Os avôs do Ed foram muitos gentis comigo e com Colt depois que nossa mãe faleceu.

Por alguns minutos, ela encarou em silêncio o que Garrett presumiu que fosse o passado, e ele se lembrou outra vez de quão pouco sabia sobre ela.

– Como você era quando criança? – perguntou ele, com delicadeza.

– Quieta e bem-educada, como todas as menininhas deveriam ser.

– Sério?

– Surpreso?

– Um pouco. Achei que teria sido indisciplinada e rebelde.

– Não. Aprendi a bordar e a ler. Sabia como arrumar uma mesa posta, tocar hinos no nosso velho piano. Eu era a jovem perfeita, criada adequadamente, que amava cavalos. – Ela ficou em silêncio de novo, como se estivesse se recordando, e então confessou com saudosismo: – Essa é a única parte que restou daquela menina.

– Seu amor por cavalos.

Garrett se perguntou se ela sentia saudade daquela menina e se o custo de ter sido obrigada a deixá-la para trás ainda pesava muito.

Ela assentiu.

– Quando Ben e Odell me ensinaram a cavalgar, eu me apaixonei. Minha mãe tentou limitar a frequência com que eu cavalgava, porque jovens respeitáveis não deveriam cheirar a cavalo, conforme ela me disse muitas vezes. Nós discutíamos bastante por causa disso, mas ela finalmente desistiu, e eu cavalgava o máximo que podia.

– Por que cavalos?

– Porque, diferente de algumas pessoas, eles são leais. E, se você os tratar e

alimentar adequadamente, eles te amarão de modo incondicional, sem julgar. E também têm personalidades distintas. Alguns são sérios, como Cheyenne, outros são brincalhões. Já encontrei alguns que eram completamente maus. Gosto de desvendar a personalidade dos cavalos.

Garrett pensou na égua de luto de Prescott. Ele tinha recebido uma boa lição equina ao longo do dia.

– Você é uma mulher muito fascinante, Spring Lee.

– Diferentemente da Spring Rain, a garotinha quieta e tímida, a Spring Rain mulher é rude, às vezes cruel, desagradável e determinada.

– Isso que é tão fascinante.

– Essa é a palavra padrão que você usa para atrair uma mulher para a cama?

– Está funcionando?

Ela sorriu, e ele percebeu como gostava de ver isso.

– Parece que sim.

– Então que tal você vir aqui para ver se eu consigo te atrair com algo mais substancial?

Ela se levantou, aproximou-se e se sentou no colo dele. A mão de Garrett percorreu suas costas e o braço macio e torneado, e ele saboreou a força dela. Enquanto o silêncio entre eles crescia cheio de expectativa, ele soube que queria ficar com aquela mulher pelo resto da vida. Em vez de estragar o momento confessando isso, ele se inclinou e a beijou delicadamente até que o calor aumentasse e se aprofundasse.

Alimentando-se do desejo crescente de Spring e deixando que ela se alimentasse do dele, Garrett a trouxe para mais perto. Seu corpo estava quente, a pele macia do pescoço fresca do banho. A trança preta grossa nas costas ainda estava úmida. Ele moveu os lábios da boca para a orelha e a mão para a pequena curva dos seios. Provocando o mamilo e convidando-o para a brincadeira, ele se deleitou com o som abafado da excitação dela e começou a desabotoar devagar os botões. Enfeitiçado pelo calor de Spring, ele roçou o nariz na pele do pescoço dela e perguntou:

– Onde está sua roupa de baixo?

Ela estava deliciosamente nua sob a camisa.

– Só iria atrapalhar – respondeu ela, ofegante.

Satisfeito com a resposta, Garrett afastou a camisa e abocanhou o mamilo duro. Ela gemeu sob o som da chuva batendo nas janelas. Direcionando a atenção para o outro seio, ele foi recompensado com mais prazer vocalizado.

– Você é tão bom nisso...

Ele lhe agradeceu com outro beijo ardente.

– Obrigado.

Spring estendeu a mão até a coxa dele e a apertou com ardor.

– Isso parece bem substancial.

Ele grunhiu de prazer.

Depois de mais alguns beijos e carícias potentes que o inflamaram, ela sussurrou:

– Vamos ver se pode ficar ainda mais substancial.

Levantando-se, ela pegou a mão dele e o levou para o quarto.



O cômodo estava sombreado com a escuridão da tempestade, mas o desejo nos olhos dele era tão brilhante quanto o dela. Na primeira noite deles juntos, Spring ignorava como estar com o homem certo poderia ser poderoso. Agora, enquanto ele a abraçava e roçava os lábios nos dela, ela podia contar com o calor do corpo firme dele junto ao dela, com os beijos intensos e ardentes que acenderiam uma chama dentro dela e com o peso sólido e gentil de seu abraço. Quando ele languidamente traçou um caminho pelo pescoço de Spring, pegou um seio despido pela camisa aberta e excitou devagar o mamilo, o tempo que ele levava não a deixava mais impaciente.

Quando Garrett afastou a camisa dela e se abaixou para colocar um seio na boca, o interior de Spring pulsou, e ela gemeu baixinho. Ele moveu a boca para sugar preguiçosamente e dar pequenas mordidas no outro seio. Nunca mais ela se contentaria com sexo rápido e insatisfatório. Ele tinha provado que havia mais e, como resultado, ela também queria dar mais a ele: mais beijos, mais carícias nos braços e no peitoral para marcar suas palmas

com a lembrança do seu contorno, da sua silhueta e da pele quente. Ela mordiscou-lhe o lábio inferior e deslizou a língua de modo provocante contra a dele. Ele abaixou a calça de Spring e encheu as mãos grandes com o quadril nu dela antes de encaixá-la nele.

– Está substancial o suficiente? – perguntou ele, divertido, movendo-se ardentemente junto ao corpo dela.

Spring o beijou e estendeu a mão para mapear de modo ousado o poderoso comprimento dele.

– Acho que sim.

Ele pôs uma mão entre as coxas dela. Spring sibilou de prazer e as afastou mais. Ele a penetrou com um dedo, então dois, e o quadril dela assumiu um ritmo sensual. Através da névoa trazida pela luxúria, ela o viu observá-la. A intensidade nos olhos dele mostrava que Garrett se nutria das reações dela, e isso aumentou a chama do seu desejo.

Ela estendeu a mão para desabotoar a camisa dele, mas era difícil focar. Seu corpo estava apreciando com avidez a arte que fluía daquelas mãos maravilhosas. Quando a tarefa enfim foi cumprida, ela passou os dedos pelos dez botões que fechavam as ceroulas de corpo inteiro de flanela cinza, então abriu a frente da calça dele com primor. Beijando-o, ela segurou a rigidez dele, adorando o calor do corpo de Garrett envolto pelo tecido fino e macio, e o ouviu gemer. Ele levou um tempo para se livrar da calça enquanto ela abria os botões que iam do colarinho até a virilha e ia passando os lábios em cada parte da pele despida: a clavícula, o peito forte e peludo. Ela lambeu cada mamilo achatado e os mordeu gentilmente.

Notar que ele jogara a cabeça para trás e mantinha os olhos fechados enquanto as mãos dela circulavam a forma escultural de Garrett deu a Spring um poder que aumentou ainda mais sua paixão. Ajoelhando-se, ela libertou seu prêmio e passou a língua na cabeça redonda. O sibilar dele foi como música para seus ouvidos. Depois de algumas lambidas bem calculadas que fizeram os músculos da perna dele se contraírem em resposta, ela o colocou na boca e lhe mostrou sua própria arte. Enquanto ela agia, ele tirou a parte de cima das ceroulas devagar e, quando estava com o peito nu, ela passou a língua no umbigo dele e puxou a peça até a altura do

joelho. Spring moveu as mãos pelo traseiro forte, duro e musculoso e o tomou com uma intenção tão decidida que ele agarrou a cabeça dela para guiar seus movimentos, movendo o quadril em uma resposta erótica. Gemendo, ele se libertou e recuou. A respiração falha dele a fez sorrir. Quando Spring encontrou seus olhos ardentes, ele a chamou com o dedo e ela se levantou.

– Sim? – perguntou ela, inocente.

Spring se livrou da calça de camurça amontoada nos calcanhares e diminuiu a distância entre eles. Garrett a puxou e a beijou com intensidade.

Seguindo para a cama, eles continuaram, enquanto do lado de fora os trovões retumbavam e os raios brilhavam. Ela lhe deu de novo a honra de introduzir a esponja em si, e ele a recompensou abrindo suas pernas e lhe prestando uma homenagem tão cheia de arte que as lambidas maliciosas a fizeram explodir e gritar o nome de Garrett. Levantando-se, ele provocou com o dedo o botão inchado e úmido e sorriu para os olhos cheios de paixão dela.

– Quer mais?

O quadril dela se ergueu para se encaixar no ritmo criado pelas carícias provocantes contínuas dele, e Spring disse, ofegante:

– Você é muito bom nisso, McCray.

Ele introduziu dois dedos nela, e ela gemeu com paixão. Tirando e recolocando os dedos demoradamente, Garrett se abaixou para sussurrar no ouvido dela:

– E você é tão atraente... Quero provar cada centímetro de você...

De modo possessivo, Spring envolveu com a mão a parte dele a que tinha prestado sua própria homenagem sensual, e ele murmurou:

– Meu Deus, mulher.

Ela sorriu e se sentou. Beijando-o, Spring sentiu o próprio gosto nos lábios dele e se moveu.

– Quero ficar por cima.

Ele se deitou. Ela montou nele e, enquanto introduzia o membro, viu o prazer fechar os olhos dele. Levantando-se até que só a ponta da ereção permanecesse abrigada, ela o provocou dessa maneira de novo e de novo, até

que ele grunhiu, agarrou a cintura dela e estabeleceu um ritmo que era bruto e delicioso.

– Assim você vai me matar.

Spring respondeu no mesmo ritmo, apreciando a crueza, os gemidos dele e a luxúria que a atravessou como fragmentos de raios. Quando o clímax chegou em meio aos ruídos das molas da cama, ela gritou outra vez o nome de Garrett enquanto ele se esvaziava com um rugido cheio de luxúria. E, quando acabaram, derreteram-se um nos braços do outro, os corações acelerados.



Mais tarde, depois de terem compartilhado a banheira e jantado, eles se aninharam no sofá, observando o fogo e escutando o som da chuva contra as janelas.

– Você precisa saber que, depois que eu for para casa e resolver algumas coisas, provavelmente vou voltar.

Ela se levantou e analisou o rosto de Garrett.

– Por quê?

– Estou pensando em fazer de Paradise o meu lar.

Spring não sabia bem como se sentia em relação a isso. Parte dela gostava da ideia. A outra estava preocupada com o motivo.

Ele continuou:

– Tem um pouco a ver com você, mas é principalmente porque gosto da liberdade que encontro aqui. Porter James me ofereceu um emprego, então eu conseguirei me sustentar. Em algum momento, pensaria em comprar um pequeno pedaço de terra e construir uma casa para mim.

Ela pensou nas implicações.

– Eu não estou atrás de casamento, Garrett.

– Não espero isso. Estou satisfeito com o que temos, seja lá como chamamos isso, pelo tempo que durar. Se acabar, ainda vou querer me estabelecer aqui.

Eles se olharam, e ela disse em voz baixa:

– Só queria deixar isso claro.

– Entendo. Não vou criar expectativas em relação a você ou ao futuro.

– Que bom. Não quero que se decepcione.

Ele beijou a testa dela.

– Aprecio sua sinceridade.

– Quanto tempo acha que vai levar para você resolver as coisas em casa?

– Não sei. Não tem muito o que resolver, na verdade. Meus pais vão verbalizar suas preocupações, então essa será a principal coisa a enfrentar.

– Eles provavelmente vão ficar preocupados com você morando tão longe.

– Eu sei. Vivemos mais ou menos perto uns dos outros desde a Abolição.

– E vão sentir saudade.

– E eu vou sentir falta deles também.

Como eles estariam dali a um ano?, Spring se perguntou. Ainda aninhados como naquele momento ou já tendo seguido caminhos diferentes? Só o futuro poderia dizer, então ela deixou estar.

– Com quem eu deveria falar sobre a compra de terras?

– Arnold Cale no banco ou Odell. Ele e Ben são donos da maior parte das terras desocupadas. Não tive a oportunidade de lhe contar, mas Jarvis passou aqui mais cedo se oferecendo para comprar uma parte da minha terra. Disse que quer abrir uma serraria.

– Você vai vender?

– Não, mas ele também disse que Matt Ketchum está me acusando de ter roubado um trecho de terra da propriedade do pai dele.

– Você tem uma escritura?

– Falou o advogado Garrett McCray. Tenho, assim como os outros que compraram os trechos maiores pelos quais não pude pagar.

– Quem, por exemplo?

– Nelson, Odell e Ben. Me pergunto se Jarvis despejou neles as mentiras de Matt.

– Está preocupada?

– Na verdade, não. Randolph Nelson é um dos fazendeiros mais ricos do Território e chefe do partido Republicano. Se Matt arranjar briga comigo, vai

ter que arranjar briga com Randolph também, e ele seria um idiota se tentasse passar por cima de alguém tão influente.

– Concordo. Mas me avise se você precisar da minha ajuda. Posso não ter gostado de ser advogado, mas sou bom.

– Avisarei.

– Parece que preciso ir para casa e voltar logo, já que Ketchum está procurando problemas.

Spring concordou, e seria mentira dizer que ela não sentiria falta dele. Apegar-se a Garrett foi uma das coisas mais surpreendentes que lhe aconteceram em muito tempo. Isso e aprender com ele que sexo era uma forma de arte. Ela sorriu.

– Por que esse sorriso?

– Só pensando em quanto você é bom de cama.

– Bem, decerto não existe nenhum homem vivo que não goste de ouvir isso.

– É a verdade, mas não deixe que suba à cabeça. Mais cedo ou mais tarde, vou descobrir algo em que você seja ruim. – Spring se virou para olhar bem nos olhos dele. – No que você é ruim?

– Que eu saiba, em nada.

Ela socou o ombro de Garrett de modo divertido antes de se reacomodar no conforto do peito dele.

– Quanta modéstia.

– Você que perguntou.

– E já me arrependi.

Garrett queria passar o resto da vida abraçando-a daquele jeito. Embora ainda tivesse alguns dias para aproveitar a companhia de Spring, já estava sentindo saudade. Se o futuro fosse generoso, ele iria voltar e, com o tempo, ter todas as dúvidas sobre ela respondidas. Qualquer dúvida que tivesse sobre ele seria respondida também. Do lado de fora, Garrett ouviu o estrondo do trovão.

– Essas tempestades são frequentes?

– Mais na primavera e no outono do que no resto do ano.

Ela perguntou:

– Você caça e pesca?

– Sim, por quê?

– Só pensando em algumas coisas que podemos fazer juntos. Quer ir pescar comigo quando voltar?

– Quero.

Ele viu Spring assentir com a cabeça. Ela era singular. Nunca uma mulher tinha perguntado isso a ele.

– Você tem um lugar favorito?

– Tenho. É uma cabana pequena no sopé das montanhas. Faço a maioria das minhas caças a partir de lá.

Ele se perguntou se algum outro homem teria sido presenteado com tal convite, porém, mais uma vez, decidiu que não importava. Ela o havia escolhido por ora, então ele se contentou em abraçá-la bem apertado e escutar o som da chuva.

CAPÍTULO 10

Na manhã seguinte, depois de ajudar Spring com a louça do café da manhã, Garrett se preparou para ir embora.

– Quais são seus planos? – perguntou ela.

– Quero passar na casa do seu irmão e, com sorte, combinar de entrevistar sua cunhada antes de viajar. Depois, irei à cidade. Preciso enviar as anotações mais recentes para o meu pai e avisá-lo da data do meu retorno.

A tristeza dele em deixá-la não havia diminuído.

– Jantar? – indagou ela.

– Aqui, se não estiver enjoada de mim.

Ela revirou os olhos.

– Acho que consigo te aguentar por mais uma noite.

– Você é tão gentil.

– Não conte a ninguém. Tenho uma reputação a zelar.

Ele riu, então pôs um dedo sob o queixo dela e a beijou. Aquele beijo, o primeiro da manhã, aumentou a conexão e o prazer crescente que sentia por ela.

– Vejo você mais tarde – murmurou ele.

– Estarei aqui.

Ele a deixou, montou no cavalo e cavalgou para sua primeira parada.

O som de um bebê choroso e irritado atingiu o ouvido de Garrett assim que ele pisou na varanda. Ele deliberou se deveria ou não bater. Pelo que ouvia, a Sra. Lee estava ocupada, então, sendo o cavalheiro que era, decidiu vê-la mais tarde, na volta para a casa de Spring.

Retomando a cavalgada, ele admirou a beleza do interior e pensou em

como seus pais reagiriam aos planos dele de deixar a cidade. O pai ficaria triste, principalmente por causa do desejo de casar o filho com uma mulher de classe. A mãe, sempre firme e prática, sentiria falta dele, como ele sentiria dela, mas ficaria mais preocupada com a felicidade do filho. A irmã, Melody, sentiria saudade dele, e ele sentiria saudade do sorriso ensolarado e da inteligência afiada dela. Garrett esperava visitá-los sempre que pudesse, e eles achariam um modo de visitá-lo também. Tinha certeza de que, quando vissem a beleza do Território, entenderiam um pouco a decisão dele.

Mais à frente, uma pata e uma fila de patinhos estavam cruzando a estrada. Sorrindo, Garrett parou o cavalo para deixar a família passar. O estrondo de um tiro o assustou. Procurando freneticamente pela origem, sentiu uma dor como se cem ferros quentes perfurassem suas costas. Gritando, ele se agarrou às rédeas. Antes que pudesse fugir, mais balas, desta vez na altura do ombro, o derrubaram da sela no chão da estrada de terra. Mais tiros soaram. Garrett sabia que deveria procurar cobertura, mas as pernas dele não obedeciam. Não conseguia respirar. Agonizando, tocou na lateral do tronco e viu os dedos ensanguentados. Novamente, tentou sair da estrada, mas não conseguia se mexer. Enquanto perdia a consciência, a última coisa em que pensou foi Spring.

Spring deslizou depressa de cima de Cheyenne e correu para o consultório do irmão. Um grupo de pessoas estava na entrada. Empurrando-os, ela gritou:

– Saiam da minha frente!

Ignorando as reações, ela chegou à porta e, encontrando-a trancada, bateu nela como uma mulher possuída. Lá dentro, Whit olhou pela janela.

– Abram a porta! – ordenou ele, rápido.

E ela entrou.

– Onde ele está?

– Colt está cuidando dele agora. Está lá há algum tempo.

– Quero vê-lo.

– Deixe seu irmão trabalhar. Não precisa de você para distraí-lo. Ele sairá quando acabar.

Só naquele momento ela viu o avô sentado do outro lado da sala. Fora Ben quem achara Garrett sangrando e inconsciente na estrada. Depois de levá-lo para a cidade, ele mandou Odell avisá-la do tiroteio. Com o coração na boca, ela saíra cavalgando, deixando Odell segui-la no seu próprio ritmo.

– Obrigada por trazê-lo para cá.

Ben assentiu.

– Viu quem atirou nele?

– Não. Seja lá quem foi, já tinha ido embora ou se escondera nas árvores. Pela quantidade de sangue, não acho que ele estava na estrada há muito tempo.

Isso deu esperança a Spring. Ela se virou para Whit.

– Ketchum fez isso. Tenho certeza. E foi por causa do que aconteceu na festa da Glenda e do Arnold.

– Eu não estava lá, então me conte o que houve.

Spring contou e, quando terminou, ele disse:

– Obrigado, mas precisarei de provas, Spring.

Ela tinha todas as provas de que precisava em seu íntimo, e se Garrett morresse... Ela forçou a mente a desconsiderar essa possibilidade.

Whit lhe disse:

– Vou interrogar Matt, mas não posso acusá-lo sem um motivo sólido.

– Ele atirou no homem pelas costas, Whit!

– Entendo. Nada é mais baixo do que isso. Nada. Mas você será enforcada se fizer justiça com as próprias mãos.

Ele a conhecia bem. A fúria a fazia querer caçar Matt e acertá-lo em alguns lugares estratégicos com suas balas.

– Mesmo se você tiver uma prova, Garrett é um homem preto. O tribunal não vai se importar – esbravejou ela.

– Farei tudo em meu poder para assegurar que se importem. Prometo a você. Se for enforcada, partirá o coração de Regan – disse ele, solenemente.

– Obrigada por isso – respondeu ela, fria.

– É tudo que tenho, Spring. Eu conheço você. Não se meta nisso. Deixe-

me fazer o meu trabalho.

Ele se virou para Ben.

– Onde exatamente você o achou?

Ben explicou, acrescentando:

– Amarrei uma bandana em uma das árvores para marcar o lugar. Presumi que você iria querer dar uma olhada por lá.

– E quero mesmo – disse Whit. – Talvez consiga achar algo que possa restringir os possíveis atiradores. Spring, você é bem-vinda para se juntar a mim e me ajudar a investigar. Dois pares de olhos são melhores do que um.

Ela concordou.

Uma batida na porta anunciou a chegada de Odell. A plateia curiosa continuava lá fora. Whit o deixou entrar.

Ao ver Spring, as primeiras palavras dele foram:

– Ah, que bom que está aqui.

– Onde achou que eu estaria?

– A caminho de caçar Ketchum. Do jeito como você e Cheyenne dispararam, fiquei preocupado.

A preocupação nos olhos dele era similar àquela que viu nos olhos de Ben, então ela afirmou:

– Whit disse que vai cuidar disso.

– E se ele não cuidar, eu cuidarei – respondeu Odell. – Atirar em um homem pelas costas justifica olho por olho.

Whit rosnou:

– Odell, não está ajudando.

Ben alertou:

– Então é melhor você descobrir quem fez isso e garantir que ele seja julgado.

O tom mortal na voz do avô arrepiou os pelos na nuca de Spring. Ben a encarou por um longo instante antes de declarar:

– Vivemos sob a lei da montanha. A justiça será feita de um jeito ou de outro.

Durante a hora seguinte, Spring usou todas as forças que tinha para ficar sentada e esperar em vez de andar para lá e para cá como um gato enjaulado.

Quanto mais desejava em silêncio que o irmão aparecesse com notícias da situação de Garrett, mais o tempo passava sem uma palavra. Finalmente, Colt saiu da cirurgia. Havia cansaço no rosto dele e sangue manchando o avental de couro azul sobre a blusa e a calça.

– Fiz tudo que podia por ora, mas ele é forte. Estou confiante de que vai sobreviver.

A emoção obstruiu a garganta de Spring, e os ombros dela relaxaram de alívio.

– Ele tinha três balas nas costas e duas no ombro direito. Eu vou dá-las a você, Whit, assim que as limpar.

– Quando acha que ele conseguirá responder perguntas sobre o que aconteceu?

– Talvez amanhã ou depois de amanhã. Mas não hoje. Ele tomou muito láudano.

– Ok. Preciso enviar um comunicado sobre o tiroteio para o delegado federal em Cheyenne. Spring, passe no meu escritório quando estiver pronta para me ajudar a investigar o local onde McCray foi emboscado.

– Certo.

O número de balas fez Spring se perguntar se Ketchum tinha contado com ajuda. Será que Jarvis o teria auxiliado? Ela não sabia o bastante sobre o homem para especular, mas o fato de que Matt pudesse ter tido cúmplices era algo a se considerar.

Whit perguntou a Colt:

– Posso avisar ao povo lá fora que você acha que ele vai ficar bem?

– Sim, se isso fizer eles irem embora.

Após a saída do xerife, Spring perguntou:

– Posso vê-lo?

Seu irmão hesitou.

– Por favor – pediu ela.

Spring raramente implorava, e isso deve ter impressionado o irmão.

– Venha, mas só por um minuto.

Ben se levantou e se juntou a Odell na porta.

– Passarei aqui mais tarde a caminho de casa.

Spring fitou o homem responsável por colocá-la no caminho cruel que a transformou na mulher que era, e as décadas de animosidade desvaneceram um pouco.

– Obrigada mais uma vez.

Ele assentiu, e partiu com Odell.

Ela seguiu Colt até os fundos.

Garrett estava deitado tão imóvel que ela precisou de um momento para se assegurar de que ele respirava. O peito estava parcialmente coberto por um lençol, e os curativos brancos no ombro e no tronco se destacavam na pele marrom. Seu coração se partiu ao vê-lo daquele jeito, sobretudo por saber que os ferimentos dele tinham relação com o fato de tê-la defendido. Observando Garrett, ela perguntou a Colt, em voz baixa:

– Tem certeza de que ele vai ficar bem?

– Tenho. Mas vai demorar um pouco para se recuperar completamente.

Colt ficou em silêncio por um minuto, então perguntou:

– Você gosta dele, não gosta?

Ela assentiu com solenidade.

– Gosto.

Não havia razão para negar a verdade.

– Ele gosta de você também. Bastante.

A percepção do que Garrett sentia por ela também não podia ser negada. Ele tinha deixado claro de modo despretensioso, sem esperar qualquer compromisso da parte dela.

– Acha que devemos avisar a família dele sobre o que aconteceu? – questionou ela.

– Visto que vai demorar um pouco até que ele possa viajar, sim.

– Odell deve saber para onde os telegramas dele estão sendo enviados. Eu não saberia como relatar a situação sem matá-los de susto. Você cuidaria disso?

– Sim. Deixe-o descansar.

– Voltarei à noite.

– Não é necessário, Spring.

– É, sim. Ele foi baleado por me defender, Colt, e ele vai precisar que

alguém o vigie enquanto dorme, pelo menos nos primeiros dias.

Colt suspirou, mas não debateu.

– Certo. Conte a Regan o que aconteceu e avise a ela que vou dormir aqui por um dia ou mais.

– Pode deixar.

Ela passou os olhos aflitos por Garrett, ainda adormecido.

– Cuide bem dele.

O irmão deu um pequeno sorriso.

– Vou cuidar. E não se esqueça de deixar Whit fazer o trabalho dele.

Ela não fez nenhuma promessa.

– Voltarei mais tarde.

Lançando um último olhar a Garrett, Spring o deixou sob os cuidados do irmão.

Quando Spring e Whit avistaram a bandana vermelha de Ben amarrada a um galho baixo de um grande carvalho perto da beira da estrada, eles desmontaram. Alguns passos à frente havia uma mancha de sangue, que presumiram ser onde Garrett caíra. Depois de observarem, Whit esfregou com a sola da bota até que tivesse sumido. Engolindo a raiva, Spring o seguiu sombria até os arbustos e as árvores margeando a estrada. Por conta da cobertura densa, presumiram que o atirador, ou os atiradores, teriam se escondido ali em vez de na paisagem aberta do outro lado da estrada.

Supondo que cobririam mais terreno se estivessem separados, eles foram em direções diferentes. Pouco tempo depois, Spring deparou com pegadas de bota em uma pequena clareira entre dois pinheiros. Percebendo que o lugar oferecia uma boa visão da estrada, ela chamou Whit. Ele se juntou a ela e analisou as marcas.

– Parecem dois pares diferentes – indicou ela. – Vê a diferença nas marcas do salto?

– Vejo.

Uma delas tinha o salto desgastado e desnivelado.

Como Spring, Whit olhou para a estrada.

– Este pode ser o lugar onde eles ficaram.

– Ou onde duas pessoas atenderam ao chamado da natureza – respondeu ela.

– Isso também.

Eles investigaram mais, porém não encontraram nada.

Para serem meticulosos, decidiram verificar o outro lado da estrada também. Whit perguntou:

– Você sabe se McCray parou em algum lugar a caminho da cidade?

– Ele disse que ia ver a Regan para combinar uma entrevista com ela, mas não sei se chegou a ir. Vou passar lá antes de ir para casa e perguntar a ela.

– Isso seria útil.

Spring voltou a observar a área ao redor. Eles não acharam nada.

– Será que quem atirou em McCray estava vigiando a minha casa, esperando para pegá-lo sozinho?

– É uma possibilidade.

– Então se eu estivesse com ele, atirariam em mim também?

– Talvez.

Com mais perguntas que respostas, eles subiram nos cavalos.

– Voltarei à cidade mais tarde – disse ela. – Vou informá-lo do que Regan disser.

– Certo. Obrigado. – Ele parou por um momento e chamou, em voz baixa: – Spring?

Ela o encarou, o rosto sério.

Ele continuou:

– Me desculpe por ter gritado com você. Eu a conheço quase a vida inteira e sinto que você é minha irmã caçula tanto quanto do Colt.

– Eu sei. Preciso que gritem comigo às vezes, então desculpas não são necessárias.

Ele assentiu.

– Tenha cuidado no caminho de casa.

– Terei.

Eles se separaram.

Regan ficou chocada ao saber que Garrett tinha sido baleado e concordou com Spring sobre o possível envolvimento de Ketchum.

– Pelo que me contou, McCray não teve problemas com ninguém aqui além de Ketchum – disse ela. – Espero que Whit encontre o que for preciso para colocá-lo diante de um juiz.

– Eu também. Quando Garrett saiu da minha casa de manhã, ele pretendia passar aqui para combinar uma entrevista. Ele fez isso? Foi baleado perto daqui. Você ouviu algum disparo?

Regan balançou a cabeça.

– Ele não passou aqui e não ouvi nenhum tiro. – Ela olhou para Spring e perguntou: – E como você está se sentindo?

– Com raiva suficiente para ir eu mesma atrás de Ketchum, mas Whit me lembrou que esse é o trabalho dele. Disse que eu seria enforcada se fizesse justiça com as próprias mãos.

– E isso partiria meu coração.

– Ele disse isso também. Agora que me acalmei, sei que ele está certo, mas ainda quero mandar Matt para o inferno.

– A família do McCray foi avisada?

– Colt vai cuidar disso. Não sei como ele vai contar sem assustá-los.

– Verdade, mas essa não é a primeira vez que ele precisa dar más notícias a uma família. Tenho certeza de que ele saberá o que dizer.

Spring concordou. Ela não conseguia esquecer a imagem de Garrett deitado, imóvel, mas se apegou à garantia de Colt de que ele se recuperaria.

– Posso colocar uma recompensa por informações que levem a uma prisão.

– Isso ajudaria muito.

– E acho que deve ser uma quantia grande o bastante para que um cúmplice se sinta tentado a se apresentar. Que tal 10 dólares em moedas de ouro?

– Ótima ideia.

– Avise ao Whit para que coloque os cartazes assim que puder.

O som do choro de Colt Fontaine fez Regan se levantar.

– Creio que minha sesta tenha terminado. Obrigada por me avisar sobre McCray e que Colt não voltará para casa esta noite.

– Precisa que eu busque Anna na escola?

– Não, Lucretia vai trazê-la para casa, mas obrigada por se oferecer. Venha cá.

Elas deram um abraço apertado, e Regan murmurou:

– Sei que você não está demonstrando quanto está preocupada, mas, se Colt disse que Garrett vai ficar bem, ele vai ficar.

Spring estava de novo agradecida por ter Regan em sua vida.

– Obrigada. E obrigada pela oferta da recompensa. Agora vá pegar meu sobrinho antes que ele derrube a casa com os berros.

Regan sorriu, cansada.

– Vejo você mais tarde.

Em casa, Spring alimentou os cavalos e colocou Cheyenne na baia. Ela pegou seu saco de dormir, colocou em uma bolsa alguns itens de higiene pessoal e algumas blusas limpas e selou Lady para a viagem de volta à cidade. O ronco do estômago a lembrou que ela não comia desde o café da manhã, então uma ida à pensão de Dovie estava garantida em algum momento depois que ela chegasse.

Na cidade, a primeira parada foi no consultório do irmão para ver Garrett, que ainda estava dormindo.

– Ele está bem – informou Colt. – Você falou com Regan?

– Falei.

Então contou a ele sobre a recompensa.

– Estou tão feliz que ela tenha se casado com você.

Ele riu.

– Foi difícil no começo, mas também estou. Aonde vai agora?

– Avisar Whit da recompensa e, depois, para a pensão da Dovie. Não como desde o café da manhã. Quer que eu traga um prato para você?

– Não. Ela me mandou comida há pouco tempo.

– Ótimo. Já volto.

Deixando suas coisas no consultório, ela fez a pequena caminhada até o escritório do xerife. Depois de lhe contar o que ouvira de Regan e informá-lo sobre a recompensa, a qual ele aprovou, Spring saiu para comer.

– Como está o Sr. McCray? – perguntou Dovie enquanto Spring se sentava a uma das mesas.

– Colt diz que ele vai sobreviver, mas pode levar um tempo até que esteja completamente recuperado.

Dovie balançou a cabeça.

– Que coisa terrível. Todo mundo com quem falei está apontando o dedo para Matt Ketchum, por causa do que aconteceu na festa da Glenda.

– Eu também, mas Whit precisa de provas. Se você ouvir algo, fale com ele.

E então Spring contou da recompensa que Regan estava oferecendo.

– É bastante dinheiro.

– É, sim.

– Acha que consigo convencê-la a oferecer uma recompensa a quem quiser me livrar do Wallace Junior?

Spring sorriu pela primeira vez desde quando soube que Garrett tinha sido baleado. Wallace Junior podia ser um pesadelo, mas ela sabia que Dovie não falava sério. Ela amava o filho.

– Pergunte a ela quando a vir.

– Farei isso. O que vai querer?

Spring analisou a lousa na parede, que listava os pratos do dia.

– Vou querer o ensopado de carne com bolinhos assados.

Os bolinhos de Dovie eram os melhores da região.

– Certo. Volto logo.

Depois que ela saiu, Spring cumprimentou com um aceno de cabeça algumas das outras pessoas no local. O idoso Emmett Davies, um dos criadores de gado da região, estava sentado com outros dois fazendeiros.

– Soube que o doutor costurou o McCray – disse Emmett para ela do outro lado do cômodo.

– Verdade.

– Que acontecimento terrível. Trabalhei com ele na serraria do Porter. Bom rapaz. Espero que Whit pegue quem fez isso.

Spring respondeu:

– A esposa do doutor está oferecendo uma grande recompensa por informações.

– Não diga.

Spring assentiu.

– Whit vai pregar cartazes para que todos saibam.

O interesse no rosto das outras pessoas era evidente. Assim que a notícia da generosa recompensa se espalhasse, ela estava confiante de que alguém proveria a evidência necessária. Não era todo dia que alguém podia ganhar 10 dólares em moedas de ouro só por entregar um canalha como Ketchum.

Como se tivesse sido conjurado pelos pensamentos dela, Matt Ketchum entrou na sala de jantar com Jarvis, o secretário Swan e a filha, Hazel. O silêncio se instalou enquanto eles se sentavam e todos observavam. Spring se alegrou de modo perverso ao ver a mancha amarelada no rosto de Matt, consequência do soco bem dado por Garrett. O machucado preto-azulado ia do nariz inchado e torto até os olhos. Ao notar Spring, a boca dele se retorceu de modo sórdido.

– Soube que alguém colocou aquele seu homem no lugar dele – disse Ketchum, com a voz anasalada. – Que bom. Sei que você deve achar que estou envolvido, mas não pode provar.

Dovie voltou com a comida de Spring. Enquanto ela colocava o prato na mesa, Spring respondeu a Ketchum:

– Sabe, Matt, sua fala teria sido mais afiada se você não parecesse e soasse como um guaxinim com algodão enfiado no nariz.

Houve risadinhas pela sala.

Spring se virou e viu Dovie sorrindo.

– Obrigada, Dovie.

– De nada.

Dovie então se virou para Ketchum.

– Mais uma grosseria e você vai ser convidado a se retirar.

– Quem disse?

Dovie andou até onde ele estava sentado. Pairando acima dele com sua presença de mais de 1,80 metro, ela respondeu com calma:

– Eu te dei uma surra quando tínhamos 9 anos. E outra quando tínhamos 14. Se quiser que eu dê mais uma, é só avisar.

Matt ficou vermelho como um tomate. Ao ouvir os risos e ver os sorrisos dos espectadores, seu rosto foi distorcido pela raiva, ele se levantou e saiu.

Satisfeita, Spring começou a comer o ensopado. Mesmo com toda a fanfarronice e as ameaças, Matt sempre se ofendia facilmente. Ela esperava que Jarvis e os companheiros saíssem depois dele, mas eles ficaram.

Após fazer os pedidos à Dovie, Jarvis se levantou e andou até a mesa de Spring, o que a irritou.

– Srta. Lee?

Ela ergueu os olhos e esperou que ele dissesse mais alguma coisa.

– Só quero que saiba que sinto muito pelo que aconteceu com McCray. Eu bem que o avisei, como deve se lembrar.

Ela se perguntou por que ele tinha acrescentado a última parte. Se tivesse vindo expressar uma preocupação genuína, poderia simplesmente ter feito isso e ido embora.

– Está envolvido nisso?

– Óbvio que não.

– Só estou imaginando por que você incluiu a parte do "eu avisei". Acho que não conseguiu conter a vontade de se gabar.

A raiva que via nele demonstrava que o homem não gostou do rumo que ela dera para a conversa, mas alguém tinha tentado matar McCray. Ela não tinha que ser gentil.

– Você deveria voltar para o seu lugar.

Ele cerrou os dentes e ameaçou:

– Talvez você precise aprender uma lição também.

– Alguém já ensinou. Você está conversando com a consequência dela.

Spring se recusava a ser intimidada, sobretudo por um homem ignorante o suficiente para acreditar que se aliar a Ketchum fosse uma boa ideia. Ela

voltou a imaginar o que os dois estariam tramando, mas sua comida esfriava.

– Mais alguma coisa? – indagou ela.

– Espero que eu esteja por perto para testemunhar você sendo colocada no seu lugar.

Jarvis se virou e voltou para a mesa dele.

Ela poderia ter dito que ele não era a primeira pessoa a lhe desejar mal e provavelmente não seria a última. Ser meio irritadiça parecia ser seu charme, como McCray dizia. Pensar nele acalmou o estado de espírito dela, então, enviando bons pensamentos, Spring se concentrou de novo na refeição.

Quando terminou de comer, pagou Dovie e saiu.

Antes de voltar para o consultório do irmão, Spring queria conversar com Odell, então parou no posto telegráfico. Para sua surpresa, ninguém estava jogando xadrez. Na verdade, Odell estava sozinho.

– Mandei o telegrama para a família do McCray – contou a ela. – Espero que chegue uma resposta em breve.

Ela imaginou como eles reagiriam. Mesmo que ela e o irmão ainda estivessem se estranhando, se ficasse sabendo que ele tinha sido ferido, ela embarcaria no primeiro trem para vê-lo. Perguntou-se se a família de Garrett faria o mesmo.

– Certo. Vim conversar sobre a terra dos Ketchums que compramos. Matt disse a Jarvis que os hectares foram vendidos ilegalmente.

Odell revirou os olhos.

– Matt é tão cheio de merda que me surpreende não deixar um rastro toda vez que dá um passo.

Achando graça, ela relatou os detalhes da visita de Jarvis, acrescentando:

– Disse que quer construir uma serraria.

– Pelo que tenho escutado, tem um monte de homens do Leste querendo comprar terras aqui para que possam derrubar as árvores.

Spring ficou confusa.

Ele explicou:

– Há uma grande procura por madeira para construir casas e tal, mas não

tem árvores suficientes. Então as companhias estão voltando suas atenções para lugares no Oeste. Um homem como Jarvis poderia fazer uma fortuna com uma serraria, sobretudo uma novinha em folha.

– Então Jarvis abordou você?

– Não. Essa é a primeira vez que ouço o motivo mais provável para ele estar xeretando os arredores. Não deve ser muito esperto se fez aliança com Ketchum.

Ela concordou.

– E se Arnold Cale souber que Matt está dizendo aos amigos que a terra do pai foi vendida ilegalmente, o homem vai acabar com ele. Arnold se orgulha muito da própria reputação, e isso seria uma grande difamação se fosse verdade, o que não é. Cale colocou anúncios nos jornais de São Francisco até Chicago, procurando por herdeiros, depois que Mitch Ketchum morreu. Não ouviu um pio do Matt.

– Alguém sabe onde ele esteve?

– Se escondendo, aparentemente. Ouvi boatos de que ele estava no Leste. Aquele grande político de Cheyenne cuja filha foi agredida por Matt morreu recentemente, então acho que ele presumiu que era seguro voltar.

– E criar problemas.

Odell assentiu.

Spring admitia que não prestava muita atenção em política, mas se perguntou se os políticos do Território estavam fomentando as vendas de terras para os grandes investidores do Leste. Sem dúvida, havia muitas árvores disponíveis.

Odell acrescentou:

– Se está preocupada com a legitimidade da sua terra, não fique. Ela é legal. Vou conversar com Ben e alguns dos fazendeiros para avisá-los das mentiras que Matt e Jarvis estão espalhando e descobrir se Porter James sabe sobre a serraria que Jarvis está pensando em construir.

– Obrigada, Odell.

– De nada. E vamos descobrir quem atirou em McCray, de um jeito ou de outro.

– Regan está oferecendo uma recompensa pela informação.

Spring mencionou a quantia e os olhos azuis dele brilharam.

– A esposa do doutor é uma bênção para Paradise. Tanto dinheiro assim faria um santo cair em tentação.

– Concordo.

Ele a analisou por um momento antes de perguntar:

– O rapaz é importante para você, não é?

Spring assentiu.

– Não existem muitos homens dignos de uma mulher especial como você. Espero que saiba disso.

– Eu sei.

Ela se valorizava mesmo que os outros não o fizessem.

– Viver sozinho tem suas vantagens, mas viver com alguém de quem você gosta também tem. Não se esqueça disso.

– Obrigada, Odell.

– De nada, pequena Rain.

O apelido a fez sorrir. Ao longo dos anos, quando eles conversavam sobre a vida e as coisas do coração, ele sempre se dirigia a ela desse jeito carinhoso. Ele também o usava quando estava irritado por causa de algo que ela tinha feito, como não verificar pedras nos cascos dos cavalos, uma ferradura mal ajustada ou pegar algum cavalo selvagem que ele julgara ser muito perigoso para ela domar.

– Posso fazer uma pergunta? – disse ela.

– Claro.

– Por que ganhei o nome da minha avó? Pelo que Ben sente em relação a ela, era de se imaginar que meus pais me dariam outro nome.

– Sua mãe queria honrar a memória da sua avó. Ben deu um ataque, óbvio, mas Isabelle não se importou. Ela disse que sua avó merecia a homenagem.

– Então eu sou alvo de críticas desde que nasci.

Ele sorriu.

– Acho que podemos dizer que sim, mas, como você, sua avó tinha uma força imensa. Ben estupidamente sugou cada gota. Por isso ela foi embora.

Quando Spring era jovem, sua vó raras vezes foi mencionada, mas ela

sabia um pouco da história de Ben e sua noiva shoshone, e de como ele a afastou do povo dela em uma tentativa equivocada de transformá-la no que ele chamava de esposa civilizada. Ela vinha sofrendo com a solidão, aguentando os insultos do povo da cidade. Um dia, Ben acordou com seu filho Lewis, ainda bebê, deitado na cama ao lado dele e descobriu que a esposa tinha ido embora. Sua procura por ela durou anos, mas ela nunca foi encontrada.

– Vou ver como McCray está. Você me avisa quando a família dele responder?

– Aviso, sim.

CAPÍTULO 11

Nos dias que se seguiram, Spring dividiu seu tempo entre a casa e o apoio no tratamento de McCray, de modo que Colt pudesse dormir um pouco. Odell e Whit ajudavam também. Colt lhes mostrou quantas gotas de láudano colocar no chá para ajudá-lo a dormir e como mudar os panos que cobriam as costas dele. O láudano era alternado com chá de casca. O chá não era tão efetivo, mas Colt não queria que Garrett se tornasse dependente do ópio presente no láudano. No quarto dia, o Dr. Crane, o médico chinês de Green River, mandou uma mensagem avisando que a ajuda de Colt era necessária em outro surto de sarampo, desta vez em um acampamento de mineração diferente.

Enquanto se preparava para partir, ele disse a Spring:

– Eu preferiria ficar aqui e cuidar do meu paciente, mas bebês estão morrendo por lá. Prometa-me que vai chamar Lucretia se ele tiver febre alta ou se a cicatrização estagnar.

Lucretia Watson era a parteira local e avó da melhor amiga de Anna, Livy.

– Prometo. Não se preocupe.

– Certo. Vou para casa arrumar uma mala, beijar minha esposa e meus filhos, e cavalgar até o acampamento.

O cansaço dele era nítido, e ela se perguntou quando ele teria o descanso que merecia.

– Tome cuidado. Avise quando chegar para que Regan não fique preocupada.

– Vou avisar. Cuide do McCray. Voltarei assim que puder.

Pegando a maleta médica e o saco de dormir, ele saiu do consultório. Observando pela janela enquanto ele partia, Spring fez uma prece silenciosa

pela segurança dele. Durante os dias rebeldes da juventude, seu comportamento escandaloso causara uma fenda profunda no relacionamento deles. Por mais que ele tentasse convencê-la a tomar jeito, ela se recusava a escutar. Agora, graças a Regan, eles estavam se dando melhor. Não era perfeito e, por causa de suas personalidades, talvez nunca fosse, mas Spring estava feliz por tê-lo de volta na sua vida e não podia estar mais orgulhosa da dedicação dele à profissão.

Naquela noite, enquanto ela dormia no saco de dormir no chão da sala dos fundos, ouviu Garrett se mexer. Ainda meio adormecida, ela se levantou, colocando a mão na testa dele para verificar a temperatura.

Ele resmungou:

– Spring?

Eufórica por ele ter enfim acordado, ela respondeu:

– Estou aqui.

– Onde estou?

– No consultório do Colt.

Ele fez um movimento para se sentar, mas ela o deteve de modo gentil.

– Você precisa ficar deitado, quieto. Está bastante ferido.

Ele ficou em silêncio por um momento, como se estivesse avaliando as palavras dela.

– O que aconteceu?

– Você foi baleado. Espere, deixe-me acender uma lamparina.

Ela acendeu e, quando olhou para ele, encontrou-o dormindo de novo. Suspirando, ela apagou a luz e retornou para o saco de dormir.

Garrett abriu os olhos, correndo-os pelo quarto pequeno sem janelas, e não soube onde estava. O sono tentou levá-lo de novo, mas ele lutou para limpar a mente o suficiente para observar seu entorno. Tentou se sentar, mas a dor o derrubou como uma bigorna, fazendo-o ofegar até que a agonia diminuísse um pouco.

A porta se abriu. Odell apareceu.

– Vejo que acordou.

Garrett, ainda sentindo a onda de dor, achou que tinha feito um gesto com a cabeça, mas não tinha certeza.

– Como está se sentindo?

O chamado da natureza veio forte. Ele sussurrou:

– Preciso me aliviar.

– Tem um penico aqui.

– Não. Lá fora.

– Deixar você se levantar vai meter nós dois em problemas com Spring e Lucretia, mas eu entendo.

Odell andou até ele. Garrett conseguiu erguer o corpo e se sentou na beira da maca, com a cabeça abaixada. Tremendo por causa da fraqueza e fazendo o melhor para ignorar a dor latejando em suas costas, ele lutou para recuperar o fôlego. Olhou para a camisola que vestia, sua origem era outro mistério.

– O que aconteceu comigo?

– Você foi baleado nas costas.

– Quando?

– Há cinco dias. Ben encontrou você e o trouxe para cá. Colt tratou dos ferimentos.

– Spring?

– Esteve aqui com você o tempo todo. Ela foi comer. Estou tomando conta de você até ela voltar. – Odell o avaliou. – Tem certeza de que quer ir lá fora?

– Tenho.

– Certo. Aquela porta ali leva para os fundos. Você terá privacidade. Vamos fazer isso rápido, antes que ela volte e xingue nós dois.

Garrett concordou. Apoiando-se no velho caçador, ele se arrastou pelo caminho com as pernas fracas como cordas molhadas. Suas costas protestaram raivosamente e a testa ficou encharcada de suor. Do lado de fora, a luz forte do sol incomodou seus olhos. Ele não conseguia saber qual era a temperatura. Seu foco estava em fazer as necessidades antes que desmaiasse.

De volta ao consultório e se sentindo melhor, ele se deitou na maca e esperou que a respiração irregular retornasse a um ritmo mais perto do normal. As costas dele pareciam uma fogueira abastecida com pedaços de vidro afiados.

– Como está a dor?

– Terrível.

– Tenho um pouco de chá de láudano aqui.

Garrett se esforçou para se sentar, bebeu o máximo de chá que conseguiu e então se deitou de novo. As inúmeras perguntas que ele tinha para fazer a Odell foram esquecidas enquanto o sono o derrubava mais uma vez.

Garrett acordou e não tinha ideia de quanto tempo se passara desde que Odell o ajudara a sair. Foram horas? Dias? Mas ele continuava no quarto sem janelas. A dor nas costas havia diminuído um pouco, mas ainda estava presente para que ele soubesse que não dançaria saltitante por um bom tempo. Estava com fome e sede.

– Tem alguém aí? – gritou.

A porta da frente do consultório se abriu, deixando a luz do dia se infiltrar. Spring entrou. Um brilho suave o preencheu ao vê-la.

– Olá – disse ela, andando até a cama.

– Oi.

Spring colocou a mão de leve na testa dele.

– Sem febre. Isso é bom.

Ele concordou.

– Bem-vindo de volta ao mundo.

– Obrigado.

– Está com sede? Fome?

– Os dois.

– Colt disse para lhe dar coisas moles para comer primeiro. Gostaria de ovos?

– Sim.

Ele queria dizer quanto estava agradecido pela presença dela e pelo cuidado prestado pelo irmão, mas seu cérebro estava tão mexido quantos os ovos que ela oferecera.

Whit colocou a cabeça na porta e Garrett ficou feliz em vê-lo. Spring disse:

– Odell me contou que você foi lá fora. Não fiquei feliz, mas entendo. Whit vai ajudar se você precisar de novo. Vou pegar os ovos na Dovie.

Sentindo-se quase humano, pelo menos na medida em que um homem baleado nas costas poderia sentir, Garrett silenciosamente agradeceu por estar vivo.

Depois de pedir os ovos para Garrett, Spring se sentou na sala de jantar para esperar que Dovie trouxesse o prato. Hazel Jarvis entrou no salão, antes vazio, e caminhou até Spring.

– Bom dia, Srta. Lee.

– Bom dia.

– Se tiver algum tempo livre nos próximos dias, eu gostaria de conversar com você.

– Sobre?

Sempre arrumada demais, desta vez em um vestido verde-oliva, ela se mostrou um pouco inquieta.

– Eu só gostaria de conhecê-la melhor.

– Por quê?

– Eu... Você é diferente de todas as mulheres que já conheci. Como se tornou tão forte e corajosa?

Spring se perguntou do que realmente se tratava aquela conversa. Hazel era uma mulher privilegiada em termos de cor e classe social. Spring não via razão para ela estar interessada na história de vida de uma mulher preta.

– Duvido que seu pai aprovaria que você se relacionasse comigo.

– Concordo. Ele não gosta mesmo de você. Diz que é uma anomalia e que precisa ser posta no seu lugar.

Spring não estava surpresa.

– Mas eu acho você fascinante. E...

– Hazel!

A voz irritada do pai dela a interrompeu.

Ele a encarou do outro lado da sala de jantar e, tensa, Hazel correu até lá. Enquanto ele a repreendia em voz baixa, o rosto dela se mostrava contrariado e permaneceu assim quando eles se sentaram a uma das mesas.

Dovie trouxe os ovos de Garrett. O prato estava embrulhado em um pano para mantê-lo aquecido.

– Obrigada, Dovie.

– O que McCray pretende fazer com o quarto dele aqui?

– Não sei bem, vou perguntar e depois informarei a você.

Ignorando Hazel e o pai, Spring seguiu seu caminho.

De volta ao consultório de Colt, Garrett e Whit estavam conversando quando ela entrou.

– Então, qual é a última coisa da qual se lembra?

Spring desembrulhou o prato e encontrou ovos mexidos e dois bolinhos salgados.

– Dos patos.

Spring parou.

Whit riu.

– Dos patos?

Garrett explicou.

– Um pouco antes de eu cair do cavalo, parei para deixar uma família de patos atravessar a estrada.

Spring concluiu que o modo cavalheiresco dele quase lhe custara a vida. Mas ela também já tinha parado por famílias de patos.

Com Garrett incapaz de ficar sentado por muito tempo e sem forças para alimentar a si mesmo, ela e Whit acabaram ajudando-o a se acomodar em uma das cadeiras do consultório. Era dolorido para Spring ouvir sua respiração pesada e ver o brilho da transpiração causada por um simples movimento.

– Matt Ketchum atirou em mim? – perguntou ele, quando o acomodaram

na cadeira.

– É bem provável – respondeu Whit. – Mas preciso de evidências para provar.

Spring garfou um pouco de ovo e o alimentou.

– Regan colocou uma recompensa por informações, mas até agora ninguém apareceu.

– Vocês avisaram aos meus pais?

– Sim. Odell disse que eles mandaram algumas perguntas, as quais ele respondeu do melhor jeito que pôde.

– Espero que não estejam muito preocupados.

– Avisaremos a eles que agora você está acordado e comendo – disse ela, tranquilizadora. – Isso pode ajudar a diminuir a aflição deles.

Quando Garrett terminou uma porção pequena dos ovos e meio bolinho, já estava exausto e teve que ser ajudado a voltar para a maca. Spring pensou em como seria mais fácil cuidar dele se estivesse na casa dela, descansando em uma cama de verdade. O quarto dos fundos de Colt não era equipado para abrigar pacientes por longos períodos, por isso ele estava construindo o hospital. Mas ela não tinha certeza se Garrett havia se recuperado o suficiente para fazer a viagem até a casa dela na parte de trás de uma carroça chacoalhando numa estrada cheia de buracos. Ele deve ter lido a mente dela, porque, assim que estava deitado de novo, perguntou:

– Por mais quanto tempo tenho que ficar aqui? Dormir nesta maca é tão confortável quanto dormir sobre uma tábua.

– Eu poderia levá-lo para minha casa, mas estou preocupada com você sendo jogado de um lado para outro na carroça. Colt arrancaria meu couro se a viagem prejudicasse sua cicatrização.

– Estou disposto a arriscar.

– Tudo bem. Vamos conversar sobre isso amanhã.

– Preferia que fosse hoje, Spring. De preferência, agora.

Havia uma firmeza nos olhos dele.

Ela encarou Whit, que respondeu com um dar de ombros, acrescentando:

– Acho que podemos encontrar algo para acolchoar a carroça. Dovie deve

ter uns colchões velhos e estrados para nos emprestar. Odell pode ter algo útil também.

– Não posso me recuperar se não consigo dormir direito – argumentou Garrett.

Ela sabia que ele estava certo, mas ainda tinha receio de deixá-lo pior.

– Certo. Vou ver o que consigo. Minha carroça está em casa, então vou ver se podemos pegar a de Odell emprestada.

Spring levou uma hora para preparar tudo. Dovie doou dois colchões velhos. Odell se ofereceu para conduzir e jogou algumas peças de couro para cobrir o colchão e fornecer mais amortecimento. Depois que acomodaram Garrett e o deixaram confortável, ela pôs numa bolsa ataduras novas, um vidro de láudano e uma lata da pomada que eles vinham passando nas feridas dele.

A notícia de que McCray logo sairia se espalhou, então, quando a carroça estava pronta para partir, uma pequena multidão havia se formado. Enquanto montava Cheyenne, Spring viu Jarvis, seu secretário e sua filha observando de longe, mas Matt não estava com eles. No caso de outro ataque, ela estava armada com seu revólver e uma espingarda que tinha pegado emprestado com Whit. O xerife montava seu cavalo e iria acompanhá-los na viagem. Ela deu a Odell o sinal para saírem, e, com ela e Whit flanqueando a carroça, o pequeno grupo marchou em direção à saída da cidade.

Enquanto cavalgavam pela estrada, Spring mantinha um olho em Garrett e o outro nos arredores. Ela duvidava que Ketchum, ou seja lá quem houvesse sido responsável pelo ataque, teria coragem suficiente para repeti-lo com ela, Whit e Odell presentes, mas não baixou a guarda. Vasculhando a estrada à frente, ela focava nas árvores e na vegetação densa que margeavam o caminho.

Garrett tinha recebido láudano antes de deixarem a cidade, na esperança de que isso o fizesse dormir durante a viagem e, até agora, estava

funcionando. No entanto, cada desnível na estrada o balançava, às vezes de modo suave, outras vezes com brutalidade. Alguns buracos grandes chacoalhavam a carroça com tanta força que seu rosto adormecido estremecia. Ela se preocupava com ele e continuaria se preocupando até que ele estivesse em casa e na cama.

Quando enfim chegaram à cabana, levá-lo para dentro foi outra dificuldade. O láudano o tinha deixado tão grogue e confuso que Whit e Odell carregaram Garrett como se ele estivesse bêbado. Quando entraram, levaram-no para o quarto de hóspedes e o puseram na cama grande.

Odell perguntou:

– Tem certeza de que vai conseguir cuidar dele sozinha?

– Tenho sim. Que tal você vir verificar amanhã, só por precaução?

– Farei isso.

Whit disse:

– Pegou tudo na carroça? Os suprimentos médicos e as roupas?

Ela assentiu com a cabeça. Havia colocado numa mala todas as coisas dele que estavam no quarto da pensão. Spring não tinha condições de acertar as contas dele, mas Dovie lhe disse, de modo gentil, que não se preocupasse. Garrett poderia pagar o que devia quando estivesse forte o bastante para voltar à cidade.

Depois de se despedir de Odell e Whit, Spring olhou para Garrett. Ele estava roncando sob os lençóis e cobertores e a respiração parecia menos ofegante do que antes. O colchão grande de penas lhe daria bem mais conforto que a maca. Transferi-lo pareceu a coisa certa a fazer, assim como ter Garrett com ela.

Ao longo do dia, Spring passava várias vezes no quarto para ver como ele estava e, a cada vez que espiava, um sentimento de paz crescia em seu interior. Quem diria que se apegaria tanto a um jornalista carpinteiro enxerido? Em alguns aspectos, ele não se assemelhava em nada aos homens com os quais ela tinha crescido. Ele não usava um coldre e ela nunca o tinha ouvido falar palavrões. Ele cozinhava para ela e não ligava de lavar a louça. A gentileza parecia guiar os passos dele, e Garrett lhe oferecia essa mesma

gentileza espontaneamente e sem julgamento. Ele a fez se perguntar mais de uma vez como seria deixar de levar a vida como uma mulher sozinha.

Como prometido, Odell passou por lá no dia seguinte e trouxe notícias perturbadoras: a serraria de Porter James tinha pegado fogo na noite anterior.

Spring estava chocada.

– Alguém se machucou?

– Não, mas o lugar foi totalmente destruído.

– Como isso é possível? Ele deixou um lampião aceso?

– Não. Parece que foi intencional. Whit disse que havia um cheiro forte de querosene quando foi até lá para ver o que tinha sobrado.

Spring pensou em Jarvis e na conversa sobre construir uma serraria.

– Será que Jarvis está envolvido?

– Ninguém sabe. Dovie disse que ele partiu para Cheyenne ontem à tarde e deve voltar esta noite, mas é muita coincidência, não acha?

Ela concordou.

– Pobre Sr. James. Ele vai reconstruir?

– Não. Disse que para ele acabou. Assim que resolver as burocracias, pretende ir morar com a filha e a família dela em Denver. Vou sentir muita falta daquele velho rabugento.

Assim como todo mundo nas redondezas. Ele tinha ajudado a expandir a casa de Regan e Colt no ano anterior e a reformar a pensão que Dovie administrava. Ela pensou no hospital inacabado de Colt. As obras tinham sido interrompidas por causa do inverno, e agora? A pequena equipe dele conseguiria continuar sem sua supervisão? Se Garrett se recuperasse, conseguiria assumir a construção quando retornasse do Leste? Ela não tinha respostas, mas lamentava por Porter James estar deixando Paradise.

Odell disse:

– Falando em Jarvis, ele quer se encontrar com os proprietários de terra na quarta-feira para discutir o que ele chama de uma "oportunidade de investimento" que vai nos interessar.

– Você pretende ir?

– Pretendo. Conhecer o inimigo é a primeira regra da sobrevivência.

– Gostaria de ouvir o que ele tem a dizer também, mas não posso deixar Garrett sozinho, pelo menos não por enquanto.

– Entendo. Prometo que vou lhe deixar por dentro de tudo. Como vai seu rapaz, por sinal?

Ela decidiu não discutir com Odell por chamar Garrett de "seu rapaz". Mesmo que discutisse, ele não pararia e, para ser sincera, pensar em Garrett desse modo não a fazia mais ter vontade de se queixar ou reclamar.

– Ele dormiu bem ontem à noite. Comeu um pouco de manhã cedo e está dormindo de novo.

– Transferi-lo foi uma boa ideia.

– Eu também acho. Vamos torcer para que Colt concorde quando voltar. Alguma notícia dos pais de Garrett?

– Recebi um telegrama ontem de uma Melody. É irmã dele?

– Sim. Ele falou dela.

– Ela pediu que lhe dissesse que está rezando por ele. Queria saber quão longe Paradise era de Cheyenne.

– Será que ela está vindo visitá-lo? – indagou Spring. – Se Colt estivesse machucado em algum lugar longe, com certeza eu iria querer vê-lo, não importa a distância.

– Você deve estar certa. Vamos ter que esperar para saber. Avisarei se ela escrever mais alguma coisa.

Spring não sabia como se sentia em relação a conhecer um membro da família de Garrett, mas sabia que não importava. Se a irmã realmente viesse, ele ficaria feliz, e Spring faria o máximo para ser receptiva.

Depois de prometer visitá-la de novo no dia seguinte, Odell foi embora. Spring passou o resto da manhã cuidando dos animais e depois deu uma espiada em Garrett. Ele ainda dormia, então ela o deixou para começar a revolver o solo onde seria o jardim. A época de cultivo era curta, e, agora que o clima tinha esquentado, ela queria começar a plantar assim que possível.

Pouco tempo depois, Lacy passou para deixar os gatos que tinha pedido a Spring que abrigasse. Havia três. O pelo de um lhe lembrava a barba de Odell, então Spring o batizou de Odell. Um marrom e branco que piscava

recebeu o nome de Coruja, e o terceiro, um cinza com listras pretas na lateral, sibilou com tanta raiva que Spring o batizou de Serpente. Ela os levou para o estábulo, onde suas gatas Rainha Vitória e Cleópatra reinavam. Assim que entrou, as duas gatas pretas saíram de mansinho das sombras. Spring se sentou no chão coberto de feno para ver se elas ousariam investigar. O miado dos gatinhos atraiu a atenção delas de imediato. Quando as rainhas começaram a lamber os pequeninos, Spring sorriu.

– Gostaram dos seus novos bebês?

Ela passou a mão nas costas de cada gata.

– Vou arrumar uma cama para eles. Já volto.

Deixando os filhotes com as novas mamães, ela foi até a casa, pegou dois travesseiros velhos, algumas toalhas surradas e um cesto grande que ela usara uma vez para lavar roupa até que Paint o pegou, no ano anterior. As mordidas dele diminuíram a altura do cesto, que passou de 20 centímetros para uns 8. Assim que voltou ao estábulo, ela pôs a nova cama perto de uma parede e colocou os filhotes lá dentro. Quando eles se deitaram de imediato, ela colocou mais comida nas tigelas das rainhas e um pouco de leite para os bebês. Depois de fazer bastante carinho neles, ela os deixou para se conhecerem melhor enquanto voltava para o jardim.

Garrett abriu os olhos e espiou o quarto. Ele não sabia por quanto tempo havia dormido, mas se lembrava de ter comido o café da manhã. Só não sabia se tinha sido naquele dia, ou no dia anterior, enfim, não sabia quanto tempo se passara. O relógio na mesa de cabeceira mostrava que eram onze horas. As janelas brilhavam com a luz do dia, então era de manhã. Ele precisava ir até o banheiro, porém, sem saber onde Spring estava e sem conseguir caminhar pelo pequeno corredor para achá-la, Garrett decidiu tentar ir sem ajuda. Foi uma tarefa lenta. Ele conseguiu ir e voltar sem cair, mas ficou tão cansado com o percurso que voltou a dormir de imediato.

Quando abriu os olhos novamente, os ponteiros do relógio estavam no doze e no um. A luz do sol continuava a entrar pela janela, então ele

presumiu que fosse o mesmo dia. Seu estômago roncou, e Garrett, mais uma vez, se perguntou onde Spring poderia estar. E então, como se tivesse ouvido o chamado mental dele, ela apareceu na porta. Vê-la o preencheu com algo que rivalizava com o brilho do sol. Ele não se importava que a frente da camisa e da calça dela estivesse suja e que houvesse uma mancha de sujeira similar na testa. Para ele, ela estava linda.

Spring disse:

– Fico contente em vê-lo acordado.

– Estou contente por estar acordado.

– Com fome?

Ele assentiu.

– Há quanto tempo estou dormindo?

– Só desde o café da manhã.

– De hoje?

– É.

Um pouco frustrado com sua condição e por estar de cama, Garrett falou, com tristeza:

– Queria poder avançar no tempo algumas semanas e já estar curado.

– O futuro vai chegar em breve – disse ela, suavemente. – Tem sopa de batata. Quer um pouco?

– Quero, por favor.

– Vou me limpar e já volto.

Quando ela retornou, ele se esforçava para se sentar.

– Espere. Deixe-me ajudar.

Ela pôs a bandeja na cama e acrescentou com gentileza algumas almofadas e um cobertor dobrado junto à cabeceira. Sua proximidade afetou Garrett, fazendo-o mais uma vez desejar estar totalmente curado para que eles pudessem continuar de onde tinham parado antes de ele ser baleado. Ela deve ter visto algo nos olhos dele, porque parou e perguntou:

– O quê?

– É só que sinto sua falta.

– Sinto sua falta também – disse ela, baixinho. – Então vamos deixá-lo curado.

No entanto, só o ato de se sentar o fazia suar.

– Está tudo bem?

– Deixe-me recuperar o fôlego por um minuto.

Ter que admitir que ele estava tão fraco quanto um filhote de pássaro abalava seu orgulho viril, sobretudo na frente da mulher de quem ele tanto gostava.

Ela pôs a mão na testa dele.

– Sem febre.

– Ótimo. Odeio ficar parado assim.

– Compreensível, mas não há nada que se possa fazer por ora além de aguentar.

– Homens não gostam de parecer fracos na frente de suas companheiras.

– Não é como se você tivesse planejado isso, McCray. Não atirou nas próprias costas.

– Mesmo assim.

Para a surpresa dele, ela se abaixou e o beijou, deixando-o deslumbrado e ofegante de um modo diferente.

– Está pronto para tomar a sopa agora?

Querendo mais do que comida, Garrett retribuiu o beijo, esperando que isso lhe dissesse quanto ele a achava mais nutritiva. Quando se satisfez, recuou, relutante.

– Agora estou.

Ela acariciou a barba que tinha crescido no rosto dele.

– Algumas partes suas podem estar machucadas, mas seus lábios estão ótimos.

– Bom saber.

Por conta do ombro enfaixado e das feridas, Garrett continuava incapaz de levantar o braço direito para se alimentar. Ele conseguia usar a mão esquerda para comidas sólidas como ovos e bacon, mas sopa requeria uma precisão que a mão esquerda não podia garantir.

Sentada na beira do colchão, Spring pegou um pouco da sopa com a colher e a levou até ele.

– Aqui.

Ele não conseguia decidir se apreciava ser alimentado ou não. Por um lado, gostava da proximidade de Spring e de ser paparicado, mas, por outro, Garrett se sentia como uma criança frágil.

Ela pegou mais um pouco de sopa.

– Nunca dei comida a um homem. Ficar perto de você traz uma experiência nova atrás da outra.

Ele sentia falta do humor dela também.

– Qual vai ser a próxima?

– Algo mais substancial, assim que eu conseguir andar e falar ao mesmo tempo – ironizou ele.

– Vou esperar ansiosa por sua atenção substancial.

Seu corpo estava esquentando com aquela troca de palavras, de um jeito que não poderia ser satisfeito na condição atual dele.

– Que tal falarmos de outra coisa? Não estou em condições de ser provocado.

Ela fez beicinho.

– Você é um estraga-prazeres, mas tudo bem. Prefere falar sobre o quê?

– Me conte o que perdi.

Ela começou com a destruição da serraria do Sr. James. Saber que o incêndio parecia ter sido provocado deliberadamente deixou Garrett com raiva e preocupado.

– Estou feliz por ele não ter se machucado. Foi obra do Jarvis?

– Odell e eu nos perguntamos a mesma coisa.

Ela então o informou da reunião que Jarvis estava promovendo.

– Você vai comparecer? – perguntou Garrett.

– Não. Não quero deixar você aqui sozinho.

– Posso cuidar de mim, Spring. Não é como se você fosse passar a noite fora.

Ela o analisou.

– E se você precisar de ajuda para sair da cama?

– Consegui sair sozinho duas vezes hoje.

Ela não pareceu impressionada.

– O senhor deveria pedir ajuda.

– Não precisei.

Garrett achou melhor não mencionar quase ter batido a cabeça na banheira.

– Vá para a reunião. Sei que prefere ir pessoalmente a saber por Odell ou outra pessoa o que aconteceu.

Ele a conhecia o suficiente para afirmar isso.

– Certo. Mas, se eu voltar para casa e achar você desmaiado no chão, vai virar comida de urso.

– Entendido.

Quando ele terminou a sopa, ela colocou a tigela de lado.

– Chegou um telegrama da sua irmã. Ela disse que te ama e que está rezando por você. Odell contou que ela queria saber a distância entre Paradise e Cheyenne. Acha que ela está vindo visitá-lo?

Garrett ficou surpreso com isso.

– Não sei. Tinha mais alguma coisa no telegrama?

Era empolgante pensar que Melody poderia mesmo vir visitá-lo.

– Não, mas Odell prometeu me avisar se ela escrever de novo.

Ele pensou outra vez em quanto ficaria feliz em vê-la.

– Você iria gostar dela, Spring. Ela e eu temos pais diferentes, mas ela é cem por cento minha irmã.

– Tenho certeza de que eu iria gostar.

– O que vai fazer durante o resto do dia?

– Talvez progredir mais na aragem do meu jardim para que eu possa plantar as sementes. Tem cercas que precisam ser reforçadas, madeira para cortar. Fora isso, não muito para uma dama ociosa como eu.

– Mais um dia entediante.

– Exato. Precisa de mais alguma coisa antes que eu vá lá para fora?

– Sim, mas não posso ter, pelo menos não agora.

Ela lhe deu outro beijo suave e provocante.

– Nós vamos compensar isso em breve. Prometo. Descanse um pouco. Volto mais tarde.

Estimulado pela sopa, pelos beijos e pela promessa dela, Garrett dormiu.

CAPÍTULO 12

A reunião de Jarvis estava sendo realizada no banco e, quando Spring chegou, a maioria das cadeiras na sala estava ocupada por fazendeiros e outros proprietários de terras. Ela cumprimentou aqueles que conhecia antes de encontrar um lugar no fundo. Alguns minutos depois, Odell entrou e se juntou a ela. Jarvis chegou um pouco mais tarde, acompanhado de Matt, Hazel e Swan.

Spring observou Swan instalar um cavalete e colocar nele um grande mapa da região. Ele então tirou uma pilha de papéis da bolsa de couro e a pôs na mesa ao lado. Enquanto ele fazia isso, Hazel estava sentada em silêncio, e Spring se perguntou outra vez o que aquelas pessoas estavam de fato tramando. Jarvis passou alguns minutos conversando com Arnold Cale, Matt e Randolph Nelson antes de se virar para avaliar a plateia.

O banqueiro Cale deu início à reunião.

– Boa noite. Obrigado por virem. Muitos de vocês têm visto o Sr. Jarvis por aí. Ele e a filha vieram do Leste, onde ele é um homem importante. Ele nos reuniu porque tem algumas propostas que acha que podem nos interessar.

Jarvis passou os olhos pela sala. Não falou nada no início, fazendo Spring achar que ele esperava aplausos pela apresentação.

Ele enfim começou:

– Como o banqueiro Cale disse, sou Avery Jarvis, da cidade de Nova York.

Isso também foi recebido com silêncio.

Ele pigarreou.

– Conheci Matt Ketchum aqui há alguns meses, e ele me contou como essa comunidade é ótima. Também me falou dos vários hectares de madeira

na região, algo do qual nós do Leste temos extrema necessidade. Sou advogado e também membro de um grupo de investidores que gostaria de usufruir desses recursos e lhes oferecer uma oportunidade de aproveitar o que sem dúvida será um empreendimento promissor.

O público esperou.

– Primeiro, gostaria de construir uma nova serraria para substituir aquela que foi perdida no incêndio. Seria mais rentável cortar as árvores em tábuas e enviá-las para o Leste do que pagar o transporte de pesadas árvores inteiras. Uma serraria nova também lhes daria acesso a um negócio local em vez de patrocinar algum de fora. Meus amigos investidores e eu enxergamos esse novo empreendimento como uma parceria, e nós igualaríamos os fundos que vocês angariassem.

Odell perguntou, com franqueza:

– Quem seria o dono?

– Meus amigos e aqueles que escolherem investir. Agora, a segunda oportunidade da qual gostaria de falar é a linha férrea projetada para ir de Paradise até Cheyenne... – ele usou um ponteiro para traçar a rota proposta no grande mapa apoiado no cavalete e acrescentou: – ...o que é uma boa notícia para os fazendeiros que querem despachar suas mercadorias e para aqueles que fizerem parceria com nossa serraria. A fim de que isso aconteça, a companhia ferroviária precisará comprar a terra ao longo da rota.

– Quanto eles vão pagar? – indagou alguém.

Jarvis pareceu abalado pela interrupção.

– Falarei disso em um instante.

– Devem ser centavos, se ele não diz.

Algumas pessoas riram.

Outra voz respondeu com sarcasmo:

– Certo, Jarvis, diga mais. Vamos ver se mordemos essa isca também.

Spring se perguntou o que Matt tinha dito a Jarvis que o levou a acreditar que a compra das terras seria fácil. Todo mundo entedia os benefícios que a ferrovia oferecia, mas as companhias eram extremamente odiadas. Os trens matavam o gado, as cinzas de carvão sujavam os riachos e vários fazendeiros haviam sido levados à falência pela prática duvidosa das ferrovias de vender

ações que não valiam o papel na qual eram impressas. Ela sabia que isso não daria certo para Jarvis se ele não conseguisse provar que a oferta era confiável.

Randolph Nelson questionou:

– Então o que está vendendo, Sr. Jarvis?

– Ações em troca da terra. Quanto mais lucro a ferrovia tiver, maior será o retorno das ações. Vocês poderão sacá-las quando o lucro for efetivado. Tenho panfletos aqui que explicam melhor os detalhes.

Spring balançou a cabeça em resposta. No passado, quando a ferrovia começou a assentar os trilhos, as pessoas estiveram dispostas a oferecer suas terras e tudo o mais que possuíssem por uma parcela dos lucros prometidos. Agora, depois de escândalos de fraudes, esbanjamento governamental e roubo descarado, as pessoas estavam mais desconfiadas.

Nelson se levantou e disse:

– Obrigado, Sr. Jarvis. Não tenho interesse.

Ele caminhou para a porta. Alguns outros o seguiram. Spring viu Jarvis arregalar os olhos de choque e susto.

– Espere! Aonde vão?

– Para casa.

– Mas estou oferecendo a oportunidade de obterem um lucro grande.

– Isso vai é depenar as pessoas.

Jarvis rebateu, com raiva:

– O que estou oferecendo é melhor do que aquilo que vão ter se eu os processar pelo roubo das terras dos Ketchums. Depois que eu terminar, vocês não terão nada.

Nelson se virou.

– O que foi que disse?

– Matt Ketchum contratou meus serviços para ter a venda dos hectares da família dele declarada ilegal e receber a terra de volta.

Àquela altura, todos os olhares estavam voltados para Matt, que disse, em tom insolente:

– A terra do meu pai foi roubada...

– Espere um minuto! – interveio Arnold Cale, furioso. – Eu conduzi

aquela venda. Foi completamente legítima. Fiz o melhor que pude para entrar em contato com você quando a terra foi revertida para o banco, mas você não foi encontrado.

– Obviamente não procurou o suficiente.

– Não olhei debaixo de pedras se é isso que quer dizer!

Nelson acrescentou:

– Paguei o justo por aquela terra, como todo mundo naquele dia. Se você está disposto a acreditar em Ketchum em vez de no banqueiro que conduziu a venda, é realmente ignorante.

– E você será humilhado quando ele ganhar.

Randolph riu.

– Me processe e você ficará tanto tempo nos tribunais que meus netos representarão minha propriedade antes que o processo acabe.

Embora o assunto fosse sério, Spring achou que aquilo era um entretenimento melhor do que os espetáculos itinerantes que passavam pela cidade de vez em quando. Ela olhou para Odell, que sussurrou:

– Eles deveriam ter vendido ingressos.

Ela concordou.

Enquanto a discussão continuava, Nelson disse a Jarvis:

– Se eu fosse você, voltaria para Nova York. Só houve problemas desde que você e aquele pedaço de merda... – e então ele olhou para Matt – ...vieram para a cidade. Primeiro, McCray foi baleado, depois, a serraria foi destruída. Coincidência? Talvez. De qualquer jeito, você precisa partir.

Jarvis respondeu:

– Está me ameaçando?

– Não, estou dizendo para ir vender seu golpe em outro lugar. Construiremos nossa própria serraria sem sua ajuda.

E, com isso, ele saiu.

Cale disse:

– Sua reunião acabou, Jarvis. Caia fora do meu banco.

– Vejo vocês nos tribunais.

– Mal posso esperar.

Jarvis percorreu com os olhos todos os rostos irritados e pareceu se dar

conta de que não tinha apoio. Carrancudo, ele e Swan pegaram o cavalete e o mapa junto com a pilha de panfletos, e o grupo todo foi embora.

Arnold Cale ainda estava soltando fogo pelas ventas quando Spring, Odell e todos os demais saíram. Do lado de fora, era possível avistar Jarvis e seu grupo caminhando depressa para a pensão de Dovie. Randolph Nelson, observando irritado a retirada, perguntou a Odell e Spring:

– Acreditam nisso?

– Acredito – disse Odell. – Mas só porque Spring me contou que Jarvis a tinha abordado sobre vender a terra dela.

– Ele a abordou? – quis saber Randolph, parecendo surpreso. – Quando foi isso?

Spring lhe contou da visita.

Randolph respondeu:

– Portanto, ele tentou pressionar você primeiro. Achou que você se abalaria por ser mulher?

– Tive essa impressão.

– Então ele não a conhece, certo?

– Não.

Ele não tinha sido o primeiro homem a achar que seu gênero era sinônimo de fraqueza.

Nelson perguntou:

– Matt não acredita mesmo que a terra foi roubada dele, acredita?

Spring deu de ombros.

Àquela altura, alguns dos outros que tinham estado na reunião se aproximaram e deram opiniões sobre o que tinha acontecido. Spring escutou um pouco, mas a imagem de McCray, sozinho na cabana, ocupava sua mente e ela se perguntou como ele estaria. Então se despediu e cavalgou para casa.

Em vista do ataque a McCray, ela se manteve em guarda, de olho em possíveis armadilhas. O fato de Ketchum ter transformado o que antes era uma viagem tranquila em algo que poderia custar a vida dela a fez xingá-lo mentalmente. Com alguma sorte, o culpado seria encontrado, julgado e

preso, e as coisas voltariam a ser calmas e pacíficas de novo, mas ela não esperava que isso ocorresse tão cedo.

McCray estava lendo na cama. O sorriso que ele deu quando ela entrou a comoveu de um modo que tinha se tornado familiar. Em vez de questionar ou ignorar, ela escolheu apreciar como isso a fazia se sentir. Ele entrara na vida dela no meio de uma nevasca e tinha passado a desafiar silenciosamente várias coisas que ela julgava saber sobre si mesma.

– Que bom que está vivo.

– Bem-vinda de volta. Eu disse que ficaria bem.

Ele pôs o livro de lado enquanto ela se acomodava na cadeira junto à cama.

– O que está lendo? – quis saber ela.

Além de Colt, Spring conhecia poucos homens que liam por prazer.

– O terceiro capítulo da autobiografia de Fred Douglass. Como foi a reunião?

Spring fez um resumo dos acontecimentos, acrescentando:

– E o banqueiro Cale ficou irado por ter sua integridade questionada.

– O que acha que vai acontecer agora?

– Não tenho ideia. Sei que Randolph Nelson não vai ser intimidado por um charlatão da cidade grande que acha que somos um bando de caipiras ignorantes. A esposa de Nelson, Audrey, tem conexões com pessoas do governo territorial, e elas podem ajudar a resolver isso. Jarvis deveria seguir o conselho de Nelson e deixar a cidade.

– Ele provavelmente não é esperto o suficiente para fazer isso.

– Não, mas parece determinado a conseguir o que quer.

– Está preocupada com o processo que ele está ameaçando abrir?

– Eu seria ingênua se dissesse que não, mas Odell e os outros têm certeza de que o caso não se sustenta, então escolho acreditar neles, pelo menos por enquanto.

Spring não sabia o que faria se perdesse suas terras. Era mais do que provável que Odell e Ben permitissem que ela ficasse com um pequeno pedaço das suas grandes propriedades, mas ela não queria recomeçar em outro lugar. Tinha trabalhado arduamente para comprar o lugar que agora

chamava de lar e, depois de uma década como proprietária, suas raízes eram profundas.

– Como advogado, concordo com Odell. Se o banco possuía a terra, Cale tinha todo o direito de vender como bem entendesse.

– Jarvis discorda. Não consigo deixar de me perguntar há quanto tempo ele conhece Matt para colocar tanta fé assim no lado dele da história.

– Para mim, parece que há algumas coisas que não estão nos contando.

– Quem dera soubéssemos do que se trata, para podermos despachar esse grupo para longe.

– A verdade sempre aparece.

– Espero que esteja certo. Aliás, estou com fome. Quer um sanduíche?

– Prefiro uns beijos.

Achando graça, Spring respondeu:

– Achei que não quisesse ser provocado.

– Estou disposto a arriscar um pouco de agitação. Está me ajudando a sarar.

Ela riu, baixinho.

– Então beijos são medicinais?

– Os seus são.

Aproximando-se, ela roçou os lábios nos dele.

– Queria poder te dar mais...

O beijo foi suave no começo, um pequeno sussurro de reconhecimento que logo desabrochou no desejo que vinha cozinhando em fogo baixo desde o ataque. Eles sabiam que não haveria nenhuma expressão completa de suas paixões, mas ela saboreou o gosto dele, a língua deslizando no canto da boca e o calor que cresceu aos poucos em sua corrente sanguínea. Garrett moveu um dedo provocante pelo mamilo dela, fazendo-a se lembrar de quanto amava o toque dele, e ela sussurrou:

– Você tem que se apressar e ficar bom logo, McCray.

– Abra sua camisa para mim...

Estimulada pelo seu tom e pela intensidade nos olhos dele, ela se aproximou para lhe dar acesso. As pequenas lambidas e puxões sedutores que se seguiram a fizeram derreter e reagir com um gemido baixo e cheio de

prazer. Estendendo a mão, Spring encontrou a rigidez dele escondida sob os lençóis e procurou os lábios dele mais uma vez. Sua mão brincava, ele gemia. Garrett ergueu os quadris, querendo mais. A dor imediatamente contraiu o rosto e o corpo dele.

– Fui longe demais – afirmou, arfando.

Ela parou. Sentindo-se péssima, encostou a bochecha na testa dele e notou a fina camada de transpiração na sua pele.

– Desculpe.

– Não tem nada do que se desculpar – disse ele, com firmeza, o desconforto ainda evidente. – Eu deveria ter escolhido o sanduíche.

Preocupada, ela acariciou a bochecha com a barba por fazer.

– Nada de beijos medicinais para você.

Ele fez beicinho.

Quando a respiração dele deixou de ser ofegante e se acalmou, Spring lhe deu um beijo no rosto.

– Vou fazer seu sanduíche e um pouco de chá.

Quando ela retornou, Garrett usou a mão esquerda para pegar o pequeno prato das mãos dela e o pôs no colo.

– Está melhor? – perguntou ela, colocando o chá quente na mesa de cabeceira.

Ao ver que ela não tinha abotoado a camisa, dando-lhe uma vista parcialmente velada dos seios pequenos, o sorriso dele ficou triste.

– Não ficarei melhor até poder mostrar a você como sinto falta de compartilhar uma cama.

Mas ele também estava feliz por ela ter trazido a comida. Sentia falta da companhia de Spring tanto quanto sentia falta de fazer amor com ela.

Spring afastou um pouco a cadeira da cama.

– Vou me sentar aqui para não seduzi-lo.

– Especialmente porque seus botões ainda estão abertos.

– Isso é um incentivo para você sarar.

Com aquele humor e sagacidade, Garrett achava que os homens deveriam estar fazendo fila na porta dela por uma oportunidade de merecer um de

seus sorrisos. Se bem que era provável que ela atirasse em todos eles primeiro.

A voz dela o trouxe de volta:

– Já que não podemos discutir nem fazer nada substancial, do que deveríamos falar?

Antes que ele pudesse refletir sobre isso, ela disse:

– Já sei. Me conte sobre seu período na Marinha. Você é o único marinheiro que já conheci.

– O que quer saber?

– Para onde você ia no navio? Que tipo de trabalho fazia? Essas coisas.

– Eu estive em um navio chamado *Kearsarge*. Já ouviu falar?

Ela balançou a cabeça.

– Não.

– Ele esteve em uma das batalhas navais mais famosas da guerra, a Batalha de Cherbourg.

– Onde foi isso?

– Na costa da França, no canal da Mancha. O combate aconteceu em julho de 1864, entre nosso navio e a chalupa de guerra dos Confederados, o *Alabama*.

– O que os navios faziam na França?

– O *Alabama* estava lá procurando por um porto para fazer reparos. Tinha adquirido uma boa reputação atacando navios mercantes da União por todo o mundo. Nós estávamos atracados na Holanda.

– Por que os rebeldes estavam atacando navios mercantes?

– Sobretudo para frear o fluxo de comida e suprimentos aos Estados Unidos. Nossa Marinha enviou vinte navios de guerra para capturá-lo, mas não foram bem-sucedidos.

– Por que não?

– Ele era maior, mais veloz e estava mais bem armado, mas o *Kearsarge* era seu igual em termos de tamanho e armas. Nós também erámos uma chalupa de guerra.

– O *Kearsarge* foi nomeado em homenagem a alguém famoso? Nunca ouvi esse nome antes.

– Não. É uma montanha em New Hampshire. – A confusão e o divertimento no rosto dela o fizeram sorrir. – Não me pergunte por que a Marinha resolveu dar esse nome.

– Certo, continue.

– Quando a notícia de que o *Alabama* tinha chegado na França se espalhou, os franceses se recusaram a deixá-lo atracar.

– Por quê?

– Porque os franceses apoiaram a União na guerra de Lincoln. Quando nosso navio chegou, três dias depois, o *Alabama* estava atracado no canal da Mancha, e a batalha começou.

– Quanto tempo durou o combate?

– Quando começamos a trocar tiros, menos de uma hora.

Ela ficou surpresa.

– Sério?

– Sim. Os rebeldes vinham atacando navios mercantes da União havia quase dois anos e, depois de navegar ao redor do cabo Horn para chegar à França, a tripulação deles estava cansada, o navio precisava de reforma e sua pólvora estava velha. Bastaram alguns bons disparos dos nossos canhões para ele começar a afundar. Naufragou menos de uma hora depois. Nosso capitão queria trazer os oficiais rebeldes para os Estados Unidos a fim de serem julgados, mas nunca teve a chance, porque um navio inglês parado no Canal, assistindo à batalha, resgatou os marinheiros rebeldes.

– Os ingleses não os entregaram?

– Não. Os britânicos apoiaram a Confederação. Na verdade, eles haviam construído o *Alabama* para o Sul.

Ele, então, lhe contou sobre a perda de um amigo durante a batalha.

– Ele era um intendente preto chamado Charles Foster. Ao conhecê-lo, deixei de ser um escravizado descalço e analfabeto do interior para me tornar um marinheiro experiente. – Garrett se calou, recordando. – Por causa de seus deveres como intendente, ele tinha permissão para ir às cidades nas quais atracávamos para comprar carne e legumes para a tripulação, e ele me levava para ajudar a carregar as coisas na volta. Acompanhá-lo me deu a oportunidade de ver todos os tipos de lugares e

pessoas novos não só na Europa, mas em locais como as ilhas do Caribe e Cuba. Ele também era membro da banda do navio. Quando estávamos em Cádiz, na Espanha, ele comprou instrumentos: violões, violinos, violoncelos.

– Havia bandas na Marinha?

– Sim, e às vezes havia competições com as bandas de outros navios.- Foster era bem talentoso e tinha uma voz excelente. Todo mundo tinha muita estima por ele, até os marinheiros e oficiais brancos. Quando ele morreu na batalha, o navio inteiro ficou de luto.

– Sinto muito – disse ela, em voz baixa. – Quantos outros marinheiros pretos estavam no navio com você?

– Uns quinze. Alguns tinham nascido livres, e as histórias que eles compartilharam sobre suas famílias abriram meus olhos para as diferenças entre a criação deles e a minha. Um homem de Massachusetts era marinheiro havia mais de trinta anos. Sua família era composta por baleeiros bem antes de a América romper com a Grã-Bretanha. Alguns dos nascidos livres não tinham nenhum escravizado na família. Isso me chocava.

– Meu irmão disse que conheceu alguns homens em Howard cujas famílias nunca tinham sido escravizadas. Um era um estudante irlandês, filho de mãe irlandesa e pai marinheiro preto inglês.

– Nunca soube que havia pessoas pretas por toda a Europa até me tornar marinheiro. Fazer parte da Marinha também me transformou em leitor. Um nascido livre chamado Harris me ajudou a aprender, e isso mudou minha vida. Uma vez que comecei, nunca mais parei. Carrego um livro ou jornal aonde quer que eu vá.

– Você disse que você e seu tio se alistaram juntos. Ele estava no navio também?

– Não. Ele, junto com muitos outros, foi enviado para lutar com uma das unidades do USCT, as tropas de homens pretos dos Estados Unidos. Nós nos reencontramos depois da rendição.

– Você e os outros marinheiros eram bem tratados? – perguntou ela, com delicadeza.

Garrett deu de ombros.

– Às vezes, sim. Mas, na maior parte do tempo, não. Muitos dos oficiais

eram preconceituosos. Às vezes, os marinheiros brancos não nos deixavam subir até o convés. Nós ficávamos no nosso canto na maior parte do tempo. O único momento em que ninguém se importava com a cor era durante a batalha.

Ela assentiu, compreensiva.

– Mas sabe qual foi a coisa mais preciosa que aprendi na Marinha?

– Qual?

– Como andar nesse mundo como um homem livre. Assim como ler, isso mudou minha vida para sempre.



Depois do jantar, Spring deixou Garrett descansar e ler e se sentou na varanda da frente para aproveitar a brisa da noite. Ela se recordou da conversa sobre o período dele na Marinha, e, pela primeira vez na vida, pegou-se considerando como seria viajar para fora do Território. Nunca havia tido interesse antes daquela conversa. Possuía sua terra, seus cavalos e não precisava de mais nada. No entanto, ouvi-lo falar de lugares distantes como Espanha, Holanda e Caribe despertou sua curiosidade. Ela nunca tinha visto o mar, nem um navio grande suficiente para navegar nele. Que tipo de comida as pessoas de Cádiz comiam? Como elas se vestiam? Dava para caçar alces no Caribe? Manadas de cavalos selvagens corriam livres na Holanda ou na França?

Estar perto de Garrett McCray tinha alterado seu modo de ver a vida, oferecendo perspectivas novas e desafiadoras, desde como ela definia respeito até o que merecia de um homem na cama. Com seu jeito calmo e tranquilo, ele a tinha mudado, não necessariamente para uma pessoa melhor, mas para uma diferente. Ela não sabia como ele magicamente havia conseguido isso, nem sabia dizer quando isso ocorreu, mas Spring não era a mesma mulher de antes de encontrá-lo perdido na neve.

De forma geral, estava tranquila com a transformação, porque lhe permitiu revelar seus sentimentos para um homem de um jeito que ela nunca tinha feito. Ela gostava de sua companhia e de como ele a fazia sorrir.

Garrett a aceitava como ela era. Diferentemente de alguns homens do seu passado, ele não perdia tempo tentando superá-la em tudo. Ela tinha se acostumado a tê-lo em sua vida e se importava com sua segurança e bem-estar. Agora Spring se questionava se isso era amor.

A contemplação dela foi interrompida por um cavaleiro que se aproximava. Quando ele desmontou e caminhou até a varanda, ela o reconheceu: Zach Hammond. Anos atrás, ambos haviam trabalhado para Mitch Ketchum, mas, desde então, ele tinha se mudado. Alto, desengonçado, bonito, com olhos e cabelos escuros, ela tinha tido uma queda passageira por ele. Zach se casara com a filha de um pastor de Laramie. Homens como ele usavam mulheres como Spring como esporte, não para levarem seus sobrenomes. Na verdade, ela não tinha desgostado dele por isso. Ainda não desgostava.

– Oi, Zach.

– Spring.

– O que o traz até minha porta?

– Como tem passado? – perguntou ele.

– Estou bem.

Ela esperou enquanto ele a avaliava.

– Você continua bonita – disse ele, exibindo o sorriso maroto que um dia a jovem Spring tinha apreciado.

– Como está sua esposa? – indagou ela, enfaticamente.

Ele ficou vermelho e riu baixinho.

– Ainda é dura na queda, Spring. Minha esposa está bem.

– Bom saber.

Ele respirou fundo e disse:

– Estou com um problema. Na verdade, Perry está. – Perry era seu irmão caçula. – Ele quer resgatar a recompensa que a esposa do Dr. Lee está oferecendo.

Spring ficou tensa.

– Ele está envolvido?

– Não digo que sim, nem que não. Mas, caso esteja, quer contar o que sabe em segredo.

Spring se lembrava de Perry. Ele tinha sido amigo de Matt, mas ela não o via há um bom tempo.

– Ele ainda mora por aqui?

– Não. Em Cheyenne.

Isso a deixou confusa.

– Por que ele estaria envolvido?

– Porque ele é idiota – respondeu Zach, parecendo e soando exasperado. – Sempre foi em relação ao Matt. Eles eram bons amigos quando mais novos. Ainda são, de acordo com meu irmão. Ele contou que Matt apareceu no bar em Long Pine, irritado com a briga que tinha tido com seu homem. Matt estava tentando arranjar alguém lá para ajudá-lo a ensinar uma lição a ele. Perry sendo Perry, e bêbado no momento, foi o único a se voluntariar.

– E agora?

– A esposa dele está doente. Bem doente. Ele quer o dinheiro da recompensa para que possa levá-la para o Leste, para um dos grandes hospitais. Os médicos de Cheyenne disseram que não têm equipamentos para tratá-la.

– Por que vir até a mim?

– A mulher oferecendo a recompensa é sua cunhada. Você conhece bem o xerife. Seu homem não morreu. Então eu esperava que você descobrisse se Perry pode vir, acusar Matt e pegar a recompensa.

– E ele quer fazer isso no anonimato porque não quer testemunhar publicamente? – questionou ela, para se assegurar de que tinha entendido.

– Ele tem medo do Matt.

– Mas não de a esposa morrer se não for tratada.

Era mais uma afirmação do que uma interrogação. Spring também percebeu que Zach não fez qualquer menção a Perry estar arrependido pelo ataque a tiros.

Atrás dela, ouviu Garrett dizer:

– Seu irmão terá que depor. Publicamente. Diante de um juiz.

Spring se virou e viu Garrett parado na porta de tela. Seu primeiro

instinto foi brigar com ele por estar fora da cama. Depois de fazer um lembrete mental para tratar disso mais tarde, ela os apresentou.

– Zach Hammond. Garrett McCray.

Zach deu um breve aceno com a cabeça.

– Sinto muito pelos tiros.

– Agradeço por isso – respondeu Garrett. – Seu irmão precisa de um bom advogado.

Ele suspirou.

– Não sei se ele pode pagar por um. Eu certamente não posso.

Spring disse:

– Vou avisar Whit que você veio me visitar e que Perry teve envolvimento no ataque.

– Entendido.

Ele desviou o olhar para a paisagem por alguns minutos antes de dizer:

– Eu venho resgatando meu irmão de erros estúpidos desde que nossos pais morreram, quando erámos jovens, mas isso... – A voz dele se esvaiu. O homem olhou para Garrett de novo. – Ele não vai ser enforcado, vai?

– Eles não me mataram, então é provável que não.

Zach assentiu, como se achasse isso tranquilizador.

– Meu irmão disse que Matt estava com um homem de terno, do Leste, que o incitava a se vingar. Falava muito do fato de seu homem não ter o direito de colocar as mãos em um homem branco e que Matt devia às pessoas de sua cor colocar McCray no devido lugar. Sem querer ofender – contou ele, olhando para Garrett.

– Não ofendeu.

Spring tinha quase certeza de que o homem de terno era Jarvis, e não ficou feliz.

Zach disse:

– Certo. Tenho que ir. Obrigado, McCray. Você também, Spring. Vou falar com Perry e ver se consigo convencê-lo a fazer o que é certo. Minha cunhada provavelmente vai morrer se ele não fizer.

Zach tocou o chapéu em despedida e voltou para seu cavalo.

Spring se levantou e disse a Garrett:

– Enfim alguma evidência concreta.

Ele assentiu enquanto ela entrava.

– Quero brigar com você por ter saído da cama – declarou ela.

– Eu sei, mas ouvi vozes e, sendo um jornalista enxerido, quis saber quem era.

Ela revirou os olhos.

– Como está se sentindo?

– Como alguém que deveria ter ficado na cama.

Alguns minutos depois, ele estava deitado debaixo dos cobertores.

– Acha que Hammond vai convencer o irmão a se apresentar? – perguntou ele.

– Espero que sim. Adoraria ver Matt Ketchum ir para a cadeia.

O pai de Matt sempre tinha livrado o filho de qualquer punição. Com Mitch morto, isso não aconteceria dessa vez.

Garrett ironizou:

– Se fosse uma época diferente, eu ficaria tentado a representar o irmão de Zach, só para enfurecer ainda mais Matt e Jarvis.

– Seria uma grande reviravolta – disse ela, parada ao lado dele. – Mas chega de bancar o jornalista enxerido, ou o advogado, Garrett McCray. Descanse. Não me faça amarrá-lo à cama.

– Eu iria gostar disso. Você poderia fazer o que quisesse comigo.

Ela bufou e lhe dirigiu um olhar severo simulado.

Ele retrucou:

– Certo. Descansar.

Ainda achando graça, ela o beijou suavemente na testa e saiu do quarto.

CAPÍTULO 13

No dia seguinte, Spring cavalgou até a cidade para falar com Whit sobre a visita de Zach Hammond e encontrou um verdadeiro alvoroço. Dovie tinha sido amarrada e roubada por Avery Jarvis no meio da noite. Além dele, Hazel e Swan eram os únicos hóspedes da pensão, por isso ela só foi encontrada de manhã. Àquela altura, Jarvis e os outros já estavam longe.

– Isso aconteceu ontem à noite? – perguntou Spring, chocada, enquanto conversavam com Whit no escritório dele.

Ele assentiu, apertando os lábios.

– Sim. Heath a encontrou no chão da cozinha quando ele entrou para o café da manhã. Disse que ela estava furiosa.

– Foi ferida?

– Só seu orgulho. Ela disse que acordou com Jarvis apontando uma arma para sua cabeça. Ele a obrigou a abrir o cofre e pegou cada centavo. E então a amarrou. Amarraram o filho dela também, mas ele está a salvo.

Spring estava atordoada e tinha tantas perguntas que não sabia qual fazer primeiro.

Whit, sentado à sua mesa, entregou-lhe um panfleto.

– Isto chegou com as correspondências que Odell entregou esta manhã. É provável que seja a razão de eles terem fugido daqui.

Era um cartaz de procurado dispondo de um retrato falado do homem que eles conheciam como Avery Jarvis. Seu nome verdadeiro era Walter Abner, e ele era procurado por estelionato, roubo e furto pelas autoridades de Nova York, Cincinnati, Chicago e St. Louis.

– Homem ocupado – observou Spring enquanto continuava a ler.

– Concordo. Enviei uma cópia para o escritório do xerife em Denver, no

caso de eles terem ido para lá.

– Diz aqui: conhecido por estar viajando com a filha e um homem desconhecido. Então a conversa dele de investir em serrarias e árvores era lorota?

Whit deu de ombros.

– Soube que ele conseguiu convencer algumas pessoas a investir na serraria que supostamente queria construir. O dinheiro deles deve estar bem longe agora.

– Acha que ele foi avisado de que este cartaz tinha sido enviado para você?

– Não sei. Mas vigaristas e charlatões sempre dizem que conseguem sentir quando é hora de levantar acampamento e seguir em frente, geralmente estão um passo à frente da lei. Talvez tenha sido o caso.

Spring tinha tantas dúvidas que sua cabeça começava a girar.

– Então dizer a Matt Ketchum que a venda das terras tinha sido ilegal foi só um modo de ganhar acesso às pessoas daqui para que pudesse roubá-las? Matt não é inteligente o bastante para pensar em algo assim sozinho.

– Vai saber. Também tem a questão não respondida de quem incendiou a serraria do Porter e por quê.

Spring não tinha respostas.

– Como está Garrett? – perguntou Whit.

– Sarando.

Então ela lhe contou sobre a visita de Zach Hammond.

– Boas notícias. Mas não para Perry e Matt. Vou cavalgar até o bar Long Pine e conversar com o garçom. Talvez ele me diga os nomes de alguns homens que estiveram lá naquela noite e que podem confirmar a história do Zach. É um começo. A melhor coisa que Perry pode fazer é se entregar. Ele será indiciado e preso, mas, se testemunhar contra Matt, o tribunal provavelmente vai maneirar com ele.

– Garrett disse a mesma coisa a Zach. Você me conta o que descobrir em Long Pine?

– Sim, e vou conversar com Zach também.

Satisfeita, Spring foi embora.

Durante a semana seguinte, Garrett melhorou gradativamente. O uso do láudano foi suspenso. Ele dormia menos e comia mais. Colt tinha retornado e passava por lá para avaliar o progresso dele. Satisfeito com a cicatrização dos ferimentos, ele substituiu as faixas por pequenas ataduras de algodão coladas por emplastros.

Spring também estava contente com o progresso de Garrett. Sua força aumentava de modo gradual e, lá pelo décimo dia na casa dela, ele estava melhor para cuidar das próprias necessidades, como tomar banho e se vestir, porém ainda não tinha a naturalidade dos movimentos de antes.

Depois do jantar naquele dia, eles estavam sentados na varanda dos fundos, aproveitando a quietude do fim da tarde.

– Acho que devo conseguir ir para casa em quatro ou cinco dias.

Ela se virou para ele.

– Tem certeza? Você terá que cavalgar durante dois dias até Laramie. Talvez seja melhor usar a diligência ou pegar uma carona com Odell, na carroça, quando ele for buscar as correspondências.

– Pode ser. As duas opções parecem menos desgastantes. Vou pensar nisso.

Spring ficou feliz com a resposta. A última coisa de que ele precisava era regredir por fazer mais do que era capaz fisicamente.

– Boa noite.

Spring estreitou os olhos e avistou o irmão caminhando até eles. Fazia dias que ela não via nem o irmão nem Regan.

– Boa noite, irmão. Como vai?

– Estou bem. Vim ver meu paciente e conversar com você.

A seriedade no rosto dele a fez parar.

– Sobre o quê?

– Ben.

– Ele não morreu, morreu?

– Não. Ainda não.

Ela avaliou o rosto dele.

– Deixe-me ver Garrett primeiro e depois conversaremos.

Enquanto os dois homens entravam, ela ficou sentada, imaginando o que o irmão queria que ela soubesse sobre Ben.

Ele retornou pouco tempo depois, e ela perguntou:

– Como está o paciente?

Ele se sentou no banco ao seu lado.

– Quase novinho em folha. Ele disse que está pensando em ir para casa daqui a uns dias.

– Ele aguenta dois dias de viagem cavalgando? Sugeri que pegasse carona com Odell ou uma diligência.

– Acho que ele está com menos resistência do que pensa, então sugeri o mesmo.

– E o Ben?

– Ele está morrendo. Tem um tumor na parte superior do tórax e um na coluna.

O coração dela parou.

– Quanto tempo ele tem?

– Não sei. Podem ser seis semanas, podem ser seis meses. Nunca dá para saber ao certo nesses casos.

Emoções perturbadoras a dominavam.

– Talvez seja hora de vocês dois fazerem as pazes – recomendou ele.

Isso não lhe agradou.

– Duvido que o fato de estar com um pé na cova vai fazê-lo se desculpar comigo. Ele vai ser enterrado acreditando que tinha razão.

– Então talvez você considere perdoá-lo.

Ela estreitou os olhos.

– Por quê?

– Para sua própria paz de espírito.

– Já estou em paz – mentiu.

Era provável que ela nunca estivesse, mas jamais daria absolvição a ele.

– Esqueça o passado, Spring.

Ela sabia que o irmão estava tentando ajudar, mas a irritava mesmo assim.

Deixar de lado tudo que ela tinha vivenciado não era tão fácil como apagar um lampião.

– Você sabe o que tive que dar a Mitch Ketchum para trabalhar para ele?

Ele balançou a cabeça.

– Minha virgindade.

Colt arregalou os olhos.

– Imagine uma jovem de 18 anos entregando sua inocência para que não morresse de fome, irmão. Imagine que a outra opção dela fosse se casar com um homem três vezes mais velho que também só queria sua inocência. Ben era meu avô. Ele deveria me proteger e cuidar de mim quando nossa mãe morreu, mas ele me via como um fardo. Você não estava aqui, e ele se recusou a me deixar viver sozinha. Nem animais selvagens sacrificam suas crias para os lobos, e você quer que eu o perdoe?

Ele sussurrou:

– Ah, Spring.

Ela não tinha acabado.

– E Mitch deixava Matt me possuir quando queria. Ele gostava de usar os punhos.

Colt pareceu estar em choque.

– Então não me peça para perdoar Ben, porque não posso.

– Sinto muito por não ter estado aqui para proteger você.

A tristeza na voz dele fez seu coração doer.

– Não culpo você. Por favor, não pense isso. Nada disso foi culpa sua.

– Mas... eu não sabia, Spring. Eu lamento tanto.

Ela também.

– Vá para casa – pediu ela, suavemente. – Mande minhas lembranças para Regan e as crianças.

Ele se levantou, mas parecia estar procurando um modo de oferecer consolo, então ela respondeu com o máximo de sinceridade que conseguiu:

– Estou bem. Tenho vivido bem há quinze anos. Não se preocupe comigo.

Ele não parecia convencido.

– Estou bem – repetiu ela. – Vá para casa.

Ele a analisou por um longo instante e então se virou e partiu.

No silêncio que se seguiu, Spring ouviu Garrett entrar silenciosamente na varanda. Lutando contra a raiva e a dor, ela se levantou e disse, sem se virar:

– Vou dar uma volta. Não demoro.

Ela não se incomodou em selar sua montaria. Colocando somente uma rédea de corda em Cheyenne, montou e lhe deu liberdade enquanto galopavam para longe. Eles enfim pararam em uma ponte coberta de grama sobre o rio Paradise, onde Spring observou uma ursa e dois filhotes saltitantes tomarem um pouco de água antes de seguirem em frente. Uma águia-pescadora desceu, pegou um peixe e, com as asas estendidas batendo com vigor, voltou para seu ninho.

Era um fim de tarde tranquilo, e os arredores silenciosos ajudaram a acalmar suas emoções agitadas. Ela ia àquele lugar desde que atingiu idade suficiente para cavalgar sozinha. Na primeira vez, devia ter uns 10 anos. Embora não se recordasse do motivo para aquela primeira visita, ela se lembrava de outros: luto pela morte da mãe, a tristeza quando Colt foi embora para estudar medicina. Foi ali que ela refletiu sobre como contornar a decisão obstinada de Ben de casá-la e onde surgiu a ideia de pedir trabalho a Mitch Ketchum.

Ela observou Cheyenne se alimentando da grama grossa e se recordou dos diferentes cavalos nos quais tinha cavalgado até ali: uma égua chamada Srta. Lizzie, um cavalo castrado que ela chamava de Fred e uma potranca que batizara de Pata de Gata, por causa da mancha na face que parecia uma pata. Tantas visitas em tantos anos, e ali estava ela de novo.

Spring sabia que suas revelações a Colt o tinham deixado sem chão. Ela não ficara feliz em lhe causar tanto sofrimento, mas ele precisava saber o que ela tinha enfrentado. Por anos quis contar-lhe a história toda, mas o momento nunca pareceu adequado, e encontrar as palavras certas sempre fora difícil demais para ela.

Agora que o irmão sabia, Spring esperava que ele entendesse melhor por que ela tinha ficado tão rebelde e imprudente quando ele retornou à cidade depois dos estudos no Leste. Colocar seu corpo à disposição de Mitch-Ketchum havia matado a garotinha que seus pais criaram, transformando-a em uma mulher que se sentia morta por dentro. E, como consequência, toda

manhã, seja acordando em sua própria cama, seja acordando na cama de um Ketchum, ela amaldiçoava seu avô.

Mais à frente no rio, um pequeno grupo de alces saiu majestosamente de trás das árvores. Eles pararam para detectar alguma ameaça antes de abaixar a cabeça para beber água. Spring se perguntou se sabiam como ela poderia arranjar forças para perdoar Ben. A notícia de que ele estava morrendo não lhe trazia alegria. Ela sempre acreditou que ele viveria para sempre. Além disso, como tinha notado antes, uma parte sua, enterrada há muito tempo, ainda o amava, e ela lamentaria sua perda. Só desejava que ele a tivesse amado tanto quanto ela o amou.

Estava escuro quando enfim voltou para casa. Garrett tinha acendido uma lamparina na sala da frente. Ela a apagou e caminhou pelo corredor escuro até o próprio quarto. Havia uma réstia de luz sob a porta fechada do quarto dele e Spring presumiu que Garrett estivesse lendo enquanto esperava seu retorno. Por ele ainda estar em recuperação, ela estava dormindo em seu próprio quarto, mas naquela noite colocou uma camisola e foi para o dele.

Ao entrar, ela viu surpresa e preocupação em seu semblante enquanto ele a encarava, parada na porta, e colocava o livro de lado. Sem dizer uma palavra, Spring se deitou na cama, ao lado dele, e se aconchegou delicadamente contra seu corpo quente. Ele pôs um braço em volta dela, deu-lhe um beijo suave na testa que quase a fez chorar e apagou a lamparina.

Quando Garrett despertou na manhã seguinte, ficou surpreso por encontrar Spring ainda dormindo ao seu lado. Geralmente, depois de passarem a noite juntos, ela acordava e saía antes que ele abrisse os olhos. Ele ficou preocupado quando ela saiu em seu cavalo no dia anterior e se perguntou se a fuga estava ligada à conversa que tivera com o irmão. Quando o sol se pôs e ela ainda não tinha voltado, sua preocupação aumentou. Lembrando a si mesmo de que ela não precisava de um protetor, ele se acomodou na cama com seu livro sobre Douglass e se forçou a ler. No entanto, enquanto a

escuridão descia, o paradeiro dela permanecia em primeiro lugar na sua mente, junto com a inquietação.

E então Spring apareceu na porta, vestida em sua camisola, com os olhos cheios de uma angústia que nunca tinha demonstrado antes, e ele não soube o que dizer ou fazer. Enquanto ela, em silêncio, se deitava na cama com ele, Garrett soube, por instinto, que não deveria importuná-la com perguntas. Poderia descobrir a causa do sofrimento mais tarde. Ele simplesmente a abraçou até que ela adormecesse.

E agora seus olhos estavam abertos e fitando os dele.

– Bom dia – disse ele.

– Bom dia.

Ela se sentou e afastou do rosto a mecha de cabelo que se desprendeu da trança durante a noite.

– Como está? – perguntou ele.

– Melhor. – E ela acrescentou, com sinceridade: – Obrigada.

Ele não fingiu que não sabia a que ela se referia.

– É para isso que servem os companheiros.

Um pequeno sorriso surgiu em seus lábios antes de ela dizer em tom grave:

– Meu avô está morrendo.

– Lamento ouvir isso.

– Eu também. Meu irmão quer que eu o perdoe por tudo que fez.

– E como se sente em relação a isso?

– Mesmo se eu quisesse perdoá-lo, não saberia como.

– Foi por isso que saiu?

Ela fez que sim com a cabeça. Ele sentiu que Spring estava organizando seus pensamentos, então permaneceu em silêncio e aguardou que ela falasse de novo.

– Eu compartilhei com você algumas partes do que aconteceu no passado. Posso contar a história toda?

– Se for ajudar.

Então ele escutou enquanto ela lhe contava tudo: o que tinha sacrificado para trabalhar com Mitch Ketchum e como se sentiu. Quando ela terminou

a história, ele compreendia. Agora tinha os detalhes que faltavam; os detalhes que o xerife tinha lhe contado semanas atrás só poderiam ter vindo dela, e isso o irritou.

Ela olhou por cima do ombro para Garrett.

– Regan foi a primeira pessoa para quem contei tudo isso. Meu irmão não sabia de nada até a conversa que tivemos ontem à noite. Ele ficou muito magoado, mas precisava saber por que a ideia de perdoar Ben não é algo tão simples.

– Talvez agora ele compreenda melhor.

– Tenho certeza que sim, mas isso não resolve nada. Era Ben que deveria me pedir desculpas. Sinto que perdoá-lo me faz parecer fraca, porque ele ainda está convencido de que tinha razão.

Garrett passou a mão nas costas dela de modo reconfortante.

– Ninguém jamais acusará você de ser fraca, Spring. Você é incrivelmente forte por ter sobrevivido a tudo isso. Talvez ajudasse considerar o perdão a ele como um modo de demonstrar sua força.

– Talvez.

Mas ela não parecia convencida. Sinceramente, se fosse ele no lugar dela, Garrett não sabia se conseguiria perdoar Ben Lee.

– O que você faria? – perguntou ela.

– Também seria difícil eu perdoá-lo. Por que seu irmão acha que o perdão é necessário?

– Para minha paz de espírito.

– E você não concorda?

Ela passou a mão pelo rosto.

– Não sei. Não vejo como isso vai ajudar. Praticamente me conformei com o que aconteceu e tentei seguir com a vida.

Ele observou enquanto ela encarava o nada. Depois de alguns momentos de silêncio, ele cutucou, gentil:

– No que está pensando?

– Em Regan. Quando era mais nova, ela e a irmã foram abandonadas pela mãe. Sua irmã nunca superou isso, mas Regan se recusa a se abater. De certo modo, tenho os dois sentimentos dentro de mim. Mas o de Regan é mais

forte. Perdoar ou não Ben não vai mudar minha vida. Só queria que ele tivesse me amado o bastante para levar em consideração o que eu queria. A recusa dele é a parte que provavelmente nunca superarei.

Ela ficou em silêncio de novo e depois disse suavemente:

– Nunca conversei assim com ninguém. Obrigada.

Ele voltou a acariciar suas costas.

– Só escutei.

Spring lhe deu um sorriso fraco.

– Mais uma coisa que você faz bem.

Garrett notou a emoção nos olhos de Spring e seu coração se encheu de amor por ela; saber que não era correspondido não mudava as coisas.

Ela disse:

– Eu beijaria você, mas minha boca provavelmente está com o gosto da estrada lá fora.

Ele riu e passou um dedo pela bochecha dela.

– A minha deve estar igual. Pode me dar um depois.

– Combinado – sussurrou ela.

Depois de mais uma longa troca de olhares, ela levantou da cama.

– Vou tomar banho e começar a preparar o café da manhã. Aceita umas panquecas?

– Com bacon?

– Sempre com bacon.

– Então sim, aceito.

Ela partiu.

Sozinho, Garrett pensou no pequeno momento que eles tinham acabado de compartilhar. Escutá-la abrir seu coração o fez amá-la ainda mais. Ele só queria poder carregar a dor dela ou conseguir pensar em uma solução para o problema com o avô, mas nenhum dos dois era possível, sobretudo porque ela estava acostumada a carregar seus fardos sozinha. Talvez fosse a maneira de Spring proteger a garotinha de coração partido dentro dela.

Garrett pensou no garotinho dentro de si que andava descalço, era analfabeto e alheio ao fato de que a cor de sua pele era a única razão para sua pobre posição na vida. Um garoto que não tivera sonhos. Até hoje,

depois de ter visto o mundo, estudado direito e se tornado capaz de tomar as próprias decisões, esse garoto sempre o lembraria de um passado que ele não podia mudar e da raiva silenciosa que ainda ardia em seu interior.

As panquecas ficaram especiais com o acréscimo das últimas amoras que Spring tinha congelado para o inverno à massa.

– Onde você colheu as amoras? – perguntou ele enquanto comiam.

– Tenho alguns pés do outro lado do estábulo. Os espinhos são terríveis, mas impedem Paint de comê-las, então servem a um propósito.

– Ele é o palomino?

– Sim. Não apresentei você a ele?

– Não.

– Então vamos fazer isso depois que acabarmos aqui. Se os gatos estiverem por perto, você poderá conhecê-los também.

Ele se sentiu especial por ter recebido a oportunidade de conhecer os membros da família de quatro patas dela, mas as reações variaram. O brincalhão Paint ficava tentando derrubá-lo. As éguas, Sunrise e Lady, demonstraram algum interesse e pegaram maçãs secas de sua mão, mas o garanhão o ignorou.

– Ele ignora todo mundo – contou Spring. – Então não se ofenda. – Ela o fitou. – Essa caminhada está cansando você?

– Não. Não estou cem por cento, mas faz bem me movimentar.

– Vamos andar devagar.

Ele apreciou o cuidado dela.

A próxima parada foi no estábulo, para conhecer os gatos. As gatas mais velhas não quiseram aparecer quando foram chamadas, mas ele conheceu os filhotes e aprendeu seus nomes.

No caminho de volta para a cabana, Odell chegou em sua carroça. Garrett agora gostava das visitas do velho caçador, por conta da preocupação que ele tinha demonstrado depois do ataque. Odell desceu e abriu a porta traseira da carroça, dizendo:

– Seu bicho está pronto, Spring.

O rosto dela se iluminou e ela correu para Odell, deixando um Garrett confuso para trás. Seguindo-a até a carroça, ele parou e encarou ainda mais

confuso o que Odell entregou a Spring. Era uma cabeça marrom-clara do que parecia ser uma ovelha com dois chifres grandes e curvos.

– O que é isso? – indagou ele.

– Uma cabra-montesa! – exclamou ela, feliz, olhando a coisa como se fosse feita de ouro. – Odell, você fez um ótimo trabalho! Obrigada!

– É um animal de verdade? – quis saber Garrett.

– Era antes de eu empalhá-lo – respondeu Odell com um sorriso. – Mas ele é jovem. Os machos grandes têm chifres duas vezes maiores que esses. Talvez em breve a gente possa levar você para ver um rebanho.

Garrett achou que poderia gostar disso. Sem dúvida, era diferente de qualquer cabra que já tinha visto.

– Vou colocar em cima da minha lareira – declarou Spring, com orgulho.

Garrett tinha notado as cabeças de animais empalhados na parede do posto telegráfico, mas em nada eram parecidas com aquela ali.

Odell disse a ela:

– Desculpe por ter demorado tanto.

– Não se preocupe com isso. Estou feliz que esteja pronto.

Odell subiu de volta na carroça.

– Tenho mais algumas entregas para fazer.

Garrett perguntou:

– Alguma mensagem dos meus pais?

O velho balançou a cabeça.

– Infelizmente não. Vou avisá-lo quando algo chegar. Prometo.

Garrett disfarçou a decepção.

– Obrigado.

Com um aceno, o velho se foi.

Spring disse:

– Vou pendurar isso agora mesmo. Você leva para dentro enquanto pego algumas ferramentas?

– Claro.

Ela lhe entregou o objeto e correu para o estábulo. Ele encarou os olhos vidrados, riu com as coisas incríveis que tinha aprendido desde sua chegada a Paradise e carregou a cabra para a cabana.

Spring levou pouco tempo para pendurar o objeto, e, quando estava terminado, eles ficaram parados admirando o trabalho manual de Odell.

– Fica muito bem ali, não acha? – falou ela.

– Acho.

Ele admitia que nunca tinha considerado uma cabeça de cabra empalhada essencial para a decoração de uma casa, mas parecia perfeita para a cabana dela.

– Onde Odell a pegou?

– Comigo. Achei a cabra-montesa no último outono. Odell vinha trabalhando nela o inverno todo. Ele gosta de taxidermia. Até frequenta convenções de vez em quando, para que possa aprender técnicas melhores e conversar com pessoas que amam fazer essas coisas tanto quanto ele.

Garrett descobria que Odell era uma pessoa com mais nuances do que ele pensara quando se conheceram na manhã após a nevasca.

Uma batida na porta chamou a atenção deles. Spring foi atendê-la e retornou com Ed Prescott. Ele e Garrett trocaram cumprimentos silenciosos antes de Ed notar a cabra.

– Vejo que Odell terminou. Ficou bom ali em cima, Spring.

– Também acho. O que trouxe você aqui?

– Os funcionários trouxeram alguns cavalos novos e uma das éguas é particularmente geniosa. Preciso da sua ajuda para acalmá-la.

– Ela foi domada?

– Não.

Garrett escutava enquanto eles discutiam o tamanho da égua, a raça e há quanto tempo ela estava no curral de Ed.

Quando acabaram, Spring disse:

– Vou pegar meu cavalo e passar lá.

– Obrigado. – Ele se virou para Garrett: – Bom ver que você está se recuperando, McCray.

– Obrigado.

Depois da partida de Ed, Spring falou:

– Você é bem-vindo para vir junto, se quiser.

A ideia de observar o trabalho dela despertou seu interesse.

– Eu gostaria disso.

– Talvez a gente fique lá por alguns dias, então leve tudo de que possa precisar. Ed não se importará de hospedar você se precisarmos mesmo ficar. Ele tem muitos quartos.

Garrett tinha muitas dúvidas sobre a domesticação de cavalos, mas não queria atrasar a saída deles.

Como se tivesse espiado dentro de sua mente, ela indagou:

– Com quantas perguntas sobre isso você vai me presentear?

Ele riu.

– Você me conhece bem.

– Aprendi algumas coisas sobre você.

– Como o quê?

Ela se aproximou e o agarrou pela cintura. Olhando para cima, disse:

– Você beija muito bem.

– Ah, é?

– Outro item da lista de coisas que você faz bem.

Provocado pelo quanto a adorava, ele moveu os lábios convidativos sobre os de Spring.

– Aliás, você me prometeu um beijo mais cedo, se me lembro bem.

– E eu sempre pago minhas dívidas.

Enquanto seus lábios se encontravam e a doçura ardente dela se espalhava pelo corpo de Garrett, ele desejou estar em dívida com ela para sempre, e então poderia passar vidas inteiras beijando-a, fazendo amor com ela e se impressionando com sua força e coragem. Ela era entusiasmada, valente e teria o coração dele para sempre.

Depois de mais alguns momentos de tirar o fôlego, ela recuou devagar, fitou-o com os olhos cheios de paixão e disse:

– Temos que parar. Ou Ed só nos verá amanhã.

Ele concordou. Apesar de ainda estar se recuperando, o impulso de levá-la para o quarto e satisfazer o desejo de ambos era forte. Em vez disso, abaixou-se para saborear um último beijo.

– Vou pegar minhas coisas.

CAPÍTULO 14

Vestida nas roupas de couro que sempre usava quando domava cavalos, Spring atrelou Lady à carroça e amarrou o garanhão e Paint na parte de trás. Sunrise não gostava de multidões, então Spring a deixou em sua baia com bastante comida e água para durar até que ela voltasse para casa. Depois que todo o equipamento estava carregado e ela e Garrett se sentaram no banco de couro, eles partiram. Era um fim de tarde glorioso. O céu azul estava pontilhado com algumas nuvens fofas, a vegetação primaveril estava em plena floração e as montanhas se elevavam fortes e brilhantes sob a luz do sol. Spring olhou na direção de Garrett. Ele sorriu, e ela retribuiu.

– Então, como se domesticam cavalos selvagens? – perguntou ele.

– Depende do cavalo e de quem está domesticando. Tento determinar quem o animal é por dentro. Ser montado não é o estado natural deles. Ed e eu respeitamos isso e torcemos para que o cavalo nos permita o privilégio. Porém é mais fácil falar do que fazer na maioria das vezes. Depois de serem separados de suas manadas e presos, muitos ficam irritados e assustados. As pessoas ficariam também nessa situação, não acha?

– Pensando dessa maneira, acho que sim.

– Queremos domesticar os cavalos, mas não acabar com a essência deles, então usamos vários artifícios para ganhar sua confiança: oferecendo água, comida, dormindo com eles à noite... Alguns dos mais agressivos talvez precisem ser levados ao rio e forçados a nadar até aceitarem um montador. Outros, nós só deixamos que tentem nos derrubar até que desistam, o que algumas vezes pode levar dias. Eu costumava gostar de enfrentar um cavalo selvagem forte, mas, quanto mais velha fico, menos eu gosto de ter músculos doloridos ou ossos quebrados.

Os olhos dele refletiram preocupação.

– Já tive a clavícula e costelas quebradas. Fraturei o braço direito duas vezes. Mas o esquerdo uma vez só.

O choque dele a fez sorrir.

– Segure o queixo, McCray.

– Mas...

Ainda achando graça, ela o interrompeu:

– Convidei você para assistir, não para brigar comigo sobre o risco de me machucar. Odell e meu irmão acham que esse é o trabalho deles. É bem provável que também estejam no Ed.

– Fico feliz que alguém estará de serviço.

Ela riu.

– Vou ficar bem, não se preocupe.

– Tarde demais para isso – resmungou ele. – Mas vou ficar quieto.

Voltando sua atenção para a estrada, Spring achou a preocupação dele adorável. Só um punhado de pessoas se importava com seu bem-estar. Agora ela tinha adicionado seu jornalista enxerido à lista. Esse cuidado fora demonstrado na noite anterior, quando ela voltou para casa e se acomodou na cama ao lado dele. Spring nunca tinha procurado consolo em ninguém desde que fora trabalhar para os Ketchums, mas, em seu coração, soube que o encontraria em Garrett.

Quando ele a abraçou forte e a beijou na testa com ternura, colocou em seus olhos lágrimas que ela não derramara. E, nesta manhã, enquanto ela tentava explicar a mágoa que mantinha dentro de si, Garrett havia escutado sem julgamento. Era um homem habilidoso em muitos aspectos, mas era sobretudo gentil, e de novo ela se perguntou se isso era amor. Decidiu acreditar que era.

Quando chegaram à propriedade de Ed, Spring não se surpreendeu com as carroças e charretes margeando a estrada e o cheiro apetitoso de carne assada.

Garrett, por sua vez, se surpreendeu:

– Por que todas essas pessoas estão aqui?

– É uma cidade pequena e, quando a principal fonte de entretenimento é

ver o que tem de novo na mercearia do Miller, assistir a cavalos sendo domados é algo empolgante.

– Ah.

A caminho dos anexos, Spring contornou a linda casa de Ed e passou pelas pessoas caminhando sem rumo, muitas das quais acenaram e gritaram saudações.

Observando a atmosfera semelhante à de uma feira, Garrett perguntou:

– Com que frequência você traz os cavalos para cá?

– Duas, às vezes três no período que abrange primavera e verão. Depende de quantos pedidos recebemos. Em alguns anos, são poucos, em outros, mais. O Exército contrata a maioria, ou pelo menos contratava. Agora que as comunidades indígenas estão em reservas, eles não estão substituindo as montarias com tanta regularidade.

Finalmente, chegando ao destino, ela parou a carroça, e os dois desceram. Spring desamarrou Cheyenne e o levou até o grande pasto cercado que guardava a principal manada de Ed. Dentro dele, havia cavalos de todos os tamanhos e idades. Cheyenne logo soltou um relinche desafiador, fazendo com que as orelhas dos outros animais se levantassem e que as pessoas por perto prestassem atenção.

Spring suspirou.

– Todo mundo sabe que você está aqui, Cheyenne. Comporte-se. Nada de começar brigas com os outros meninos e nada de montar nas meninas. Ouviu? Elas são éguas do Snow, não suas.

Garrett riu. Cheyenne a ignorou e caminhou até o cercado como se fosse o dono de cada punhado de grama.

Spring tinha outro discurso para Paint:

– Não coma a cerca do Ed e seja bonzinho.

Ele correu para o cercado como uma criança saindo da escola.

Sorrindo, ela tirou um momento para procurar Ed pela área e avistou sua presença alta e esbelta perto de um dos três currais reservados à domação. Ao vê-la, Ed se aproximou.

– Chegaram – disse ele, e acenou para Garrett ao lado dela.

– Como estão indo as coisas?

– Relativamente bem. Nenhum dos funcionários foi ferido gravemente e alguns dos cavalos parecem estar se acomodando.

– Quantos você trouxe?

– Oito. Três já foram domados. Você pode olhar os pedidos e os livros mais tarde, se quiser.

– Vou olhar. Agora, onde está a égua para a qual quer minha ajuda?

– No cercado mais distante.

Além do grande pasto onde Cheyenne dominava a cena, havia três currais pequenos para os recém-chegados não domados.

– Alguém expressou interesse nela?

– Sim, a filha de Randolph Nelson, Cass.

Spring demonstrou surpresa.

– Sério?

Cassandra tinha 16 anos.

– Sim. Ele veio aqui mais cedo para olhar a nova leva de animais e ela estava junto. Assim que viu a égua, pediu ao pai que a comprasse.

Spring a tinha encontrado algumas vezes, mas só dissera oi. Cass era a única filha de Nelson, e ele dava tanto crédito às suas habilidades que a treinava desde que era uma garotinha para um dia assumir o rancho. Spring achava isso admirável. Outros, não.

– Ela ainda está aqui?

Ed fez que sim com a cabeça.

– Perto do cercado. Não saiu de lá desde que chegaram.

Ela e Garrett caminharam com Ed até o curral. Spring acenou para o pequeno grupo que observava o cavalo selvagem trotando sem parar. A égua era linda, com pelagem castanha-escura, crina cor de azeviche e um rabo branco que combinava com a mancha entre seus olhos e nas patas. Spring estava com um pouco de inveja por Cass Nelson já tê-la reivindicado. Potros gerados pelo garanhão Cheyenne de Spring renderiam um bom dinheiro. Deixando isso de lado, ela se concentrou na égua que agora corria e se empinava no curral.

– Quando foi a última vez que alguém tentou cavalgá-la?

– Há umas três horas. Ela tirou um pedaço da perna de Elwood e fez o

que pôde para pisoteá-lo até a morte, mas ele saiu do caminho dela.

– Raivosa, hein? – disse Spring, observando o peito do animal e o corpo bem torneado.

– Bastante.

– Deixe-me ir pegar Lady e ver se ela consegue acalmá-la.

– Srta. Spring?

Ela se virou ao escutar o som de seu nome e se deparou com os tímidos olhos castanhos de Cass Nelson.

– Sou Cass Nelson. Nós nos encontramos algumas vezes quando fez alguns trabalhos para meu pai.

– Eu me lembro. Soube que quer que seu pai compre aquela égua para você.

– Quero. – Observando a égua com admiração, ela acrescentou: – Vou chamá-la de Princesa.

Algo deve ter transparecido no rosto de Spring, porque a jovem perguntou:

– Não gosta do nome?

– Acho que ela está mais para rainha do que para princesa, mas pode chamá-la como quiser.

Cass analisou a égua.

– Tem razão, Rainha é melhor. Ela é muito majestosa, não é?

– Sim, ela é. Seu pai está aqui?

– Ele saiu há algumas horas para buscar minha mãe. Já deve estar voltando.

– Certo. Quero conversar com os dois. Preciso da permissão deles para que você me ajude com ela.

O rosto dela se iluminou.

– Eu?

– Se ela vai ser sua, gostaria que me auxiliasse com o treinamento. Isso a assusta?

– Não! – disse ela, empolgada. – Adoraria ajudar.

O entusiasmo da menina fez Spring sorrir por dentro.

– Certo. Volto em um instante. – Spring se virou para Ed. – Vou pegar

Lady.

Garrett viu Spring sair apressada e dirigiu sua atenção para os arredores. Ele ainda estava surpreso com o número de pessoas presentes. Havia homens atirando ferraduras; pessoas em fila para se servirem da comida que estava sendo preparada; crianças brincando de pega-pega e jogando bola. O ambiente estava barulhento com as piadas e os berros daqueles perto dos currais que assistiam aos funcionários do rancho serem levados ao chão por cavalos raivosos. Não havia nada parecido com aquilo em sua cidade natal, onde as pessoas se reuniam para eventos de igreja, cortejos e festas de casamento. Mas, como Spring explicara, as pessoas se entretinham com o que tinham.

Ed disse:

– Esse tipo de evento provavelmente não acontece no Distrito.

– Não. Nós vamos ao criador de cavalos, escolhemos um e o levamos para casa.

Ed sorriu.

– Aprendi bastante estando aqui. – Garrett encarou os olhos divertidos do homem. – Sou carpinteiro e, se não se importar, eu tenho um grande interesse em conversar com você sobre o projeto e a construção de sua casa, quando tiver tempo. É um dos imóveis mais singulares que já vi.

– Obrigado. Trabalhei bastante nela. Sou engenheiro. Eu mesmo fiz a maior parte do projeto e da construção.

– Incrível.

– Pensei ter ouvido Odell dizer que você é advogado.

– Eu sou, mas não tenho interesse em seguir carreira.

Garrett sorriu ao ver Silas Taylor passar correndo com seu cachorro, Lucky.

– Onde estudou? – perguntou Ed.

– Escola de Direito de Howard. E estagiei na empresa Whipper, Elliot e Allen para pessoas não brancas. – Garrett quis saber: – Onde estudou engenharia?

– Numa faculdade em Minnesota.

O jornalista achou isso surpreendente.

– Eles deixam pessoas do seu povo se matricularem?

Ed balançou a cabeça.

– Eu disse a eles que sou espanhol.

O sorriso astuto dele fez Garrett rir alto.

– As mentiras que precisamos contar para viver neste país.

– Nem fale – respondeu Ed, e estendeu a mão. – Fico feliz de enfim conversar com você.

Garrett apertou sua mão.

– Igualmente.

– Que tipo de carpintaria você faz?

– Minha especialidade é mobília.

A surpresa de Ed foi evidente.

– Verdade?

– Coloco tanto amor nas minhas criações quanto você colocou na sua casa.

– Há uma grande demanda por esse serviço aqui. Muitas das esposas desses fazendeiros ricos adorariam contratar alguém local em vez de terem que tratar com lugares como Boston e São Francisco. Você faria bastante dinheiro se for bom.

– Eu sou.

– Depois que Spring e eu cuidarmos desses cavalos, você e eu precisamos conversar.

– Estarei à disposição.

Spring voltou cavalgando Lady, sem sela.

– Ed, pode abrir o portão, por favor?

Ele obedeceu, e Garrett e os outros espectadores a observaram entrar devagar no curral. Enquanto Ed fechava o portão, a égua se empinou e emitiu um ruído em desafio, mas não saiu da sua posição do outro lado do cercado. Spring deixou que o animal a analisasse longamente antes de desmontar e escalar a cerca para sair.

Quando se juntou a Garrett novamente, ele lhe perguntou:

– Por que deixou sua égua lá dentro?

– Lady tem uma personalidade muito calma. Estou torcendo para que

ajude a Rainha de Cass a não se sentir tão sozinha, e, depois, a relaxar.

Garrett não sabia nada sobre domar cavalos, mas a estratégia fazia sentido.

Spring disse a Cass:

– Vamos deixá-las juntas por um tempinho. O Sr. McCray e eu iremos ver alguns dos outros cavalos. Seus pais já deverão ter retornado quando voltarmos.

– Tem algo que queira que eu faça?

– Sim. Converse com ela, cante para ela, chame-a pelo nome. Mas suavemente. Está bem barulhento aqui, mas cavalos ouvem muito bem, como deve saber. Por ora, vamos tentar acostumá-la com o som da sua voz.

– Certo. Obrigada, Srta. Lee.

Garrett e Spring passaram a hora seguinte observando outros cercados e as tentativas dos funcionários do rancho de domar os cavalos selvagens. Garrett estremecia toda vez que um homem era projetado no ar e caía no chão com um baque, e prendia a respiração quando eles se contorciam para escapar dos cascos raivosos. Como Spring previra, seu irmão estava lá tratando ferimentos dentro de uma pequena tenda armada no terreno. Embora Garrett tivesse sido aconselhado a não se preocupar com ela, ele não estava ansioso para vê-la ser atirada e esperava que ela conseguisse passar pelo restante do dia sem visitar Colt.

No caminho de volta para verificar Lady e Rainha, eles foram parados pelo xerife.

– Queria avisar a vocês que Perry Hammond se entregou esta manhã e vai testemunhar contra Matt em troca da recompensa.

Garrett ficou feliz em ouvir isso.

– E quanto ao Matt? – indagou Spring.

– Bateu em retirada. Nenhuma ideia de onde esteja. A inquilina disse que não o vê há dias. Pode estar com Jarvis e seu grupo. Não soube nada sobre eles até agora também, mas o delegado de Cheyenne emitiu mandados até São Francisco. Estou torcendo para que sejam presos em breve. Enquanto isso, vou continuar procurando Matt por aqui. Também alertei a ferrovia. Os condutores estão de olho no caso de ele tentar comprar um bilhete.

Garrett achou que eram mais notícias positivas.

– Acha que o juiz vai precisar do meu depoimento?

– Perguntei ao delegado, mas ele não foi conclusivo. Disse que o depoimento que você me deu sobre o tiroteio pode bastar.

Garrett pensou que conseguiria viver com isso contanto que Matt fosse condenado, o que não era garantido, considerando a justiça desigual que os tribunais da nação tendiam a dispensar em casos envolvendo os membros de sua cor. A decisão de 1857 da Suprema Corte sobre o caso Dred Scott contra Sanford continuava a influenciar o pensamento judiciário, e ele duvidava que suas ramificações fossem ser banidas nessa geração, se algum dia viessem a ser.

Enquanto o xerife e Spring debatiam sobre onde Matt poderia estar, Garrett olhou para a estrada. Ver Odell conduzindo sua carroça fez o coração dele parar. Ao lado do velho caçador estavam seus pais e a irmã.

Spring deve ter notado a mudança nele.

– Qual é o problema?

– Meus pais! – exclamou ele, e correu para cumprimentá-los o mais rápido que seus ferimentos permitiram.

Spring sorriu e ficou onde estava, não querendo se intrometer no reencontro deles. Contente com a surpresa e sabendo quanto significava para Garrett, ela assistiu à cena por um momento enquanto ele abraçava a família. E então agradeceu Whit pelas notícias sobre Perry e voltou para o curral. Ela tinha uma rainha para domar.

Randolph e Audrey Nelson estavam parados na cerca, observando a égua trotar, quando Spring chegou. Randolph era alto e largo; sua esposa, baixa e magra. Cass tinha herdado a estatura dele e o rosto bonito e os olhos castanhos da mãe, que estavam focados na égua.

Nelson cumprimentou Spring com um sorriso.

– Cass disse que você queria nossa permissão para ela trabalhar com a égua.

– Quero. Não iria envolvê-la sem falar com vocês primeiro.

Ela olhou para Audrey, uma das poucas mulheres que nunca atravessaram a rua quando encontravam Spring durante os dias rebeldes de sua vida.

– Faz sentido para mim – disse Audrey. – Cass é bem destemida em relação às coisas. De várias maneiras, ela me lembra você, Spring.

Surpresa com o elogio, Spring ficou sem ação. Cass, parada ao lado da mãe, sorria timidamente, como se estivesse contente com a comparação.

– Obrigada – respondeu Spring, enfim. Desconfortável com o elogio, ela se virou para Cass: – Como sua Rainha está indo?

– Bem, eu acho. Colocar Lady com ela parece estar ajudando. Ela se aproximou de Rainha, e ela não se empinou nem avançou. Suas orelhas estão começando a se erguer quando chamo seu nome e ela olha para mim. Mas acho que está cansada. Perguntei ao Sr. Prescott se podíamos lhe dar um pouco de água. Ele pediu que eu perguntasse a você quando voltasse.

Spring olhou a égua. Ela estava se movendo mais devagar e precisava de água depois de passar o dia avançando contra os outros e se empinando.

– Vamos pegar um balde e ver o que acontece.

Depois de encher um balde com água em uma bomba próxima, ela escalou o cercado. Cass lhe entregou o balde, e Spring se sentou no chão perto da cerca. Lady logo se aproximou dela, e Spring passou alguns minutos dizendo calmamente como ela era uma boa garota por cuidar da égua e lhe deu um grande abraço.

– Venha beber água.

Spring estivera observando a égua o tempo todo, que, por sua vez, ficara de olho em Spring e Lady.

– Cass, pule a cerca e se sente atrás do balde, por favor.

Com todos assistindo, Cass obedeceu.

– Coloque o mais perto de você que conseguir.

Depois que Lady bebeu sua parte e saiu, Spring disse aos observadores:

– Preciso que todos fiquem quietos agora.

Ninguém emitiu um som.

– Chame sua égua, Cass. Deixe que ela entenda que você sabe que ela está com sede, que se importa com ela e mais qualquer coisa em que conseguir pensar para atraí-la. Precisamos que Rainha associe você com o bem-estar dela.

Torcendo para que isso funcionasse, Spring esperou.

Cass interpretou bem seu papel. Atraindo a égua com palavras, ela também pôs a mão dentro do balde e o ergueu para que a égua pudesse perceber a água. Spring estava impressionada. O animal, no entanto, permaneceu desconfiado e manteve distância.

Trinta minutos se passaram e, enquanto o boato se espalhava, mais pessoas se reuniam para assistir a Cass e Rainha, incluindo Garrett e sua família. Spring o saudou, mas permaneceu focada em sua tarefa. Para deixar o animal mais tentado, Ed trouxe um balde de ração para Cass. Ele tinha, propositalmente, guardado a comida para esse momento, e Cass deixou que a égua visse o conteúdo em suas mãos estendidas. Lady andou até a ração, comeu e depois relinchou para a outra, como se dissesse: "Venha aqui e coma, garotinha."

Todos notaram o aumento do interesse da égua pelo modo como ela continuava olhando o que Cass tinha nas mãos, então Spring avisou a plateia:

– Quando ela de fato comer, se alguém aplaudir vai se ver comigo. Não queremos assustá-la depois de tudo isso.

Ela pontuou a ameaça com um olhar duro.

Finalmente, depois de uma hora, a égua se aproximou e bebeu água no balde. Cass chorou e lhe disse como estava orgulhosa. Ela estendeu a mão para tocá-la, mas a égua ficou tímida e foi embora; porém, um momento depois, retornou para a ração. Spring viu o sorriso de Ed. Audrey Nelson chorava como a filha. Spring estava feliz e, pelo semblante do pai de Cass e pelo brilho dos olhos úmidos, ele também estava.

Depois de comer, Rainha correu de volta para seu lugar do outro lado do cercado, mas Spring não se incomodou com isso. A égua estava começando a confiar em Cass. Era o primeiro grande passo dos muitos que se seguiriam para ajudar as duas a se tornarem uma só.

Muitos dos espectadores se dispersaram. Ed saiu para supervisionar outras tarefas, e os Nelsons seguiram a filha até onde a égua estava, para que Cass pudesse continuar familiarizando Rainha com sua presença e o som de sua voz. Spring observou por um momento e então finalmente se voltou para Garrett e a família.

Garrett disse:

– Spring, quero que conheça meus pais, Hiram e Fannie. Minha irmã, Melody, e o amigo da família Vernon Babcock. Esta é Spring Lee. Irmã do Dr. Lee.

– Prazer em conhecê-los – respondeu Spring.

– Que nome lindo – disse sorrindo a mãe, pequenina e de pele marrom.

– Obrigada.

O pai, alto e esbelto como o filho, encarou Spring e suas roupas de couro de modo questionador por um silencioso momento, como se não soubesse o que pensar dela ou o que dizer.

– Foi um belo espetáculo com a jovem e a égua. Sua família está no ramo de cavalos?

– Não. Só eu.

Ele inclinou a cabeça.

– Ed Prescott e eu somos parceiros de negócios – explicou ela. – Esta é a fazenda dele. Vendemos cavalos selvagens.

– Que interessante – disse Fannie.

Ela se virou para Garrett com o mesmo olhar questionador do marido.

Garrett interveio:

– Ela é uma fazendeira, mãe.

– Você tem uma fazenda? – perguntou ela, virando-se para Spring.

– Sim, senhora.

O pai de Garrett indagou:

– Junto com seu marido?

Spring balançou a cabeça.

– Não sou casada.

Ele olhou dela para Garrett.

– Entendi.

Melody, de pele marrom-clara e cabelo castanho, fez Spring se perguntar se o pai dela era branco.

– Nunca conheci uma fazendeira – disse a irmã de Garrett. – Na verdade, nunca conheci nenhum fazendeiro. Odell disse em um dos telegramas que você estava cuidando de Garrett. Obrigada.

– De nada. Mas o agradecimento deve ir para o meu irmão, Colton. Se não fosse a habilidade dele como médico, o desfecho poderia não ter sido tão bom.

Vernon, com sua barba e bigode bem aparados e o terno caro, acrescentou:

– Então estamos contentes que a prática médica de seu irmão se provou útil. Enterrar Garrett teria estragado o casamento que Melody e eu planejamos.

Melody revirou os olhos.

– Nada está confirmado, Vernon.

Spring achou a interação curiosa. Ela também estava ciente do escrutínio intenso de Hiram McCray. Era difícil dizer o que ele estava pensando, então decidiu não se preocupar com isso. O que quer que estivesse passando na mente dele se revelaria em breve.

Hiram perguntou:

– Seu irmão está aqui? Estou ansioso por finalmente conhecê-lo.

– Sim. Ele está ocupado agora, com os cavaleiros machucados, mas tenho certeza de que vai arranjar tempo para cumprimentá-los.

– Presumo que você deixe essa parte para os homens.

– Se está se referindo à domação e a ser derrubada, não. Também faço isso.

Ele ficou rígido com o choque. De novo, se virou para Garrett, que deu de ombros e disse, achando graça:

– A vida é diferente aqui, Hiram.

Agora o homem a olhava como se ela tivesse duas cabeças. Indiferente a isso, ela perguntou:

– Quanto tempo pretendem ficar em Paradise?

– Tempo suficiente para meu filho arrumar suas coisas, para que possa voltar conosco.

Garrett não pareceu feliz com a resposta.

Fannie disse:

– Mas, por enquanto, só quero achar um lugar para me sentar que não

esteja se movendo. Com o trem, depois a diligência e a viagem de carroça até aqui...

– A senhora pode se sentar a uma das mesas ali na sombra – disse Spring, solidária. Ed tinha disposto várias mesas de armar. – Também tem comida se estiverem com fome.

Melody exclamou:

– Estou faminta!

– Então vamos achar um lugar e arranjar algo para comerem.

Enquanto caminhavam, Spring notou Garrett alongando gentilmente os ombros e as costas.

– Você está bem?

– Só meio dolorido.

Seu pai perguntou, preocupado:

– Tem certeza de que não precisa de mais cuidados médicos? Provavelmente podemos achar outro médico em uma cidade maior.

Ao ouvir isso, Spring ficou ofendida em nome do irmão.

Garrett respondeu de forma bem direta:

– Estou bem. O Dr. Lee é um médico excelente. Devo minha vida a ele.

Sua mãe acariciou o braço dele de modo reconfortante e perguntou:

– Os bandidos foram encontrados?

Ele relatou as notícias que Whit tinha compartilhado mais cedo.

– Isso é ótimo – comentou Melody.

– O xerife espera encontrar Matt Ketchum logo – completou Garrett.

– Espero que sim – disse o pai dele. – Parece um lugar muito sem lei.

Spring se ofendeu de novo, mas permaneceu em silêncio.

Garrett não:

– Tenho certeza de que mais pessoas são atacadas no Distrito do que aqui.

Hiram resmungou:

– Se você diz.

A caminho da mesa, eles pararam no bufê comandado pela esposa de Chauncey Miller, Lacy, e Lucretia Watson e encheram seus pratos com pedaços de frango assado, fatias de carne, legumes e bolinhos salgados.

Então se sentaram a uma mesa com espaço suficiente para acomodá-los, e os visitantes suspiraram de alívio.

– Estou exausta – admitiu Melody. – Garrett, você está proibido de viajar para tão longe de casa assim de novo.

– Entendido – respondeu ele, sorrindo.

Fannie notou que Spring não tinha pegado um prato.

– Não está com fome, Spring?

– Vou comer mais tarde. Se tiver que ajudar com um dos cavalos, é melhor estar de barriga vazia.

– Ah.

Vernon levantou o rosto de seu prato.

– Você está brincando conosco sobre cavalgar esses cavalos, não está?

– Como Garrett disse mais cedo, a vida é diferente aqui.

Hiram perguntou:

– Outras mulheres fazem o que você faz?

– Tenho certeza de que há algumas em outros lugares, mas, aqui, sou a única.

Spring se virou para Garrett.

– Entendi de onde você herdou a tendência a interrogatórios.

Ele riu.

– Eles só estão tão impressionados com você quanto fiquei quando nos conhecemos.

Hiram disse:

– Meu filho contou em uma das cartas que vocês se conheceram em uma nevasca, é verdade?

– Sim. Deparei com ele no meio de uma tempestade.

Garrett disse:

– A família Lee já me salvou três vezes. O avô dela, Ben, me encontrou na estrada depois que fui baleado e me levou para o consultório do Dr. Lee. Tenho uma dívida eterna para com eles.

Spring notou a sinceridade em seu olhar e viu a mãe dele observá-los por um momento antes de voltar a atenção para seu prato de comida.

Depois de algum tempo, Spring avistou Colt se aproximando deles pela

grama. Ele usava o terno preto de sempre, e ela percebeu que fazia um bom tempo que não o via vestindo outra coisa. Sua devoção lendária a cuidar das pessoas era nobre, mas ela se preocupava por parecer que o médico nunca descansava.

– Meu irmão está vindo.

Hiram limpou a boca com o guardanapo às pressas. Ele tinha tirado o casaco marrom mais cedo, por causa do clima quente, mas agora o colocou de volta. Vê-lo endireitar as roupas como se estivesse prestes a conhecer a realeza era engraçado, mas ela ficou contente com a demonstração de respeito.

Colt acenou para Garrett quando chegou à mesa.

– Odell contou que seus pais estavam aqui. Eu queria cumprimentá-los.

Garrett fez as apresentações.

– É um prazer conhecer todos vocês – disse Colt. – E, Sr. McCray, foi uma honra ser entrevistado por Garrett para seu jornal.

– As pessoas no Leste precisam saber do senhor, e quero muito lhe agradecer por salvar a vida dele.

– Disponha. Coisas assim raramente acontecem aqui, mas estou feliz por ter ajudado.

– Ele está bem para viajar? Gostaria de voltar para casa quanto antes. Ele está se divertindo aqui, mas seu lugar é no Leste.

O maxilar de Garrett ficou tenso. Colt olhou para Spring. Ela manteve o rosto inexpressivo.

– Ele e eu discutimos as opções – declarou Colt. – Ele está livre para compartilhá-las com os senhores quando achar conveniente.

Spring notou como o irmão evitou de modo gracioso a armadilha de Hiram. Garrett era um homem adulto, ainda assim seu pai agia como se o filho não pudesse decidir o próprio futuro. Os homens sempre atropelavam as vidas de seus filhos? Seus pensamentos foram interrompidos quando seu irmão disse:

– Spring, Odell teve que ir embora. Ele perguntou se você pode levar os visitantes de Garrett de volta para a cidade quando estiverem prontos. Vão ficar na pensão.

O pedido a pegou desprevenida, porque ela pretendia ajudar Ed com os cavalos o dia todo, mas respondeu:

– Claro.

– Ótimo. Obrigado. Senhores, aproveitem a estadia.

E, com isso, ele partiu.

Vendo-o ir embora, Melody perguntou:

– Quantos médicos existem aqui?

– Ele é o único em Paradise – respondeu Spring.

– Os brancos não se importam de serem tratados por ele?

– Alguns, sim, mas a maioria, não. Ele é muito estimado.

Hiram disse:

– É bom ouvir isso.

Eles tinham acabado de terminar a refeição quando Ed se aproximou no seu garanhão branco, Snow, parecendo infeliz. Atrás dele, estavam Cheyenne e Paint amarrados.

Spring se levantou.

– O que houve?

– Leve suas crias para casa.

– Pelo amor de Deus – rosnou ela, frustrada. – O que eles aprontaram?

– Cheyenne fica desafiando os garanhões jovens, e Paint corre descontrolado. Como sempre, só os dois agitaram a manada inteira.

Ela abaixou a cabeça.

– Me desculpe.

– De qualquer modo, provavelmente não precisaremos de você pelo resto do dia. Ajudar Cass e sua égua era minha maior preocupação. Obrigado por trabalhar com elas.

– De nada.

Spring notou que os visitantes o observavam.

– Você conheceu a família de Garrett?

– Não. Mas soube que estavam aqui. Sou Ed Prescott.

Garrett os apresentou, e Ed os cumprimentou com um aceno de cabeça.

– Espero que aproveitem a estadia.

Eles assentiram e ficaram encarando, mas Ed não pareceu incomodado

com isso.

– Spring, se eu precisar de sua ajuda amanhã, pedirei que um dos funcionários avise você. Aqui estão os livros-caixa.

Ele lhe entregou a bolsa de couro em que os tinha colocado.

– Vou verificar os números hoje à noite.

– Obrigado. Prazer em conhecê-los, senhores.

Ele tocou o chapéu e foi embora.

Hiram disse:

– Não quero ser desrespeitoso, mas ele é estrangeiro?

– Não. Ele é membro da comunidade bannock.

Melody perguntou, parecendo confusa:

– Comunidade bannock?

– Uma comunidade de pessoas indígenas que as pessoas no Leste chamam de "índios"– respondeu Garrett.

Vernon sorriu.

– Como ele chama a si mesmo?

– Ed – disse Spring, com frieza.

Ele pareceu perplexo com o tom de voz dela e a aspereza no seu olhar.

Garrett acrescentou:

– Esta terra é dele. Está vendo aquela linda casa na montanha? Ele a construiu. É engenheiro.

Vernon zombou:

– Você não acredita mesmo nisso, acredita? Todo mundo sabe que eles são selvagens.

Garrett replicou:

– Algumas pessoas nos enxergam do mesmo jeito. Elas estão corretas?

– Óbvio que não.

Spring queria dilacerar o coração dele.

– Minha avó era shoshone. Que tal o senhor voltar para a cidade andando? Tenho certeza de que não quer ser conduzido na carroça de uma selvagem.

Ao ver todos os olhos raivosos direcionados a ele, Vernon engoliu em seco.

– Minhas desculpas por falar mais do que deveria.

– Guarde seu preconceito para si mesmo. – Ela se virou para os outros. – Voltarei com a carroça.

E saiu com seus cavalos.

CAPÍTULO 15

A raiva de Spring ainda fervilhava quando ela conduziu os visitantes para dentro de sua cabana. Tinha parado lá primeiro, a fim de mudar de roupa antes de ir para a cidade. Eles espiaram o pequeno interior da cabana e se sentaram em silêncio. Hiram encarou a cabeça empalhada acima da lareira e perguntou:

– O que é isso?

– Uma cabra-montesa – disse ela. – Existem manadas delas aqui. Esta foi surpreendida por um desabamento e estava soterrada do pescoço para baixo quando a encontrei. Eu a desenterrei, esperando que pudesse se recuperar, mas as patas traseiras estavam quebradas. O berro foi terrível.

– Coitada – sussurrou Fannie.

– Estava com muita dor e não iria sobreviver, então lhe demonstrei a misericórdia que merecia e trouxe a carcaça de volta para a cidade...

– Você a matou? – perguntou Hiram, interrompendo-a.

– Matei. Caso contrário, seriam dias até que morresse de fome, e nenhum animal ou pessoa deveria passar por isso.

Ele a analisou por um longo momento antes de dizer:

– Acho que está certa.

Spring sabia que estava certa e, por ele ser o pai de Garrett, não deixou que sua irritação crescesse e a dominasse. Já estava brava o suficiente com Vernon.

– Respeitamos a vida aqui nas montanhas, Sr. McCray. Qualquer um que cruzar com um animal ferido sem salvação agirá como eu. Não se faz favor nenhum a eles permitindo que morram de dor ou de fome.

Ele assentiu, rígido.

– Entendo. É que uma mulher no Leste não consideraria fazer tal coisa.

– O senhor não está no Leste – corrigiu Spring.

Fannie sorriu.

– *Touché*.

Seu marido resmungou um pouco, mas não tinha mais nada a dizer, o que Spring achou ótimo. Ela olhou na direção de Garrett e viu os olhos frios focados no pai.

Melody estava na janela, olhando para fora.

– Não consigo me cansar da beleza dessas montanhas.

– Eu sei como é. Gosto de acordar e ter essa vista todas as manhãs. Se me derem licença por alguns minutos, preciso mudar de roupa antes de levá-los para a cidade. Esse couro é bem quente.

– Fique à vontade – disse Fannie.

– Obrigada.

Spring notou Vernon a observando. Havia uma raiva velada em seus olhos, mas ela ignorou isso enquanto deixava o cômodo.

Quando ficaram a sós, Hiram disse:

– Garrett, estou vendo seus livros e seu diário ali na mesa. Está morando aqui?

Garrett já esperava pela pergunta direta. A parte inesperada foi o pai ter aguardado a saída de Spring.

– Ela e Odell me transferiram para cá, para que eu pudesse dormir e me recuperar em uma cama. Depois da cirurgia, eu estava dormindo em uma maca no consultório do Dr. Lee, que era tão desconfortável quanto o próprio chão.

– A mulher na pensão disse que você tinha alugado um quarto. Por que não foi levado para lá?

– Porque o Dr. Lee tinha sido chamado para uma emergência, e a dona da pensão, Dovie, já é atarefada o bastante sem precisar cuidar de um homem acamado. Spring se ofereceu para me hospedar.

Ele sabia que essa não era a única coisa que seu pai iria querer saber e, em algum momento, Garrett teria que relembrar a ele que era um homem adulto e não estava mais sujeito à autoridade paterna.

Sua mãe disse:

– A Srta. Lee parece muito pouco convencional.

– Isso é um elogio? – indagou Garrett.

– Sinceramente? Precisaria conhecê-la mais para ter certeza, mas acredito que sim.

Ele sempre pudera contar com a mente aberta da mãe.

– Ela é uma força da natureza, mãe. Nunca conheci alguém como ela.

A próxima pergunta veio de Melody:

– Muitas das mulheres aqui se vestem como ela? Com calças? Vi algumas na casa do Sr. Prescott.

– Algumas sim. Spring é uma fazendeira. Ela não conseguiria fazer o trabalho que precisa ser feito usando um vestido.

Vernon questionou:

– Então ela não é casada?

– Não.

– Viúva?

– Não. Ela nunca se casou.

Hiram bufou.

– Do jeito que ela se comporta, entendo por que não.

A declaração aumentou a ira de Garrett.

– O que isso quer dizer?

– Que homem iria querer uma mulher que usa calças e se vangloria de matar ovelhas, bodes ou seja lá o que for aquela coisa? – disse ele, apontando para a cabeça empalhada acima da lareira. – Homens da nossa classe preferem alguém com a elegância e a graça de mulheres como Emily Stanton.

Garrett soltou uma risada amarga.

– Não vou me casar com Emily, Hiram.

– E, com certeza, não vai se casar com a Srta. Lee.

– Ela não aceitaria se eu pedisse.

Soando confusa, sua mãe perguntou:

– Por que não?

– Ela não pretende se casar com ninguém. Está satisfeita com suas terras e

seus cavalos.

Fannie o fitou como se tentasse avaliar os sentimentos de Garrett em relação à posição de Spring antes de replicar:

– Acho que a escolha é dela.

– Toda mulher quer um marido – afirmou Vernon.

– Emily não quer – disse Melody.

– Emily fará o que os pais decidirem que é melhor – rebateu seu pai. – Assim como você.

O ressentimento passou pelo rosto de Melody antes que ela retornasse para a vista das janelas.

Garrett sabia que, em breve, teria que conversar com o pai sobre forçar sua irmã a se casar. Vernon era advogado, um membro da elite da cidade, e se encaixava nos padrões que Hiram tinha de parceiro ideal para a filha. Mas, ao conversar com a irmã, Garrett soube que ela não nutria sentimentos pelo homem. Ela sempre tentou agradar os pais, sobretudo Hiram. Garrett achava que isso se devia à lealdade que a irmã acreditava que devia a ele por tê-la assumido como filha, apesar de ter sido gerada pelo irmão do homem que escravizara Fannie. Melody tinha 1 ano quando sua família foi reunida após a Abolição.

Seu pai disse:

– Voltando ao assunto do seu retorno para casa... Quando estará pronto?

– Quando vocês estiverem, mas só vou para colocar meus negócios em ordem. Quero retornar para cá. Estou planejando comprar um terreno e viver aqui de forma permanente.

Sua mãe pareceu aflita. Melody se virou da janela, surpresa. Seu pai, com o rosto tenso, questionou:

– É a mulher?

Garrett respondeu, com sinceridade:

– Em parte, sim, mas, principalmente, estou gostando de morar aqui. A tranquilidade, as pessoas, esse modo de vida combinam comigo.

– Você quase perdeu a vida – ressaltou Hiram.

– Verdade, mas é aqui que prefiro estar.

– Um futuro com Emily seria bem mais vantajoso para você no longo

prazo.

Garrett não pretendia discutir. Ele sabia como sua mãe ficava chateada quando eles brigavam, então simplesmente disse:

– Já tomei minha decisão.

Melody perguntou:

– Como vai se sustentar?

– Ed Prescott acha que existe demanda para minhas habilidades na fabricação de mobília. – Ignorando o rosto carrancudo do pai, acrescentou: – Um carpinteiro sempre é necessário. Ficarei bem.

Spring retornou alguns momentos depois. Ela tinha trocado as roupas de couro por uma calça jeans e uma das inúmeras camisas masculinas que tanto apreciava.

– Estamos prontos para ir à cidade?

Eles a seguiram até a carroça. Fannie e Melody se juntaram a ela no banco, enquanto os três homens subiram na parte de trás.

Depois que partiram, Hiram perguntou a Garrett:

– Ela sempre usa o coldre?

– Sempre.

Vernon questionou:

– Pretende fazer o mesmo quando se mudar para cá?

– Sim. Devo ser a única pessoa aqui que não carrega um revólver ou uma espingarda. Spring leva os dois.

– Não gosto dela – observou Vernon. – Muito incomum.

– Ela não gosta de você também – replicou Garrett. – Muito preconceituoso.

Um pequeno sorriso surgiu nos lábios de seu pai. Contente com isso, Garrett se acomodou para a viagem.

Enquanto entravam na cidade, o Sr. McCray disse:

– Não consigo acreditar em como este lugar é pequeno e calmo. Nada de multidões ou bondes. Nada de vendedores nas ruas.

Garrett compreendia.

– Levei um tempo para me acostumar também, mas a quietude toma conta de você. Pelo menos, tomou conta de mim.

Seu pai acrescentou:

– Mudar-se para cá significará virar as costas para Quincy e tudo que ele fez por você ao colocá-lo debaixo de suas asas e lhe ensinar carpintaria.

Garrett revirou os olhos.

– Seu irmão sempre me encorajou a ser independente. Sei que vou sentir falta dele, mas também sei que ela apoiará minha decisão. E, quem sabe, quando eu lhe contar sobre a abundância de árvores aqui, ele não queira vir e se juntar a mim? Poderia abrir seu negócio de carpintaria aqui.

A carroça parou em frente à pensão. Quando todos desceram, Garrett disse a eles:

– Me juntarei a vocês lá dentro daqui a pouco.

Fannie e Melody se despediram de Spring. Hiram lhe agradeceu por levá-los, mas Vernon subiu a varanda e entrou sem uma palavra.

Assim que Garrett e Spring ficaram sozinhos, ela disse:

– Se seus pais vierem visitá-lo de novo, garanta que vão deixar Vernon em casa.

– Pode deixar.

Os pensamentos em relação a Vernon foram logo eclipsados pela noção de que ele deixaria a cidade em breve, e a tristeza o dominou. O fato de que a separação seria breve ajudava muito pouco.

– Devemos partir depois de amanhã.

Ela assentiu, tensa, e havia tristeza em seus olhos também.

Garrett acrescentou:

– Vou passar a maior parte do dia de amanhã com eles, mas gostaria de passar minha última noite aqui com você.

– Eu gostaria disso.

– Mas, provavelmente, não vamos dormir muito.

Ela riu.

– Provavelmente. Vamos torcer para que não se machuque.

– Se eu me machucar, terei uma longa viagem de trem para me recuperar.

Por um momento, ficaram em silêncio; eles simplesmente deixaram que seus olhos se comunicassem. Por fim, ela disse:

– Preciso ir. Esperarei ansiosa para vê-lo amanhã.

– Igualmente.

– A cabeça do seu pai vai explodir se ele nos flagrar, mas preciso de um beijo de despedida, McCray.

– Achei que nunca pediria.

Ela se abaixou, e o beijo que compartilharam foi doce de desejo e de ternura. Exalava a tristeza com a separação iminente, mas sua paixão mútua fortalecia o elo que tinham construído. Quando se afastaram, ele acariciou a pele macia do rosto dela.

– Tome cuidado ao ir para casa. Vejo você amanhã à noite.

– Vou tomar. Acho que estou apaixonada por você.

O queixo de Garrett caiu. Antes que pudesse responder, ela piscou para ele e partiu.

Atônito, ele gritou:

– Spring! Volte aqui!

Ele ouviu a risada dela enquanto a carroça se distanciava.

Ao observar o veículo desaparecer de vista, foi sendo tomado pela surpresa e pela euforia. Eles teriam muito o que conversar no dia seguinte, incluindo o modo como a despedida dela o abalou como se tivesse levado um coice de uma mula. Ignorando as poucas pessoas paradas em frente à mercearia do Miller, que o fitavam com estranheza, ele subiu os degraus da pensão como se estivesse flutuando. Sorrindo, abriu a porta e entrou.

Seu pai estava sentado sozinho na sala de jantar e, ao ver o rosto de Garrett, indagou:

– O que houve?

– Nada – respondeu Garrett, escondendo a alegria que a surpreendente declaração de Spring tinha causado. – Achei que estaria lá em cima descansando depois de tudo que fizeram hoje.

– Daqui a pouco. Queria conversar com você primeiro. Tem algum lugar com mais privacidade?

Garrett suspirou. Ele já tinha aguentado o suficiente do pai naquele dia, mas preferia que Hiram falasse tudo que tinha para falar o quanto antes.

– Há cadeiras nos fundos. Podemos conversar lá.

Do lado de fora, eles se sentaram em poltronas velhas posicionadas em

um trecho limpo do campo gramado. Era início de noite, e o sol estava se pondo atrás das montanhas cobertas de neve.

– Tenho que admitir que o cenário é espetacular.

– Que bom que conseguimos concordar em algo.

Seu pai sorriu antes de indagar, com curiosidade:

– Por que ela, Garrett?

Ele deu de ombros em resposta.

– Desde o momento em que nos conhecemos, um sentimento em relação a ela tomou conta de mim. – Ele contou outra vez a história de seu resgate. – Eu provavelmente teria morrido se ela não tivesse aparecido durante a tempestade.

– Então sua vida esteve em perigo duas vezes desde que chegou, e você ainda quer viver aqui?

– Quero.

– Não faz sentindo.

– Não precisa fazer, precisa?

– Acho que não, mas você estaria melhor em casa, onde não correria perigo de ser morto por nevascas ou armas. Me conte sobre a emboscada.

Então, por um tempo, eles conversaram sobre a briga com Matt Ketchum na noite da festa dos Cales.

A história deixou Hiram ao mesmo tempo com raiva e com receio por ele.

– Admiro você ter defendido a Srta. Lee, mas homens pretos já foram mortos por menos, Garrett.

– Verdade, mas a cor da pele de Ketchum não dá a ele o direito de cuspir na minha cara.

– Já aguentei mais.

– Entendo. Mas quando chega a hora de dizer "Basta"?

Seu pai não respondeu.

Se o país quisesse que ele permanecesse subserviente, nunca deveria tê-lo deixado se alistar na Marinha. Ser capaz de ver o mundo como um homem livre e as possibilidades que se apresentavam tinha aberto seus olhos.

– Embora a lei talvez nunca contemple isso, não somos inferiores de

nenhum modo, e me recuso a acreditar que sou só porque os outros acham isso.

– Você está certo, e esse fogo que tem dentro de si seria bom em um tribunal.

– E seria mais que provável que me levasse à morte. Não tenho o desejo nem a paciência de debater leis que só as pessoas de uma cor precisam seguir. Há homens no Leste bem mais capacitados nisso do que eu.

– Então você quer se mudar para cá.

– Quero. E, sem querer ser desrespeitoso, esta é minha vida, não a sua.

Havia tristeza no rosto de Hiram enquanto ele observava o campo.

– Perdoe um velho por querer ter o filho ao seu lado para que saiba que ele está seguro. – Ele encarou Garrett. – Tenho problemas com o fato de você estar aqui e fora da minha vista.

– Por quê? – perguntou Garrett, com delicadeza. – Ficamos separados quando fui para a Marinha.

– Mas eu sabia que Quincy o manteria seguro. Acho que essa necessidade de estar ligado a você vem de termos sido escravizados. Fui vendido quando era bebê e, até hoje, não tenho ideia de quem são meus pais. Quando você era pequeno e parecia que cresceria para ser grande e forte como eu, fiz tudo que estava ao meu alcance para evitar que você fosse vendido. Homens com a nossa estatura valiam uma pequena fortuna na região. Quando ficou certo que o patrão McCray iria falir, ele quis vender você, mas lhe implorei que não nos vendesse separadamente. Trabalhei nos campos dele esperando que ajudasse a aumentar os lucros. Fannie se voluntariou para ser leiloada se significasse que eu e você poderíamos ficar juntos.

Garrett nunca soube disso. Seu coração ficou apertado.

– Nenhum dos dois queria que nosso único filho crescesse sem os cuidados de pelo menos um de nós, para que você soubesse quanto era amado. Eu cuidei de você, guiei você, confortei-o quando teve pesadelos depois que Fannie foi vendida. Sei que é um homem crescido, Garrett, mas é difícil soltar sua mão.

– Você me criou bem, Hiram, e nunca deixarei de apreciar seu amor e seu

cuidado. Vou me mudar para cá, mas eu os visitarei, escreverei, enviarei telegramas. Você não está me perdendo. Por favor, não pense que está.

– Minha cabeça sabe disso, mas meu coração...

– E, por favor, não force Melody a se casar com alguém por quem ela não tem sentimentos só porque você quer prestígio.

Hiram suspirou.

– Toda a minha vida, sempre quis ser mais. Ser reconhecido como algo além da maneira como sou definido. É tão errado querer isso para minha filha?

– Você e mamãe se amam. Melody deveria ter a chance de viver isso também, em vez de ser obrigada a ficar com um homem de quem não gosta simplesmente porque ele é rico. Aliás, por que o trouxe aqui?

– Ele emprestou o dinheiro para as passagens de trem. O hotel no qual trabalho está sendo reformado e ficará fechado pelos próximos meses. Eles estão me pagando uma pequena parcela do meu salário até que reabra, mas não é o bastante para extras como passagens de trem. Vou reembolsá-lo quando voltar a trabalhar.

– Com ou sem empréstimo, hoje Vernon provou que não é digno de ser o marido dela, e Melody não merece ser infeliz pelo resto da vida.

Ele queria contar sobre Spring e o avô, mas não tinha o direito de compartilhar aquela história dolorosa sem o consentimento dela.

– A intolerância dele foi uma surpresa.

– Assim como o fato de Spring conseguir se conter.

O pai dele analisou seu rosto.

– Você a ama, não é?

– Amo. Provavelmente desde o momento que ela me sacudiu para me acordar e ameaçou me transformar em comida de urso se eu estragasse seu sofá novo.

Hiram o encarou.

– Longa história – disse Garrett. – Conto a você em outro momento. Como vai o jornal? Os assinantes ficaram felizes com os artigos sobre o Dr. Lee?

– Ficaram, mas o jornal acabou.

Garrett foi pego de surpresa.

– Por quê?

– É um dos extras que não posso mais bancar. Ou eu compro tinta ou sua mãe e eu temos comida na mesa.

Garrett compreendia.

– Lamento ouvir isso. Você vai recomeçar quando o hotel abrir?

– Não sei. Veremos.

Ele sabia quanto o jornal significava para o pai e torcia para que conseguisse publicá-lo de novo.

– Você deveria descansar.

Ele concordou e perguntou:

– Há alguma chance de você mudar de ideia sobre se mudar para cá?

– Não.

Seu pai suspirou em rendição.

– Certo. Acho que vou ter que viver com isso. E fique sabendo que sua mãe também não gosta que eu decida com quem Melody se casará.

– Bom para ela.

O pai sorriu.

– Não sei como ela ainda ama um velho tolo como eu.

– Nem eu.

– Cuidado. Você não cresceu tanto assim.

Eles riram e se levantaram.

Hiram o olhou com afeição.

– Você está crescido demais para abraçar seu velho pai?

– Nunca.

O abraço foi tão forte quanto a ligação entre eles. Garrett estava feliz por terem tido a oportunidade de conversar e por agora estarem seguindo em frente. Enquanto saíam, Hiram disse:

– Convença a Srta. Lee a se casar com você para que eu possa segurar em meus braços um bebê McCray nascido livre.

Garrett também queria isso. Crianças nascidas livres significavam o mundo para famílias que só tinham conhecido a escravidão.

– Vou ver o que consigo fazer.

– Ótimo.



Spring chegou em casa ainda rindo da reação de Garrett à sua revelação. Concluir que ela de fato gostava dele de um jeito que só podia ser amor e atirar isso nele de surpresa fora memorável. Mas seu bom humor se foi ao ver o avô sentado em cima da velha carroça dele.

Suspirando, ela desceu e foi até ele.

– O que posso fazer por você, Ben?

Vestindo o casaco de búfalo surrado que usava não importava o clima, ele indagou:

– Seu irmão contou que estou morrendo?

– Contou. Lamentei saber da notícia.

– Estou deixando para você tudo que possuo.

Ela o encarou:

– Por quê?

– Tem mais alguém? Seu irmão já é casado com a rainha Midas e não precisa do meu dinheiro. Odell vai se juntar a mim debaixo da terra em breve. Então, sobrou você. Todas as minhas terras, ações em mineradoras, outorgas de uso da água, ouro, investimentos no Leste e o restante. Arrume um advogado para preparar os papéis. Estão em uma caixa de depósito no banco.

– Eu não quero.

– Não me importo. E se você é tola o bastante para não aceitar e ter uma vida melhor, azar o seu.

– Você me escutou? Eu não quero.

– Você me escutou? Não me importo.

Ele bateu as rédeas nas mulas e a instável carroça foi embora.

Bufando, ela o observou partir.

Spring entrou na cabana querendo socar alguma coisa. Em vez disso, fez café. Quando estava pronto, ela carregou sua xícara lá para fora e se sentou na varanda dos fundos. Jamais tinha esperado que o avô fosse deixar tudo

para ela. Era bem verdade que o benefício financeiro viria em boa hora, pois nos últimos anos a pobreza a vinha incomodando como uma pedra no sapato. Com os lucros baixos do negócio de cavalos, ela não teria porcos para abater e vender nesse outono. Não havia dinheiro extra para comprar leitões, muito menos a ração necessária para criá-los e engordá-los.

Porém, considerando a raiva que sentia de Ben, aceitar a herança faria dela uma hipócrita? Ela não tinha lhe pedido nada, então isso fazia diferença? Spring não sabia. Não tinha ideia de que as posses do avô fossem tão vastas. Dizer sim iria torná-la uma mulher bem rica.

Uma parte dela torcia para que ele recuperasse o bom senso e mudasse de ideia, e então ela não teria mais um problema, mas havia pouca chance de isso acontecer. Uma vez que Ben cismava com uma coisa, não voltava atrás. A decisão dele que colocou a jovem Spring no caminho que se tornaria sua vida era um testemunho de sua firme teimosia. Ela se perguntou se aquele era seu jeito de se desculpar. Ele sem dúvida lhe devia algo por fazê-la sofrer e, como tinha declarado com franqueza, ela seria tola se recusasse um presente que facilitaria sua vida. Com a exceção de freiras, padres e jesuítas, ninguém em sã consciência escolhia ser pobre, nem mesmo os hipócritas.

Depois de voltar para dentro, Spring lavou a xícara e a pôs no balcão. O interior da cabana ecoava o silêncio. No passado, o silêncio tinha sido uma boa companhia. Agora parecia que algo estava faltando, e esse algo era Garrett. Sua presença pairava no ar como um espírito invisível, como se a cabana tivesse se tornado dele também. Era uma sensação estranha, mas não desagradável. Ela sentia que, se fosse até o quarto do jornalista e batesse na porta, ele colocaria o livro de lado e responderia.

Garrett tinha sido uma companhia constante ultimamente, seu companheiro, e ela se acostumara a tê-lo por perto. Em alguns dias, ele retornaria para o lugar que chamava de lar; mesmo assim, durante as últimas semanas, Spring tinha começado a considerar sua cabana o lar dele. Tinham compartilhado refeições, conversas, paixão, e ela admitia que, bem no fundo da mente, receava que ele voltasse para o Leste e decidisse não retornar. Se isso acontecesse, ela lamentaria o que poderiam ter sido, e então

reaprenderia a ser uma mulher sozinha. No entanto, por ora, estava ansiosa pelo dia seguinte e pela noite que tinham planejado compartilhar.

Mais tarde, enquanto se preparava para dormir, ela abriu a porta do quarto de Garrett e espiou lá dentro. A maioria das coisas dele ainda estava lá. No canto do roupeiro estavam as botas novas que ele não tinha sido capaz de remover sozinho no dia em que ela o resgatou da tempestade, e a lembrança do encontro evocou um débil sorriso. Quem diria que ele entraria na sua vida e no seu coração tão facilmente, e que o resultado seria a transformação dela?

Seu olhar parou na cama. Algumas mulheres poderiam se sentir confortadas dormindo na cama de seu amante enquanto ele estava fora, mas Spring achava isso muito meloso. Ela não tinha mudado tanto assim. Depois de fechar a porta, atravessou o silêncio até seu próprio quarto.

CAPÍTULO 16

Na manhã seguinte, Spring sabia que passaria o dia andando de um lado para outro e surtando enquanto esperava Garrett chegar, então tomou o café da manhã e foi até Regan para passar o tempo.

– Estou apaixonada – confessou Spring.

Segurando o bebê, Regan se levantou do sofá, andou até a janela mais próxima e olhou para fora.

– O que está fazendo?

– Tentando ver alguma novidade.

Spring a fuzilou com os olhos e riu.

– Vou bater em você, sabia?

Regan sorriu e voltou ao seu lugar.

– Não, não vai. Parabéns por encontrar alguém que preencha seu coração.

– Não era minha intenção.

– O amor tem sua maneira de nos achar. Ainda mais quando não estamos procurando. Você contou a ele?

– Contei.

Spring descreveu como foi.

– Isso foi tão errado, mas tão perfeito!

– Eu sei.

Ainda conseguia ouvir Garrett gritando: "Spring! Volte aqui!"

Ela passou os minutos seguintes contando a Regan como foi conhecer a família de Garrett e a reação de Vernon a Ed Prescott.

Descontente, Regan disse:

– Avise a Melody que não nos casamos com intolerantes nessa família.

– Exatamente o que penso. Entendo que os jornais do Leste não retratem

uma imagem verdadeira das comunidades indígenas, mas estávamos na propriedade do Ed. Vernon tinha visto a linda casa, os cavalos e mesmo assim o chamou de selvagem.

– Imagino que você quis feri-lo gravemente.

– Muito.

E ainda queria.

Regan olhou para Colton Fontaine e falou baixinho:

– Ele dormiu. Deixe-me colocá-lo no berço.

Quando ela retornou, retomou a conversa.

– Colt disse que você lhe contou toda a história de quando trabalhou para Mitch Ketchum.

– Contei. Ele quer que eu perdoe Ben, então precisava saber a verdade.

Spring tinha compartilhado os detalhes com Regan logo depois de ela se tornar esposa de Colt.

Regan disse, com delicadeza:

– Nunca tinha visto seu irmão chorar, Spring, mas foi o que aconteceu quando conversamos sobre isso. Ele acha que falhou com você.

A emoção obstruiu a garganta de Spring.

– Eu disse que não era culpa dele.

– Eu também, mas ele estava arrasado e com raiva de si mesmo por ter sugerido a você que fizesse as pazes com Ben.

Spring concluiu que ela e o irmão precisariam conversar mais sobre isso. A última coisa que queria é que Colt se repreendesse por algo em que não teve participação.

– Ben me disse que vai deixar tudo para mim depois que morrer.

Regan pareceu surpresa.

– Não quero nada dele e acho que aceitar essa herança vai fazer com que me sinta uma hipócrita – declarou Spring.

– Por favor, não seja ridícula. Pegue tudo que ele lhe der, para que você possa parar de despir um santo para vestir outro. Se Ben está tentando comprar seu lugar no céu, que seja. Mas aceitar não faz de você uma hipócrita. Já fui pobre e rica. Rica é melhor.

Spring a amava demais.

– Além disso, você precisa desse dinheiro para comprar leitões para que eu tenha meu bacon.

Achando graça, Spring baixou a cabeça.

Regan acrescentou:

– E ainda estou chateada com você por não me deixar ajudá-la financeiramente.

– Eu sei.

– Irmãs ajudam uma à outra, Spring. Orgulho não enche barriga.

Regan tinha razão, mas aceitar ajuda em qualquer forma era difícil, até mesmo quando necessário, como acontecera no início daquele ano quando a cunhada oferecera os meios para comprar os leitões e a ração de que Spring precisava.

Regan continuou:

– Não gosto de saber que você está passando necessidades, Spring. Nem Colt.

O breve aceno de cabeça de Spring indicou que compreendia. Como ela tinha observado antes, só um punhado de pessoas se importava se ela estava viva ou morta, e Regan Carmichael Lee estava no topo dessa lista. Ela tinha que aprender a agir melhor e aceitar esse cuidado, que era tão raro em sua vida.

Elas conversaram um pouco mais sobre a herança de Ben, as coisas que Spring poderia fazer com o dinheiro e a recompensa reivindicada por Perry, e especularam onde Matt Ketchum poderia estar.

Regan disse:

– Colt participou de uma patrulha que saiu com Whit ontem à noite. Alguém pensou ter avistado Matt no Eagle Point. Whit disse que algumas das cabanas de verão perto de lá foram invadidas. Ele acha que Matt pode ser o culpado.

– A patrulha achou alguma coisa?

– Não, mas Whit pretende voltar lá esta manhã.

Eagle Point não ficava longe da velha cabana de Spring. A terra ao redor era de seu avô e recebeu este nome por causa das várias águias que fazem ninhos ali graças à proximidade com o rio Paradise. A área é bastante

arborizada, mas muitos pontos oferecem uma boa caça e vistas espetaculares das montanhas. Os ricos do Leste estavam começando a construir cabanas de verão por lá.

Os berros de Colton Fontaine, que acabara de acordar, assinalaram o fim da visita à cunhada, então ambas se levantaram. Elas conversaram sobre a partida de Garrett e, enquanto davam um abraço de despedida, Regan disse:

– Dê adeus a Garrett por mim e diga que vou orar para que ele e a família façam uma viagem segura.

– Farei isso.

– E, Spring, tente não machucar o homem hoje à noite, escutou?

Rindo, ela respondeu:

– Farei o possível. É tudo que posso prometer.

Spring passou o restante do dia cuidando dos cavalos e dos novos brotos de seu jardim, e, mais tarde, fez pão para o jantar. Sem ter ideia do horário em que Garrett chegaria, ela não sabia se preparava um jantar só para si ou para ele também. Por fim, tirou dois bifes do gelo que ainda restava em seu anexo e tomou banho enquanto eles descongelavam. Depois do banho, vasculhou seu roupeiro atrás de algo especial. Os únicos itens chiques nele eram o lindo vestido bordô ombro a ombro que tinha usado para o jantar dos Cales e o vestido com que fora ao casamento de Regan e Colt. Ela queria que a noite fosse especial. O bordô era lindo de fazer cair o queixo, então foi o que escolheu.

O relógio mostrava que passava um pouco das seis quando uma batida soou na porta. Deixando que a empolgação subisse à cabeça, Spring correu para atender, e lá estava Garrett. Como se a noite fosse especial para ele também, o jornalista usava seu terno marrom. Ele a olhou de cima a baixo e disse:

– Está tentando me matar antes mesmo que eu entre, não é?

– Posso tirar, se quiser.

Com os olhos fixos nos dela, ele respondeu:

– Isso será tarefa minha.

Ela recuou para deixá-lo entrar e ele a cumprimentou com um beijo que deixou Spring de pernas bambas. O beijo era uma combinação perfeita de calor e desejo crescente. Deixando seus lábios, ele depositou beijos pelo pescoço dela até a perfumada pele nua acima do decote do vestido. Com as mãos agarrando a seda bordô farfalhante que cobria os quadris dela, ele a encaixou possessivamente contra sua rigidez.

– Sinta o que você faz comigo.

Spring passou a mão pelo comprimento dele com a mesma maneira possessiva, saboreando o poder que seu corpo tinha sobre o dele e o rosnado que ele emitiu em resposta a suas carícias.

– O jantar está pronto. Quer comer antes?

– Quero.

Ele puxou o decote do vestido para baixo e colocou um mamilo despido na boca. O sorriso dela se tornou um murmúrio estridente que quebrou o silêncio. Ele se banqueteou, e a luxúria explodiu pelo corpo dela como pequenos raios. Expondo o outro seio, Garrett se serviu. A cabeça de Spring caiu para trás, e o mundo ficou enevoado.

Movendo os lábios para sua orelha, ele sussurrou:

– Vá para seu sofá chique, levante este vestido elegante e abra bem essas pernas lindas. Você está em dívida comigo por dizer que me ama e depois ir embora.

Um calor digno do sol do deserto correu por ela. Audaciosa, Spring passou a mão pela ereção dele e desabotoou sua calça. Libertando-o de sua roupa íntima, ela envolveu seu membro forte e quente com os dedos, perguntando em tom provocante:

– Estou sendo punida?

Com os olhos fechados e se agitando com a atitude maliciosa dela, ele respondeu:

– Do melhor modo, mas só se eu não morrer antes.

Sorrindo, ela andou até o sofá, virou-se para olhá-lo e, devagar, levantou os metros de seda bordô até a cintura. Encarando-o, ela parou para deixá-lo

ver que não usava nada por baixo além da meia-calça e da cinta-liga cravejada de pedrarias. Ele se acariciou em resposta, murmurando:

– Mulher escandalosa.

Ela se acomodou e abriu as pernas.

– Estão abertas o suficiente?

– Abre mais.

A luxúria na sala e na voz dele era palpável. Ela obedeceu, e então deslizou um dedo para dentro de suas dobras úmidas.

– Você me deixou bem molhada, Garrett McCray. Venha ver.

– Prefiro lamber.

Spring estremeceu com a promessa dele.

– Você é bom demais nisso.

– É parte da arte.

– Um dia terá que me contar onde aprendeu essas coisas.

Ele se ajoelhou na frente de Spring, gentilmente moldando o quadril dela com as mãos, e a aproximou da beira do sofá.

– Um cavalheiro nunca conta.

Depois de presenteá-la com um beijo demorado, ele passou a mão languidamente de cima a baixo nas suas coxas firmes antes de colocar seus lábios em cada cinta-liga brilhante.

– Está pronta para receber sua punição?

Ele deslizou um dedo dentro dela, depois mais um. Ela se contraiu e gemeu:

– Sim.

Ele começou com toques, lambidas e uma mágica demonstração de arte que logo fez o quadril dela se erguer. Garrett se fartava enquanto Spring ofegava ardentemente. Ele lhe disse todas as coisas maliciosas que havia planejado para mais tarde, e ela teve certeza de que morreria de prazer. Não demorou muito para seu orgasmo se desenvolver e surgir como uma montanha sensual. Ela estava completamente atônita, lamuriando. Agarrava a cabeça dele e se contorcia, e, quando ele lhe deu uma pequena mordida na protuberância entre suas coxas, a montanha se desfez, e ela gritou seu nome alto o suficiente para ser ouvido pelas estrelas no céu escuro.

Conduzidos pela paixão crescente, eles fizeram amor por toda a cabana: na mesa de jantar, na banheira e então na cama. E, para cada encontro, Spring usara as esponjas. Enquanto estavam deitados juntos sob a luz da lamparina derrubada, Garrett disse, em voz suave:

– Se eu fosse um homem rico, daria a você rubis para prender no cabelo. Colocaria diamantes em cada dedo das suas mãos e rubis nos dedos do pé. – Circulando levemente o umbigo dela, murmurou: – E, aqui, eu colocaria uma safira.

O coração de Spring disparou em reação à ternura das palavras dele.

– Eu vestiria você de joias, porque você é minha joia, Spring Rain.

Ela murmurou:

– Não precisa dizer esse tipo de coisas para mim, Garrett.

– Não digo por você. Digo por mim. É como me sinto. É uma declaração, uma afirmação, uma verdade.

Seus olhos se encontraram no brilho da lamparina.

– Você é forte na mente e no espírito, como um diamante. Brilha por dentro como o fogo dos rubis. E é tão vibrante quanto uma safira quando fazemos amor.

Ele a aproximou de si de modo que as costas de Spring ficassem contra seu peito e então pôs um braço em volta da cintura dela enquanto a beijava no ombro.

– Quero você comigo sempre, Spring. Quero acordar toda manhã e ver seu sorriso. Quero caçar e pescar com você. Quero ter bebês com você que sejam nascidos livres em vez de escravizados como fui. Springzinhas que montam cavalos.

Spring saiu dos braços dele e se sentou. Ela olhou por cima do ombro dele e então desviou.

– O que houve? – perguntou ele.

Ela tinha o coração apertado, mas sabia que precisavam conversar sobre isso, então disse:

– Não quero filhos, Garrett.

Ele se sentou. Ela olhou para trás e viu a confusão preencher seu rosto.

– O que quer dizer? – indagou ele. – Que não pode?

Ela balançou a cabeça.

– Não quero ter filhos. Nunca quis.

– Mas...

– Eu te amo demais, mas não vou lhe dar esses bebês nascidos livres, e não vou me desculpar por ser quem eu sou nem mudar de ideia.

Ele analisou o rosto dela por um longo tempo e então se deixou cair no colchão como um barquinho a vela perdendo o vento.

No silêncio pesado que se seguiu, ela ficou sentada lá por um tempo, esperando, caso ele tivesse algo mais a dizer, mas Garrett não falou. Resignada, Spring se levantou, saiu do quarto e fechou a porta.



Garrett despertou poucas horas antes do amanhecer ao som da chuva pesada desabando sobre o telhado e as janelas. Mesmo não estando feliz com a perspectiva de cavalgar até a cidade debaixo de um temporal, ele se levantou. Tinha um trem para pegar.

Mas ele queria conversar com Spring primeiro. Ficara acordado a maior parte da noite pensando na revelação dela. Ele se sentira arrasado, ainda se sentia, mas não queria ir embora brigado com ela. Cansado e desorientado por ter dormido pouco, ele cuidou das necessidades matinais, vestiu-se e foi para o quarto dela. A porta estava fechada, então ele bateu suavemente. Como não teve resposta, bateu de novo, desta vez mais firme. Nada. Preocupado, abriu a porta só o suficiente para espiar lá dentro e se deparou com a cama feita de modo impecável, mas sem Spring.

Ele tentou escutar algum movimento em outro cômodo. Com uma sensação ruim, foi até a cozinha e a encontrou vazia e silenciosa. Fora de si, chamou por ela e então pegou a capa de chuva no gancho e correu pela chuva fria até o estábulo. Paint, Lady e Sunrise estavam em suas baias, mas o garanhão, não. Ela tinha saído. Ele não sabia para onde, mas sentia que tinha a ver com a noite anterior. Com o coração partido, retornou para a cabana. Só nesse momento viu o pedaço de papel dobrado sobre a mesa de jantar. Seu nome estava escrito na frente. Pegando-o, ele leu:

Não queria me despedir. Obrigada por me amar e me mostrar que sou capaz de amar também. Tenha uma viagem segura de volta para casa. Spring.

Tomado pela emoção, Garrett considerou ficar e esperar pelo retorno dela, mas não sabia quanto tempo isso levaria nem se ela ficaria feliz de encontrá-lo ali quando voltasse para casa. Repreendeu-se por não ter conversado com Spring na noite anterior antes de ela sair do quarto, mas ele não soube o que dizer. Ainda não sabia. Então juntou suas coisas. Antes de partir, arrancou uma folha do seu diário e escreveu uma resposta ao bilhete de Spring. Pôs o papel solenemente no mesmo canto da mesa onde estivera o seu. Feito isso, deu uma última olhada no lugar que tinha se tornado seu lar, encheu-se com as lembranças que havia criado ali e saiu na chuva para a viagem fria e úmida de volta à cidade.



No desfiladeiro, protegida do tempo por seu chapéu plano impermeável, Spring observou o pé-d'água tentar enrubescer o céu cinza-ardósia. Ela presumiu que, àquela altura, Garrett já tivesse partido e ela poderia retornar para casa. Estava com muitos sentimentos conflitantes para fingir que tudo estava bem enquanto lhe dava um adeus alegre, então preferira não se despedir pessoalmente. Torcia para que ele tivesse encontrado seu bilhete. Dizia tudo que ela precisava dizer. Eles tinham se divertido como companheiros, e ela se recordaria dele com carinho, mas não achava que Garrett fosse retornar a Paradise.

Quando voltou para casa, verificou a mesa onde tinha deixado o bilhete e ficou surpresa ao ver um diferente no lugar. Respirando fundo, ela o pegou, desdobrou e leu.

Vou amar você até o dia em que as montanhas deixarem de existir. G.

Spring tinha orgulho de ser uma pessoa que nunca chorava, mas as

palavras dele a fizeram cair na cadeira mais próxima e se desfazer em lágrimas.

Na viagem de trem para o Leste, Garrett fez o melhor que pôde para esconder seu sofrimento. Não ajudou o fato de que eles tivessem sido forçados à segregação saindo de Cheyenne. Vernon, que aparentemente nunca havia viajado para tão longe do Distrito, ficou furioso quando o condutor os direcionou para o vagão de jogos.

– Quero falar com quem estiver no comando! – demandou ele.

– Eu estou no comando – respondeu o homem. – Portanto, vá para o vagão de jogos com o resto da sua gente. Ou saia do trem.

Isso deixou o advogado de pele marrom-clara corado e espumando.- Melody, então, enroscou seu braço no dele e o conduziu.

– Vamos. Ficaremos bem.

Agora, um dia e meio depois de Cheyenne, Garrett estava sentado em uma das cabines perto da janela vendo o trem levá-lo para cada vez mais longe de Spring, enquanto jogadores fumantes enganavam pessoas para pegar seus míseros trocados e garotas usando batom prometiam prazeres rápidos na pequena plataforma do lado de fora do vagão.

Sua mãe tinha perguntado o que havia de errado quando se encontraram na pensão na manhã que deixaram Paradise, mas ele lhe disse que estava bem. Garrett sabia que ela não tinha acreditado nisso, mas a mãe não o pressionara pela verdade.

Agora, enquanto Fannie se sentava na sua frente, ela o olhou com preocupação.

– O que está havendo com você, Garrett?

– Estou bem.

– Não minta para sua mãe – disse ela, com humor gentil. – O Bom Senhor não gosta.

Ele sorriu e suspirou.

– Só preciso resolver algumas coisas.

– Por exemplo?

Ele não respondeu, mas ela continuou:

– O trabalho de uma mãe é ser enxerida, então me diga o que há de errado ou farei seu pai ser enxerido no meu lugar.

– Que Deus me ajude.

A mulher cruzou as mãos.

– Estou esperando.

– Eu amo muito Spring, mas ela não quer ter filhos.

– E?

Ele ficou confuso.

– Mas eu quero.

– Então desista de Spring e ache uma mulher que queira o que você quer. Solução simples.

– Mas...

– Ela está disposta a mudar de ideia?

– Ela disse que não. – Ele procurou pelas palavras para expressar seu pensamento. – Nunca conheci uma mulher que não quisesse ter filhos.

– Existem muitas, acredite em mim. Várias delas só deram à luz por causa da expectativa da sociedade e dos maridos.

– Mas imagine como seria maravilhoso segurar a primeira criança nascida livre da família.

– Será um acontecimento alegre, mas parece que essa criança não virá de você e Spring, Garrett.

Ele olhou distraído para a paisagem que passava.

Sua mãe perguntou:

– Digamos que ela não conseguisse ter filhos. Você estaria confuso em relação a isso?

Ele pensou sobre o assunto e admitiu:

– Provavelmente não. – E teve um pequeno momento de compreensão. – Nunca pensei nisso sob essa perspectiva.

– Talvez seja bom pensar. Pergunte a si mesmo: você quer Spring porque a ama ou por causa do seu potencial reprodutor?

– Porque a amo.

– Então tem sua resposta.

E Garrett tinha.

No dia seguinte, quando o trem parou na estação de Omaha, no Nebraska, Garrett juntou suas coisas e se preparou para dizer adeus à família. Ele tinha retornado ao Leste antes que as árvores se transformassem com as cores do outono, mas agora tinha que voltar para Spring e resolver as coisas com ela. Seu pai quis contestar a decisão, porém sua mãe lhe deu a bênção.

Garrett abraçou Melody e, enquanto fazia isso, sussurrou-lhe que ela encontraria alguém que amasse de verdade e a convidou para ir a Wyoming quando pudesse. Quanto a Vernon, Garrett lhe agradeceu por pagar a conta das passagens de trem e jurou ajudar Hiram a reembolsá-lo assim que possível.

E, com isso, deixou o trem. Para sua sorte, um trem indo para o Oeste sairia em uma hora. Segundo o condutor, eles parariam em Cheyenne em três, talvez quatro dias, dependendo de variáveis como o clima e as condições dos trilhos. Garrett enviou um telegrama apressado para Odell encontrá-lo em Cheyenne, mas que não informasse Spring. Ele temia que ela sumisse de novo e o inverno chegasse antes que eles tivessem a chance de conversar.

Enquanto o trem com seus pais continuou sua jornada para o Leste, o trem de Garrett saiu da estação no sentido oposto, e ele não foi segregado. No assento ao seu lado estava um jornal de Chicago de um dia atrás que alguém tinha abandonado. Folheando-o, alguns rostos familiares chamaram sua atenção, e ele sorriu ao ler a legenda: "Covarde gangue fraudulenta presa por tentativa de roubo."

– Espero que eles tranquem você e percam a chave, Sr. Avery Jarvis, ou seja lá qual for seu verdadeiro nome.

Ele guardou o jornal em sua bolsa para mostrar ao xerife de Paradise, caso ele ainda não tivesse sido informado.

CAPÍTULO 17

Spring passou os primeiros dois dias seguintes à partida de Garrett se sentindo infeliz e deprimida. A chuva contínua só acrescentou mais melancolia a seu estado de espírito. Ser capaz de sair de casa poderia tê-la ajudado a não pensar tanto nele, porém, por estar presa lá dentro, a presença dele vinha à sua mente sem cessar. Ela pensava em Garrett quando comia, quando bebia café; lembrou-se dele quando mudou a roupa de cama do quarto em que ele dormira e, claro, toda vez que olhava para o sofá.

No terceiro dia, ela acordou com a luz do sol e gritou de alegria. Decidindo que iria até o desfiladeiro e, talvez, pescasse um pouco, atrelou Lady à carroça e foi até a casa de Colt primeiro para falar com Regan. Ela esperava que a cunhada tivesse um conselho sobre como parar de pensar em Garrett McCray.

Regan saudou sua chegada com um sorriso.

Não vendo o sobrinho, Spring perguntou:

– Colt Fontaine está dormindo?

– Não. Está na prisão de bebês.

Spring a encarou e riu.

– Na o quê?

– Prisão de bebês. Venha ver.

No chão da sala havia uma caixa de madeira polida muito grande com ripas nas laterais. Parecia um cesto chique. Amarrada acima da parte aberta estava uma faixa comprida. Pendurados nela, havia cavalinhos de madeira coloridos e outros brinquedos pequenos. Dentro, deitado de costas, estava o bebê sorridente.

– Minha irmã, Portia, foi quem enviou. Na verdade, se chama cercado

para crianças, mas ela chama de prisão de bebês. Mantém as crianças em um lugar restrito enquanto você resolve as coisas. É o melhor presente que ela já mandou.

Regan se virou para perguntar:

– Então, como foi sua noite com Garrett? Você o machucou tanto que ele ainda está na cama?

– Foi bem até ele mencionar que queria bebês nascidos livres.

O bom humor de Regan se esvaiu.

– Ah, querida.

– Contei-lhe a verdade. Não quero filhos. Ele não tinha muito o que dizer depois disso. Na manhã seguinte, fui para o desfiladeiro antes que ele se levantasse para que não tivesse que dizer adeus. Não conseguiria, Regan.

– Lamento tanto, Spring.

Ela deu de ombros.

– Não estou feliz com esse negócio de me apaixonar. Alguma ideia de como acabar com isso ou de como parar de pensar nele?

Regan balançou a cabeça.

– Não. Ele disse que não voltaria?

– Não. – Spring não mencionou o bilhete. O conteúdo era pessoal demais para compartilhar, até mesmo com Regan. – Não achei que houvesse uma solução mágica, mas quis checar com você só para ter certeza.

– Só o tempo cura.

– Enquanto espero por isso, vou pescar. Vai querer se eu pegar algum?

– Sim, por favor. Seria ótimo.

– Certo. – Spring andou até a prisão de bebês e se abaixou para dar ao sobrinho um aperto carinhoso na bochecha. – Nada de fugir, entendeu?

Ele riu e agitou os bracinhos e perninhas roliços. Spring sorriu em resposta antes de se virar para Regan.

– Volto mais tarde.

– Tá bom.

Spring pescou uma boa quantidade de peixes. Depois de amarrá-los a uma linha, ela pensou em subir até o desfiladeiro para dar uma olhada em sua cabana. Velha e avariada como estava, não guardava nada de valor – não havia nem um saco de dormir –, mas ela não ia lá há algum tempo e queria garantir que nenhuma praga ou roedor tivesse se instalado.

Ela levou os peixes consigo, porque, se os deixasse na carroça, as águias da região veriam como refeição grátis e sairiam voando com eles. Spring tinha um barril para colocá-los, mas, se algum urso enxerido aparecesse, ele os veria como comida também. Segurando os peixes, ela seguiu pela trilha estreita montanha acima. Era bastante arborizada nos dois lados, com uma variedade de árvores já crescidas, arbustos que chegavam à altura do peito e raízes de árvores do tamanho do braço de seu avô. Talvez, quando herdasse as posses de Ben, ela pedisse a alguém para construir para ela uma cabana de caça de verdade, para substituir a sua, velha e desmantelada.

Quando alcançou a cabana com o telhado faltando um pedaço, Spring abriu a porta e se deparou com os olhos presunçosos de Matt Ketchum e com a ponta de um revólver apontado em sua direção.

– Ora, ora, ora. Estava me perguntando quanto tempo teria que esperar até você aparecer.

Na mesma hora, ela jogou a linha de peixes nele e, enquanto Matt se atrapalhava, ela correu para fora e fechou a porta. Balas dispararam, estilhaçando a madeira velha. Abaixada, ela continuou se movendo. Se conseguisse chegar ao pé da montanha, na sua carroça, teria uma chance.

– Volte aqui, sua vadia!

Outro tiro estrondoso. Pássaros voaram grasnando enquanto Spring fazia o possível para não tropeçar nas raízes das árvores ou perder um olho nos galhos baixos que batiam em seu rosto enquanto corria. Ao passar a mão na face, viu seus dedos ensanguentados. Continuou correndo. Matt avançava pela vegetação atrás dela. Todo aquele barulho e comoção atrairiam predadores curiosos: ursos, felinos, lobos; mas o animal de duas pernas era sua principal preocupação.

Com o coração acelerado, ela deslizou sentada pelo restante da montanha e, ao pisar em terreno plano, aumentou a velocidade para chegar à carroça.

Foi um movimento arriscado, porque agora Matt teria um alvo perfeito. Entretanto, se ela conseguisse ir até a carroça e usá-la como cobertura, poderia retaliar. Spring sacou a arma do coldre, mas, antes que pudesse se virar, sua perna explodiu. Ela gritou de dor e segurou a perna só por tempo suficiente para confirmar que tinha sido baleada.

– Largue a arma ou coloco uma bala na sua outra perna.

Ela olhou para cima e viu Matt diminuindo a distância entre eles. Ele estava só a alguns metros dela, caminhando e sorrindo.

– Largue a arma! Agora!

Jogando a arma no chão, ela o encarou. Sua perna estava queimando. Colocar peso nela só aumentava a dor.

Ele se aproximou e disse:

– Mulheres como você só prestam de joelhos. Então se ajoelhe, vadia.

– E homens como você só prestam atirando nas pessoas pelas costas, seu covarde!

Vermelho de fúria, ele a esbofeteou. A força a derrubou no chão. Pairando acima dela, ele zombou:

– Odeio você há muito tempo e sabe por quê?

Spring não sabia e não se importava. Ela passou as costas da mão nos lábios ensanguentados.

– Porque meu pai dizia que você era um homem melhor do que eu. Que você cavalgava melhor, laçava melhor. Desejava que o filho dele tivesse metade da sua coragem.

Sorrindo, ela perguntou:

– Você sabe quem também é um homem melhor do que você? Ele.

E ela apontou para seu avô, que se aproximava de Matt como um urso perseguindo a presa.

Com os olhos arregalados, Matt esvaziou as últimas balas de seu revólver no casaco de búfalo de Ben, mas o velho homem da montanha não desacelerou. Matt se virou para correr. A faca de caça de Ben voou de sua mão, e a lâmina reluzente atingiu a parte de trás da coxa de Matt como um raio vindo dos céus. Ele gritou e caiu. Ben se abaixou, levantou-o e disse:

– Vejo você no inferno.

Ele torceu o pescoço de Matt e o jogou no chão. Aconteceu tão rápido que Spring levou um tempo para processar o que tinha visto. Ela encarou os olhos ferozes de Ben e ele caiu lentamente de joelhos. Alarmada ao se lembrar dos tiros que ele levara, engatinhou até seu lado.

– Está ferido?

A essa altura, ele estava estirado no chão. Ela abriu seu casaco, e todo o sangue cobrindo seu peito a assustou.

– Temos que levá-lo ao Colt.

Ele empurrou as mãos dela.

– Vou morrer, então me deixe morrer aqui. Melhor que seja assim do que com uma doença que me deixará inútil e me cagando todo.

– Você não vai morrer.

– Claro que vou. Diga a Odell para me cremar. Leve minhas cinzas para Eagle Point e jogue ao vento. Assim poderei dormir com as montanhas.

Desesperada, ela buscou ao redor por um modo de salvá-lo.

– Não ouse morrer assim, velho! Temos coisas a resolver.

– Tarde demais, pequena Rain. Agi mal com você, mas olha como isso a tornou forte e corajosa. Diga a Colt que eu disse adeus.

E ele se foi.

– Não! – gritou Spring.

Sua dor ecoou pelo silêncio. Segurando e balançando o corpo do avô junto ao seu, ela chorou.

Dizem que o corpo humano é capaz de realizar proezas incríveis em momentos de grande tensão. Spring não conseguia se lembrar de como tinha levado o corpo do avô até a carroça, mas, de algum jeito, fizera isso.

Conduzindo lentamente pela cidade, suja, sangrando e baleada, ela parou em frente ao consultório de Colt, e um grupo de pessoas correu para ajudá-la.

Mais tarde, no consultório do irmão, enquanto ele removia a bala de sua perna, Spring se distraiu do processo doloroso contando o que acontecera.

– Cadê o corpo do Matt? – indagou Whit, quando ela terminou.

Odell estava lá também.

– No chão, onde Ben o deixou.

Ele suspirou.

– Vou chamar Lyman Beck e trarei o corpo para a cidade.

Spring torcia para que abutres já tivessem se aproveitado dele, mas guardou isso para si.

– Eu deveria ter conseguido fazer algo para manter Ben vivo até chegar aqui.

Colt balançou a cabeça.

– Não havia jeito de ele sobreviver aos ferimentos. Você fez o que pôde, Spring. Não se martirize, por favor. Estou contente por Matt não tê-la machucado ainda mais.

Ela também estava. Se Ben não tivesse aparecido... ela desviou o pensamento do que poderia ter acontecido. Spring olhou para o curativo na perna. Colt tinha cortado uma perna de sua calça jeans do joelho até a bainha para remover a bala.

– Posso ir para casa?

– Só se prometer descansar e não colocar peso nesta perna pelos próximos dias.

Ela o encarou como se isso fosse a coisa mais idiota que ele já tinha falado, mas respondeu:

– Tudo bem.

Odell disse:

– Levarei comida da Dovie para você não se preocupar em cozinhar.

– Obrigada.

– Também vou levar você para casa. Está pronta?

Ela fez que sim com a cabeça e disse a Colt:

– Diga a Regan que perdi os peixes.

Ele sorriu.

– Vou dizer.

Ela se inclinou e beijou a bochecha do irmão.

– Obrigada por me costurar.

– Ao seu dispor.

Ele lhe emprestou um par de muletas, e ela conseguiu sair do consultório e subir na parte de trás da carroça de Odell. A dela precisava de uma boa limpeza para tirar o sangue de Ben. O velho caçador tinha se voluntariado para cuidar disso também.

Quando chegou em casa, Spring e as muletas entraram mancando devagar. Ela estava exausta. Sentou-se na cama e se jogou de costas no colchão.

Odell perguntou:

– Tem certeza de que ficará bem aqui sozinha?

– Tenho. Mas venha me ver amanhã.

– Farei isso.

Ela se sentou de novo.

– Eu queria resolver nossos problemas, e, agora, isso nunca acontecerá.

– Eu sei, mas ele deu a vida por você. Isso tem que significar algo.

– Verdade.

E significava. Ela devia sua vida a Ben.

– Vou sentir muita falta dele. Fomos irmãos de sangue por quase sessenta anos. – Havia lágrimas nos olhos de Odell. – Vou ficar bêbado, mas volto para ver você amanhã. Me dê um abraço e depois vá dormir.

Eles compartilharam um abraço apertado, e ela beijou seu rosto barbudo.

– Lamento pela morte do seu amigo – sussurrou ela.

– Eu também. – Ele secou os olhos. – Vou fazer um pouco de chá de casca para você e voltar para a cidade. Precisa de mais alguma coisa?

Ela balançou a cabeça.

– Provavelmente já estarei dormindo quando a água ferver, então pode ir. Posso esquentar a água quando acordar.

– Tem certeza?

– Tenho.

Ele beijou sua bochecha.

– Descanse.

Ela assentiu e adormeceu antes que ele começasse a conduzir a carroça.

Quando Spring acordou já era noite. Ela achou estranho que a lamparina na mesa de cabeceira estivesse acesa, pois não se recordava de estar assim quando tinha adormecido. E então concluiu que devia estar sonhando, porque Garrett estava sentado na cadeira perto da lareira. Ele colocou o livro de lado e perguntou:

– Como está se sentindo?

Totalmente confusa, ela respondeu:

– O que está fazendo aqui? Por que não está com sua família?

– Desci do trem em Omaha e voltei.

– Por quê?

– Para dizer que amo você e que, se não quiser filhos, não a amarei menos. E porque torço para que você ignore o fato de eu ter sido um rude desajeitado de pensamento retrógrado, me perdoe e me deixe amá-la até o dia em que as montanhas deixarem de existir.

O coração de Spring disparou.

– É uma lista longa.

– Eu sei. Consigo adicionar mais coisas se precisar.

– Talvez depois. – Ela o avaliou. – Você não está dizendo isso esperando que eu vá mudar de ideia no futuro, está?

– Não. Fui sincero em cada palavra. – E ele acrescentou, em voz baixa: – Não me importo se nos casarmos ou não, mas quero envelhecer com você, Spring. Você e eu. Companheiros.

Comovida com isso, ela murmurou:

– Você é um homem muito especial, Garrett McCray.

– E eu amo uma mulher muito especial.

– Pode adicionar só mais uma coisa àquela lista?

– Com certeza.

– Pode ferver água e me fazer um chá de casca? Minha perna está doendo demais.

Ele sorriu.

– Volto logo.

Ele andou até a porta.

– Garrett – chamou ela. Ele se virou. – Estou feliz que tenha voltado. Senti imensamente a sua falta.

Ele piscou e saiu do quarto.

Sozinha, Spring enxugou os olhos úmidos. Tinha chorado mais nas últimas semanas do que chorara em anos, mas não sentia vergonha. Agora tinha suas terras, seus cavalos e um homem que a amava por quem ela era. E que até lhe preparava chá. Ela estava satisfeita.

NOTA DA AUTORA

Alguns anos atrás, enquanto eu viajava pelos Estados Unidos para divulgar o livro de Regan, *Tempest*, muitos leitores pediram que Spring tivesse seu próprio livro. Vocês ficaram intrigados com a irmã do Dr. Colton Lee, Spring Rain, e devo admitir que também fiquei. Amei escrever sua história e vê-la preenchendo as lacunas sobre si mesma que eu não conhecia. Ela é audaciosa e forte, minha homenagem àquelas mulheres que preferiram não ter filhos.

Também foi divertido escrever sobre Garrett McCray. Ele não é cheio de bravata nem tem a personalidade avassaladora exibida por alguns dos meus personagens masculinos de livros anteriores. Em vez disso, é meigo, compreensivo e, sim, um leitor voraz, além de amar Spring profundamente. Nos romances, chamamos um homem como Garrett de *cinnamon roll*, um bolinho de canela, um personagem doce e gentil que sofre mais do que deveria. É provável que ele seja o primeiro herói *cinnamon roll* que criei. Espero que vocês gostem dele tanto quanto Spring gostou.

Na época em que Garrett estudou na Faculdade Howard, os Estados Unidos não tinham normas para alguém se tornar advogado. De modo geral, estudavam-se livros de direito durante um ano sob a supervisão de advogados experientes. Um pequeno número de jurisdições estadunidenses ainda permite essa prática hoje em dia. Um estudante preto iniciante como Garrett poderia ter sido supervisionado por Macon Bolling Allen. Seu escritório, Whipper, Elliot e Allen, foi uma das primeiras firmas de advogados pretos do país.

Quando se realizam estudos sobre a contribuição dos afro-americanos na Guerra Civil Americana, a maioria dos acadêmicos foca no papel

representado pelos 179 mil indivíduos do USCT (United States Colored Troops). Os 19 mil marinheiros pretos da Marinha da União têm recebido menos atenção.

Para um olhar aprofundando sobre esses homens corajosos, leia este artigo incrível (em inglês) da agência governamental estadunidense de Arquivos Nacionais e Administração de Documentos: www.archives.gov/publications/prologue/2001/fall/black-sailors-1.html.

Outra ótima fonte sobre a história dos marinheiros pretos é *Black Jacks: African American Seamen in the Age of Sail*, escrito por W. Jeffrey Bolster. Veja também *The Negro in the Civil War*, de Benjamin Quarles.

A história dos jornais editados por pessoas pretas não é muito conhecida fora da academia. Porém, do ano 1827, data da criação do primeiro jornal editado por pessoas pretas, o *Freedom's Journal*, até o final do século XIX, houve mais de quinhentos desses jornais pelo país. A maioria era composta por jornais noturnos como o do pai de Garrett, e outros foram impressos apenas por um período curto. Mas todos eram dedicados a ser vozes representativas dos indivíduos pretos, sobretudo durante o recrudescimento das leis Jim Crow. Para mais informações sobre esses jornais e seus editores, consulte *The Black Press 1827-1890*, editado por Martin E. Dann. Veja também *A History of the Black Press*, escrito por Armistead S. Pride e Clint C. Wilson.

Para concluir, quero agradecer à minha editora americana, Avon Books, ao meu *publisher* e à minha agente. Mas meu maior agradecimento vai para vocês, queridos leitores, por seu carinho e apoio. Haverá mais um livro na série Mulheres Pioneiras. No momento, não tenho ideia de quem será a protagonista, mas estou ansiosa para conhecê-la. Enquanto isso, boa leitura.

Beverly Jenkins

SOBRE A AUTORA



BEVERLY JENKINS recebeu o Prêmio Romancistas da América pelo conjunto da obra em 2017 e o Prêmio Romantic Times de Escolha dos Críticos de 2016 na categoria romance histórico, além de ter sido indicada ao Prêmio NAACP Image em Literatura. Desde a publicação de *Night Song*, em 1994, ela tem liderado o movimento pelos romances inclusivos e é aclamada por críticos, fãs e colegas.

WWW.BEVERLYJENKINS.NET/

CONHEÇA OS LIVROS DE BEVERLY JENKINS

MULHERES PIONEIRAS

Ventos de mudança

Tempestade selvagem

Para saber mais sobre os títulos e autores
da Editora Arqueiro, visite o nosso site.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

